



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

PAULO HENRIQUE RODRIGUES DA SILVA

**OS BANDIDOS DA TERRA:
TRAMAS E CONFLITOS SOCIAIS NO SERTÃO CEARENSE**

**FORTALEZA
2016**

PAULO HENRIQUE RODRIGUES DA SILVA

**OS BANDIDOS DA TERRA:
TRAMAS E CONFLITOS SOCIAIS NO SERTÃO CEARENSE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Ceará - UFC, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. César Barreira.

**FORTALEZA
2016**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- D11b Da Silva, Paulo Henrique Rodrigues.
Os Bandidos da Terra : tramas e conflitos sociais no sertão cearense / Paulo Henrique Rodrigues Da Silva. – 2016.
186 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2016.
Orientação: Prof. Dr. César Barreira.
1. 1. Bandidos; 2. Sertões; 3. Conflitos; 4. Trajetórias; 5. Tramas. . I. Título.

CDD 301

PAULO HENRIQUE RODRIGUES DA SILVA

**OS BANDIDOS DA TERRA:
TRAMAS E CONFLITOS SOCIAIS NO SERTÃO CEARENSE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Ceará - UFC, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Sociologia.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. César Barreira (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Leonardo Damasceno de Sá
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Geovani Jacó de Freitas
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Luis Fábio (Suplente)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico este trabalho às margens de dentro: aos sertões e suas tramas. À memória de Delano Melo Feijão, e aos inesquecíveis amigos que se foram cedo demais: Cláudio, Eva e Adriano.

AGRADECIMENTOS

A finalização deste trabalho simboliza o fechamento simultâneo de um intenso ciclo de experiências vividas (e o prenúncio de grandes conquistas vindouras). Trata-se de um ponto culminante, proveniente de um amplo inventário de aprendizados, felicidades, achados, angústias e inquietações erigidas no âmbito pessoal, social e intelectual: margeadas pelas sendas rudes que nos ensinam a crescer e amadurecer com qualidade. Ao longo desta árdua caminhada precisei exercitar como nunca minha autocrítica: no esforço, quiçá ilusório, de objetivar-se enquanto “sujeito pesquisador”. Posso afirmar, entretanto, que estive mais centrado em me objetivar enquanto “pessoa” ou “diferença”.

Considero que nenhuma destas reflexões seria possível sem o auxílio e a presença de muitos amigos e familiares: companheiras e companheiros de toda vida. Aos que se foram e aos que, felizmente, ainda permanecem aqui projetando luzes sobre nossos percursos e itinerários. Agradeço aos “conhecidos” e “desconhecidos” que me auxiliaram neste processo: no debate caloroso de ideias, perspectivas, reflexões, emoções, viagens e relações afetivas. Em muitos sentidos, aprendi que o gesto de pesquisar – por mais solitário que ele possa parecer – constitui uma experiência total de multiplicidade.

Destaco aqui o imenso privilégio em dispor da preciosa orientação do professor Doutor César Barreira, que sempre me incentivou a escrever com fluidez, liberdade e, sobretudo, com responsabilidade; acercando-me de fontes literárias e científicas, combinando materiais empíricos a partir de referências tradicionais ou mais alternativas. Em suma, o professor César me ensinou que é possível versar sobre “temas perigosos” com o belo sorriso de gratidão estampado no rosto.

Agradeço ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), por ter me apoiado financeiramente, com a devida manutenção da bolsa de auxílio que possibilitou a própria viabilização deste trabalho. Fortaleço ainda minha imensa gratidão e carinho por todos os profissionais e corpo docente que compõem o Curso de Ciências Sociais e o Programa de Pós Graduação em Sociologia da UFC (PPGS): que batalham incansavelmente para proporcionar uma experiência social e acadêmica valerosa para os estudantes. Ao longo destes anos procurei estabelecer trocas pontuais ou mais permanentes com colegas, estudantes, professores e pesquisadores do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (UFC); em especial, os integrantes do Laboratório de Estudos da Violência da UFC (LEV). Nesse ínterim,

pude dialogar com muitas pessoas, de outros cursos e universidades. Reunindo, esmiuçando e combinando experiências e maneiras de fazer.

Agradeço especialmente aos Professores Drs. André Haguette e Diatahy Bezerra de Menezes, grandes mestres das palavras, das sociologias e da vida.

Ao professor Leonardo Sá, que em meados 2013 me estimulou a despertar o interesse pela temática em questão: “Porque você não pesquisa isso?” Foi nas aulas do professor Leonardo, na graduação e na pós, onde pude ter *insights* teóricos que se mostraram essenciais em minha maneira de pensar e escrever sociologicamente.

À Professora Dra. Celina Lima Galvão e ao professor Dr. Luis Fábio Paiva, pelos excelentes conselhos, orientações e estímulos gerais, em minha tentativa de confeccionar o projeto do mestrado que desembocou nesta pesquisa.

Agradeço aos professores participantes da banca examinadora, Geovani Jacó de Freitas e Leonardo Damasceno de Sá, pelo tempo dedicado e pelas imprescindíveis sugestões e colaborações propiciadas.

Agradeço imensamente à professora Dra. Jania Perla Diógenes de Aquino, pelas preciosas diretrizes fornecidas na etapa de qualificação.

Em geral, destaco aqui os queridos amigos: Leonardo Vieira, Marcelo Ribeiro, Eliakim Lucena, Pablo Robles, Yasmin Nóbrega, Tiago Araujo, Tamara Fernández, Airton Uchoa Neto, Tiago Raiol, Lyanne Wolf, Gabriella de Paula, Benjamin, Elen Barbosa, Irapuan Peixoto, Danyele Nilin, Bruno Joe Muneratto, Elton, Roni, Emerson, Jorge Holanda, Vicente e Vera Rodrigues, Breno e Gabriela Colares.

Aos amigos da turma do mestrado!

À minha irmã Ana, fonte de muito amor, sentimentos e ensinamentos de vida desde os meus primeiros passos neste mundo.

À pequena Clarice, que mesmo à distância me fez acreditar que nunca vale a pena desanimar ou pensar em desistir: melhor é ser.

À doce e gentil Stephanie Ribeiro, sempre disposta a esclarecer dúvidas, trocar informações, percepções e experiências envoltas no ato de pesquisar.

Agradeço ao *Black Knight* Márcio F. Benevides, Mateus Uchôa e ao gonzo Antonio Laudénir, pelos diálogos libertinos e experiências frequentemente inquietantes. Ao *brother* do peito, João Ernesto, com nossos papos intermináveis sobre resistências e sertão. Ao inigualável Ney Oliveira, sua esposa Lidiane e ao lindo João.

Agradeço e dedico esta pesquisa a todos meus interlocutores no interior e sertões!

Por fim, ressalto minha sincera gratidão e amor aos meus pais, Luís e Maria.

“Escrever é talvez trazer à luz esse agenciamento do inconsciente, selecionar as vozes sussurrantes, convocar as tribos e os idiomas secretos, de onde extraio algo que denomino Eu” (Gilles Deleuze & Félix Guattari, 1995, p. 24).

RESUMO

Este estudo tem como objetivo a realização de uma análise das construções sociais orbitadas sobre a figura do “bandido”, compreendido aqui no contexto do sertão cearense. Procuo analisar a trajetória de vida, percursos e itinerários de um jovem que ficara regionalmente famoso por ocasião de sua breve, violenta e intensa carreira criminal, sendo um dos bandidos mais procurados na região Noroeste do Ceará entre os anos de 2011 e 2012. Ao longo da vida, Elitônio vivera intensamente nos sertões da Pedra e arredores, na zona rural dos municípios de Groaíras, Cariré e Santa Quitéria. Na adolescência o rapaz decide se arriscar em empregos temporários na cidade do Rio de Janeiro. De volta ao Ceará, ele passa a liderar um bando armado e é executado aos 21 anos, no dia 26 de dezembro de 2012, na localidade do sertão conhecida como Furor, após meses de intensa perseguição policial e efervescência pública e discursiva. Em suma, aproximando-se das tramas sociais e familiares de Elitônio, procuro relacionar, de maneira conceitual, as dinâmicas, práticas e representações de outros bandidos e bandos armados em conflito com autoridades policiais na referida região: onde são captadas novas vozes e discursos inusitados.

Palavras-chave: 1. Bandidos; 2. Sertões; 3. Conflitos; 4. Trajetórias; 5. Tramas.

ABSTRACT

This study aims to carry out an analysis of social constructions orbited about the figure of the "bandit", understood here in the context *sertão* (country inside) of *Ceará*. In this sense, I try to analyze the trajectory of life, routes and itineraries of a young man who had been regionally famous during his brief, violent and intense criminal career, one of the most popular bandit in *Ceará* Northwest region between the years 2011 and 2012. Throughout life, Elitonio lived intensely in the *sertões* of *Pedra* and surroundings in rural municipalities of *Groaíras*, *Cariré* and *Santa Quitéria*. At 19 the boy decides to risk in temporary jobs in the city of *Rio de Janeiro*. Back in *Ceará*, he started to lead armed bands and was executed at age 21, on December 26, 2012, in the hinterland of the locality known as *Furor*, after months of intense police harassment and public discourse and effervescence. In short, approaching social and family Elitonio plots, I try to relate, conceptually, dynamic, practices and representations of other bandits and armed gangs in conflict with law enforcement authorities in that region: where new voices and unexpected speeches are captured.

Keywords: 1. Bandits; 2. *Sertões* of *Ceará* (Country inside); 3. Conflicts; 4. Trajectories; 5. Plots.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Elitônio é morto no sertão de Furor.....	35
Figura 2. Um dos cartazes espalhados na região.....	41
Figura 3. Quadro em memória ao Sargento Miranda.....	47
Figura 4. Luciano é morto a tiros.....	73
Figura 5. Estradas de terra nos sertões.....	95
Figura 6. Quadro de Elitônio.....	109
Figura 7. Boné de Elitônio.....	110
Figura 8. Sertões da Pedra.....	151
Figura 9. Alpendre da Tia Clara.....	161

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COTAM	Comando Tático Motorizado.
LACEP	Laboratório Cearense de Psicometria
LEV	Laboratório de Estudos da Violência
PMCE	Polícia Militar do Estado do Ceará.
PPGS	Programa de Pós Graduação em Sociologia da UFC.
SEJUS	Secretaria de Justiça e Cidadania do Ceará.
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1 OS BANDITISMOS DA TERRA: UMA INTRODUÇÃO.....	13
1.2 Entre “bandos” de hoje e “gangs” de antigamente: ampliando aproximações.....	15
1.3 Revisitando um novo velho sertão.....	20
1.4 Uma breve salto do “Riacho do Guimarães” ao “mel que os pássaros gostam”.....	23
1.5 Experiências metodológicas.....	26
2 BANDIDOS, POLICIAIS E FORASTEIROS: ITINERÁRIOS SOCIAIS CONVERGENTES.....	31
2.1 O “bandoleiro aterrorizador” e os maus encontros com a morte.....	31
2.2 O “Soldado Moreno”: um “forasteiro” no interior dos conflitos.....	51
2.3 Estrada Perdida: de Edvar do Sangradouro a Luciano do Cariré.....	59
2.4 Os meninos da Pedra.....	63
2.5 Nomenclatura e território social dos “bandidos da terra”.....	74
3 ENTRE LEMBRANÇAS E ITINERÁRIOS.....	84
3.1 Memórias e espaços reconstituídos por entre narrativas.....	84
3.2 Aproximações de um território afetivo e familiar.....	96
4 TRAMAS E CONFLITOS SOCIAIS DISCURSIVOS.....	118
4.1 Os homens de farda e os fardos sociais.....	118
4.2 Crônicas de um bando <i>intrigado</i> : Cícero Lunga, Pelado, Leo e Cachorrão.....	128
4.3 As linhas rígidas do discurso e seus mecanismos mágicos de captura.....	133
4.4 Intermiões: elaborando estratégias nos intermédios do campo.....	142
4.5 Percorrendo alpendres: congregando narrativas e discursos familiares.....	151
4.5.1 Na casa de Dona Virgínia e Seu João.....	153
4.5.2 Na casa de Dona Justa e Seu Anísio.....	158
4.5.3 Na casa de Leila e Jorge.....	161
4.6 Narrativas ao pé do ouvido: os maus encontros com o Estado.....	166
UM MOTE FINAL: ESBOÇANDO CONCLUSÕES.....	173
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	177

1 BANDITISMOS DA TERRA: UMA INTRODUÇÃO

“Onde os homens se tornam bandidos, a crueldade gera crueldade, o sangue exige sangue.”
(Eric J. Hobsbawm, 2010, p. 98).

Resistindo nas margens e interstícios da sociedade que gesta, deseja, teme e repudia, o “bandido” pode ser observado como símbolo de valentia e heroísmo, rebelião social e honradez, como também de crueldade, monstruosidade e violência desmesurada. Porém, é certo que, em suas múltiplas e infinitas faces, ele ainda se constitui um enigma social e humano em potencial: não apenas em sua dimensão propriamente “criminal”, mas em todas as valorações morais que parece reforçar e subverter, mediante uma agência polimorfa, espectral e difusa. Nesse sentido, busco relacionar aproximações, experiências e experimentos, articulando narrativas e perspectivas teórico-metodológicas que me possibilitaram entrever diferentes óticas erigidas em torno de um personagem metamórfico e controverso, de alcance tanto “regional” quanto “universal”, sobre o qual se delineiam auras de irrealidades, ficções e mitologias.

Como mote empírico, analiso relações, trajetórias e tramas de um jovem que se tornara regionalmente “famoso” por ocasião de sua breve, porém intensa, carreira criminal. Elitônio Melo Paiva nasceu nos sertões da *Pedra*¹, localizado por entre casebres, carnaubais, caatingas densas e extensos areais – nas zonas rurais fronteiriças entre os municípios de Groaíras, Cariré, Santa Quitéria e Sobral. Ressalto que as referidas cidades e lugarejos compõem a chamada *microrregião de Sobral*, que abrange um total de 12 municípios² localizados na mesorregião Noroeste do Estado do Ceará.

Segundo familiares e amigos nos sertões, da infância à adolescência Elitônio teve uma vida difícil em muitos aspectos, embora sempre demonstrando simplicidade e humildade, cercado de afeto e carinho e sendo, portanto, “muito querido” em seu núcleo familiar e comunitário. Como uma espécie de antiga tradição da região, é comum que a partir dos 18 anos jovens dos sertões e de alguns municípios anteriormente referidos – destacando especialmente Groaíras e Cariré – “arrisquem a sorte” na cidade do Rio de Janeiro ou São Paulo. Reforçando os costumes do lugar, aos 19 anos Elitônio resolvera se aventurar em terras “cariocas”, trabalhando em empregos e “bicos” temporários que lhe rendiam muitos calos nas

¹ Pedra é um nome fictício, que pode remeter a uma ou mais localidades dos sertões da região.

² Sobral, Massapê, Santana do Acaraú, Irauçuba, Forquilha, Cariré, Graça, Mucambo, Miraíma, Groaíras, Senador Sá e Pacujá. Disponível em: <<http://www.cidade-brasil.com.br/microrregiao-de-sobral.html>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2016.

mãos e também algum dinheiro para o próprio sustento, embora estivesse sempre presente a imensa saudade da terra em que nascera.

Como pai de família precoce, sempre que possível enviava alguma quantia em dinheiro aos familiares no Ceará. Alguns interlocutores relatam que, em sua primeira viagem ao Rio de Janeiro, Elitônio teria sido “traído” por sua primeira esposa, com a qual tiveram a sua primeira filha – visto que o rapaz gerou o seu segundo filho com a segunda companheira. Não existem fórmulas definitivas de identificar as razões de alguma suposta reviravolta no universo “psicológico” do jovem. Particularmente, tenho algumas críticas à posição de que a “desilusão amorosa” teria tido um impacto negativo em sua forma de agir. Porém, segundo relatos, após a suposta traição Elitônio teria passado a ser mais agressivo e indiferente à harmonia familiar. Agravou-se ainda o desestímulo por trabalhos que ele poderia exercer tanto na capital carioca quanto nos sertões da Pedra, auxiliando a família nos trabalhos domésticos. Nesse ínterim, o jovem acabou enveredando por outros caminhos amargos, desviando os rumos da vida aparentemente “tranquila” de adolescente do sertão.

Vertendo na prática a ira e intensidade de suas “desilusões”, Elitônio assumiu para si uma “vida de danação”, encarada como destino único, cruel e vertiginoso: após um ano de amargos litígios, grande comoção pública e tensão generalizada, o jovem encontrara o fim trágico aos 21 anos de idade³: sendo executado no dia 26 de dezembro de 2012 no lugarejo denominado Furor, sendo o alvo principal de uma emboscada armada por supostos “matadores”, “justiceiros” ou “pistoleiros” da referida região.

Tendo como base uma trajetória biográfica, busco conciliar algumas aproximações inusitadas do personagem fora da lei, destilando de suas ações outras infinitas tramas e trajetórias de vida margeadas por entre narrativas. Onde muitos enxergam a face do “aterrorizador”, *sigó* resquícios de humanidade, sentimento e familiaridade. Desse modo, ainda que imersos no limbo social dos socialmente rotulados (BECKER, 2008) “malditos” ou “infames”, observam-se elementos enraizados à vista panorâmica, numa perspectiva sociológica versada sobre relações íntimas, parentais e comunitárias. Entretanto, ressalto que esta pesquisa não consiste numa trama rigorosamente biográfica: Elitônio é um ótimo referencial num imenso complexo de relações. Ofereço ao leitor, por outro lado, um

³ Curiosamente, 21 anos é a idade de morte do lendário bandido do velho Oeste americano: William H. Bonney, mais conhecido como *Billy “the Kid”*, morto numa tocaia em 14 de julho de 1881, pelas mãos do xerife Pat Garret, um velho amigo incumbido de capturá-lo (vivo ou morto). “Tudo isso ocorreu num minuto. O mais depressa possível saquei meu revólver e atirei, pulei para o lado e atirei de novo. O segundo tiro foi em vão. *The Kid* caiu morto. Não disse nenhuma palavra. Um ou dois movimentos, um pequeno som sufocado, como se procurasse respirar, e *the Kid* foi fazer companhia às suas muitas vítimas” (GARRET, 2011, p. 187).

entrelaçado de trajetórias ou, como diria Michel Foucault (2003, p. 203-222): uma “antologia de existências”⁴, onde atento para o valor dos “deslocamentos” praticados tanto por interlocutores quanto por mim mesmo.

1.2 Entre “bandos” e “gangs”: ampliando aproximações

Além dos vários problemas que afligem a nossa comunidade, agora surge mais um, de séria gravidade. Não tergiversamos em afirmar que as condições de policiamento local, tendo à frente o Ten. Batista Bastos, está longe de coibir tais irregularidades, sobretudo porque não dispõe de meios e também por usar quase sempre de sua característica benevolência. Daí a grande onda de roubos e saques, praticados por desocupados e delinquentes que infestam o município. O jôgo do bicho, seguido do *pif-paf* e outros carteados, onde temos observado a presença de menores, talvez sejam a causa desse nôvo problema, para cuja solução se faz necessária medida urgente por parte do Sr. Secretário de Polícia e Segurança Pública, Cel. Edilson Moreira da Rocha, a quem fazemos veemente apêlo, em nome de tôda esta gente pacata e ordeira de nossa comuna. Vários roubos já foram registrados, não só no comércio mas também em fazendas e sítios. Os ladrões levam tudo e os prejuízos já alcançam somas consideráveis. Graças aos esforços dos Srs. Francisco Jerônimo e João Batista Feijão, proprietários na região, já fôram presos vários gatunos componentes da *gang* que vem atemorizando a população. Entre êstes destacamos os que atendem pelos nomes de Batista Felipe, o chefe, Totônio Vieira, Antônio Popota, Osvaldo Louro, Luís Có e Nonato Lopes, todos residentes nesta cidade. Dada a precariedade do presídio local, muitos já fôram postos em liberdade e acreditamos que não haja condições de mantê-los presos. Daí a preocupação que temos de levar o assunto ao conhecimento das autoridades a quem o caso está afeto, a fim de que sejam tomadas as providência cabíveis. O povo está alarmado e com muita razão, mas ainda espera e confia na ação das autoridades. Muitos larápios ainda continuam agindo e o policiamento é insuficiente. Diante disto esperamos uma solução para o caso, do contrário o mal se tornará crônico, conseqüentemente, mais difícil de solucioná-lo (XIMENES, Raimundo Nonato. GANG DE LADRÕES EM GROAÍRAS. Correio do Interior, 14 de out. de 1968; *In*: XIMENES, 2015, p. 49).

Como um personagem historicamente banalizado no cotidiano de realidades sociais distintas, e constantemente reconfigurado em contextos mais localizados, o “vagabundo”, “delinquente”, “bandido”, “larápio”, “gatuno”, “ladrão”, “salteador”, “bandoleiro” ou “pistoleiro” é capaz de mobilizar interesses, políticas, territórios, revoluções e poderes: difundindo os germes de sua diferença e universalidade aparentemente intrínsecas. Nesse sentido, considerando as inúmeras formas de entrever o bandido, procuro visualizá-lo não somente em sua condição de “aborto social” – mas, principalmente, em suas prováveis e possíveis “vitalidades” eminentemente sociológicas.

⁴ “É uma antologia de existências. Vidas de algumas linhas ou de algumas páginas, desventuras e aventuras sem nome, juntadas em um punhado de palavras. Vidas breves, encontradas por acaso em livros e documentos. [...] Vidas singulares, tornadas, por não sei quais acasos, estranhos poemas, eis o que eu quis juntar em uma espécie de herbário” (FOUCAULT, 2003, p. 203).

Transitando por entre tramas sociais inextricáveis, torna-se necessário esmiuçar “uma infinidade de discursos que atravessa o cotidiano em todos os sentidos, e se encarrega [...] do mal minúsculo das vidas sem importância” (FOUCAULT, 2003, p. 211): no que permitem abranger o fator das alianças comunitárias e relações de “camaradagem” no “mundo criminal”, partindo das redes parentais aos elos afetivos nos quais os atores sociais estão imersos, desvelando ainda os discursos policiais de autoridade como formas elementos simbólicos de intensa interpelação de Estado. Em suma, busco agrupar e esmiuçar algumas “peças discursivas”, capazes de fazer refletir acerca de relações humanas mais ou menos conflitantes, ambientadas nos sertões da microrregião de Sobral: palco social do drama público sobre o qual me debrucei ao longo deste mestrado.

Creio que minhas ações no campo pesquisado – erros e acertos, desistências e insistências – tiveram um valor muito significativo, considerando as dificuldades enfrentadas na tentativa de adentrar um universo inicialmente desconhecido para mim, em muitos aspectos. Em relação ao estudo do “velho banditismo” – e do “novo cangaço” (expressão que tenho alguma resistência pessoal em empregar) –, não me restringi apenas à bibliografia sociológica existente sobre o tema. Elencando fontes sensivelmente aproximadas dos materiais empíricos recortados para definição do “objeto de pesquisa”, procurei me acercar ainda de referências consideradas fecundas e imprescindíveis: históricas, jornalísticas, filosóficas, poéticas e literárias. Materiais que versam sobre vários “banditismos”, ambientados no contexto social dos sertões nordestinos.

Fato curioso e lamentável aconteceu com o nosso conterrâneo Messias Camilo, comerciante no lugar Municaba neste Município. Referido senhor foi a Sobral onde conseguiu um empréstimo no Banco do Nordeste no valor de NCr\$... 1.500,00⁵. Ao sair do referido estabelecimento bancário foi abordado por dois desconhecidos que lhe ofereceram um bilhete da loteria, como este recusasse comprar o bilhete os malandros aplicaram-lhe uma espécie de entorpecente de cujo efeito ainda continua bastante doente. Os meliantes levaram todo o dinheiro recebido e mais a importância de NCr\$ 20.20.00. O Sr. Messias Camilo nada sabe contar, pois ficou inconsciente por várias horas. O fato foi comunicado as autoridades de Sobral, entretanto não sabemos quais as medidas tomadas até agora. Diante do ocorrido cabe por parte das autoridades competentes uma medida, no sentido de prender os responsáveis e evitar que outras pessoas sejam molestadas pelos perigosos dono do alheio. Lembramos que há pouco tempo foi assassinado o Sr. Venceslau Braz na estrada de Sobral e até agora também não se sabe quem foi o assaltante (XIMENES, R. N. LADRÕES INFESTAM A ZONA NORTE: APÊLO. Unitário, 09 de junho de 1967; *In*: XIMENES, 2015, p. 28).

⁵ “O cruzeiro novo (NCr\$) foi uma moeda do Brasil que circulou transitoriamente no Brasil no período entre 13 de fevereiro de 1967 e 14 de maio de 1970.” Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cruzeiro_novo#cite_note-2>. Acesso em: 08 de junho de 2016.

Em minhas investigações, pude realizar instigantes leituras sobre o chamado “banditismo social” (HOBSBAWM, 2010): símbolo de rebeldia e insatisfação social, frequentemente encarnado na imagem de cangaceiros lendários, como Lampião, Jararaca e Corisco⁶. Destarte, inúmeros aportes teóricos emergiram a partir de comparações realizadas sobre um bandido mais “moderno” ou “desmistificado” que outrora. Pude entrever a construção sociológica de inúmeros “salteadores” (do passado ao presente) revelando, em consequência, um *sujeito* outro do sertão, bem menos heróico ou aclamado. Ao contrário, entrevi indivíduos socialmente cotidianos e, portanto, “banalizados” – tendo como ponto de partida a análise de trajetórias, percursos e a aproximação de territórios sociais, afetivos e familiares nos sertões da microrregião de Sobral.

Por conseguinte, este trabalho perpassa fatos cotidianos e personagens que contribuem para a devida compreensão da intensidade do jovem nascido no sertão da Pedra. Por outro lado, procuro enfatizar não apenas as “andanças” de Elitônio, mas ainda as de outros “cabras” do passado e do presente, que se revelaram de forma gradativa: analisando suas transitoriedades sociais e corpóreas, e percorrendo caminhos onde supostamente teriam demarcado – bem ou mal – a intensidade transgressora de suas danças.

Nesse sentido, ofereço um inventário de relatos e testemunhos póstumos erigidos em torno de humanidades extraviadas, analisando o *continuum* erigido nos intermédios da relação entre vivos e mortos. Os elementos aqui relacionados incluem, portanto, todas as contradições e caracterizações elencadas e inferidas aos bandidos pesquisados nas pequenas e grandes tramas cotidianas: das construções e imaginários sociais, desdobramentos reais e fictícios, da simbologia dos *locus* de agenciamento e especulações (“verdades” ou “mentiras”) capazes de captar a construção social de indivíduos subjetivamente rechaçados como indesejáveis fardos, deteriorados sobre as vestes do inescrupuloso.

Por conseguinte, é importante ressaltar que Groaíras, Cariré e Sobral não constituem campos fechados e isolados em minha pesquisa. Ao contrário, representam universos empíricos fluidamente abertos e interconectados. Embora Elitônio tenha transitado intensamente, ao longo de sua vida, pelas referidas cidades, em suas ações o rapaz não se restringira apenas aos extremos regionais. Portanto, meu campo de pesquisa se insere, antes de tudo, nas práticas de itinação dos intermédios (o entre) – *intermezzos* –, *seguindo* sujeitos

⁶ Cf. a ampla bibliografia comentada de Melquíades Pinto Paiva (2012) acerca do cangaço.

fugidios, ausentes de um *locus* de agência rigorosamente definido⁷. Trata-se de uma territorialidade prática profundamente autêntica e desterritorializante.

Nesse sentido, ressalto que minhas buscas se construíram, sobretudo, nas passagens e intersecções: nas zonas fronteiriças, nas narrativas populares (Cf. KOFES, 2001), nas notícias de jornal, nos espaços vazios negligenciados, nas entrelinhas de vozes sussurrantes ou silenciosas de meus queridos interlocutores. Como apontam Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997, p. 27): “[...] o mais importante talvez sejam os fenômenos fronteiriços onde a ciência nômade exerce pressão sobre a ciência de Estado, e onde, inversamente, a ciência de Estado se apropria e transforma os dados da ciência nômade.” Em suma, pode-se dizer que persigo um “objeto” flutuante e esquivo, transitando por *entre* sertões.

Além dos aspectos destacados, o caso me estimulou a revirar memórias, afetos e, sobretudo, relacionamentos. Ao longo da minha infância e parte da adolescência, a referida região constituiu um valioso cenário social afetivo, de minha primeira imersão numa espécie rara de liberdade que só o sertão e o interior são capazes de proporcionar. Tratava-se de um mundo inteiramente aberto e aparentemente livre dos “perigos” das grandes metrópoles. Portanto, da infância à idade adulta, eu costumava visitar regularmente as cidades de Sobral, Groaíras, Cariré, Acaraú, Graça ou Senador Sá. Naquele contexto, o interior era sempre mais interessante e rico de possibilidades se comparado à minha “Fortaleza natal”.

Acredito que o “despertar” de cada pesquisador seja deflagrado de formas bastante inusitadas. Às vezes é necessário um período de incertezas, abalos e angústias dilacerantes, onde buscamos perceber o que de fato nos move em um curso de horizontes tão discrepantes. Com o trabalho do tempo, porém, não é difícil entrever que somos movidos por uma busca incessante de problematizações que sejam capazes de eliminar nossas arraigadas “zonas de conforto”. Nesse aspecto, é essencial observar que não somos guiados apenas por gostos e afinidades, mas por intranquilas inquietações kafkianas.

Meu interesse em pesquisar a temática do banditismo atual no contexto do sertão cearense, partindo da “saga” do jovem Elitônio, em seus muitos desdobramentos, teve início ainda no ano de 2012, intensificando-se significativamente ao longo do ano de 2013. Nesse ínterim, fui convidado pela professora Doutora Celina Lima Galvão a compor a diversificada

⁷ “Seria preciso opor dois tipos de ciências, ou de procedimentos científicos: um que consiste em ‘reproduzir’, o outro que consiste em ‘seguir’. Um seria de reprodução, de iteração e reiteração; o outro, de itinerância, seria o conjunto das ciências itinerantes, ambulantes. Reduz-se com demasiada facilidade a itinerância a uma condição da técnica, ou da aplicação e da verificação da ciência. Mas isto não é assim: *seguir não é o mesmo que reproduzir*, e nunca se segue a fim de reproduzir.” (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 39, grifos dos autores). E em outro trecho, os autores destacam: “A vida do nômade é *intermezzo*.” (*Id.*, *Ibid.*, p. 51).

equipe de recenseadores do Censo Penitenciário do Estado do Ceará do ano de 2013, numa parceria da Secretaria de Justiça e Cidadania do Ceará (Sejus) com a Universidade Federal do Ceará (UFC); congregando esforços do Laboratório cearense de Psicometria (LACEP) e Laboratório de Estudos da Violência (LEV). Para mim, o Censo funcionou como uma “oficina empírica intensiva”, viabilizando observações objetivas e cotidianas essenciais para a construção e delimitação do meu objeto de pesquisa.

Portanto, de abril a outubro de 2013, entrevistei 268 detentos, distribuídos entre presídios, penitenciárias e cadeias públicas na cidade de Fortaleza, região metropolitana e municípios do interior cearense. Indivíduos em situações criminais e jurídicas diversas, e contextos humanos lastimáveis: advindos de Fortaleza, região metropolitana, sertões, outros estados e, inclusive, de outros países; visto que dialogara com alguns espanhóis e colombianos presos por tráfico internacional de drogas. As experiências contribuíram para o aprofundamento de meus horizontes reflexivos, orbitados sobre o fenômeno da violência e da criminalidade, e ainda no que se refere às categorias que eu poderia analisar paralelamente ao “bandido”; como a figura do “traficante”, do “pistoleiro” ou do “estuprador”.

Num primeiro momento tive acesso a informações esparsas, acerca de acontecimentos ocorridos entre 2010 e 2012, em cidades e sertões localizados na microrregião de Sobral. Os boatos davam conta do deflagramento de conflitos armados, de significativa cronicidade e circularidade, envolvendo quadrilhas e bandos integrados por “bandidos perigosos” na região. Prontamente, pude visualizar um contexto que já não me soava tão “familiar”, o que me acrescentou bastante não apenas como observador, mas enquanto estudante e questionador daquilo que se observa. Por conseguinte, estabeleci mudanças imediatas em meus objetivos de pesquisa e interesses de cunho pessoal.

Acompanhei inicialmente os feitos de “Luciano do Cariré”, ainda no ano de 2011, quando obtive notícias esparsas referentes às ações do seu bando na microrregião de Sobral. Após a morte de Luciano, ocorrida em 10 de janeiro de 2012, pude acompanhar o que parecia ser o desfecho da perseguição ao “bandido Elitônio” (como era comumente chamado em rádios e boatos locais), em dezembro de 2012, que acabou culminando em sua trágica execução nos sertões.

Observar os fatos *in loco* acabou me propiciando revelações incontornáveis, quando vi se projetar sobre mim um caminho sem volta, na descoberta do meu interesse especial no fenômeno do banditismo, modos de viver social, na aproximação humana com a “realidade” concreta. Até dezembro de 2012 eu jamais houvera me debruçado sobre a

temática da violência, embora o interesse se mostrasse latente. Ressalto que dispus de estímulos significativos, mediante instigantes diálogos com amigos, pesquisadores e professores acerca do projeto que eu pretendia elaborar. Logo iniciei uma coleta preliminar de boa parte das informações que iriam constituir a base do meu referencial teórico, realizando trocas com alguns interlocutores, remexendo notícias de jornais, leituras de artigos diversos e livros devidamente referenciados ao longo deste trabalho.

1.3 Revisitando um “novo velho” sertão

Como já se torna lugar comum a estiagem no Nordeste, as autoridades naturalmente estão cientes da situação porque passa o povo dos sertões nordestinos, em face a escassez das chuvas. Talvez nada fôsse necessário acrescentar, pois é matéria passada em julgado. Não obstante, as medidas estão sendo tomadas cautelosamente esperando-se talvez um novo inverno em 1970. Acreditamos mesmo que ainda venha a chover, mas estas chuvas jamais resolveriam o problema da agricultura, pelo menos em nosso município, onde já foram feitas três plantações com apenas aproveitamentos parciais. A pecuária, esta foi beneficiada com a forragem (pastagem) que não é lá tão abundante. Entretanto, nem só da pecuária vive o homem do campo. A base da vida se resume em cereais extraídos da terra, quando esta produz. E, a estas alturas muita gente está passando fome, havendo famílias que passam até de mês sem ver comida de panela. O êxodo vem sendo uma constante em nossa comuna. Diariamente dezenas de groaírenses deixam seus lares em procura de melhores condições de vida no Sul do País. É uma verdade que nem todos acreditam. Mas, quem duvidar que se embrenhe nos sertões e verá os sofrimentos do sertanejo pobre. Em Groaíras quase nada tem aparecido no mercado de produto da presente safra e para salvar parte das diversas plantações que foram feitas seria necessário mais chuvas, pelo menos artificiais, já que naturais são inconstantes e escassas. Outro problema que está asfixiando o povo é a questão dos empréstimos bancários. Principalmente os do banco do Nordeste, em nosso caso, na agência de Sobral. Muitos pequenos lavradores fizeram empréstimos, levados pelas facilidades oferecidas na época e agora não têm condições de saldá-las. Os juros aumentam dia-a-dia e da maneira que vai serão penhorados os próprios devedores com filhos, mulher e tudo para pagarem suas dívidas. O que fazer com essa gente? O problema é sério e merece a atenção das autoridades. (XIMENES, Raimundo N. Os Empréstimos Bancários. Correio do Ceará, Fortaleza, 23 de maio de 1970; *In*: XIMENES, 2015, p. 77).

São muitas as fontes literárias, jornalísticas, históricas e sociológicas que retratam um sertão bastante rudimentar (Cf. ABREU, 1998, p. 107-181⁸) que pode estar igualmente

⁸ “Os primeiros ocupadores do sertão passaram vida bem apertada; não eram os donos das sesmarias, mas escravos ou prepostos. Carne e leite havia em abundância, mas isto apenas. A *farinha*, único alimento em que o povo tem confiança, faltou-lhes a princípio por julgarem imprópria a terra à plantação da mandioca, não por defeito do solo, pela falta de chuva durante a maior parte do ano. O *milho*, a não ser verde, afugentava pelo penoso do preparo naqueles distritos estranhos ao uso do monjolo. As frutas mais silvestres, as qualidades de mel menos saborosas eram devoradas com avidez. Pode-se apanhar muitos fatos da vida daqueles sertanejos dizendo que atravessaram a época do *couro*. De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforje para levar

refletido em épocas mais ou menos recentes. Todavia, é curioso observar como o ambiente sertanejo é comumente representado como estando arraigado à alguma precariedade social, política e administrativa. Como dois lados extremos de uma mesma moeda, o sertão surge tanto imbuído de genuína sentimentalidade e simplicidade, como também de violência e aspereza humana. Tais valorações são pautadas, sobretudo, nos dramáticos embates perpetuados em sanguinolentas brigas de família (MAIA, 2008), nos conflitos de terra (BARREIRA, 1992), nos combates armados contra cangaceiros folgados e soldados facínoras (CUNHA, 2002), ou na devoção espiritual e religiosa desmesurada (MONTENEGRO, 2011). Em suma, os sertões nordestinos quase sempre foram retratados pela precisão letal de *peixeiras* afiadas, tiros secos de *bacarmates* e olhares cegos às promessas de remissão divina dos pecados, passados ou vindouros (VIEIRA JÚNIOR, 2004).

Pode-se afirmar que a imagem do sertão se modificou apenas sensivelmente, se tomarmos como parâmetro o largo período entre os séculos XVII e XX, ao longo do qual a “cultura sertaneja” parece ter se delineado de modo visceral no âmbito do Nordeste brasileiro. Sobre a questão do desamparo, Capistrano de Abreu (1998, p. 138) ressalta: “Muito tempo viveu esta gente entregue a si mesma, sem figura de ordem nem de organização.”

Portanto, ressaltam-se os tipos de relações sociais localizados, com a violência das duras questões de intrigas familiares relacionadas aos pontos de honra (Cf. MARQUES, 2002); da predominância do patriarcado e austera figura do “macho” e “cabra da peste” (MALVEIRA, 1990); da rebelião social, representada pelo advento do “cangaceirismo” e do “banditismo social” de finais do século XIX e que se estende até meados do século XX (MENEZES, 1995, p. 108-110); da devoção religiosa e resistente do “messianismo” (CUNHA, 2002) e do *locus* sagrado e intocável da “tradicional” família do sertão: com seus limites rigidamente demarcados entre “a rua” e “o lar”, “o dentro” e “o fora”, “o seco” e “o úmido”, “o masculino” e “o feminino”⁹. Em suma, é notável o quanto ainda subsistem traços marcantes destas estruturas sociais presentes em formas mais ou menos “desbotadas” de conceber o sertão, no contexto sociológico do Nordeste brasileiro.

comida, a maca para guardar roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as bruacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os bangüês para curtume ou para apurar sal; para os açudes, o material de aterro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se tabaco para o nariz” (ABREU, 1998, p. 134-135, grifos meus).

⁹ Neste ponto, destaco uma passagem muito interessante escrita por Pierre Bourdieu (2009, p. 128) acerca da sociedade Cabília: “[...] a oposição entre o movimento para fora, para o campo ou o mercado, para a produção e a circulação dos bens, e o movimento para dentro, para a acumulação e o consumo dos produtos do trabalho, corresponde simbolicamente à oposição entre o corpo masculino, fechado sobre si mesmo e voltado para fora, e o corpo feminino, semelhante à casa, sombria, úmida, plena de alimento, de utensílios e de crianças, onde se entra e de onde se sai pela mesma abertura, inevitavelmente maculada.”

Perseguindo fontes mais específicas, que versam sobre os legítimos habitantes “esquecidos” dos sertões cearenses (Cf. THÉBERGE, 1973) observados sob óticas diferenciadas, destacam-se elementos bastante curiosos. Nesse sentido, Abelardo F. Montenegro (2011, p. 253), em “História do cangaceirismo no Ceará”, afirma:

O século XVII, no Ceará, peculiarizou-se pela luta contra o selvícola, enquanto que o século XVIII se singularizou pela luta em defesa da propriedade. A eliminação do indígena revestiu-se de maior violência. Surgiram potentados que não eram mais do que colonos estabelecidos com lavoura e criação em terrenos mais férteis. As zonas de pastoreio encheram-se de “homens de maus bofes”. Cada um que cuidasse de si pois as autoridades, pela distância, nada podiam fazer. O grande fazendeiro vivia na casa grande cercado de guarda-costas. “Cada estaca de cerca dos currais era um homem armado”. Nos séculos XVIII e XIX, famílias poderosas, em pleno sertão, travavam sanguinolentos combates por causa da concessão de sesmarias e tombamento de terras devolutas próprias para criação. Havia poucas vilas. O senhor rural, privatista, deformava a ação do Estado. A administração portuguesa, por tal motivo, passou a fomentar a fundação de vilas que, aglutinando o poder público, cooperariam para deter a “anarquia assassina do sertão”. O meio era bárbaro. As fainas do criatório concorriam para endurecer o coração. O nível mental das massas rurais podia ser considerado o mais baixo possível.

As ideias gerais, reflexões e referências conceituais que pude elencar, assimilar e incorporar desde a época de confecção do projeto de mestrado, procurando abordar de forma diferenciada e inovadora a temática do banditismo, surgiram a partir da minha necessidade em dissertar sobre uma realidade social, cultural e humana bastante negligenciada; a partir de um contexto claramente agravado pela precariedade econômica, social, manipulação e descaso político-governamental. Ressalta-se ainda, como agravante, a lancinante e histórica agressividade climática, ainda mais impiedosa nos períodos das *secas*:

Grande onda de calor vem assolando o nosso município. O sol causticante e abrasador nestes últimos dias de outubro, nos dão a impressão de que tudo está ardendo. Quando sopra o vento parece vindo de uma fornalha. Nem mesmo as belas noites de outubro, agora não trazem mais aquela brisa repousante, tudo é quente, e sêco. A tendência, entretanto é aumentar, pois com a aproximação das chuvas o calor é mais intenso, embora o sol passe algumas horas tomado pelas nuvens. É realmente, bem desagradável, nesta época, o nosso sertão, para quem não está ambientado com o clima (XIMENES, R. N. Forte calor em Groaíras. Correio do Ceará, Fortaleza, 04 de novembro de 1967; *In*: XIMENES, 2015, p. 32).

Procurei me ater à ideia de que esta pesquisa fosse, sobretudo, uma maneira autêntica de analisar e desconstruir ações, práticas, discursos, tramas, narrativas, relatos, representações e imaginários construídos acerca de uma atmosfera humana, cultural e social que costuma ser frequentemente relacionada às pessoas do sertão. Nesse sentido, busco perverter sentidos e atribuições consideradas enviesadas, embasadas de noções que considero ultrapassadas e desgastadas do que seja a realidade encontrada no mais de dentro dos sertões

cearenses: em suas entranhas mais rigorosas. Vale ressaltar que refiro-me a uma força e intensidade real: o impulso de ser imenso no existir e resistir com força e criatividade às adversidades pungentes¹⁰, diante de velhos opressores e reprodutores de velhas práticas sociais perversas (LEAL, 2012), reconhecidas ou bem ignoradas pelos habitantes das grandes metrópoles.

Por fim, este trabalho se ambienta inteiramente num universo considerado imutável em seus traços sociais, culturais, físicos e espirituais. Todavia, embrenhando-se no mais de dentro dos sertões, revelam-se interessantes atualidades, dinamismos, paradoxos e complexidades. Nordestinos, procuramos sempre evocar o *interior*, que pode ser a flexão mais criativa e precisa do que signifique “sertão”: *nós-destino*. É assim que perscrutamos o dentro de nós mesmos como destino incontornável: nossas raízes ancestrais que incluem também os embates sanguinolentos do passado (Cf. PINHEIRO, 2007). Conflitos travados no “ser” tão árido das pessoas, ainda que – munidos de uma mais ou menos postura “civilidade” – não possam enxergá-los com a devida clareza. A saber: “Sertão é o sozinho [...] Sertão: é dentro da gente.” (ROSA, 1994, p. 435).

1.4 Do “Riacho do Guimarães” ao “mel que os pássaros gostam”

Eu nasci na Groaíras,
Quando vila, em Cariré
Passei lá muita sofrência
Fome, sede, andando a pé,
Comendo farinha seca
E sem nem tomar café!

Barriga inchada de vermes
Tirando bichos dos pés!
Porque não havia açude
Não dava meus cangapés,
Mas foi lá que encontrei
Uma mulher “nota dez!”

Boa coisa acho que fiz
Pro povo crescer na FÉ,

¹⁰ “Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde haviam descansado, a beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida. Baleia jantara os pés, a cabeça, os ossos do amigo, e não guardava lembrança disto. Agora, enquanto parava, dirigia as pupilas brilhantes aos objetos familiares, estranhava não ver sobre o baú de folha a gaiola pequena onde a ave se equilibrava mal. Fabiano também as vezes sentia falta dela, mas logo a recordação chegava. Tinha andado a procurar raízes, a toa: o resto da farinha acabara, não se ouvia um berro de rês perdida na caatinga. Sinhá Vitoria, queimando o assento no chão, as mãos cruzadas segurando os joelhos ossudos, pensava em acontecimentos antigos que não se relacionavam: festas de casamento, vaquejadas, novenas, tudo numa confusão.” (RAMOS, 1937, p. 4).

Construindo uma Capela
Dedicada a São José,
Guarda de Cristo e esposo
Da virgem de Nazaré!

“Todo homem é poeta, quando ama”. (Platão)
(*Amores de Groaíras*, Raimundo Nonato Ximenes, 2004, p. 29).

Na primeira vez que estive em território groairense, em meados de março de 1988, não cheguei a pisar ou tocar a terra, visto que nem sequer houvera ainda nascido. Encontrava-me na barriga de minha mãe, natural da região, que almejava permanecer em sua terra até que eu viesse ao mundo, o que estaria muito próximo de acontecer. Como ela ainda hoje me relata: naquele contexto, seu maior desejo era que eu nascesse “groairense”, como o mártir da “Confederação do Equador”, Gonçalo Inácio de Loiola Albuquerque Melo, personagem mais conhecido como Padre Mororó, nascido no dia 24 de julho de 1774, em Groaíras (então *Riacho do Guimarães*) e executado a tiros de arcabuz no *Passeio Público*, em Fortaleza, no dia 30 de abril de 1825, ao lado de outros “sediciosos”.

O destino, entretanto, acabou alternando decisivamente os projetos maternos. Violentos abalos sísmicos que pareciam o prenúncio do “fim do mundo”, como ainda hoje são narrados, ocorridos entre março e abril de 1988, acabaram provocando – além do medo generalizado na população de Groaíras e região – a repentina mudança nos referidos planos de minha mãe, que retornara às pressas à capital Fortaleza, onde minha irmã houvera nascido anos antes. Desse modo, no dia 25 de abril de 1988 eu nascia fortalezense, distante da terra de padres revolucionários¹¹, que tremia sem explicação aparente:

A população local continua apreensiva, temendo novos abalos e tremores de terra. É que os habitantes ainda não se refizeram do susto sofrido no mês passado pelos fenômenos sismológicos que atingiram a região Norte do Estado. Os estudos que estavam sendo feitos na localidade confirmaram que o epicentro está na localidade de Amazonas, entre este município e o de Forquilha. No momento os estudos foram paralisados e os técnicos do Rio Grande do Norte, Joaquim Ferreira, Abdenago Aires e Diomar Praxedes já regressaram a Natal. Segundo consta no relatório, a terra

¹¹ “A crônica de Viriato Correia descreve com perfeição os últimos minutos de Padre Mororó: ‘Naquele dia 30 de abril de 1825 havia em Fortaleza um grande rumor de multidão emocionada. Ia ser executado pelas tropas imperiais o Padre Mororó. Na praça em que vai haver a execução, a multidão é tanta que, a custo, as tropas conseguem abrir passagem. Mororó é colocado na coluna da morte. Um soldado traz a venda para lhe por nos olhos. ‘Não’, responde ele, ‘eu quero ver como isto é’. Vem outro soldado para colocar-lhe sobre o coração a pequena roda de papel vermelho que vai servir de alvo. Detém a mão do soldado: ‘Não é necessário. Eu farei o alvo’ e, cruzando as duas mãos sobre o peito, grita arrogantemente para os praças: ‘Camaradas, o alvo é este’. E num tom de riso, como se aquilo fosse brincadeira, diz: ‘e vejam lá! Tiro certo que não me deixem sofrer muito’. [...] Houve na multidão um instante cruel de ansiedade... A descarga estrondou. O padre Mororó tombou sem vida. A seus pés tinham caído três dedos da mão que as balas deceparam.’” Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/execucao-de-pe-mororo-ocorreu-ha-183-anos-1.729976>>. Acesso em: 26 de junho de 2016.

continua tremendo em pequena intensidade, sem que seja perceptível ao ser humano. Os resultados definitivos do relatório somente serão conhecidos depois de outros levantamentos e leituras em computador. (XIMENES, R. N. A população de Groaíras teme novos abalos sísmicos. Diário do Nordeste, Fortaleza, 27 abril 1988; In: XIMENES, 2015, p. 330).

Vale ressaltar que *Groaíras* é uma palavra de origem indígena (tupi) que significa “mel que os pássaros gostam”, de modo que não existe uma relação reconhecida entre o topônimo e as características físicas e naturais do lugar. A história considerada “oficial”, reproduzida em algumas fontes esparsas (Cf. ARAGÃO, 1969, p. 209), conta que por volta de 1700 chegava às margens do rio Groaíras a família do português dos Açores, Alferes Lourenço Guimarães de Azevedo, que acabara fixando residência na região.

O topônimo Groaíras, ‘Paulino Nogueira interpreta-o como contração guira, pássaro, e yra, mel, ou seja, mel de pássaro, ou, mais precisamente, mel que os pássaros gostam’ (FILHO E GIRÃO, 1969, p. 256). Marlio Fábio Pelosi Falcão (2005, p. 298) o atribui dois outros significados: ‘1. Palavra indígena derivada de CORÓI (minar, verter, brotar) + IRA ou EIRA (mel), significando ‘o mel que brota, emerge’; ‘a vertente ou a fonte do mel’. 2. Palavra indígena derivada de GUARÓ (o que guarda) + IRA ou EIRA (mel), significando ‘o guardião das abelhas.’” (MELO, 2009, p. 31-32).

“Reza a lenda” que os viajantes não tinham uma noção exata das verdadeiras proporções e extensões do rio que, naquelas circunstâncias, pensaram se tratar de um simples “riacho”. Desse modo, o lugar foi inicialmente consagrado como o *Riacho do Guimarães*, em homenagem ao seu suposto “fundador”. Nesse sentido, como ressalta o groairense Augusto Martins Melo (2009, p. 34, grifos do autor):

O epíteto de “fundador” atribuído a Lourenço Guimarães particulariza, com certo exagero, a chegada deste senhor e sua família no local em que se formou o povoado. Lourenço Guimarães representa a chegada do europeu na América trazendo consigo a “civilização” (MELO, 2009, p. 34, grifos do autor).

O Riacho do Guimarães se tornou distrito de Sobral em 1929, quando começara a esboçar relativa evolução política. Em 1938, o pequeno povoado foi então promovido à vila, sendo chamada de “Vila Guimarães” e anexada pelo município de Cariré naquele mesmo ano. Tomando conhecimento da real extensão do rio, passaram a chamá-lo, posteriormente, de “rio Groaíras”. Nesse ínterim, a vila outra vez muda de nome, passando a se chamar *Vila Groaíras*, em 1950 – em função da grande popularidade do rio. Apenas em 23 de maio de 1957, sob a Lei nº 3.603, Groaíras se emancipa de Cariré, tendo como primeiro prefeito Eloi José de Vasconcelos. Como inúmeros municípios interioranos, sobretudo em suas primeiras

décadas de emancipação, Groaíras enfrentara mazelas inenarráveis, oriundas do total desamparo governamental, como o nativo Raimundo N. Ximenes reporta:

Um problema que está surgindo em nossa cidade e que merece a atenção das autoridades é o caso dos menores abandonados. Constantemente nos deparamos com numerosas crianças, de ambos os sexos, a pedir dinheiro às pessoas que passam nas ruas. Ninguém pode chegar a qualquer lugar sem ser importunado pelos guris que pedem e dão sempre uma “puchada” na roupa ou uma “cutucada” no “fregues” para alertá-lo. É um costume que precisa ser eliminado, do contrário, no futuro a nossa sociedade terá de enfrentar sérias dificuldades com relação à delinquência (XIMENES, R. N. Menores Abandonados em Groaíras. Correio do Ceará, Fortaleza, 26 de abril de 1971; *In*: XIMENES, 2015, p. 87).

A pequena cidade cearense concentra grandes riquezas humanas, históricas e naturais (Cf. MELO, p. 33-39), com o bioma classificado “caatinga”, extensão territorial de 155, 946 km² e população estimada em 10.228 habitantes. Muitas vezes a cidade se confunde com o rio que lhe deu nome, e que permeou toda minha infância, quando me aventurava por suas margens e águas calmas, passando as férias no interior. Penso que o rio Groaíras é uma representação genuína dos fluxos dos homens da terra, numa aridez que é capaz de inundar a própria cidade¹².

1.5 Experiências metodológicas

“Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama *pesquisar*.”

(Roland Barthes, 1999, p. 45).

Além da leitura de extensa bibliografia e artigos relacionados à temática maior do banditismo, num primeiro momento, meu enfoque metodológico orbitou aspectos cruciais que formariam uma espécie de panorama geral da “memória coletiva” (HALBWACHS, 1990) de habitantes dos municípios de Groaíras, Cariré e Sobral – incluindo, portanto, moradores ou nativos dos sertões. Tudo isto se construiu paralelamente, mediante uma análise cautelosa de vários casos e tipos de ações praticadas e noticiadas na região pesquisada; especialmente no que remontaria à trajetória de Elitônio. Logo em meus primeiros passos no campo, procurei

¹² A história da “fundação” de Groaíras é cheia de algumas imprecisões. Não existem estudos mais consistentes sobre a chegada dos portugueses no lugar, embora persista em sítios públicos ou na internet a história constatada no site do IBGE, na qual também me baseei para realização desta breve narrativa. Os dados populacionais e territoriais referenciados no texto foram igualmente extraídos do referido site. Disponível em: <http://ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?lang=_ES&codmun=230490&search=ceara|groairas|infograficos|-dados-gerais-do-municipio>. Acesso em: 23 de janeiro de 2016.

me inteirar em minúcias acerca de novos personagens e fatos simultâneos: com atenção permanente a eventos passados e correntes, a fim de evidenciar o que considero o caráter crônico, circular e cumulativo dos conflitos.

Concentrei grandes esforços em incursões realizadas periodicamente para viabilização da pesquisa: em julho de 2014; janeiro de 2015; julho de 2015 e fevereiro e março de 2016. Nestes deslocamentos eu procurava, sobretudo, esmiuçar a consistência de determinadas informações que poderiam ser coletadas ainda em Fortaleza, pautadas em notícias de jornais, virtuais ou impressos, programas policiais – em grande parte, garimpados na *internet* – e documentos pessoais fornecidos por parentes de supostos “bandidos”.

Nestas visitas procurava ainda fortalecer diálogos e entrevistar interlocutores do interior e dos sertões; que tiveram contato ou que acompanharam as andanças do “bandido Elitônio”, de modo mais ou menos próximo e intensivo. Por conseguinte, pude analisar os percursos deste personagem controverso: sujeito deslocado entre ações, práticas, discursos, boatos e acontecimentos construídos em torno de um “espetáculo midiático”.

Com base em extensa literatura metodológica das Ciências Sociais – para destacar alguns autores, como Howard Becker (1993; 2007), Stéphane Beaud e Florence Weber (2007), Bourdieu *et al.* (2010) e Jean Poupart *et al.* (2012) –, trabalhei sobre um material empírico coletado durante um período considerável, de 2014.1 a 2016.1, que me possibilitou analisar e buscar formas de compreender a saga visceral do jovem Elitônio, assim como dos seus possíveis “chefes e comparsas”.

Enfatizando a relevância do quadro espacial no âmbito das memórias coletivas¹³, realizei incursões em zonas territoriais marcadas simbolicamente: baseando-se nas experiências de meus interlocutores, nas violências e violações perpetradas por bandidos e nos conflitos sangrentos entre policiais e criminosos – elementos que persistem nas lembranças de moradores da referida região.

Embora já tivesse determinado e planejado previamente muitas de minhas ações e estratégias metodológicas, tanto por apontamentos advindos de meu orientador, o professor Doutor César Barreira, quanto por dicas preciosas de amigos, pesquisadores e professores, meu desempenho em campo se pautou ainda por um constante senso de improviso aliado à

¹³ “Assim, não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças” (HALBWACHS, 1990, p. 143).

noção de praticidade: que se mostraram extremamente válidos para me fazer erguer a cabeça nos instantes de dúvida, e avançar um pouco mais nos momentos de desconfiança. Portanto, pude vislumbrar ricos achados empíricos, mesmo quando não imaginava encontrá-los com tanta naturalidade, ou mesmo dialogando descompromissadamente com indivíduos e grupos aparentemente “desinteressados” do tema em questão.

Compreendi, portanto, que os caminhos tortuosos do pesquisador, embora jamais esvaziados de emoções e significados, são como metáforas de sendas múltiplas e arriscadas. A natureza paradoxal de explorar “o que não se sabe” (BARTHES, 1999, p. 45), em certo momento, não possibilita que apartemos de nossa existência cotidiana o olhar sempre mais atento, insistente, perspicaz, detalhista e pormenorizado do “observador”. As experiências reflexivas se fizeram muito enfáticas em meu campo de pesquisa, onde precisei me locomover – muitas vezes “na marra” – para lugares relativamente distantes e desconhecidos, para estar em contato com experiências de vidas de pessoas igualmente distantes e desconhecidas; e que, felizmente, eu precisaria me *relacionar* com as suas diferenças para, de fato, “fazer pesquisa”. Considerando a extrema necessidade de estar inteirado de novos fenômenos emergentes no campo empírico, procurei extrair o máximo possível das minhas oportunidades pontuais de adentrar sempre mais o sertão, mesmo quando as possibilidades se mostravam pouco ou nada satisfatórias.

Ao longo das tessituras da pesquisa se somaram muitas pessoas interessantes e personagens pitorescos, que acabaram incorporando ao trabalho novas gradações e curiosas nuances. Destaco aqui, especificamente, os sujeitos classificados como grandes “chefes” de bandos armados provenientes dos sertões: como “Edvar do Sangradouro” e “Luciano do Cariré”, acerca dos quais pude coletar muitas histórias impressionantes e imprescindíveis. Destaco ainda os indivíduos eventualmente classificados como de menor articulação no meio criminal ou no interior das quadrilhas armadas: os bandidos Cícero, parente e derradeiro comparsa de Elitônio, e Cícero Lunga. A partir das ações criminais e errâncias de Cícero Lunga é que pude conhecer mais a fundo os curiosos discursos de autoridade do sargento “Linha Dura”, realizando outras importantes analogias no que concerne à importância da gerência e articulação intelectual e organizacional dos bandos.

Em linhas gerais, o presente trabalho está dividido em três capítulos, como a forma mais satisfatória que encontrei: de adequar as tramas sociais e os itinerários pessoais traçados em consonância com o campo empírico, considerando que as dimensões moleculares compõem um mesmo plano amplo e indissociável. Em cada capítulo estabeleço, portanto,

uma imagem vivida, um *locus* de partida: priorizando as diferentes tentativas, metodologias e estratégias de “adentrar os sertões”, partindo de reflexões convergentes.

Como se verá, o capítulo I está ambientado no município de Groaíras; de modo que considere mais pertinente expor ainda nesta introdução o cenário impulsionador da presente pesquisa: contexto em pude me inteirar com profundidade acerca dos casos recorrentes de banditismos praticados na região pesquisada. Especialmente no tópico “*O bandoleiro aterrorizador*” e *os maus encontros com a morte*, o leitor poderá se inteirar devidamente acerca de grande parte da atmosfera sociológica captada, mediante observações *in loco*, de determinados fatos e acontecimentos ocorridos no município de Groaíras, em dezembro de 2012: contexto de perseguição e morte de Elitônio.

Todos os eventos destacados foram devidamente confrontados com dados e informações minuciosamente analisadas, em diálogos com interlocutores e em pesquisas de notícias concentradas em *blogs* virtuais, ferramenta popularmente utilizada na referida região. Por conseguinte, adiciono à trama um interlocutor imprescindível, considerado o principal “perseguidor” e “algoz” do jovem Elitônio. “Soldado Moreno” é uma espécie de “policial forasteiro”, posto no interior dos conflitos armados e com quem estabeleci intenso diálogo. Com rigor de detalhes, irei delinear a minha relação psicológica e não menos “conflituosa” com Moreno – com alguns dilemas impactados nos rumos da pesquisa.

Ainda no capítulo I, exponho em minúcias a formação dos principais bandos armados dos sertões da região, utilizando dados e relatos consistentes de entrevistas realizadas, sobretudo, em 27 (sábado) e 28 (domingo) de fevereiro de 2016, em Sobral e nos sertões da Pedra, respectivamente. Neste ponto, apresento alguns interlocutores que serão apresentados mais detalhadamente em capítulos posteriores, de modo que explicito ao leitor devidamente os motivos da sutil antecipação.

No tópico *Nominação e território social dos “bandidos da terra”*, realizo um apanhado conceitual dos principais elementos teóricos tratados ao longo do capítulo, evidenciando os caminhos que percorri para concluir que precisaria adentrar os territórios parentais dos “famosos” indivíduos, a fim de compreender e me aprofundar eficazmente em suas tramas infindas, partindo dos itinerários de Elitônio.

Embora em todos os capítulos o campo empírico se mostre bastante presente, o capítulo II, por sua vez, é inteiramente versado sobre os deslocamentos no campo. Neste ponto, partirei de uma breve narrativa ambientada ainda em Fortaleza, que me levou a empreender a minha primeira incursão aos sertões da Pedra, realizada a partir do município de

Cariré; uma cidade bem mais pacata se comparada a Groaíras, que precisei aprender a me relacionar ao longo desta pesquisa. Vale ressaltar que no capítulo II é onde procuro pôr em prática as discussões e conclusões esboçadas ao longo do capítulo I. Portanto, é quando conheço pessoalmente os familiares de Elitônio, captando suas vozes e perspectivas afetivas, que qualificam e contrastam com a desgastada imagem pública do “bandido perigoso”, apresentada no capítulo I.

No capítulo III, o leitor logo perceberá que inicio a abordagem de maneira um pouco mais distanciada do campo costumeiro: Groaíras, Cariré e Sobral. Entretanto, é nesse momento que procuro analisar os “discursos na ação” de policiais em confrontos mais recentes com alguns bandidos dos sertões da microrregião de Sobral; destacando especificamente o bandido Cícero Lunga. Mediante algumas falas do sargento conhecido regionalmente como “Linha Dura” (oculto nas entrelinhas da trama), procuro realizar algumas reflexões e analogias referentes aos sujeitos analisados com mais acuidade e especificidade ao longo da pesquisa: Elitônio e Luciano. Ressalto que encontrei nos discursos de Linha Dura uma forma mais enfática de evidenciar os “mecanismos mágicos de captura do discurso” policial no âmbito dos conflitos com os bandidos da região: discursos que jamais poderiam ser captados da mesma forma em entrevista face a face, excluindo o calor das palavras e a emoção das circunstâncias envolvidas na ação.

No capítulo III, realizo um intervalo para expor a minha relação com Sobral, um ponto intermediário das transitoriedades do “fazer pesquisa”: entre Fortaleza, Sobral, Cariré, Groaíras e sertões. Neste ponto, explico como precisei elaborar com meu amigo e interlocutor fluminense Arnaldo (apresentado no capítulo I) novas “estratégias” de entrada nos sertões, desta vez realizando os itinerários a partir de Sobral. Nesse momento, por fim, preparo-me para o encerramento de um processo em que pude reavaliar e esclarecer determinadas formulações e construções arbitrárias ou enviesadas: demonstrando como as falas nos sertões não são inteiramente lineares, mas se apresentam como nunca como estando profundamente enleadas às suas tramas de vida e de morte.

2 BANDIDOS, POLICIAIS E FORASTEIROS: ITINERÁRIOS SOCIAIS CONVERGENTES

2.1 “O bandoleiro aterrorizador” e os maus encontros com a morte

Assim como uma bala
enterrada no corpo,
fazendo mais espesso
um dos lados do morto;
assim como uma bala
do chumbo mais pesado,
no músculo de um homem
pesando-o mais de um lado;
qual bala que tivesse
um vivo mecanismo,
bala que possuísse
um coração ativo [...]

João Cabral de Melo Neto
Uma faca só lâmina (ou: serventia das ideias fixas), 1955.

Na madrugada de 26 de dezembro, após as festividades natalinas do ano de 2012, num lugarejo esquecido nos confins dos sertões da mesorregião noroeste do Ceará, um rapaz de 21 anos atravessava cambaleante um campo esvaziado, em direção à motocicleta que ele mesmo havia ocultado horas antes, em meio à densa e alva caatinga.

O jovem se achava fatigado, ensandecido e embriagado. Bebedeira que era sempre reprovada por sua mãe. Entretanto, foram inúmeras doses que tragara ao longo daquelas noites de festa, num boteco entranhado no interior da paisagem do semiárido. Na caminhada, a escuridão era toda absoluta, mergulhando a mente em devaneios, delírios e paranóias incessantes, como reminiscências de terror dos últimos dias. “Vivos somos traídos. Presos esquecidos. Mortos só deixamos saudade”¹⁴. As frases poderiam soar como “máximas” que ele costumava repetir para amigos e familiares, e talvez para si mesmo.

O rapaz se orgulhava por jamais ter sido capturado pelos “homens de farda”. Havia escapado de inúmeras tocaias armadas e do interior de viaturas, sob tiros e ameaças de policiais enfurecidos. Ele sabia, porém, que para os próprios conterrâneos a sua permanência na condição de sobrevivente seria amargamente abreviada. A desconfiança, então, perseguia o rebelde nascido do sertão, um filho da terra fustigada de sol. A morte era uma ameaça ruidosa e sempre à espreita. Minutos antes, a companheira – com quem tivera o segundo filho – e

¹⁴ Trecho da música “Vivos somos traídos”, interpretada pelo funkeiro carioca Mc Dido. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/mc-dido/vivos-somos-traidos.html>>. Acesso em: 2 de abril de 2016.

outros dois amigos haviam recusado em resgatar no matagal a sua motocicleta de fugas astutas. “Estaria sendo traído?” Àquela altura, nada disso parecia ter muita importância para ele. Aquele rapaz conhecia melhor do que qualquer pessoa “de fora” as trilhas, atalhos e veredas daquelas cercanias: fosse *a pé* ou *motorizado*¹⁵.

Trincheira definitiva de conflitos sociais armados sem começo nem fim, no tempo dos sertões a caatinga se precipita nas sanguinolentas “questões” e “querelas” dos homens, simbolizando um território de resistências como também um derradeiro refúgio de “cabras” fugidos da lei. Onde ainda é possível encobrir com eficácia corpos, armas, conduções e consciências admoestadas.

“Rapaz, a pessoa que é foragida é pra tá é nos mato escondido! Tu é doido, é?” Dias antes, ele ouvira outra vez a recomendação do primo e comparsa de *correrias*, que sempre procurava reforçar a extrema cautela em saber se desviar de olhares furtivos, vigilantes e curiosos dos habitantes da região. Era preciso ter a habilidade em não se mostrar, não se afoitar em lugares públicos: fosse atrás de forró, mulher ou cachaça.

Entretanto, em conversa com a irmã mais próxima, o rapaz – já cansado de viver escondido “nos mato” – mostrara-se indignado com o parceiro medroso: “Eu vou pro *Furor!* Esse *abestado*¹⁶ não quer ir, só quer tá nos mato!” Decididamente, aprontou a motocicleta e disparou em direção ao referido sertão, onde ocorreria a festa tão desejada. Três dias de músicas, conversas, jogos e bebidas. Diversão patrocinada pelo sujeito mais procurado e temido nas redondezas, dinheiro supostamente advindo de saques, roubos e assaltos.

Todavia, a imprudente ostentação haveria de sobrepujar a relativa segurança e invisibilidade dos dias de banimento. Nos sertões, em determinadas situações de risco ou pela simples constatação de derrota inevitável, o gesto considerado nobre de “entregar os pontos” ou “pedir arrego”, como se diz, supõe alguma sabedoria em saber se resguardar e prolongar tanto mais a vida. Ou como pude ouvir de muitos de meus interlocutores, em referência aos diferentes destinos – de vida e de morte – dos bandidos da região: “Os corajosos vão, os medrosos ficam”. No contexto sociológico pesquisado, o sujeito “metido a valente” costuma

¹⁵ Ao longo do trabalho o grifo itálico servirá para marcar palavras e expressões utilizadas pelos atores sociais do campo empírico, à exceção das expressões estrangeiras, também grafadas em itálico. Enquanto as aspas duplas servirão para realçar categorias de ordem acadêmica ou termos quando se fizerem necessários, como para destacar as citações diretas com menos de quatro linhas, inseridas no corpo do texto. Sobre as expressões destacadas, discorrerei sobre cada uma delas no próprio texto ou em notas de rodapé, como se mostrar conveniente. No campo pesquisado, *motorizado* significa dispor de veículo automotor para se locomover, sendo o contrário a expressão “ir *a pé*”; ir andando a qualquer parte.

¹⁶ No contexto social pesquisado, fazer *correrias* significa praticar assaltos, roubos e furtos. A expressão *abestado*, por sua vez, denota um sujeito considerado “tolo” a partir de hábitos, práticas, ações ou posturas permanentes ou circunstanciais; utilizado intimamente por motivos de escárnio ou chacota.

ser observado de maneira bastante circunstancial: podendo ser tomado tanto por um viés profundamente negativizado, de “quem gosta de arrumar confusão e se dá mal”; quanto positivo, o “cabra desenrolado, valente, corajoso e de mente tranquila”. Os significados, portanto, variam conforme a situação específica revolvida.

No que concerne aos eventuais enfrentamentos coletivos ou individuais, sistemáticos ou cotidianos, observam-se algumas variâncias nos sentidos infinitesimais que as posturas ou práticas, marcadamente “agonísticas” (Cf. COMERFORD, 2003), podem significar simbolicamente, no calor da ação e das ofensivas e contra ofensivas, empreendidas por determinados indivíduos em “modo de combate”.

Por conseguinte, a valentia desmesurada pode ser interpretada também como sinônimo de “estupidez”. Em outras palavras, o cabra pode ser “metido à valente”, mas em contrapartida é necessário ser muito mais astucioso¹⁷, como ressalta Guimarães Rosa (1994, p.19): “O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! E bala é um pedaçozinho de metal...”

Para o jovem da Pedra, seria prudente permanecer na caatinga: “dormindo debaixo de pés de oiticica, comendo frutas dos pomares e bebendo água dos córregos”: assim como faziam os “cangaceiros” de outras épocas¹⁸. Mas nada disso era tão harmonioso quanto se supunha, e o rapaz desafiava as advertências de amigos e familiares. Para ele, viver no mato – além de sofrível – não era “coisa de homem”.

Mesmo intensamente caçado, ele não se considerava cabra de viver enfurnado na caatinga, tal qual “bicho brabo”¹⁹. Afinal de contas, já conhecera a “cidade maravilhosa”,

¹⁷ Neste ponto, destaco Capistrano de Abreu (1853-1924), que versa acerca da ocupação e povoamento dos sertões cearenses, envoltos em combates sanguinolentos advindos de um contexto social intensamente violento, onde as astúcias e as alianças (vicinais) poderiam ser cruciais para a sobrevivência: “Os capitães-mores deixaram fama de violentos, arbitrários e cruéis; não eram, porém, incontrastáveis e maior ou menor sempre encontraram oposição. Reinava respeito natural pela propriedade; *ladrão* era e ainda é hoje o mais afrontoso dos epítetos; a vida humana não inspirava o mesmo acatamento. Questões de terra, melindres de família, uma descortesia mesmo involuntária, coisas às vezes de insignificância inapreciável desfechavam em *sangue*. Por desgraça não se dava o encontro em campo aberto: por trás de um pau, por uma porta ou janela aberta descuidosamente, na passagem de algum lugar ermo ou sombrio lascava o tiro assassino, às vezes marcando o começo de longa série de *assassinatos* e *vendetas*. Com a economia naturista dominante, custava pouco ajuntar valentões e facinorosos, desafiando as autoridades e as leis. Para apossar-se destes régulos só havia dois recursos: a astúcia ou o auxílio de vizinhos” (ABREU, 1998, p. 139, grifos meus).

¹⁸ “O cangaceiro, quando perseguido pela polícia, viaja dias e noites com sol e chuva, subindo e descendo serras, em terrenos arenosos ou pedregosos, de pé, conduzindo roupa e apetrechos bélicos e alimentando-se insuficientemente” (MONTENEGRO, 2011, p. 281).

¹⁹ Interlocutores definem a vida no mato como a de “bicho bruto”. Os bandidos foragidos na caatinga são comparados a animais ariscos da região – como o Tejú ou o Preá –, fortalecendo a noção de uma vida *fugidia* no “meio” criminal. A metáfora do indivíduo “animalizado” remete ainda a *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos (1937, p. 10): “Não queria morrer. Estava escondido no mato como tatu. Duro, lerdo como tatu. Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem.”

inteirando-se da civilização e do seu inerente embrutecimento. Nos momentos de altivez, era comum que desejasse fama, reconhecimento e consideração: ainda que por tudo tivesse que pagar um alto preço. Caso cedesse aos conselhos de familiares, deveria permanecer definitivamente no *Rio de Janeiro*, fixando por lá a sua morada. A “favela urbana” que não resguardava quaisquer “maravilhas” para um jovem foragido do sertão²⁰.

Viajante clandestino, na pior das hipóteses retardaria a morte iminente, e viveria do trabalho duro, penando como *peão* ou *servente*, carregando nas costas o peso real de concreto das grandes obras de engenharia, construção de gente “rica e estribada”. Tudo correndo bem, logo poderia enviar auxílio ao sobrinho, à esposa, à filha e ao filho recém nascido. “Meu filho é uma pessoa boa”, sua mãe diria orgulhosa aos conhecidos e amigos da família nos sertões: e o rapaz largaria de vez aquela “vida braba” infernal.

Mas “lugar de foragido é nos mato!” As repreensões do parente, amigo e derradeiro comparsa na carreira criminal, obrigavam-no a rememorar as suas amargas classificações locais: o “vagabundo”, “monstro” e “fora da lei”, perseguido e odiado não apenas pelos paranóicos agentes do Estado, os “homens de farda”. Na terra que o viu nascer, crescer e perecer, ele era agora encarado, sobretudo, como um “malfeitor” marcado para a morte certa (Cf. KADARÉ, 2001). Arrastava consigo o signo do morto-vivo, sofria na pele um doloroso desfalecimento social. “Se sou um criminoso, bandido ou réu. Quem dera apenas ser um marginal do céu”, concluía a canção que ele gostava de cantar.

Contudo, já imerso na escuridão e silêncio daquela madrugada, 26 de dezembro, açoitado pela embriaguez, era impossível distinguir os matadores ali à espreita: três “cabras”, talvez? O jovem não teve tempo de sacar sua pistola ou arrancar da motocicleta, quando souou ali o estampido seco e ensurdecedor. Alguns tiros no escuro, porém a queima roupa. Não havia erro, aquelas balas tinham endereço muito certo: a cabeça do famigerado rapaz. “Olhe: quando é tiro de verdade, primeiro a cachorrada pega a latir, instantaneamente – depois, então, se vai ver se deu mortos. O senhor tolere, isto é o sertão.” (ROSA, 1998, p. 3).

“Chega ao fim a Saga do bandido Elitônio Melo Paiva, bandoleiro aterrorizador da zona norte do Estado do Ceará”: noticiam os jornais eletrônicos²¹, por inúmeros existentes na região, na manhã de quarta-feira, 26 de dezembro de 2012. As estações de rádio e os boatos avivados entre moradores, sobretudo no município de Groaíras, contribuíam para a

²⁰ A palavra “favela” encontra n’*Os Sertões* de Euclides da Cunha (2002) uma primeira acepção literária, já munida de considerável carga simbólica. “Favela urbana” e “favela rural”, por sua vez, são termos debatidos em Maria Isaura Pereira de Queiroz (1978).

²¹ Disponível em: <<http://arteiroferreira.blogspot.com.br/2012/12/chega-ao-fim-saga-bandido-elitonio-melo.html>>. Acesso em: 22 de abril de 2016.

mais rápida veiculação da notícia ansiosamente aguardada. Os habitantes dos sertões e das cidades circunvizinhas, incluindo as autoridades policiais de Sobral, acompanhavam há meses quase insolúveis a resolução dos conflitos armados envolvendo policiais militares e bandidos; embates que só tiveram um fim provisório em mais um desfecho de morte.

Pelas mãos de matadores anônimos, encarnados em personagens diversos que ainda vagueiam o imaginário social nordestino: “matadores de aluguel” (CAVALCANTE, 2002), “justiceiros” (DE PAULA, 2008), “vingadores” e “pistoleiros” (BARREIRA, 1998); naquela madrugada de natal fora executado – com tiros de espingarda calibre 12 e revólver 38 – Elitonio Melo Paiva, o “bandoleiro aterrorizador” dos sertões. Aos 21 anos de idade Elitonio já era considerado um dos sujeitos mais “perigosos” e procurados na microrregião de Sobral, sobretudo entre os anos de 2011 e 2012. Como se costuma dizer, o rapaz não morrera de “morte morrida”, mas de “morte matada” – morte violenta causada por algum agente externo –, ou como diriam os nativos da Córsega: *la mala morte*²².



Figura 1. Elitonio tomba no sertão de Furor, manhã de 26 de dezembro de 2012. Fonte: *Blog do Tidi*.

²² *La mala morte*, em tradução literal significa a má morte, ou uma morte violenta. (Cf. Mérimée, 1949, p. 80). A referência também pode ser encontrada nos trabalhos de Ana Cláudia Marques (2002), Dália Maia (2008) e Peregrina Cavalcante (2002), acerca das “brigas de família” e “matadores” nos sertões nordestinos.

Ainda que o comparsa de Elitonio permanecesse foragido, o indivíduo conhecido como “Cícero”, que por algum tempo teria sido dado como morto – sobrevivendo em meio às intempéries da caatinga (ou do *mato*) –, o ano de 2013 iniciaria sem a suposta ameaça dos criminosos remanescentes das quadrilhas armadas e de configurações diversas que há mais de cinco anos atemorizavam a referida região; atuando ainda em outros estados. Da boca de muitas pessoas com quem dialoguei, o assassinato do bandido acabou se tornando motivo de *festejo*²³, sobretudo na cidade de Groaíras: impulsionada pelas comemorações de natal e ano novo, ocorridas logo após a emboscada estrategicamente armada no sertão. Nesse sentido, destaco aqui a curiosa frase de Walter Benjamin (1987, p. 207): “Hoje, a morte é cada vez mais expulsa do universo dos vivos.”

Num breve corte narrativo, Eduardo Soares (2011, p. 13-18) diz que: “o sentido de uma história depende do ponto a partir do qual começamos a contá-la.” Desse modo, a fim de emprestar um teor sociológico e antropológico à fluidez narrativa – procurando escapar de estereótipos de abordagens rigidamente “academicistas” –, decidi revisitar os pormenores da insólita crônica de morte, que se insere na densa trama de relações que me possibilitaram uma primeira aproximação empírica dos conflitos sociais erigidos entre policiais e bandidos nos sertões – e da intensidade do “bandido Elitonio”.

De maneira geral, busco aporte teórico nas ideias de Georg Simmel (1983), que compreende os conflitos nas sociedades humanas – em suas inúmeras acepções e interpretações sociológicas – como formas de “sociação” construídas a partir do embate entre “dualismos divergentes”. As oposições e os atritos podem gerar tanto unidades quanto campos relacionais específicos: respaldando as condutas capazes de corresponder aos teores e limites de ações eventualmente perpetradas e originadas das partes conflitivas.

É válido reforçar que embora eu já possuísse algum conteúdo ou matéria “informal” de campo – a partir do ano de 2012 –, baseando-se em observações e experiências vivenciadas *in loco* e em pesquisas realizadas na *internet* (ainda que não registradas metodologicamente), precisei aguardar um ano para que pudesse finalmente concluir a minha graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Ceará – UFC, com o intuito de viabilizar a pesquisa imediatamente numa pós-graduação. Apenas em 2014.1, após a esperada aprovação na seleção de mestrado do Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (PPGS – UFC), é quando pude empreender o presente estudo,

²³ *Festejo* é uma expressão usada no campo empírico para designar eventos populares de grande comoção pública, como as festas da padroeira da cidade, ocorridas todos os anos no mês de outubro.

com todas as dificuldades pessoais e entraves encontrados e enfrentados com vigor ao longo de uma difícil caminhada.

Tendo como base relatos, narrativas, documentos e depoimentos reunidos nestes dois anos de mestrado (de 2014.1 a 2016.1), procurei incrementar, pormenorizar e aperfeiçoar o caso que me despertara indisfarçável inquietação e reflexividade, e que não sosseguei enquanto não pude torná-lo concreto, considerando o tempo reduzido de que dispunha. A partir de dezembro de 2012, no contexto de perseguição e morte de Elitônio, acompanhei atentamente os desdobramentos e reviravoltas do caso; seja à distância, em Fortaleza, ou *in loco*: em Groaíras, Cariré, Sobral e nos sertões.

Ressalto que naquela conjuntura específica a intenção em pesquisar a figura do bandido não me parecia mentalmente delineada. Apesar de cultivar grande interesse pela “cultura popular” nos sertões nordestinos, não havia despertado para a dimensão da violência e do conflito sob a ótica da atuação dos bandos armados, embora esboçasse alguma fascinação oculta pela temática. Acompanhava o caso como qualquer ator social envolvido em tais circunstâncias: atônito, atemorizado e por vezes acuado. Entretanto, poder “sentir na pele” uma sensação diferenciada de um “perigo” e “ameaça” socialmente construídos, fora decisivo para fazer destravar reflexões mais instigantes, estranhas e inusitadas.

Por conseguinte, envolvido pelas súbitas “artimanhas do acaso” (PEIRANO, 1992²⁴), fui aos poucos me deixando carregar pelo campo – e carregando-o reflexivamente nas viagens de retorno à Fortaleza. A partir de então me encontrei sempre mais engajado em compreender o “como?” e o “por quê?” (BECKER, 2007) dos fatos: transpondo para o universo de problematizações sociológicas tudo que fui capaz de observar de modo informal, com olhos de pensador comum, atento às tramas cotidianas. Em dezembro de 2012 eu já possuía leituras sociológicas e antropológicas fundamentais, ainda que me encontrasse desprovido de ferramentas teórico-metodológicas mais precisas, referentes à percepção do estudo da violência e conflito no contexto social do sertão cearense.

Nesse sentido, determinadas narrativas deste capítulo são provenientes de observações impulsionadas por uma série de curiosos acasos. Fui convidado a passar o natal e a virada de ano – 2012 para 2013 – na casa de familiares que eu não visitava há mais de dois

²⁴ “[...] em determinados momentos críticos, face talvez a uma pergunta inesperada, a resposta era: ‘Ah, foi por acaso’. Assim, foi ‘por acaso’ que Florestan Fernandes decidiu estudar os Tupinambá – porque havia feito um curso com Baldus e precisava escrever um trabalho final para que recebesse uma menção e, assim, seguiu a sugestão do ‘mestre-camarada’ que era Baldus e dedicou-se à análise do material de Gabriel Soares tendo, mais tarde, expandido este início nos livros e artigos sobre os Tupinambá. Também foi ‘por acaso’ que, anos depois, mudou de tema e passou do estudo antropológico de grupos indígenas para o tema das relações raciais entre negros e brancos” (PEIRANO, 1992, p. 10).

anos, no município de Groaíras. Portanto, exatamente no contexto da perseguição aos “bandidos” Elitônio e Cícero. Acerca de tais circunstâncias, mostrou-se inviável inserir aqui um material empírico mais consistente em relação aos discursos radiofônicos, considerando que as rádios da região raramente gravam os programas – e se gravam não os disponibilizam facilmente. Naquele contexto específico não realizei entrevistas, embora as sondagens e observações em rodas de conversação – nas interações face à face (GOFFMAN, 2011) com populares, amigos e conhecidos²⁵ – tenham sido muito intensas.

Resiste o valor do campo empírico observado com rigor de quem de fato o vivencia. A partir de experiências afetivas, e de um olhar diferenciado sobre o que se aparenta ser o mais ordinário, corriqueiro e banal, procuro realizar um apanhado descritivo da atmosfera sócio-discursiva erigida em torno dos jovens vistos como “bandidos” – realizando uma recapitulação das formas de interação e práticas sociais observadas atentamente no município que conheço desde os tempos de infância. Residi em Groaíras entre 2001 e 2002, de modo que utilizo minhas percepções pessoais enleadas ao que fui capaz de observar, refletir e assimilar em incursões realizadas à região em incontáveis ocasiões.

São destacados episódios, cenários e situações vivenciadas, observadas e registradas nos sertões e municípios que se consolidaram como “campo de pesquisa” no decorrer do próprio ato de “fazer pesquisa” (BARREIRA, 1998, p.19). Soma-se a isto a exposição de personagens que foram se revelando e enriquecendo esta “trama inextricável” – para utilizar uma expressão de Marcel Mauss (2003, p. 192) – de forma inteiramente descontínua: embora sempre privilegie a extrema clareza, a fim de expor aspectos mais sombrios da trama. Vale ressaltar que o campo empírico deste primeiro capítulo é quase todo vivenciado no município de Groaíras: onde os desejos, fluxos e percursos de pesquisa se tornaram múltiplos e irrefreáveis. Não teria a pretensão de afirmar que este seja um “começo”: quiçá apenas um primeiro passo tendente a desencadear uma criativa *road trip* sociológica pelos sertões (KEROUAC, 2013; CHAVES, 1984).

Segundo o filósofo Paul Ricouer (1994, p. 85): “(...) o tempo torna-se humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal.” E a respeito da noção de trama, Paul Veyne destaca (2008, p. 42): “A trama pode se apresentar como um corte

²⁵ No contexto social pesquisado, ser *conhecido*, *conhecido de vista* ou *reconhecido* por alguém da região é crucial para as inserções nas “zonas” de influência de grupos sociais variados, o que perpassa a dimensão familiar; de grande relevância para o “mapeamento social” dos indivíduos: “está na casa de quem?”; “é parente de quem?”; “é primo de quem?”. Cf. John Comerford (2003, p. 30-63) e Dália Maia (2008, p. 38).

transversal dos diferentes ritmos temporais, como uma análise espectral: ela será trama porque será humana, porque não será um fragmento de determinismo.” Cada etapa deste trabalho delineia estilos levemente distintos de abordagem e de escrita – sempre persistindo, entretanto, o elemento dialógico destacado: humano, temporal e de cunho narrativo. Por razões inerentes aos saltos, contenções e digressões referentes ao teor propriamente “alinear” da análise – algo imprescindível para a exposição da complexidade da trama de relações (VEYNE, 2008; RICOUER, 1994) –, busco construir uma fluidez textual que se apresente, sobretudo, como algo fluido: atentando aos pormenores teórico-metodológicos que possibilitem a melhor compreensão do que seja posto em perspectiva.

A situação que pude assimilar da visita realizada à cidade de Groaíras em dezembro de 2012 me soou bastante impactante, em grande parte, pelo fato de ser impossível permanecer alheio aos acontecimentos que se desenrolavam. Em suma, narrativas de crimes, discursos e perseguições em torno de bandidos facinorosos e fugidios dos sertões. Procurando me reportar àquele contexto sociológico específico, tratava-se de uma atmosfera de medo que eu não havia sentido com a mesma “realidade” na cidade de Fortaleza.

Considerando variados contextos específicos, nas metrópoles as pessoas parecem “optar” pelos males com os quais devem se importar cotidianamente (SIMMEL, 1987). São muitas as precauções psíquicas construídas acerca dos “perigos falados” de perambular pelas ruas e bairros suburbanos de uma imensa e paradoxal cidade (Cf. PAIVA, 2007). Estando os “riscos” tão arraigados nos corpos e nas consciências dos indivíduos, as violências sofridas rotineiramente raramente se revelam como “eventos extraordinários”.

No campo de percepções dos perigos, um assalto ou homicídio numa grande metrópole pode soar como apenas mais um dado estatístico (pelos intensos fluxos de recorrências), ao contrário da impressão inevitável de novidade, vulnerabilidade e desamparo que é possível experienciar observando as relações sociais a partir de crimes ocorridos no contexto rural e sertanejo. Isto pode se construir ainda por sobre uma sensação social de negligência do poder público ou por ocasião do baixo e precarizado contingente policial disponível em muitos municípios do interior cearense.

Aos meus olhos, a população groairense se mostrava tão apreensiva quanto inteirada das narrativas de crimes que sempre relacionavam “policiais, bandidos e população”. Nesse sentido, as pessoas participavam “ativamente” do caso, a partir de uma espécie de “combate discursivo” travado contra os criminosos à solta. Um conflito social erigido em palavras e discursos, como “[...] efeitos da violência que atingem a vida mental das pessoas”

(SÁ, 2011, p. 105). Havia, portanto, o compartilhamento incessante de “notícias quentes”, gestadas e dinamizadas por redes de boataria, embora em determinados contextos os *fixicos* sejam vistos por um viés negativizado (Cf. MAIA, 2008, p. 31).²⁶

Na complexidade de ações discursivas, especulações a respeito das vidas, das façanhas e dos paradeiros dos “bandidos” tomavam proporções consideráveis no falatório geral da população. Além da intensa circulação de boatos – o famoso “disse-me-disse” – que parecia agravar a sensação de medo, despontavam nos programas de rádios populares e mídias de toda a região. Aos debates radiofônicos eram convocadas figuras de relativa “projeção social”: jornalistas, políticos, policiais e religiosos.

Populares em geral, em inúmeros espaços públicos frequentados por mim, possuíam comentários ou narrativas prontamente elaboradas a respeito dos criminosos foragidos. Ao solicitar informações sobre o caso, qualquer cidadão seria capaz de despejar uma grande carga de opiniões e argumentos indignados, dirigidos contra os temerosos bandidos à solta. Muitos diziam que conheciam bem os rapazes, lamentando o “caminho errado” que haviam tomado. O “boca a boca” parecia insuflar determinados ares de incontrolável “emoção coletiva” e a projeção dos espectros criminosos em lugares inimagináveis. Tudo ocorria como se, no contexto social pesquisado, o bandido e seus comparsas pudessem atacar a qualquer hora, sem qualquer aviso prévio.

O fenômeno da violência pode ser compreendido aqui como uma realidade inteiramente “difusa” (BARREIRA, 2008; 2013²⁷), opondo-se às fórmulas estabelecidas na construção da sensação de medo supostamente experienciada, sobretudo, nas grandes cidades: em analogia aos contextos sociais classificados como mais “amenos”: imagens comumente associadas ao ambiente rural tradicional cearense. Por outro lado, segundo Guimarães Rosa (1994, p. 519): “O que o medo é: um produzido dentro da gente, um depositado.” Naquelas circunstâncias, era curioso observar que as pessoas recomendassem não dormir com as portas ou janelas abertas. Perceptivelmente, as intimistas e públicas conversas noturnas de beira de calçada se mostravam ausentes (Cf. John C. Comerford, 2014, p. 44).

As trocas comunicacionais e debates ocorrem em ambientes domésticos e logo se estendem aos espaços públicos (e vice versa): bares, praças, feiras, mercados, mercearias e

²⁶ “Se um dia parassem os moinhos da boataria na ‘aldeia’, a vida perderia muito do seu tempero. O aspecto essencial delas não era simplesmente o interesse que se tinha pelas pessoas, mas o fato de se tratar de um interesse coletivo” (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 122).

²⁷ “O *difuso* configura o incontrolável e o imponderável. Relaciona-se, claramente, com a possibilidade de que todos, independentemente de sexo, idade ou classe social, possam ser vítimas de práticas classificadas como violentas, em diversificadas situações sociais. O senso comum é perspicaz e irônico, quando propala esse lado ‘democrático’ da violência” (BARREIRA, 2015, p. 57, grifos do autor).

outros núcleos de convivência social e de lazer. O rádio, pelo que pude observar, permeava grande parte desse cotidiano: com muitos comentários tecidos acerca de um “bom passado” e um “mau presente” – como o que ressalta Norbert Elias (2001)²⁸. Em qualquer lugar era possível capturar boatos, narrativas e discursos elaborados sobre a “violência do mundo de hoje”: e a constatação de que o interior não é mais o lugar pacato e pacífico “de antigamente”. Mas seria o interior ou os sertões lugares essencialmente pacíficos? Nos fluxos de observações, trocas e apontamentos da vida interiorana, a dramatização manifestada nas falas e conversações de populares parecia fomentar uma multiplicidade de ecos discursivos diversos, sobre o caso de considerável repercussão social.

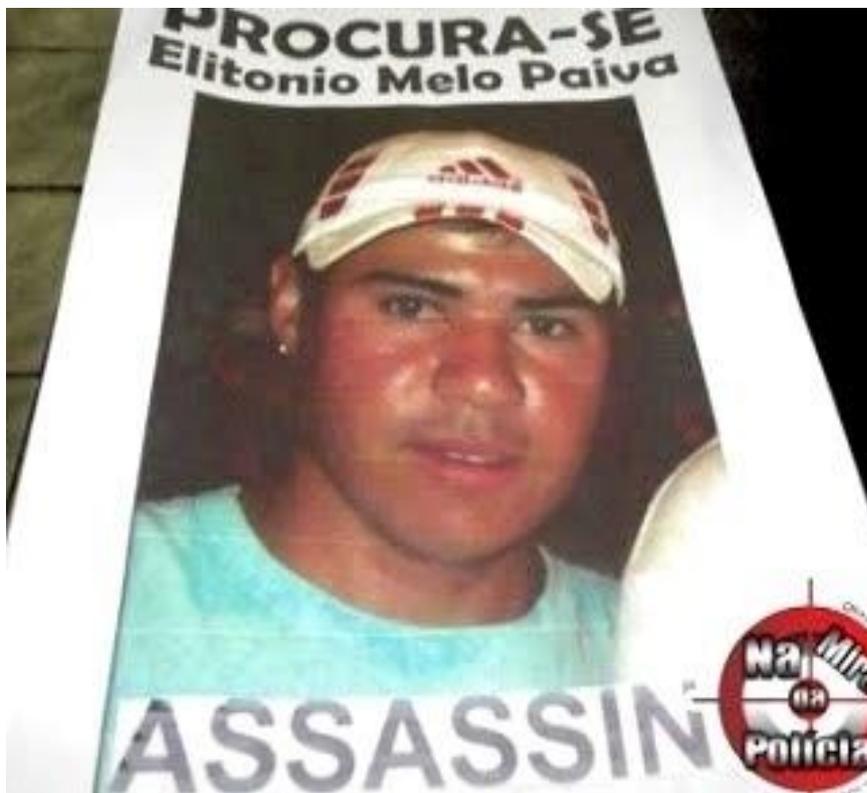


Figura 2. Um dos cartazes espalhados na região em outubro de 2012: Procura-se Elitonio Melo Paiva ASSASSINO. Fonte: *Site Na Mira da Polícia*.

Como ressalta Patrick Charaudeau (2007, p. 107): “O rádio é, por excelência, a mídia da transmissão direta e do tempo presente.” Sendo um meio de comunicação bastante tradicional na microrregião de Sobral, por alcançar com eficácia localidades ermas e distantes

²⁸ “[...] o quadro preto e branco pintado com o sentimento do ‘bom passado, mau presente’ não serve a qualquer propósito. A questão principal é como e porque era assim, e por que se tornou diferente. Uma vez certos das respostas a essas perguntas, estaremos em condições de formar um juízo de valor” (ELIAS, 2001, p. 24).

da chamada “zona rural” – popularmente denominada o “sertão” (é comum ouvir a frase “gente do sertão”) –, o rádio funciona como uma espécie de difusor oficial das notícias mais desejadas, que, naquele contexto, orbitavam as perseguições policiais aos “bandidos facínoras”. O rádio funcionava ainda como um dispositivo de *feedback*, retroalimentando discursos policiais, rodas de conversação, redes de boataria e pequenos fatos narrados em vários espaços de socialidade. Observei que bandidos e policiais poderiam adquirir muitas vozes, mediante falas e discursos “gestados” por moradores da região.

Autoridades goiásenses eram convocadas para “explicar” o fenômeno da violência e dos conflitos mais recentes. Logo uma multiplicidade de discursos era erigida acerca da situação insustentável da “bandidagem”, do advento do narcotráfico no interior do Estado, da redução da menoridade penal e da ineficácia do sistema punitivo. Os “bandidos monstruosos”, livres e desimpedidos, eram acusados de cometer assaltos, saques, assassinatos e estupros. Nesse sentido, o rádio assumia também a função de “performar o mundo”, noticiar e respaldar um “estado de coisas”, demandando pulsos de descontentamento. Segundo Muniz Sodré (2009, p. 90): “[...] num primeiro nível, o que ritimiza o cotidiano são as rotinas, inscritas individual e coletivamente na vida social; num segundo nível, os acontecimentos, que pontuam – em diferentes escalas de intensidade – essas rotinas.”

Neste ponto, mostra-se necessário realizar aqui alguns apontamentos. No campo pesquisado, é essencial saber ouvir os casos, os grandes ou microscópicos acontecimentos narrados pela gente “da terra”: os nascidos na região ou moradores “de longa data”. Tudo está concentrado na definição e apreensão do que possa se mostrar mais circunstancial, no sentido puramente prático da vida cotidiana (BOURDIEU, 2011, p. 108-132). Ocorre, portanto, uma espécie de “garimpo” espontâneo e preliminar do que seja legitimamente passível do “jogo social”.

Esta curiosa coletânea de “tramas discursivas” pode ser determinada, sobretudo, pelos “nascidos no jogo”, capazes de versar sobre tudo o que esteja a circular “na boca do povo”, do que deve ou não ser posto em perspectiva: nas aglomerações das ruas, nas esquinas e nas rodas de conversação. As performatividades, portanto, são concernentes a variados e distintos espaços sociais. Nesse sentido, John L. Austin (1990, p. 26, grifos do autor) afirma que:

[...] geralmente o proferimento de certas palavras é uma das ocorrências, senão a principal ocorrência, na realização de um ato (seja de apostar ou qualquer outro), cuja realização é também o alvo do proferimento, mas este está longe de ser, ainda que excepcionalmente o seja, a *única* coisa necessária para a realização do ato.

Genericamente falando, é sempre necessário que as *circunstâncias* em que as palavras forem proferidas sejam, de algum modo, *apropriadas*; frequentemente é necessário que o próprio falante, ou outras pessoas, também realize determinadas ações de certo tipo, quer sejam ações "físicas" ou "mentais", ou mesmo o proferimento de algumas palavras adicionais.

Botecos, bares, lanchonetes, feiras, calçadas, beiras de estradas e bancos de praça, portanto, são considerados *locus* propícios à agregação, à performatividade, às *chacotas* e aos discursos de ordem, compartilhados em tons e humores diversos. Contextos em que é possível definir os vários enquadramentos sociais (GOFFMAN, 2012), onde são atualizados e repassados os afetos, as malquerenças, as afecções, as rixas e aflições das coletividades: nas intimidades publicizadas e nas publicidades tomadas como peças litúrgicas de intimidade (Cf. SENNET, 1998). No plano das linguagens, corporalidades e trocas linguísticas, das relações consideradas mais ordinárias, nada deve passar despercebido: sobretudo qualquer postura que desvie ou arqueie o olhar, causando relativo “desconforto” simbólico.

No âmbito discursivo, é necessário que se faça intervir as circunstâncias (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 20), na construção de um “pano de fundo”, na elaboração de um mote e de um foco devidamente apropriado e contextualizado (WITTGENSTEIN, 2014). A operação de enunciação exige que seja correspondente a cada elemento compartilhado em instâncias socialmente legitimadas para o exercício das trocas linguísticas²⁹. Como aponta Pierre Bourdieu (2002, p.19): “Se os animais se agarram à pata, os homens ligam-se pela língua”. Nesse sentido, o rádio pode ser também uma representação clara dos ritos de expressividade e confluência social, transmitindo a sensação cívica do “fazer parte”, de “estar por dentro de tudo que acontece”, participando ativamente da vida pública da cidade, com a devida vigilância resguardada às palavras e aos olhares. É como estar nas ruas – ouvindo suas vozes e canções, vendo as suas faces – mesmo estando “na concha” (ELIAS, 1994, p. 53), no conforto do lar.

Num contexto social supostamente “coletivizado”, onde os indivíduos parecem movidos por sentimentos e intenções bastante convergentes, é essencial possuir disposições socialmente reconhecidas para viabilidade das experiências de interação social (Cf. ELIAS, 1994). É imprescindível saber comentar “o esperado” e saber informar “o inesperado”: o que exige todo um saber distintivo, envolvendo um sutil e rebuscado jogo de expressões, palavras e maneiras de abordagem. É pertinente opinar a respeito das narrativas que emergem dos lares, das calçadas, das ruas e das estradas: emergências advindas das dimensões mais

²⁹ Cf. Bourdieu (2008, p. 91).

corriqueiras de ações e práticas exercidas no calor da vida interiorana. Isto se aproxima do que Alfred Schutz (2010, p. 126) considera “esquemas de interpretação e de expressão”:

A fim de dominar uma linguagem livremente como um esquema de expressão, deve-se ter escrito cartas de amor com ela; ter condição de rezar e xingar com ela e dizer as coisas com o tom apropriado ao destinatário e a situação. Somente membros do grupo interno têm o esquema de expressão genuinamente à mão e domina-o livremente dentro do seu pensar habitual.

Uma rica fonte das percepções discursivas de populares na região reside nos inúmeros *blogs* espalhados pela *internet*. É comum que moradores, em geral: radialistas, políticos, advogados e jornalistas – amadores ou profissionais – construam ambientes virtuais como uma forma de fazer circular eventos de repercussão local – no linguajar e na expressividade regional. No blog *Sobral Agora*, do radialista Bené Fernandes, é possível encontrar a curiosa narrativa, realizada em 26 de dezembro de 2012,

As informações dão conta que ele estava bebendo no bar do “Eudes”, na localidade de Furado, região de Groaíras e de difícil acesso, armado com dois revólveres, que não foram encontrados. Ele estava com alguns amigos e sua namorada no bar próximo ao local do crime. Informações de populares, ele sempre que bebia em algum lugar, deixava sua moto escondida, se caso a polícia chegasse, ele corria em direção a moto e fugia. Nessa madrugada, ele havia deixado a moto em um campo, nas proximidades do bar que ele estava bebendo, quando no certo momento, ele pediu que sua namorada fosse pegar a moto, mais ela não foi, e ele resolveu ir. Minutos depois, foi ouvido pelas pessoas que estavam no bar, 3 disparos, e quando foram até o campo, o Elitônio estava caído já sem vida. Lá foi encontrada, a moto Honda de cor preta de placa OCB 7344 de Sobral, que não se sabe ainda a procedência da mesma, também encontrado um cartucho provavelmente calibre 12, uma sandália de cor azul, o boné dele, com perfuração provavelmente dos tiros, o cachimbo da moto que foi tirado. O Elitônio era acusado de vários crimes, como homicídio, assaltos, estupros. No local, muitos populares, que demonstravam alívio com a morte do bandido. Acredita-se que tenha sido um crime premeditado. Informações ainda preliminares todos os tiros atingiram a cabeça do mesmo. Acredita-se que foram três tiros na cabeça.³⁰

Com toda a comoção pública revolvida, os noticiários locais veiculavam que mais um “bandido” encontrava o seu fim. Naquele contexto, o assassinato de Elitônio emergia nos jornais e nas falas de populares como verdadeiro “motivo de alívio”. A sua morte era representada nos discursos como consequência justificável dos seus atos: resultante lógica de suas temerosas escolhas e a preferência pela vida no crime: a chamada “vida braba”. Pouco se falava a respeito dos supostos “matadores”, que deram cabo do temido “marginal”. Algumas pessoas chegaram a especular que se tratasse de execução empreendida por “pistoleiros” ou

³⁰ Disponível em: <<http://sobralagora.com.br/2012/12/emboscada-mata-elitonio-um-dos-bandidos-mais-procurados-pela-pm-da-regiao-norte/>>. Acesso em: 23 de abril de 2013.

“vingadores”, associados a proprietários, fazendeiros e comerciantes da região; movidos por vingança pessoal ou pela simples repugnância fomentada em relação aos criminosos. Sobre o “fenômeno da pistolagem”, César Barreira aponta (1998, p. 45) que:

O “crime de pistolagem” [...] é bastante claro e preciso, na sua diferença em relação a outros crimes. Tem que haver o pistoleiro, que é quem executa o homicídio, chamado de “serviço”, e o mandante da ação, que é quem paga pelo “serviço” realizado. Essas questões distinguem um crime de outro, deixando claros os seus contornos, não só para os acusados, como para o quadro judicial. Esse dado marca a continuidade e reprodução da violência física, principalmente no meio rural, e representa a complexa rede de relações sociopolíticas, em que o pistoleiro é a ponta final de um grande *iceberg*. A linguagem política e jornalística, quando define o pistoleiro como “autor material do crime”, consegue captar e retratar toda essa dimensão. O pistoleiro é a materialização de um ato, com vários personagens encobertos, autores intelectuais e toda uma rede de proteção, pertencentes à classe dominante (grandes proprietários de terra e políticos) e a setores da polícia e mesmo do poder judicial. A cada prisão e a cada depoimento, novos atores entram em cena.

Frequentemente a violência é apontada como um ingrediente intrínseco ao “código de conduta do sertão”: sistema de moralidades com valores concentrados nas noções de coragem, virtude, valentia e, sobretudo, na “honra”, como pode ser visto em Maria Sylvia de Carvalho Franco (1997). Todavia, no que concerne ao bandido Elítonio, observa-se que muitas destas valorações foram bastante avariadas por suas supostas práticas criminais, concentradas principalmente nos casos de estupro relatados pela população:

Caros membros da imprensa, saudações. Em virtude do crescente relato de casos de estupro na zona norte, em especial nos interiores das referidas cidades desta região e visando a justiça e o bem comum, enviamos-lhe este e-mail como forma de protesto e de busca de Justiça. Pedimos aos membros da imprensa que enquanto cidadãos, cumpridores de seus direitos, pessoas de bem e que anseiem por justiça que auxiliem a população e a polícia na captura do elemento chamado CICERO L. P., que a mais de um ano, aterroriza a região norte cometendo assaltos e estupros com requintes de crueldade, digno de não ser denominado como humano, mas sim como monstruoso³¹. O indivíduo em questão teve seu nome na mídia bastante abordado no ano passado, quando informações não verdadeiras deram conta de que o mesmo estaria morto e também quando seu comparsa Elítonio foi morto. No entanto, as informações, como já ressaltado, não tinham cunho verídico, e o indivíduo continua a cometer crimes cruéis na zona norte, somando vítimas de assalto e estupro, causando danos não só materiais nas vítimas, mas físicos e psicológicos para toda vida. Enviamos-nos este e-mail na sede de justiça, nada mais que isto, apenas que a justiça seja feita, que mais cidadãos de bem, mulheres, meninas, senhoras, donas de casa não sejam vítimas deste monstro. Pedimos ainda aos membros da imprensa que este indivíduo sempre apareça em suas páginas, que contribuam para a captura dele, cumprindo o seu dever como cidadãos e trazendo mais paz e sensação de justiça às

³¹ “[...] por toda parte onde há multiplicidade, você encontrará também um indivíduo excepcional, e é com ele que terá que fazer aliança para devir-animal. Não um lobo sozinho talvez, mas há o chefe de bando, o senhor da matilha, ou então o antigo chefe destituído que vive agora sozinho, há o Solitário, ou ainda o Demônio” (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 25-26).

vitimas e a toda a população, que indiretamente também é vítima, pois tem seu sossego retirado, estando sempre em constante sensação de medo e insegurança. Não queremos com isto nada do que não nos é dado, ou pelo menos deve ser dado, por direito, a Justiça, paz e segurança. Segue em anexo uma foto do individuo em questão, para fins de divulgação e de reconhecimento por parte da sociedade civil.³²

Embora existam muitas especulações acerca de sua real participação – com muitos de meus interlocutores afirmando, negando ou contradizendo os fatos –, Elitonio fora, de todo modo, marcado muito negativamente de um ponto de vista sociológico. Ele parecia haver extrapolado os limites tolerados até mesmo pelos seus próprios conterrâneos nos sertões, indignados com a crueldade refletida nos atos de um “agente poluidor” (Cf. DOUGLAS, 2014). Segundo Ana Claudia Marques e Jorge Villela (1999, p. 131):

Um crime no sertão pode acarretar a morte ou prisão de seu agente ou a modificação de sua forma de vida. Morte ou prisão, é claro, por vingança privada ou justiça pública, que sempre podem estar confundidas. A modificação da forma de vida pode se dar de duas maneiras: 1. O agente migra para uma região distante (outra cidade ou outro Estado); 2. O agente permanece em seu local de origem, mas abdica de seu local de residência, de sua antiga forma de vida e de seu anterior modo de relacionar-se com o espaço, tornando-se nômade.

Para muitos populares com os quais pude dialogar em Groaíras, a crônica pitoresca do bandido executado no natal do ano de 2012 representava uma verdadeira “dádiva” do ano por vir. Observei que eram nulas as vozes capazes de problematizar o caso, parecendo ofensa proferir determinados comentários públicos que pudessem ser imediatamente interpretados como uma suposta “defesa” dos bandidos, ainda que a intenção fosse a de questionar a sombria execução de Elitonio ou apenas esclarecer os fatos como “realmente” ocorreram. Tornava-se evidente que o assassinato de Elitonio, que em muitos aspectos teria negligenciado o “código de honra” do sertão (FRANCO, 1997, p. 21-64), extrapolando os limites da própria agência criminal, era publicamente desejado e reforçado. Tudo isto respalda a expressão reacionária de todos os dias, de que “bandido bom é bandido morto”.

De outra parte, atentei para o fato de que policiais e bandidos pareciam agir numa “causação circular acumulativa” (MISSE, 2010)³³, com a resolução dos conflitos ocorrendo fora do universo e da lei jurídica – como pode ser visto em César Barreira (2000). Violências e crueldades que evidenciam continuidades e descontinuidades: interpelações dos “agentes da

³² Disponível em: <<http://hidro24horas.blogspot.com.br/2013/10/estuprador-cicero-paiva-ataca-nos.html>>. Acesso em: 22 de maio de 2016.

³³ Com as devidas distinções, considero pertinente destacar: “É como se alguns fatores sociais se alimentassem reciprocamente em algo como uma causação circular acumulativa, gerando, de um lado, acumulação de desvantagens para um segmento da população e, de outro, estratégias aquisitivas partilhadas tanto por agentes criminais quanto por agentes encarregados de reprimi-los” (MISSE, 2010, p. 18).

lei”, nem tão dentro da lei, os “filhos do Estado” (SÁ, 2002): repercutindo em ações dos rebeldes agentes “fora da lei”, os “bandidos da terra”, filhos do sertão. Nesse sentido, a polícia do município de Groaíras, intensamente enredada na trama, parecia estar movida por um sentimento de vingança que se mostrava, em muitos aspectos, intensamente reconhecido e respaldado igualmente por grande parte da população “estabelecida” da região.

O líder anterior do bando criminoso havia assassinado Luiz Carlos da Silva Miranda, sargento da PM groairense, morto durante uma troca de tiros. A morte foi uma resultante trágica da emboscada policial armada quase um ano antes – em 10 de janeiro de 2012 – contra o bandido conhecido como “Luciano do Cariré”. O rapaz acabou sendo morto no local, atingido por tiros dos policiais presentes na operação. Meses após o ocorrido, fechava-se o cerco aos dois últimos integrantes remanescentes da referida quadrilha, tendo como alvo principal o suposto “chefe” ou “líder” consecutivo do bando: como era bastante chamado, o “bandido” Elitônio – amigo e braço direito do falecido “chefe” Luciano. Em certo momento, o Soldado Moreno – segundo interlocutores – lançou a palavra de ordem numa rádio local: “Quem ver o ‘Elitônio vagabundo’ pode mandar bala!”



Figura 3. Quadro em memória ao Sargento Miranda (1958-2012). Fotografia tirada por mim na cadeia pública de Groaíras, em 04 de março de 2016.

Dessa forma, o sucessor acabou extrapolando a fama criminal e a rebeldia do seu líder e comparsa recém assassinado, como era frequentemente veiculado nas rádios. Não apenas em Groaíras, mas em toda a região, havia um “espírito de corpo” policial profundamente afrontado (ELIAS, 1997, p. 136). Policiais militares feridos em seu *status* e honra corporativos. Por ocasião da morte de um bandido e um sargento da PM, na operação policial antes descrita, a dimensão da honra e da vingança entre os dois pólos opostos do conflito – “bandidos e policiais” – intensificara-se grandemente.

O enterro do sargento Miranda no município de Coreaú³⁴, seguido de grandiosa passeata, acabou favorecendo a atmosfera de “tragédia pública”, agravando o ódio aos criminosos foragidos. Desse modo, as ações das forças policiais na região passaram a representar verdadeiras “operações de vingança”, onde cada policial parecia agir como potencial “vingador” ou “justiceiro”: reclamando e reivindicando a honra e a moral de corporação, recentemente extraviadas. Nesse sentido, a “autoridade ferida” – gravitada em torno de um *status* militar corporativo – impossibilitava a harmonia de uma identidade firmada no “orgulho social” e reconhecida por todos.

Segundo Pitt-Rivers (1971, p. 22, tradução livre): “O direito de orgulho é o direito de *status* (no popular, bem como no sentido antropológico da palavra), e o *status* é estabelecido pelo reconhecimento de determinada identidade social.” Ainda que se inicie como um investimento de caráter individual, a vingança logo assume o aspecto de “legião” (VILLELA, 2004, p. 5-6). Por conseguinte, “o espírito de corpo”³⁵ dos homens de farda parece enfatizar e fortalecer a predominância de uma potência corpórea masculinizada que ainda é fortemente respaldada no contexto do interior cearense.

Nesse sentido, a vingança contra os bandidos deveria ser empreendida de modo inteiramente corporativo: por “homens honrados” e em defesa de valores “morais” claramente definidos e legitimados: Deus, família e propriedade. Ainda que mortes não fossem empreendidas por nenhum desses homens *in corpore*, é importante considerar que nas operações de vingança, mesmo que o atirador, matador ou pistoleiro dispare o tiro fatal, a

³⁴ “Miranda é enterrado na cidade de Coreaú”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=c7zRC8k1axQ>>. Acesso em: 12 de junho de 2016.

³⁵ Leonardo Sá (2002) elabora uma discussão interessante e aprofundada sobre a concepção de “espírito de corpo”, relacionado à análise da Polícia Militar do Estado do Ceará. É possível encontrar também o “espírito de corpo” na definição de Deleuze e Guattari (1980, p. 25, grifos dos autores): “Um *corpo* não se reduz a um *organismo*, assim como o espírito de corpo tampouco se reduz à alma de um organismo. O espírito não é melhor, mas ele é volátil, enquanto a alma é gravídica, centro de gravidade. Seria preciso invocar uma origem militar do corpo e do espírito de corpo? Não é o ‘militar’ que conta, mas antes uma origem nômade longínqua. Ibn Khaldoun definia a máquina de guerra nômade por: as famílias ou linhagens, *mais* o espírito de corpo. A máquina de guerra entretém com as famílias uma relação muito diferente daquela do Estado”.

mira e o gatilho são sempre regulados por uma multiplicidade, que orbita um sistema de poderes capazes de determinar por antecipação a efetivação do ato.

Nesse ínterim, após a morte do “bandido” Elitônio, o prefeito do município de Groaíras, Adail Melo, comerciante e empresário de considerável prestígio local – que havia vencido a disputa eleitoral do ano de 2012, com 57,34% dos votos – deveria tomar posse no dia primeiro de janeiro de 2013. Numa atitude considerada no mínimo extravagante – percepção advinda dos próprios groaírenses – o prefeito ordenou o abate de treze bois para as festividades de *réveillon*. Nas próprias palavras de Adail: “Resolvemos inovar, assumimos em 2013, temos 13 bois para fazer churrasco e distribuir ao povo. Churrasco combina com réveillon, então se a posse é dia 1, faremos a festa no Réveillon dia 31 (que de trás pra frente dá 13), estamos pensando em incluir show de fogos também”³⁶.

O *réveillon* dos treze bois, a iniciativa política, a meu ver, nada “inovadora” (Cf. QUEIROZ, 1976) do prefeito groaírense, neutralizava o tratamento do caso enquanto uma problemática de nítida relevância social, simulando uma atmosfera de “superação” e “encerramento” de conflitos armados que revolviam sérias questões de segurança pública, assim como escancarava realidades sórdidas acerca das agências policiais em toda região. Numa visão mais ampla, o caso também era sintomático do recrudescimento da violência e da criminalidade no interior do Estado do Ceará (Cf. WAISELFISZ, 2011, p. 42-56).

Treze bois abatidos, porque “treze” representava o número do ano novo que iniciava, e o “treze” era ainda o número do partido político do novo prefeito de Groaíras. No dia 30 de dezembro, horas antes da “virada” com o banquete público, eu me encontrava de volta à Fortaleza; distanciado do evento que sugeria um grande mau presságio. Afinal de contas, não é pelos mortos que se definem os vivos?

Problematizado não apenas no âmbito do espetáculo político, o grande churrasco público não deixava de simbolizar uma ritualística bizarra de “exorcismo social”. O esconjuro da imagem do “vagabundo” assassinado sugere uma representação de um problemático *continuum* assentado nas relações firmadas entre “mortos” e “não-mortos”, “vívidos” e “matáveis”. O espetáculo da morte “recalcada” no plano social (ELIAS, 2001, p. 15) e inibida no grande festejo público traria o vislumbre de se saber ausente o discurso de um corpo socialmente pesado, carregado, maculado, que deveria ser expurgado do fervor coletivo dos “seres viventes” (Cf. MARTINS, p. 135-172).

³⁶ Disponível em: <<http://sobralagora.com.br/2012/12/13-bois-para-churrasco-para-o-povao-na-posse-de-adail-pt-de-groairasce-havera-reveillon-na-cidade-dia-31/>>. Acesso em: 23 de abril de 2013.

É certo que qualquer organismo biológico deixa para trás de si, como que impresso no mundo social, uma “trajetória dinâmica” (LATOUR, 2008, p. 39) – sendo um contrário do corpo a morte: ela mesma o estancar dos fluxos, a ausência de dinamismos, a corrupção da indumentária corpórea e dos revestimentos orgânicos.³⁷ A morte do corpo não deve significar, entretanto, o absoluto esvaziamento dos conteúdos de percurso traçados e das sensibilidades sofridas e infligidas ao corpo, e por ele próprio, no âmbito social³⁸. Como afirma Walter Benjamin (1987, p. 207): “Ora, é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível.”

O “bandido” Elitonio representa um cadáver social disforme que sussurra vozes estranhas, em frequências sociológicas inaudíveis a ouvidos mais desatentos. Todavia, trata-se de “vozes desejanter”, intensamente desejosas de serem captadas, apreendidas e interpretadas por algum observador externo, que deva emergir na prática constante de um olhar analítico e o devido desprendimento. Como nunca é possível preservar vivo todo o corpo, é sempre comum empreender – não apenas simbolicamente – as “mil mortes” do espectro humano expurgável (FOUCAULT, 1987, p. 17)³⁹.

Nesse sentido, apreender Elitonio – torná-lo “objeto”, “sujeito” e “não-corpo” de pesquisa – pode ser ainda uma forma de apropriação dos itinerários dinâmicos de um “anticorpo” social banido, em processo de depuração e decomposição de seus embaraços e embaralhamentos sociais. Reanimá-lo, portanto, é também empreender – com consciência – as suas outras multiplicidades infinitesimais. Como ressalta Gabriel Tarde (2007, p. 65): “Eis o suficiente para provar, creio eu, que a ciência tende a pulverizar o universo, a multiplicar indefinidamente os seres.”

³⁷ Norbert Elias (2001) tece perspectivas geniais a respeito das mudanças no tratamento dispensado aos “moribundos” à luz de um “processo civilizador” (ELIAS, 1993, 2011), sobre noções de comportamentos, atitudes e crenças acerca da morte nas sociedades ocidentais: “A morte é um problema dos vivos. Os mortos não tem problemas. Entre as muitas criaturas que morrem na Terra, a morte constitui um problema só para os seres humanos. Embora compartilhem o nascimento, a doença, a juventude, a maturidade, a velhice e a morte com os animais, apenas eles, dentre todos os vivos, sabem que morrerão; apenas eles podem prever seu próprio fim, estando cientes de que pode ocorrer a qualquer momento e tomando precauções especiais – como indivíduos e como grupos – para proteger-se contra a ameaça da aniquilação” (ELIAS, 2001, p. 10).

³⁸ Nas palavras de Bruno Latour (2008, p. 39): “[...] ou se tem um corpo, se é um corpo; ou está-se morto, é-se cadáver, um número numa macabra contagem de corpos.”

³⁹ “[...] em nossas sociedades, os sistemas punitivos devem ser recolocados em uma certa ‘economia política’ do corpo: ainda que não recorram a castigos violentos ou sangrentos, mesmo quando utilizam métodos ‘suaves’ de trancar ou corrigir, é sempre do corpo que se trata – do corpo e de suas forças, da utilidade e da docilidade delas, de suas repartição e de sua submissão” (FOUCAULT, 1987, p. 23).

2.2 Soldado Moreno: um policial forasteiro

Em campo nunca é suficiente se deixar levar pelo que se expõe diante de nossos olhos, como ressalta Claude Lévi-Strauss (1908-2009)⁴⁰. É necessário ainda se engajar na árdua tarefa de desatar os nós de outros e os engodos de nós mesmos. Ou, indo mais além, é preciso saber ponderar os pré-conceitos observados no outro e, sobretudo, refletir os “microfascismos” que nós mesmos engendramos em dimensões mais densas e moleculares – que contaminam nossas ações e interações no trato cotidiano, íntimo e pessoal, com aqueles que nos cercam (DELEUZE E GUATTARI, 1996). Em suma, deixar-se levar pelos sujeitos com os quais escolhemos – ou não – interagir em campo pode ajudar a erigir experiências bastante enriquecedoras:

O desejo nunca é uma energia pulsional indiferenciada, mas resulta ele próprio de uma montagem elaborada, de um *engineering* de altas interações: toda uma segmentaridade flexível que trata de energias moleculares e determina eventualmente o desejo de já ser fascista. As organizações de esquerda não são as últimas a secretar seus microfascismos. É muito fácil ser antifascista no nível molar, sem ver o fascista que nós mesmos somos, que entretemos e nutrimos, que estimamos em moléculas pessoais e coletivas (DELEUZE E GUATTARI, 1996, p. 93).

Gabriel Tarde (2007) nos ensina que o social é “relação”, logo consiste numa “diferença”, considerando “[...] os graus e os modos de crença, os graus e os modos de desejo dos agentes psíquicos diferentes de nós” (TARDE, 2007, p. 67). Nesse sentido, privilegio as formas como relatos, sensações, emoções e confissões e, sobretudo, “diferenças” vieram povoar os meus sentidos, na relação com um universo social em conflituosidades sucessivas. De que forma experienciar, registrar e interpretar tal intensidade? Creio que essa pode ser uma boa partida na objetivação de si enquanto “sujeito pesquisador”.

Por razões e circunstâncias pessoais, em dezembro de 2012 tive a oportunidade de conviver e dialogar cotidianamente com um “soldado” da polícia militar⁴¹ que se encontrava diretamente envolvido nos conflitos armados analisados – tendo participado inclusive da

⁴⁰ “Ele dizia em suma: *‘Minha cara Françoise, o que convém fazer no trabalho de campo não é tentar reencontrar o que lhe ensinaram ou o que você pode ter lido, mas se deixar levar pelo que se expõe diante dos seus olhos’*. É preciso primeiro observar, para depois interpretar. É preciso deixar-se envolver pelo trabalho de campo. Eram umas poucas palavras, mas fundamentais. Retomei a observação para mim mesma e com ela beneficiei meus próprios alunos” (HÉRITIER, 2009, p. 164, grifos do autor).

⁴¹ Ao longo do trabalho não especificarei a patente e outras informações gerais acerca deste interlocutor, como uma forma de resguardar a sua identidade. Vale ressaltar que “Soldado Moreno” é um pseudônimo inspirado no personagem de Graciliano Ramos, o “Soldado Amarelo”, em *Vidas Secas* (1969).

operação que resultou na morte de um companheiro de farda, o sargento Miranda, e de outro bandido bastante conhecido na região, o temido “Luciano do Cariré”. Moreno estava profundamente engajado na caçada intensiva aos bandidos Elitônio e Cícero.

Naquele contexto, o soldado era muito próximo de familiares com os quais estabeleço pouco contato, de modo que o diálogo foi se tornando praticamente inevitável. Dessa forma, além de ser um personagem chave e de imenso protagonismo no caso, Moreno acabou se tornando um interlocutor inusitado. Entretanto, vale ressaltar que precisei tomar muitas precauções em relação a uma maior “intimidade” com o policial, que de fato poderia constituir um entrave aos objetivos de pesquisa por mim almejados.

Em conversas casuais, o Soldado Moreno costumava relatar a angústia em ter presenciado a morte do parceiro de profissão, o sargento Miranda, “pai de família” e, como frisara várias vezes, uma “pessoa boa”, “homem de grande coração” e “cidadão de bem”. Eu notava que, em suas falas mais emotivas e espontâneas, Moreno ressaltava a mágoa como determinante de suas ações (ANSART, 2004, p. 15), revelando-se então como um “homem do ressentimento” (NIETZSCHE, 1998, p. 30; KONSTAN, 2004, p. 61).

Nesse sentido, o sentimento de vingança em relação aos bandidos parecia impulsioná-lo ainda mais na intensificação das buscas, o que ressaltava também a ideia de cumprimento de “dever” social a qualquer custo. Dar cabo do principal comparsa de Luciano, que havia assassinado o amigo diante de seus olhos, era “ponto de honra” para ele e para os companheiros de farda (Cf. BARREIRA, 2009, p. 37). Segundo Pitt-Rivers (1965, p. 21, tradução livre):

Honra é o valor de uma pessoa aos seus próprios olhos, mas também aos olhos de sua sociedade. É a estimativa de seu valor próprio, sua afirmação de orgulho, mas é também o reconhecimento desta afirmação, sua excelência reconhecida pela sociedade, seu direito ao orgulho.

Moreno havia me confessado que era “prometido de morte” pelos “bandidos”, “vagabundos” e “marginais”, como ele mesmo costuma denominar, embora assumisse uma postura permanente de enfrentamento. O soldado não deixava de transitar em lugares e eventos públicos de lazer na cidade de Groaíras ou sertões da região, desde que estivesse armado e estrategicamente posicionado: em bares, restaurantes e mercadinhos que frequentava. Sempre vigilante, atendo-se às movimentações mais sutis do lugar, observando atentamente quem chegava e quem saía. Por outro lado, por ser natural de outro município e,

portanto, no dizer local, uma pessoa “de fora”, o policial era também intensamente perscrutado por populares: avaliado em seus pequenos atos, gestos e posturas.

Evidenciavam-se inúmeras classificações construídas a partir da noção socialmente compartilhada do que seria “digno” de um membro da polícia militar. Em muitos aspectos, a autoridade incoerente, imoral ou abusiva – em suas posições, comportamentos e gestos – não costuma ser muito “bem vista” e, o que é mais importante, “bem falada” por populares.

Esses tipos de apontamentos cotidianos podem ser claramente identificados em inúmeras notícias de outras épocas. Em matéria veiculada no extinto jornal *Correio do Ceará*, intitulada “Padre acusa delegado”, datada de 28 de outubro de 1967, o groairense Raimundo N. Ximenes reporta com detalhes “morais” curiosos:

Corre rumores na cidade a respeito da substituição do sub-delegado, sargento Antonio dos Santos Filho, que ultimamente não vem correspondendo à confiança que o povo de Groaíras nele depositou. Várias denúncias foram dirigidas ao prefeito, concernentes ao comportamento do referido militar, que segundo os denunciantes tem faltado com o devido respeito a mocinhas e até mesmo a senhoras casadas. Por outro lado, o delegado nega as acusações, afirmando que tudo não passa de calúnia a sua pessoa. Entretanto, o vigário da paróquia, Revmo. Pe. Cleano, dirigiu carta ao deputado João Frederico, historiando o fato e pedindo providências (“Padre acusa delegado”. *Correio do Ceará*, 28 de out. de 19/67; *In: XIMENES*, 2015, p. 31)⁴².

No contexto social pesquisado, observa-se que o sujeito “de fora”, a figura do “forasteiro” ou mesmo do “estrangeiro” – de que tratam Georg Simmel (2005) e Alfred Schutz (2010) – constitui uma categoria social dotada de inúmeras colorações. Observado numa espécie de “psicologia social” (SCHUTZ, 2010), o estranho pode ser um sujeito potencialmente coagido em atitudes, gestos e posturas, sobretudo em relação às suas supostas “ocupações”. Isto se dá mediante pequenas interdições, geralmente veladas, e que jamais se aplicam do mesmo modo aos nativos locais. Destarte, tais interdições podem ser não declaradas, inundadas de sutilezas que aparentam serem mesmo inexistentes, embora se façam concretas em circunstâncias objetivas. Vale ressaltar que, de uma maneira geral, estabeleço como parâmetro o “estrangeiro” delineado por Simmel (2005, p. 265):

⁴² E para respaldar a ideia de desaprovação de figuras de autoridade mediante relativa “pressão popular”, uma notícia veiculada um mês depois destaca: “Está respondendo pela sub-delegacia local o cabo Domingos Carvalho, desde a saída do sargento Antonio dos Santos Filho, que sem dar satisfação ao prefeito Cesário Melo viajou para a capital e não mais voltou. Segundo apuramos, está sendo cogitada a nomeação de um novo delegado para a nossa terra. Enquanto isso o cabo Domingos vai trabalhando a contento de todos, pois conforme suas próprias palavras, pretendo fazer justiça, agindo com imparcialidade” (XIMENES, R. N. “Groaíras sem delegado.” *Correio do Ceará*, 28 de novembro de 67; *In: XIMENES*, 2015, p. 32).

Não se usa aqui, destarte, a noção de estrangeiro no sentido habitual, em relação àquele que vem hoje e amanhã se vai, mas como o que vem hoje e amanhã pode permanecer – porque era possível se mover e, embora não siga adiante, ainda não superou completamente o movimento do ir e vir. Fixo dentro de um determinado raio espacial, onde a sua firmeza transfronteiriça poderia ser considerada análoga ao espaço, a sua posição neste é determinada largamente pelo fato de não pertencer imediatamente a ele, e suas qualidades não podem originar-se e vir dele, nem nele adentrar-se.

É comum que se exerça maior gravidade, vigilância e desconfiança em relação aos “de fora”, que podem ser frequentemente tratados como o “centro das atenções” (Cf. SÁ, 2010, p. 76-77). Entretanto, ser o foco das atenções e eventuais afagos dos nativos do lugar pode ser uma “via de mão dupla”. É preciso saber receber e retribuir as ações simbólicas de acordo com as expectativas coletivas gestadas: numa clara relação de distanciamento e proximidade (Cf. MAUSS, 2003, p. 172). Os que procuram se estabelecer na região, vindos de outros municípios, capitais ou mesmo do exterior, são encarados com olhares muito mais “maliciosos”. Na condição do forasteiro todo gesto é contabilizado, visto se tratar de um sujeito móvel⁴³, que em muitos aspectos denota mínima instabilidade.

Interagir socialmente na intensidade da vida interiorana, no âmbito do contexto social pesquisado por mim, é ter de atender a uma série de prerrogativas sociais inelutáveis. Em geral, referentes à profissão: “comerciante, professor, policial ou delegado”. Trata-se de uma sociedade construída por sobre ressalvas diversas, que tornam enraizadas as vigilâncias comunitárias atenta às recusas, rupturas, rixas ou aceites em fazer parte de grupos que disponham de relativa proeminência regional (Cf. COMERFORD, 2003).

Por conseguinte, avizinhar-se de sujeitos socialmente “mal vistos” – portanto, “estigmatizados” (GOFFMAN, 1988) – é assumir o risco de que as sanções e interdições se tornem ainda mais severas, sobretudo quando previamente deflagradas. É sempre delicado e dispendioso o processo de enquadramento imposto aos “de fora”. Os percalços, erros e acertos para ser aceito como “um de nós”, “tornar-se “gente de casa”; ainda que o retorno à condição de desconfiança seja suplantado apenas nas aparências.

Os olhares insidiosos e sutis consideram quaisquer deslizes cometidos no convívio social: e retornar ao posto de “estranho no ninho” é uma ameaça sempre contingente. O forasteiro precisa (e deve) se portar com extrema polidez e cautela, ainda que assuma uma posição de relativo “prestígio” em determinado contexto sociológico. Nesse sentido, a partir

⁴³ “O estrangeiro é visto e sentido, então, de um lado, como alguém absolutamente móvel. Como um sujeito que surge de vez em quando através de cada contato específico e, entretanto, singularmente, não se encontra vinculado organicamente a nada e a ninguém, nomeadamente, em relação aos estabelecidos parentais, locais e profissionais” (SIMMEL, 2005, p. 267).

de tais elementos, torna-se possível entrever a situação do “estranho” Soldado Moreno, que vinha transitando intensamente atrás de efetivar a captura de Elitônio.

Confesso que ao longo da pesquisa me vi numa situação kafkiana similar ao que é relatado por Leonardo Damasceno de Sá (2002)⁴⁴, no sentido de que eram permanentes as desconfianças e aversões acerca do policial. Mesmo eu sendo filho de ex-militar, comandante de pelotão de choque; por crescer revirando pistolas, engraxando coturnos e separando fardamentos. Na verdade, acabei desenvolvendo uma relação problemática com a figura da autoridade armada, e a figura do Soldado Moreno afluía este sentimento completamente indesejável de uma distanciada austeridade paterna.

Naquele contexto específico eu procurava ignorar o fato de que circular em determinados locais públicos com Moreno fosse estar na mira de olhares vigilantes e curiosos. Além disso, soava-me como bastante remota a ideia de “correr risco de vida”, por conta das recorrentes ameaças de morte que o policial houvera sofrido, pois eu não desejava qualquer espécie de “compromisso” com aquele ou outro policial.

Na realidade, o que mais me causava desconforto naquelas circunstâncias era o fator da intimidade. Posso dizer que de fato tomava muitas precauções em relação a parecer “amigo íntimo” de Moreno – e sempre fazia questão de esclarecer os fatos e não criar mal-entendidos com quem poderia conversar. Algumas pessoas chegavam inclusive a indagar: “Você é gente do Moreno? Imaginei que fosse filho dele!”.

Como há bastante tempo eu não visitava a cidade, de fato não me considerar facilmente “reconhecido” e muito menos socialmente envolvido nas relações locais; sobretudo por me considerar outra espécie de “estrangeiro”, e me posicionar como que “alheio” ao drama popular publicizado pelas rádios e pelas redes de boataria. Todavia, eu estava cada vez mais intrigado com os fatos que se desenrolavam.

Em dezembro de 2012, eu ainda não havia iniciado a pesquisa “oficialmente”, e na ocasião a ideia passava ao largo de minhas preocupações centrais. Curiosamente, acabei assumindo uma postura permanente de observação e, em certa medida, de “investigação” em relação aos casos. Sempre que possível, eu procurava esboçar indagações “desinteressadas”, com naturalidade e intimidade cautelosas. Moreno era, antes de tudo, alguém que eu conhecia há poucas semanas e não por opção pessoal. Eu procurava extrair o máximo de informações que pudessem ser captadas nas confissões do policial, procurando responder questões que

⁴⁴ “Eu possuía uma visão bastante esquemática e emotiva dos policiais militares. Muito antes de me dar como tarefa a construção de uma visão sociológica sobre eles, me guiava por um tipo de pergunta que gostaria de chamar de kafkiana: que tipos de pessoas são eles?” (SÁ, 2002, p. 44).

brotavam espontaneamente: quem eram os criminosos descritos nas rádios e no “boca a boca” popular? O que eles, de fato, praticavam? De onde vinham?

O policial realizou narrativas importantes a respeito da perseguição policial ao bando do falecido “bandido” Luciano, que se arrastara por mais ou menos quatro anos, de 2009 a 2012. Ele me relatou que Luciano era o principal comparsa de outro indivíduo pouco falado nas rádios, que havia morrido em 2009 num tiroteio travado contra um policial “a paisano”, na estrada entre Cariré e Santa Quitéria. Trata-se de “Edvar do Sangradouro”, o sujeito que teria selado o ingresso definitivo de Luciano na “vida braba”.

Eu notava que determinadas informações eram fornecidas de maneira fragmentada e vaga, talvez por Moreno se encontrar ainda imerso na imprevisão da ação, ou “no olho do furacão”, sem uma direção firmemente definida. O policial falava do caso até certo ponto e logo desconversava, por inúmeras vezes modificando completamente o rumo das conversações. A morte do amigo de farda perturbava o policial, e ele me confessara que tinha medo de morrer em possíveis confrontos com bandidos.

De outra parte, os diálogos cotidianos estabelecidos com pessoas próximas geralmente tinham como mote a temática da violência. Eu procurava me fazer presente na cozinha de casa, *locus* primordial das trocas e conversações cotidianas. Na mesa principal, eu colhia relatos curiosos, nas falas de Moreno e de populares que visitavam a residência de meus familiares (Cf. GIARD, 2000, p. 266). Era comum conversar largas horas acerca de assuntos e temáticas variadas: violência, política, religião e até o “sentido da vida”.

Foi na própria câmera fotográfica do Soldado Moreno, em 27 de dezembro 2012, onde pude visualizar pela primeira vez o rosto de Elitônio, dois dias depois de sua execução. Na ocasião, a fotografia do bandido com a frente ensanguentada me causara intensa perturbação. Mesmo não conhecendo a aparência do rapaz, logo deduzi que se tratava do “bandido do sertão”, de que tanto se falava nas rádios e nos noticiários. Moreno havia participado ativamente dos procedimentos policiais de praxe, após a morte de Elitônio, na manhã do dia 26 de dezembro. Manipulando a câmera fotográfica, compreendi que ela era utilizada para construção de um banco de imagens, onde o policial registrava as ocasiões de “cair em campo”: expressão usada por agentes policiais da região, e que significa atender às ocorrências ou mesmo empreender missões mais delicadas (Cf. BRAGA CAVALCANTE, 2016). Em suma, perseguir assaltantes na caatinga, averiguar crimes passionais, mediar brigas familiares e de bar, denúncias de uso e tráfico de drogas, entre outras coisas.

As imagens na câmera eram fortes. A primeira cena mostrava um jovem com uma espécie de boina, camisa de time de futebol e bermuda de surfista do subúrbio, enforcado num galho de árvore, em meio à caatinga ressequida e com o sol a pino: o que aparentava se tratar de mais um suicídio. Nas fotografias posteriores surgiam pessoas baleadas, estiradas na terra seca, e alguns jovens rendidos em “batidas” policiais. Por fim, o jovem Elitônio morto, em frangalhos, detonado por tiros de 12 e *oitão*. Na imagem era possível identificar populares e policiais ao redor do corpo. Em suma, fotografias tiradas em vários lugarejos dos sertões da região: um interessante inventário das operações de rotina policial.

As fotos me faziam refletir de que forma a violência permeava com vigor e ao mesmo tempo com relativa “naturalidade” o cotidiano do soldado Moreno. No trato familiar, entretanto, ele sempre transmitia uma impressão de calma, e me falava até de ser contrário à violência. Dizia detestar armas e só as utilizava porque era seu “dever de profissão”, algo que eu desacreditava. Naquela época o soldado já se mostrava afetado pela estressante carreira na polícia militar, embora procurasse não transparecer as evidências. Em março de 2016 ele me confessara que estava se afastando temporariamente do trabalho, alegando sofrer de depressão, ou como ele mesmo relatou: “alguns distúrbios psicológicos”.

Logo quando comecei a realizar incursões para viabilização do meu projeto de mestrado, a partir do ano de 2014, procurei redobrar os cuidados na relação com Moreno. Elaborei estratégias de tê-lo por perto em ambientes relacionados à convivência familiar, e evitando surgir ao seu lado em espaços públicos na cidade de Groáras e arredores. Eu sabia que o policial era um interlocutor essencial, mas estava convencido de que ele escondia muitas informações, e poderia inclusive impossibilitar a minha “entrada” nos sertões: a devida aproximação das famílias de jovens “fora da lei”, objetivo que me estimulava grandemente em campo. Eu imaginava que se familiares de Elitônio, Cícero ou Luciano – como descobri: famílias extremamente próximas, amigas e solidárias (Cf. WOORTMANN, 1995) – soubessem de alguma proximidade em relação ao Soldado Moreno, eu teria maiores dificuldades em levar a pesquisa adiante. Sendo mais realista, o trabalho se tornaria completamente enviesado. Todavia, minhas precauções se mostraram pertinentes, e só depois é que pude compreender as suas implicações mais profundas.

Expor a minha relação de interlocução comedida com o Soldado Moreno é fundamental para a compreensão da heterogeneidade de circunstâncias nas quais precisei mergulhar, assim como da profunda reflexão anterior a respeito dos passos que ensaiei e concretizei em diferentes etapas do trabalho de campo, inclusive quando ainda não pesquisava

“pra valer” a temática em questão. Tudo isso me propiciou atentar para o fato de que eu não poderia cometer erros bruscos em campo, de modo que o trabalho anterior estaria arruinado. Trata-se de tatear uma profusão de relações sociais delicadas e cheias de meandros, em que as palavras e ações podem adquirir repercussões muito sérias e imediatas. Portanto, um “tema perigoso” (BARREIRA, 1998, p. 19-22), que envolve práticas de violência, abusos, homicídios e crimes perpetrados também por “homens de farda”.

Não apenas em campo, mas no âmbito da própria vida pessoal, é fundamental saber o momento de chegar e o instante exato de partir: reservando o dia e a hora para um possível retorno. E talvez ainda mais importante do que as partidas sejam as “chegadas”, as “entradas”: aquela primeira impressão que fica. Em suma, saber (como) chegar e saber (como) sair de determinadas situações, contextos e territórios sociais específicos – a *quebrada* dos outros –, com humildade e, de preferência, acercado do que considero as “boas ou más companhias”. Inspirações que busquei em Leonardo Sá (2010, p. 75, grifos do autor), na sua instigante pesquisa sobre os jovens na comunidade do *Serviluz*, em Fortaleza:

No campo, é preciso saber chegar e saber sair. Saber chegar com humildade. Saber entrar na comunidade de modo respeitoso. Saber agir com conhecimento ao entrar para se sair bem. Saber sair, mantendo as portas abertas para uma próxima visita e o posterior estreitamento dos laços. Existe uma etiqueta a ser considerada. Não é por que as pessoas são pobres, materialmente falando, que elas não têm sentimentos de nobreza e dignidade própria na camada ‘nós’ das pessoas. Qualquer pessoa é bem-vinda desde que saiba respeitar o fato de estar entrando na *quebrada* dos outros.

Vale ressaltar que em determinado momento precisei me afastar permanentemente de meus familiares na cidade de Groaíras, justamente por não se mostrar prudente estar mais próximo do Soldado Moreno. Como ressaltei anteriormente, a proximidade poderia enviesar a minha relação de interlocução com os indivíduos e grupos entrincheirados do outro lado, nas margens insondáveis do conflito: as famílias dos sertões que são, sem sombra de dúvidas, os mais desfavorecidos, escamoteados e negligenciados nos trâmites sociais observados ao longo desta pesquisa. O distanciamento se mostrou essencial, e não hesitei em torná-lo concreto no momento oportuno. É necessário ressaltar que ao longo do texto, e em capítulos posteriores, farei sutis referências ao Soldado Moreno: considerando que ele se constitui um interlocutor imprescindível na trama. Todavia, farei com que o leitor compreenda ao longo do trabalho as razões das minhas precauções em relação ao policial.

2.3 Estrada perdida: de “Edvar do Sangradouro” a “Luciano do Cariré”

“Eu perdi o que eu tinha e o que não tinha... E o que eu falo? Eu falo pra todos aqueles que hoje *vêve* na vida do crime e aqueles que anda entrando! Que saia! Essa vida não tem... Essa vida não existe! Não existe essa vida! Não faça da sua vida uma estrada aonde todo mundo passa e ninguém fica, que ela toda fica vazia! É como a minha que eu vivo hoje... Vazia! Perdi toda minha amizade que eu tinha antigamente, porque eu me envolvi nessa vida! Hoje eu me sinto quase com a minha vida vazia... No total vazio... Porque hoje eu sou uma pessoa que acredita em Deus!”

(Fala de Valdir, irmão e ex-comparsa do bandido Edvar do Sangradouro⁴⁵).

O bando de Edvar do Sangradouro foi sem dúvida um dos mais numerosos e violentos já existentes na microrregião de Sobral entre os anos de 2006 e 2009. Gestado nos sertões entre os municípios de Varjota, Santa Quitéria, Cariré e Groaíras, atuava nas estradas e acessos espalhados por toda a região, chegando a praticar assaltos inclusive no Estado do Maranhão. A quadrilha se caracterizava por não possuir uma formação fixa definida, realizando uma espécie de revezamento na participação de diferentes integrantes, a partir de diferentes “competências” e “considerações” (AQUINO e SÁ, 2014); estratégias que dificultam as agências das autoridades policiais.

Todavia, nas ações era possível observar, em parte, a ausência de abusos sexuais relatados – o que se mostrava constante nas práticas criminais de outros bandidos da região, por exemplo –, com o foco voltado para as performances nos roubos e assaltos. Os homicídios, entretanto, eram muito corriqueiros nas ações de Edvar e seus “cabras”. As mortes funcionavam como uma demonstração de força, a ameaça de terror e letalidade; servindo ainda para “desarranjar” psicologicamente as vítimas em violentas ações performáticas (AQUINO, 2009)⁴⁶.

⁴⁵ Para que o leitor adquira uma maior amplitude de tudo que será apresentado especialmente deste tópico em diante, sugiro conferir a interessante entrevista concedida por Valdir, irmão do bandido Edvar do Sangradouro, no dia 29 de dezembro de 2012, na presença do sargento Linha Dura. Na entrevista é possível compreender a relação dos bandidos Elitônio, Luciano e Cícero com o bando mais numeroso existente na região. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qC1ADLHeCtI>>. Acesso em: 25 de junho de 2016.

⁴⁶ Jania Perla Diógenes de Aquino (2009) analisa os bastidores das ações, escolha de “competências”, “performances” e “reputações” de integrantes de quadrilhas na prática dos assaltos de grande ou pequeno porte: “O momento de executar roubos envolve suspense, corresponde aos instantes de enfrentamento da *quadrilha* com as pessoas que sofrem o assalto, tendo o risco de a Polícia ser acionada ao local do crime antes que seus protagonistas tenham empreendido a fuga. As competências necessárias nessas ocasiões estão associadas ao uso de armas de fogo, à condução de veículos e à coragem de arriscar a integridade física. Há possibilidades de prisões, mortes e ferimentos. No período anterior à efetivação do assalto, por sua vez, um conjunto de habilidades e técnicas são acionados em decorrência do seu planejamento e viabilização de sua infra-estrutura. Nestas fases de elaboração, mais do que audácia, é importante que a equipe criminosa seja discreta e reservada, evitando despertar suspeitas sobre os procedimentos e a presença de seus integrantes no lugar em que o assalto será realizado.” (AQUINO, op. cit., p. 20, grifos da autora).

Edvar Pereira Mesquita, um típico cabra do sertão “metido à *valente*” (MARQUES, 2002; Cf. MALVEIRA, 1990), era natural do sertão de Jucá, tendo vivido parte de sua vida no sertão de Sangradouro, zona rural do município de Santa Quitéria – daí advindo o apelido que parece querer localizá-lo territorialmente. O bandido atuava ao lado de dois irmãos, que teriam sido supostamente levados por ele para a “vida braba”. Valdir e Laelton, que atualmente se encontram presos no município de Varjota. Com o tempo, a fama do bando se construiu pelo nome do irmão que se mostrava mais experiente e afeito às artimanhas do crime, o próprio Edvar, que seria ainda um profundo conhecedor das rodovias, estradas, veredas, atalhos e esconderijos dos sertões de toda a região.⁴⁷

Edvar do Sangradouro era ainda um verdadeiro estrategista, capaz de visualizar com perspicácia as oportunidades mais propícias à agência criminal, convocando e selecionando os seus comparsas, ou “capangas”, por características físicas, psicológicas e estilos de atuação (devidamente orientados nas funções específicas referentes a cada tipo de ação empreendida). O bando contava com mais de quinze integrantes ativos, incluindo Elitônio (ainda sem grande protagonismo) e Cícero – como me fora relatado por um interlocutor que chegou a ser persuadido a ingressar no bando. A quadrilha ainda dispunha de inúmeros *coiteiros* espalhados em várias localidades da região.

O bando era formado por jovens sertanejos sem ter mais “nada a perder”. Eram chamados ainda alguns rapazes de “temperamento difícil”: *folgados*, *invocados* e *valentões*, expressões muito corriqueiras na região. Ou, em termos sociológicos: indivíduos de “carreiras desviantes” (BECKER, 2008, p. 36-49).⁴⁸ Todos eram “recrutados” por outros conterrâneos, alguns prontamente convencidos e interessados nas promessas inglórias da “vida braba”. Os sujeitos mais hesitantes, por assim dizer, seriam convencidos pelo próprio Edvar, conhecido popularmente como verdadeiro “mestre da lábia”. Nesse sentido, era comum que os integrantes do bando fossem naturais dos inúmeros sertões espalhados pela microrregião de Sobral, localizados entre os municípios de Varjota, Cariré, Groaíras e Santa Quitéria.

⁴⁷ “O ‘valentão’ é uma figura muitas vezes evocada na literatura descritiva de viajantes e folcloristas sobre o sertão e o sertanejo. Na definição mais estrita possível, trata-se do homem conhecido pelos seus arroubos de violência física como reação a motivações de qualquer tipo e temido por essa razão. Como não podia deixar de ser, o sentido do substantivo valentão repete a elasticidade do adjetivo valente. Aplica-se a um largo espectro de homens e de condutas. Mesmo assim, reproduzem-se certos elementos articulados à figura, sobretudo à encenação pública dos arroubos físicos” (MARQUES, 2002, p. 170).

⁴⁸ “[...] ser apanhado e marcado como desviante tem importantes consequências para a participação social mais ampla e a auto-imagem do indivíduo. A mais importante é uma mudança drástica em sua identidade pública. Cometer o ato impróprio e ser apanhado lhe confere um novo status. Ele revelou-se um tipo de pessoa diferente do que supostamente era. É rotulado de ‘bicha’, ‘viciado’, ‘maluco’ ou ‘doido’, e tratado como tal” (BECKER, 2008, p. 42).

Distantes 11, 33 km (e 67.7 km por estrada), Groaíras e Cariré, apesar de serem cidades vizinhas, não dispunham de uma rodovia asfaltada de acesso. Era necessário se dirigir até Sobral e de lá tomar outras conduções, a fim de transitar com relativa segurança entre uma cidade e outra. Nos métodos mais alternativos, seria preciso se aventurar por caminhos arriscados e irregulares de dentro, margeados pela densa caatinga: estradas de terra seca rodeadas de rochas, cascalhos, pedregulhos e altos imensos que exigiam determinação e “prontidão constante para a luta [...] em defesa da vida ou das posses contra o ataque físico” (ELIAS, 1993, p. 196). Em alguns trechos era preciso descer dos veículos para a realização segura das travessias, com a situação sendo ainda pior em épocas de chuvas. Os mais afoitos ou exímios conhecedores da geografia local arriscavam-se nos percursos. Outros menos afortunados acabavam caindo nas mãos de salteadores escondidos no mato.

Pode-se dizer que as ações dos novos e velhos bandos armados acabaram modificando a própria cartografia do lugar, forçando medidas governamentais referentes a mudanças significativas no panorama físico de inúmeras estradas e acessos na região. Medidas de mobilidade aliadas à sensação de maior segurança nos trajetos intermunicipais. Algumas rodovias modificaram-se grandemente, longas estradas de terra foram asfaltadas e niveladas em acordos políticos estabelecidos entre os municípios de Groaíras e Cariré, nos anos de 2013 a 2015. As obras foram pressionadas pela população e órgãos de segurança pública, ressaltando a melhoria das vias para melhorar a eficácia no combate a ação de violentas *gangues* de assaltantes e saqueadores, que se aproveitavam das precárias condições das estradas para praticar assaltos contra transeuntes⁴⁹.

A quadrilha armada de Edvar – articulada, numerosa e ambiciosa –, nascida no coração dos sertões, com bandidos já largamente procurados pela polícia local, espalhou terror mediante inúmeros assaltos a *topiks*, agências bancárias e comércios: interpelando viajantes e transeuntes que experimentavam o grandioso desprazer em cruzar os seus itinerários criminais. Era corriqueiro que os bandidos realizassem tocaias armadas com os famosos *grampos* (pregos ou alfinetes enormes) colocados nas encruzilhadas das estradas que ligam municípios, córregos, fazendas e lugarejos da região. Tendo sido desarticulada por ações conjuntas de destacamentos policiais de Groaíras, Cariré, Varjota e Santa Quitéria, as

⁴⁹ “Para o prefeito Antônio Martins, as novas CEs são mais que um benefício para o povo da cidade de Cariré. Já segundo o prefeito Adail Melo, ‘para as cidades que as estradas cortam, além de haver maior conexão e distribuição de renda entre elas, terá ainda uma melhora no acesso às localidades, que vai ficar mais seguro. Com a nova estrada, a distância até a cidade de São Benedito, por exemplo, diminuiu 27 quilômetros, o que impacta diretamente os moradores’, observou.” Disponível em: <<http://www.blogdokleberteixeira.com/2015/11/rodovia-liga-liga-carire-groairas-e.html>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2016.

mortes e prisões de muitos integrantes acabaram inviabilizando as ações da quadrilha que já havia lançado suas sementes: encarnadas em outro bandido “em ascensão”, que atuava intensamente ao lado de Edvar do Sangradouro, Luciano do Cariré.

Presos no interior do Maranhão dois integrantes da quadrilha acusada de assaltar um ônibus na BR-222, próximo à Sobral. "Edvar do Sangradouro", considerado o chefe do bando, e Luciano Fernandes de Oliveira foram presos na cidade de Presidente Dutra. O assalto foi em setembro. Segundo a polícia, o grupo atacou o ônibus de sacoleiros que vinha do Maranhão para Fortaleza na BR-222. Os assaltantes levaram R\$ 10 mil dos passageiros e mataram o motorista. Outros 4 homens já estão na Cadeia de Sobral. "Edvar do Sangradouro", um dos presos pela polícia maranhense, é foragido da Justiça e condenado por vários crimes, entre eles assalto, assassinato e roubo seguido de morte (18 de dezembro de 2008).⁵⁰

Agindo entre velhas passagens e areais, tradição praticada por antigos bandos atuantes na microrregião de Sobral, foi lá onde Edvar teve um mau encontro com a morte, ao tentar assaltar um policial militar do município de Canindé, que pilotava uma motocicleta às 5 horas da manhã, regressando de uma festa ocorrida na cidade de Catunda. Tendo deixado o revólver no bagageiro, juntamente com o *garupa* (passageiro) da moto, ao se deparar com os bandidos, o policial acabou caindo no acostamento. Em meio à confusão, ele ainda teve tempo de sacar da arma, travando intensa troca de tiros com os bandidos. Edvar acabou levando a pior no combate. O comparsa, por sua vez, que teria sido supostamente baleado, não chegou a ser identificado pelo policial, pois conseguiu enveredar na caatinga e sumir. Alguns desconfiam de que se tratasse de Luciano do Cariré, que na época ainda não tinha tanta proeminência quanto o camarada recém falecido.

Segundo relatos, com a morte de Edvar do Sangradouro, alguns jovens que não foram presos, ou não sucumbiram tragicamente em confrontos com policiais, decidiram abandonar a vida do crime: mudando-se para outros sertões, principalmente para o Rio de Janeiro ou simplesmente “sumindo do mapa”, passando a viver no completo anonimato. Muitos eram motivados pelo temor de cair nas mãos de policiais e sofrer “o pão que o diabo amassou”, na cadeia, constantemente atemorizados por relatos de torturas diárias praticadas em presídios da região. Outros se enchiam de arrependimento e buscavam levar o que se considera uma “vida direita”: casar, trabalhar e ter filhos. Os irmãos de Edvar, Laelton e Valdir, foram presos nos anos posteriores. O irmão mais moço, Laelton, foi detido em sua residência em Santa Quitéria pelo sargento da polícia militar de Varjota, o policial “B Sousa”,

⁵⁰ Disponível em: <<http://www.cearaenoticia.com.br/2008/12/edvar-do-sangradouro-presos-no-maranhao.html>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2016.

conhecido como Linha Dura. Na ocasião o mais jovem irmão de Edvar estava munido de uma pistola artesanal e dois “motores bomba”.

Um dos comparsas mais próximo de Edvar, Luciano do Cariré, ardiloso conhecedor dos mecanismos e artimanhas do crime, tinha fama de agir nos bastidores, possuindo também grande força de convencimento entre os seus conterrâneos. Nesse contexto, começava a se esboçar a proeminência de três personagens próximos e indissociáveis naquela trama de relações: Luciano, Cícero e Elitônio. As experiências adquiridas ao longo da carreira criminal de Luciano favoreceram a formação de um bando menos numeroso, porém não menos audacioso e violento se comparados às quadrilhas armadas de Edvar e seus irmãos. Entretanto, é válido ressaltar que são muitas histórias e infinitas versões, sobretudo no sentido das supostas “famas” dos bandos.

2.4 Os meninos da Pedra

Antes de adentrar o presente tópico é necessário realizar alguns importantes adendos, a fim de não confundir possíveis correlações feitas pelo prezado leitor. Ressalto que os encontros ocorridos ao longo da pesquisa possuem ritmos e temporalidades divergentes. Por força das circunstâncias, eventuais impedimentos e adiamentos relacionados ao campo empírico, alguns personagens e interlocutores só puderam ser entrevistados ou mesmo reconhecidos em ocasiões descontínuas e inseridos em situações e conjunturas diferenciadas: o que impossibilita seguir uma linearidade mais rigorosa.

Como dito na introdução, no capítulo II farei a devida exposição dos meus primeiros passos nos sertões da Pedra; contexto em que, de fato, ainda não conhecia pessoalmente os familiares de Elitônio, com os quais pude estabelecer contatos regulares ao longo do trabalho de campo: Dona Virgínia (mãe); Seu João, (pai); Leila (irmã); Liana (irmã); Elias (irmão); e Hélio (irmão).

Por outro lado, mostra-se imprescindível introduzir aqui três importantes interlocutores. Primeiramente o Seu Anísio, agricultor e morador nativo do sertão da Pedra, que me recebeu em sua casa com um grande sorriso no rosto, um almoço delicioso preparado por sua esposa e uma ótima disposição e humor em conversar a respeito de assuntos tão sérios e delicados. Por inúmeras razões que serão explicitadas com maior riqueza de detalhes no terceiro capítulo – buscando, portanto, respeitar alguma linearidade narrativa na trama –, é

importante enfatizar que conheci o Seu Anísio somente nos últimos momentos cruciais da pesquisa, por força das diferentes circunstâncias envolvidas. Por conseguinte, apresento ainda o Arnaldo, afilhado de Seu Anísio, que é também um velho amigo dos tempos em que residi na cidade de Groaíras, de 2001 a 2002.

E, por fim, utilizo ainda um breve relato de Elias, o irmão mais velho de Elitônio, entrevistado no sertão da Pedra no dia 28 de fevereiro de 2016. Ressalta-se que os depoimentos serão utilizados também como uma forma de elucidar as práticas e a organização dos primeiros grandes bandos formados naqueles sertões, explicitando ainda a relação dos jovens com a “cidade maravilhosa”, de modo que não irei me deter aqui em aspectos que possam escapar aos elementos considerados mais pertinentes.

Nascido no Estado do Rio de Janeiro, Arnaldo foi criado no famoso *Complexo do Alemão*, e como ele mesmo diz bem humorado: “Nasci foi com a bandidagem já na porta de casa!” Ressalto que em seus depoimentos, o interlocutor fará algumas breves referências às visitas que eu já havia realizado aos sertões da Pedra, considerando o contexto das entrevistas de Arnaldo, realizadas em Sobral no dia 27 de fevereiro de 2016.

De todo modo, o relato não distorce ou diminui o valor do que poderá ser tratado em capítulos posteriores. Ao contrário, é uma forma de abordar uma época mais específica e introdutória do contexto social, familiar e afetivo pesquisado: algo que possa gerar alguma familiaridade prévia com a atmosfera humana do referido sertão. Nesse sentido, Arnaldo – que é artista, professor, ator de teatro e também sociólogo –, veio embora para o Ceará ainda “moleque”, juntamente com sua mãe, que é groaírensse. Chegando ao Ceará, após sofrerem muitas dificuldades no Rio de Janeiro, a família foi morar em Groaíras, como ele mesmo relata:

ARNALDO: Cara, eu nasci em Duque de Caxias, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, certo? Uma área, uma área extremamente violenta... Que é uma área pobre do Rio... Eu não sou carioca, eu sou fluminense... Filho de nordestina com um cara, um *promissor vagabundo*. É, filho de um militar que através dos filhos não teve uma continuidade de estrutura... E morei em várias cidades e lugares do Rio de Janeiro até os treze anos de idade... Dentre eles eu morei no Complexo do Alemão. Que é aquele morro que vez em quando passa na televisão e tal, em cadeia nacional. Onde teve aquela invasão que... Acho que foi em 2008 ou em 2009, 2010⁵¹, por aí... Ouve aquele processo de pacificação no Rio e tal. E teve um momento que foi muito forte, que foi a invasão da tropa lá no Complexo do Alemão, foi ao vivo, um tiroteio ao vivo, uns bandidos correndo, não sei se tu se lembra a Globo mostrando isso... Globo, Fantástico, os bandidos correndo, a polícia atrás, helicóptero, enfim... Pra gerar ocupação, que se eu não me engano era pra Copa do Mundo de 2014 [...]

⁵¹ “Começa a invasão no Complexo do Alemão 28/11/2010”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FINOQwgIj88>>. Acesso em: 25 de maio de 2016.

Então eu morei naquele morro, no Complexo do Alemão... Com a minha mãe, uma irmã, e nessa época minha mãe já era solteira separada do meu pai. Eu morava na casa de uma tia, morava na casa de outra tia, primo... E assim a gente ia... Até a minha mãe conseguir alugar uma casa e tal. Mas eu sou cria dali também, do Rio de Janeiro, do Complexo do Alemão... [...]

E algumas vez na minha infância, Paulo, eu vim pro Ceará... Nessas vindas pro Ceará na minha infância foi onde eu tive contato com a família do rapaz que tu pesquisa, do Elitônio, né? A Dona Virgínia, o Seu João, etc etc... Nesse período, nessas vindas que eu vinha pro Ceará, na infância, fazia amizade com a galera dali daquela área ali, daquela região do meu avô e da minha avó, que tinha esses meninos aí, os filhos da Dona Virgínia, que a gente brincava de bola, na beira do rio, nos campinhos e tal... Rolava todo tipo de brincadeira! Tinha banda de... Banda de... Lembrei disso agora ó! Banda de forró, a gente tocava nas noite! Banda de forró! A gente fazia umas bandinha de lata e tal! A galera ia tocar... A galera do Seu João, pai de Elitônio, tem uma galera metida com arte, né? Com música, não sei se tu se ligou deles lá! Inclusive o Seu João era uma figura que tinha uma sanfona e tal, rolava uns forró na casa dele, onde é a casa daquela filha que a gente foi visitar e tal... Então a galera tinha um tino pra música, né? Então a gente fazia uma banda de forró, aí eu pegava uns prato véi e ficava batendo, enfim! Coisa de menino, debaixo de oiticica, com uma lamparina! Lamparina! Olha! Lamparina! Olha a rumação! (Risos) Uma lamparina, as meninazinha réa ali perto! Menino réi frescando de tocar forró! Aí voltava pro Rio de Janeiro! Pá! Cultura extremamente diferente e tal! [...]

Na adolescência, quando eu cheguei com treze anos lá (na Pedra), aí eu não tive mais contato com os meninos não... Com a turma da família da Dona Virgínia... Com treze anos, quando vim de vez, né. Quando eu vim morar de vez aqui no Ceará, eu morava em Groaíras, no caso, com a minha mãe. Aí eu ia pro sertão e tal... Nessas idas pro sertão eu conheci a irmã do Cícero... É que, na verdade a gente se chama até de primo, né, Paulo? Que a mãe do Cícero, a senhora Cândida Josias, é madrinha da minha mãe, aquelas história de madrinha de fogo, né? Aquelas coisa de fogueira de antigamente e tal⁵². Vizinha da minha vó, né, enfim... Daquela região ali, e a gente, eu e a irmã do Cícero, se tratava de primo, pá, num sei o quê, essa brincadeira, forrozinho e pá, a gente se amassava... Aí tivemos um rolo, né? Ela é aquela figura que eu te falei, né? Aquela figura do sertão, do interior do início da década de 2000. Tô falando de 2000, 2001 isso... Mas ela era uma figura muito descolada. Uma menina já pra frente da época dela ali, né? Se ela queria ficar, ela queria ficar! Se ela quisesse, enfim, fazer o que ela tinha que fazer, ela fazia e sem se importar com a galera. Eu tive uns ficas com ela, tive uns rolos com ela que durou muito tempo, sabe? Tipo, depois parava, a gente parava... Coisa de fica, de fica, sempre que a gente se via a gente ficava... Acho que até 2008 ainda, ainda rolou um fica assim entre eu e ela... Às vezes ela com companheiro, eu com companheira, mas vez ou outra ainda rolava alguma coisa quando a gente se via ou quando nós estávamos solteiros e tal... (Sobral, 27 de fevereiro de 2016).

⁵² “Até poucos anos atrás era comum as pessoas se tornarem padrinhos, madrinhas, afilhadas ou afilhados, ou mesmo primos e primas *de fogueira*. Para tanto, aqueles que, por vontade mútua, desejavam tornar-se padrinho e afilhado de fogueira, realizavam um pequeno ritual na noite da festa de um dos santos juninos (Santo Antônio, São João ou São Pedro). Diante da fogueira, padrinho e afilhado davam-se as mãos e proferiam a seguinte fórmula: ‘Santo Antônio disse, São Pedro confirmou que você há de ser meu padrinho, que São João mandou’. Em seguida, o padrinho repetia a fórmula, substituindo então a palavra ‘padrinho’ por ‘afilhado’. Ditas estas juras, ambos davam duas voltas de mãos dadas ao redor da fogueira para selar o compromisso, exclamando: ‘Viva a São João! Viva a Santo Antônio! Viva a São Pedro! Viva a nós, meu padrinho! Viva a nós, meu afilhado!’. Já os padrinhos e madrinhas *de apresentação*, geralmente jovens muito próximos da mãe e da criança, eram aqueles que, no dia do batismo, tinham a função de levar *nos braços* o pagão até à igreja e apresentá-lo aos futuros padrinhos de batismo” (MAIA, 2008, em nota de rodapé, p. 59, grifos da autora).

No relato de Arnaldo é possível delinear elementos interessantes. Por um lado, a miséria e dureza vivenciada na grande metrópole e, de outro lado, a ludicidade da infância frequentando os sertões cearenses: conhecendo e convivendo diretamente com os garotos que faziam parte de um mesmo círculo afetivo e familiar – incluindo Elitônio (seus irmãos e irmãs), Cícero e Luciano.

Foi essas diferentes culturas que eu transitei. Cultura do Estado do Rio de Janeiro, cultura do Estado do Ceará! É... E culturas de convívio também entre famílias... É... Eu tenho muitas mães, saca? Eu tenho mãe-tia, eu tenho tia de Duque de Caxias, tia do Complexo do Alemão... Cada uma ajudaram a minha mãe a me criar, até a minha mãe depois encontrar um outro cara, né? Com o Marcos (padrasto) eu tinha já três ou quatro anos de idade! Então de um até dois, três anos, eu fui criado por muitas pessoas, né? Minha mãe não tinha casa, não tinha onde ficar, não tinha como pagar aluguel... E a gente ficava de favor na casa de um, na casa de outro, né? Eu considero, Paulo, que isso foi fundamental pra minha escolha profissional, saca velho? Ou seja, eu vim fazer sociologia, né? Como algo que vinha de dentro de mim... Não era, não foi uma coisa assim pensada racionalmente não: “Vou ser a partir de agora cientista social” Não! Foi algo que foi o caminho, sabe? As escolhas foram percorrendo pra isso... Mas eu digo que isso já foi lá na minha base, na infância, saca? O fato da sociologia me permitir a estudar culturas, o fato da sociologia me permitir a estudar educação, o fato da sociologia me permitir a estudar política... Enfim, não ser uma única coisa: ou seja, tudo que eu fui na infância, né? Eu não fui uma única coisa: eu fui um carioca, eu fui um cearense, né? Eu fui filho de um promissor vagabundo, eu fui filho de mãe solteira, parentes, putas! Eu fui filho de padrastos, filho de muitas mães, né? E aí, em cada casa era um costume diferente, saca? E por isso essa minha facilidade de adentrar em vários espaços, de conviver e tal... E isso foi essencial pra sociologia... (Sobral, 27 de fev. de 2016).

O Seu Anísio, por sua vez, é alguém que sempre acompanhou de perto o crescimento dos garotos, assim como as façanhas dos contraventores que mais tarde se tornaram “famosos” pelas estripulias criminais e perseguições da polícia. Como ele mesmo relata, inicialmente a respeito de Luciano – o que possibilita retomar as questões referentes às suas supostas práticas criminais e relação com a formação dos bandos armados:

SEU ANÍSIO: O Luciano dava pra ver a maldade dele, né? Ele também começou assim com coisa pequena... Arrebentando uma casinha aqui e aculá da região. [...] A gente tem bomba no rio, motor, ele ia lá e dava um prego de qualquer jeito, né? Enchia de areia, essas coisas, pra num funcionar mais! Aí ele começou assim fazendo essas sem vergonha, né? Aí daí foi piorando [...] Nego não bota bomba dentro do ri pra puxar água? Ele ia lá, tinha motor, o motor ele enchia de areia aí... Porra, não funcionava nunca mais! [...] Só mesmo pra fazer o mal! Só pra fazer o mal! Não era outra coisa! [...] O Luciano era o pior... Mas fora! Aqui não! Quando ele ficou na fama mesmo do *vagabundo* ele não fazia mais nada aqui na região não! [...] Ele começou na traquinagem, da traquinagem ele virou o *bandidão* mermo! E depois que ele virou o bandido, pronto! [...] E ele respeitava todo mundo, não assaltava! E não tinha assalto por aqui depois, quando ele tava vivo... Num tinha assalto não! Ele começou assim nesses roubim que eu falei: arrebentando uma casa... Teve um bocado deles aí que até desistiu, né? Por causa que as negrada ia descobrindo! Aí ficou só ele mesmo, desses mais velho... [...] O Fernando do Zé Cosmo... Tu chegou a conhecer o Nando? (falando com Arnaldo) Começou junto com ele também.

Arrebetando casa, mas aí ele desistiu, né? Foi preso! Pegou muita peia da polícia ainda uns dia! Aí desistiu... Foi pro Ri de janeiro aí véve trabalhando por lá... Véve no Rio de Janeiro, trabalhando... Teve outro também, o menino do Baixim, também andou arrebetando uma casa do Adão, que faz festa lá em cima! Que fica perto de Malhada Grande. Arrebetaram a casa dele lá, que ele vendia gasolina, pegaram um montão de gasolina dele! O fi do Baixim tava no mei também... Mas também desistiu, né? Véve no Rio de Janeiro trabalhando! Aqui e acolá ele vem passear por aqui. (Pedra, 28 de fevereiro de 2016).

Não apenas por ter supostamente influenciado Elitônio a enveredar no meio criminal – informação que parece bastante consensual entre todos os meus interlocutores –, Luciano é um personagem que desde o início me despertou imensa curiosidade, e sobre o qual pude ouvir estórias e boatos instigantes, narrados por pessoas com as quais pude multiplicar e experimentar reflexões e perspectivas (CASTRO, 2002) em viagens realizadas ao sertão. Luciano do Cariré é considerado por muitos como uma espécie de “tutor” da carreira criminal do jovem Elitônio e também de Cícero: sendo colocado inclusive como detentor de determinada *malícia* ou “intenções maléficas” (DOUGLAS, 2014, p. 77).

Todavia, existem pistas de que Elitônio teria sido convencido pelo primo Cícero⁵³, outro filho legítimo do sertão, que já havia ingressado no “meio” criminal (“o lado errado”). Sendo muito jovem, Elitônio “pegou o bando andando”, supostamente aos 18 anos de idade. Nesse contexto, a fama de Luciano já era largamente difundida em toda a região Noroeste do Estado e microrregião de Sobral. Todavia, mesmo com a pouca idade, o rapaz da Pedra ficou conhecido por suas audaciosas façanhas contra agentes policiais.

SEU ANÍSIO: O Cícero é primo do Elitônio! Porque é que o Elitônio foi pro *lado errado*? Por causa do Cícero, foi o Cícero que tirou ele, foi o Cícero que tirou ele... Porque o Cícero já era mais velho também, né? Já tava no meio... Aí através dele, Elitônio, um garotín novo... Talvez uns dezessete anos, dezoito anos... Aí começou a andar no meio, né? [...] Eu me lembro que o primeiro, o primeiro... (Pensando) Ele andou fazendo uns assalto, a polícia tava atrás dele... A polícia chegou a pegar ele ali perto da casa do Afrânio Zezo, né? O finado Afrânio Zezo... Ali do outro lado do rio... [...] A polícia pegou ele, o Elitônio! Ele novim, num tinha vinte ano ainda não! No começo logo! A polícia pegou ele... Parece que deu uma bobeira, né? Foram botar ele na viatura... Botou ele na viatura e não fechou a viatura na hora, né? E nem ele tava algemado! Ele foi e saiu correndo! (Risos) Aí a polícia meteu tiro! Mas não pegou nenhum nele! Até que eu saí de casa, ele tarra escondido aqui... Num tem esse campo aqui? (Apontando) Tava aqui nesse campo aqui... Esse depois da casa da Liduína! Passou a tarde todinha por aí! E a polícia de Groaíra andando atrás dele por lá, né? E ele do lado de cá... (Risos) Novim, cara! No começo, foi no começo mermo da coisa! (Pedra, 28 de fev. de 2016).

⁵³ “O anômalo, o elemento preferencial da matilha, não tem nada a ver com o indivíduo preferido, doméstico e psicanalítico” (DELEUZE E GUATTARI, 1997a, p. 26-27).

Supostamente seduzido pelas promessas de Luciano, de dinheiro fácil, fama e respeito local, Elitonio, ainda aos 17 anos, acabou assumindo uma posição de apoio dentro do bando (“a turma” ou “o meio”), conjuntamente com o primo Cícero, que acompanhava Luciano há tempo indeterminado, provavelmente desde o bando de Edvar do Sangradouro. Cícero, que começou roubando animais de criação na região – que seria conhecido como “ladrão de galinha” –, é visto com menor projeção se comparado aos outros dois conterrâneos – e certamente com mais “repugnância” por sua fama de “estuprador”. Nunca tendo saído dos sertões nem para o Rio de Janeiro, destino comum de quase todos os jovens da Pedra, Cícero é conhecido ainda por ser forte trabalhador braçal. Como afirma Seu Anísio: “não abria pra serviço nenhum!” O rapaz possui ainda a fama de ser *marruá*, bruto que “não sabe nem pilotar uma moto”⁵⁴. Todavia, é o único remanescente do bando que ainda se encontra vivo “enfurnado nos mato”. Segundo Seu Anísio e Arnaldo:

ARNALDO: Ele (o Cícero) é *Marruá Marruá*! No sentido de... Aquele caboclo mermo do sertão! Ele é do sertão mesmo! Caboclo do sertão que nunca teve contato com outro canto, né?

SEU ANÍSIO: É! Ele nunca saiu fora não, ele toda vida viveu aqui... O lugar mais longe que ele foi é pra Fortaleza! [...] Ele começou com coisa pouca, né? Coisinha pequena: uma galinha, um bode, carneiro... Teve carneiro meu que ele levou! Depois ele bebendo, eu perguntando a ele, ele foi e me disse: “Não, Anísio, foi eu que levei mesmo, mas mandado de outra pessoa!” (Risos) Ele mesmo falava pra mim! Ele tomando umas eu fui e perguntei. “Não, Anísio, vou negar pra ti não, foi eu mermo que levei o teu carneiro, mas foi outra pessoa que mandou pegar o carneiro!” (Risos) Era o ladrão de galinha, de criação! [...] O Elitonio já foi pra negócio de assalto, que os outros menino já tavam já... Já tavam bem experiente na coisa, né? O Cícero e o finado Luciano. Eles sempre viviam juntos, podiam não ser muito amigo, mas tavam junto direto, né? [...]

O Cícero começou roubando galinha e bode! O Cícero tinha um tio que gostava de roubar bode, né? O Cícero começou assim, pegando bode... Então, o Cícero pegava bode pra levar pro Cardoso ti dele, né? Até o carneiro meu que ele pegou, o Cícero pegou e disse: “Foi o Cardoso que mandou eu vir pegar aqui...” Só que ele deixou de mão... Ele viu que todo mundo tava querendo matar ele, né? Quando ele viu se fechando, aí ele foi e parou! E todo mundo: “Sumiu um bicho! É o Cardoso!” Corria na casa dele! Aí todo mundo botou pressão! Eu mermo fui um que disse a ele: “Oia, no dia que sumir um bicho meu agora, Cardoso! Eu me encontrar contigo aí no meio do caminho eu num vô falar nada não! Eu só faço meter o ferro em ti! Eu sei que foi tu que roubou!” O Cardoso ti do Cícero! Eu falei foi na cara dele! E todo mundo que sumia um bicho corria na casa dele! Aí ele viu que o negócio tarra se fechando pra ele, ele foi e deixou de mão! Hoje é um cabra trabalhador o Cardoso!

ARNALDO (intervém): O meu questionamento, Paulo, é o quê que traz, o quê que atrai! E aí existe uma coisa que eu tô pensando aqui agora no sentido organizacional! O Cícero, tu vê que todo mundo ó... Meu primo disse isso (sobre o Cícero): “Arnaldo, é trabalhador!” Cabra *Marruá Marruá*, matutão do sertão, mas trabalhador, né? Quem é o cérebro da parada? LUCIANO! Ele (Luciano) precisa de

⁵⁴ No campo pesquisado, *marruá* denota o sujeito “bruto” e “capiáu”.

um inteligente: “Sou eu que articulo tudo, agora eu preciso de um bicho doido! Um cabra que não abre pra nada! Venha cá, Cícero, vamo tomar uma aqui, vamo conversar!”

SEU ANÍSIO (retoma): Exatamente! O Cícero é um que não tinha medo de nada! Não tinha medo não! Ele mermo dizia que o finado Luciano levava eles pros assalto, quando chegava lá o finado Luciano botava eles (Elitônio e Cícero) pra assaltar e ficava ali de lado. E eles é quem ia lá fazer a parada! Ele mermo dizia! (Risos) É, ele dizia aí nos bar! Bêbo! Não, quando ele tava bêbo ele falava coisa demais! Agora não, que agora ele não anda mais em *budega* (bar)! Mas no tempo que ele andava em *budega*?! Ó, ele *descobria* (contava) tudo ele! Perguntava as coisas ele dizia! Agora o finado Luciano não! Finado Luciano era caboco réi esperto! Ele andava nas *budega* e tudo, ele conversava, mas não falava nada! Ele chegava nos *negócio* (lugares) assim, só que ele não dava as costa pra ninguém, nem pra estrada não! Ele ficava direto assim! E a moto ele deixava no mato e era no ponto! Um dia na *budega*, tava ele lá, ele tava desse jeito assim mesmo, tomando refrigerante... Rapaz, e num lá vem o carro da polícia?! Quando avistou aqui o carro da polícia só fez pegar a moto aqui! Tem uma lagoa lá, ele passou por dentro da lagoa, cara! E abarcou no rumo do mato! E quando a polícia chegou: “Quem era que saiu batido aqui?!” “Rapaz, saiu ninguém batido não!” “Saiu uma pessoa daqui agora que nós vimo!” (Risos) Ah bom, rapaz, era muitas vez, ele tava no bar, a polícia ia chegando ele abarcava! Conhecía toda as *vareda*! O carro da polícia não ia atrás de *vareda* nenhuma! Se jogava nas *vareda* com as mota e tudo! (Pedra, 28 de fev. de 2016).

A região Sudeste é historicamente conhecida por receber numerosos contingentes de nordestinos migrantes. Todavia, as grandes mudanças estruturais ocorridas no contexto rural nordestino em relação aos centros urbanos a partir das décadas de 1950 e 1960, com a “modernização conservadora” do setor agrícola (PALMEIRA, 1989), contribuíram para aprofundar ainda mais as disparidades sócio-econômicas existentes entre as regiões (CANDIDO, 2001; GARCIA E GRZYNSZPAN, 1999). Nota-se que ainda é grande o número de cearenses que almejam iniciar “vida nova” no Rio de Janeiro.

Porém, contrariando expectativas de prosperidade econômica e social, a realidade demonstra que muitos jovens advindos de várias partes do sertão do Ceará acabam se desiludindo com a vida nas grandes metrópoles⁵⁵. Na melhor das hipóteses trabalham como garçons em tempo integral, além de realizarem bicos em empregos temporários e precarizados na “cidade maravilhosa” (Cf. FONTOURA, 2007).

Seu Anísio foi um sertanejo que saiu da Pedra ainda aos 18 anos de idade, como ele mesmo relata, em entrevista de 28 de fevereiro de 2016.

⁵⁵ Considero interessante a diferenciação entre “migrante” e “nômade”, que pode ser encontrada na percepção de Deleuze e Guattari (1997b, p. 51): “O nômade não é de modo algum o migrante, pois o migrante vai principalmente de um ponto a outro, ainda que este outro ponto seja incerto, imprevisto ou mal localizado. Mas o nômade só vai de um ponto a outro por consequência e necessidade de fato; em princípio, os pontos são para ele alternâncias num trajeto. Os nômades e os migrantes podem se misturar de muitas maneiras, ou formar um conjunto comum; não deixam, contudo, de ter causas e condições muito diferentes.”

SEU ANÍSIO: Eu trabalhava das quatro às duas da manhã! Quando eu chegava – que eu morava na *Rocinha* – quando eu chegava tarra um monte de *vagabundo* lá tudo com *oitão* lá! Eu passava no meio deles! Eles perguntando: “Ei, tá limpo?” Porra, eu dizia “tá limpo” na hora e pouco tempo chegasse uma polícia?! Eles num ia me fuzilar? Eu, porra, eu num tarra mentindo, eu tava limpo naquela hora, mas de repente?! Aparecesse uma polícia ali?! Eu chegava duas hora da manhã! Na *Rocinha* morei com o Norberto, o Expedito... Nesse tempo o Norberto num era junto, casado com a cumade Maria Lurde ainda não... Morava na *Rocinha*... Eu fiquei lá em Ramos, fiquei uns dois mês lá em Ramos, na Lucimar mais a Nise, né? Aí depois eu arrumei trabalho em Copacabana, aí eu fui morar na *Rocinha* que ficava pertim, é dez minutos! [...] De pequeninim o cabra vê que todo mundo vai! É todo mundo indo, vai completando a idade e vai! Aí, essas pessoa que vão se formando, inteirando a idade de dezoito ano... Intera dezoito ano vão pro Ri! É quase todos eles, é muito difícil um que não vai! Aquele que vai, chega lá gosta, fica por lá mermo! Tem nego daqui que foi pra lá tem trinta ano... Tem caboco que nunca veio aqui! O Zé Mocó! Nunca veio aqui, tem uns trinta e cinco anos ou uns quarenta anos que ele tá lá! Parece que ele vem agora em setembro [...] Pois é, esse já tem uns quarenta ano que ele tá lá! Eu fui com dezoito ano, com dezoito ano eu tirei os documento e fui pra lá! Passei nove meses lá e num gostei, vim mimbora! E até hoje nunca fui lá... Já tenho ganhado passagem pra ir lá, passear lá e eu num vô!

Luciano, como quase todos os jovens dos sertões, sobretudo da Pedra, teria vivido em vários morros da cidade do Rio de Janeiro. Morro dos Macacos, *Rocinha*, Complexo do Alemão, são lugares por onde viveu. Entre inúmeras viagens esporádicas, realizadas ao longo de quatro anos, o rapaz logo teria enveredado nos caminhos tortos do crime, assimilando as artimanhas de um universo subterrâneo e fascinante para um jovem recém chegado do sertão do Ceará (Cf. MISSE, 1999; GRILLO, 2013). Segundo interlocutores, o rapaz teria “aprendido a ser bandido” em temporadas de “experiências desviantes” (Cf. BECKER, 2008) na capital carioca, estabelecendo supostas relações criminais no interior das “comunidades”, sendo suspeito de derrubar o helicóptero da polícia militar no Morro dos Macacos, a 10 de outubro de 2009, tragédia veiculada pela grande mídia nacional.

A informação também é vista como mero boato criado por Luciano para ser mais “temido” quando retornasse ao Ceará, construindo a imagem de “bandido perigoso”. A suposta “audácia” sugere que a polícia cearense teria medo de enfrentá-lo. Portanto, a noção de “vaidade” aferida ao bandido delineia sua “subjetividade” (Cf. MISSE, 2010): sugerindo um momento de reviravolta, precipitação de escolhas, interiorização e externalização do “ser bandido”, manifestado e entranhado em sua própria “natureza”; como pode ser visto na narrativa do Soldado Moreno, realizada em Groaíras, 03 de março de 2016:

SOLDADO MORENO: O Luciano, digamos, ele era lá da realidade dele. Não do sertão, a realidade do sertão é outra. Mas ele era mais *de dentro* do sertão. Pra onde ele tinha ido é o obscuro dele mesmo... Que a pessoa aonde vai, pra qualquer lugar e tudo, tá entendendo? Ela nunca sai do seu... Digamos que do seu *trivial*, do seu *real*. *Bandido* aonde for nunca deixa de ser não... Existem pessoas que, digamos assim, elas ficam sintetizadas com aquela realidade delas. Elas vão, elas saem, elas se

relacionam... Quem vê pensa que é bacana aquela pessoa e tal... Tipo assim, um *psicopata*, digamos assim. Mas ele tá lá, naquele lugar dele. Ele nunca sai de lá. E o Luciano chegou na certeza de que viu que o lugar que ele estava, ele tinha que sair. Ele tinha saído de um local pra outro, mas uma coisa que ele nunca admitia é que ele ficasse preso. “Eu não vou ser preso no local da onde eu saí, eu não vou ficar preso naquele local. Por que se eu ficar preso ali eu vou me sentir destruído. Eu tenho que voltar pro meu local... Então se a polícia vier atrás de mim, eu vou enfrentar a polícia” [...] Então, quando o (Sargento) Miranda morreu, ele foi burro. Ele (o Luciano) tava lá sentado na cadeira conversando... Acho que era com o Elitonio... Não era o Cícero. O Elitonio eu sei quem é [...] Na verdade, quando a gente foi atrás, a gente nem sabia se era o Luciano de verdade que estava lá, ninguém tinha conhecimento não. Eu não conhecia o Luciano. O pessoal conhecia, mas... [...] Não sei se ele era amigo (do pessoal). Eu acho que o cara que estupra, que assalta, que atira nos outros... Eu acho que as pessoas têm é medo até de denunciar. Eu acho que foi isso que aconteceu. Eu acho que o pessoal tinha medo dele. Eu já tinha visto o Luciano por foto. Mas foto é uma coisa muito fajuta, você não pode chegar e: “Ah, eu tô vendo essa foto!” [...] Eu fui atrás do Luciano, digamos assim, umas cinquenta vezes! Mas eu nunca tinha visto o Luciano. Eu conhecia o Elitonio. Eu vi o Elitonio...

E quando o Elitonio foi na delegacia se apresentar a primeira vez [...] Só que antes, dessa vez que ele foi... O Elitonio, ele era um bandido que fazia parceria com o Luciano, mas ele não era conhecido. Ele não era conhecido. Quando eu disse, que a mãe do Elitonio chegou com ele que ele tinha feito um assalto lá no bar... Ele fez um assalto lá no bar da Janete, ele com o Luciano... [...] Não sei se foi o primeiro... Eu sei que eu soube que era ele. Aí ela foi... A mãe dele foi acompanhada com advogado e tudo. Eu digo: “Olha, você foi o assaltante dali, eu sei que foi você...” [...] Eu não digo pra um suspeito que ele é (suspeito)... Eu nunca disse isso. A coisa que eu sempre procurei preservar no meu trabalho foi... É, digamos assim, a justiça! Uma das coisas que eu mais detestei foi injustiça, eu nunca gostei de injustiça... Então quando eu disse pra ele que ele era o bandido que tava lá eu já sabia que era ele mesmo. “Você estava lá!” Eu disse: “Minha senhora, olha, o seu filho é o bandido que estava lá!” [...] Assim sabe, digamos, o Elitonio não era bandido...⁵⁶ Ninguém nasce bandido. Digamos! O que é ser um bandido? Você acha que existe bandido de dinheiro? Bandido que estupra, bandido que mata... Qual a situação que o Elitonio se encontra e o Eduardo Cunha? O Eduardo Cunha defendeu uma tese.

A morte de Luciano, ocorrida em 10 de janeiro de 2012, é fundamental para a compreensão do caso em toda a sua complexidade. Depois de supostas denúncias, Luciano fora surpreendido como alvo principal de uma emboscada arquitetada por destacamentos da polícia militar de Groaíras – quase um ano antes da morte de Elitonio – num casebre de difícil acesso, no sertão de Várzea Alegre, localizado entre os municípios de Groaíras e Cariré. Luciano, que costumava andar sempre armado com uma pistola calibre 38, não quis saber de diálogo ou possíveis negociações. Entre supostos pedidos de rendição, Luciano saca do

⁵⁶ A fala do Soldado Moreno inevitavelmente me remete a uma interessante passagem de Pat Garret (2011, p. 188-189): “Nunca se saberá se *the Kid* me reconheceu ou não. Em caso positivo, foi a primeira vez, durante toda a sua vida de perigos, em que não teve presença de espírito, em que deixou de atirar primeiro para hesitar depois. Sabia que um encontro comigo significaria rendição ou luta. Disse a várias pessoas dos arredores de *Sumner* que não sentia animosidade contra mim, nem desejava me causar dano. Sabia, porém, que, se nos encontrássemos, teria de se render, me matar ou ser morto. Por isso, declarava sua intenção de, em caso de encontro, começar a atirar assim que me visse”.

revólver e atinge o sargento Miranda, sendo, no mesmo instante, crivado de balas pelos policiais presentes na operação, entre eles estava o Soldado Moreno.

Em suma, estariam no local Elitonio (segundo Moreno) e outras duas mulheres que se evadiram com a chegada da polícia. O bandido Luciano acabou cumprindo o que prometera em conversas pelos sertões, que delineia a sua extrema rebeldia para com as autoridades policiais: se tivesse que cair pelas mãos de um policial, “derrubava” pelo menos um deles. Em entrevista nos sertões da Pedra, no dia 28 de fevereiro de 2016, com Elias, irmão mais velho de Elitonio, novamente se destaca o poder persuasivo de Luciano:

ELIAS: O Elitonio, macho, era uma pessoa boa demais! Ele vivia pro Rio de Janeiro, trabalhava e tudo... Ele é porque ele se envolveu com o Luciano aí, a *quadrilha* do Luciano aí... Aí ele chegou um ponto que não teve como mais sair mais, cara... Chegou um ponto que não deu mais pra ele sair... Na época até o Luciano me convidava pra entrar aí na quadrilha deles eu num entrava, macho! Eu nunca fui! Ele dizia: “rapaz, bora entrar na quadrilha aí, ma! Vamo assaltar aí os carro-forte!” Eu dizia, “rapaz, eu vou nada, macho, tu é doido?” Aí eles foram, eles ia, né? [...] Mas essa quadrilha deles aí já vinha de longe, de muito tempo, cara! Na época do Edvar era um absurdo! Era 12 homem! A quadrilha dele era doze homem! Um bocado já morreram e o Luciano ficou por aí... Doze homem fora o Cícero e o Elitonio, né? [...] O Edvar morreu, o Luciano morreu, o Elitonio morreu... Morreu um tal de ‘Pai do Céu’ também [...] O chefe mermo dentro da quadrilha era o Edvar mermo, aí depois do Edvar que morreu, aí ficou o Luciano... Isso aí já vem de longe! O negócio deles era roubar dinheiro e roubar arma! Se soubesse onde tinha arma eles ia! [...] O Luciano dormiu no mato um tempo mais eles... O Luciano dormiu no mato, o Cícero dormia no mato... Eles não dormia em casa não. Tinha dia que eles dormia junto... Mas o Cícero é no mato direto, ele é medroso, mas é o cara que escapou de todos! Taí, os outros era valente já morreram! Rapaz, de qualquer maneira o Elitonio morria sempre, cara! Mataram ele num foi de frente não, cara! Mataram ele foi na covardia! De qualquer maneira ia morrer mesmo! Fizeram uma tocaia lá, cara! Como se fosse pegar a caça, cara! Rapaz, num tinha pra onde não. De qualquer maneira, o cara não tem quem veja, não! Os cara entocaiado nos mato, tavam só esperando ele mermo! Se ele tivesse bom ou tivesse bêbo, ele morria sempre! Os caboco matou ele foi de 12, cara! Ele passou três dia lá, bebendo lá, no meio da população lá!

SEU ANÍSIO: Ele era mei vaidoso, o Elitonio... O Elitonio gostava de andar (aparecer)... Não sei se era o Luciano mermo que dizia: “Rapaz, tu anda demais, Elitonio... O cabra pra essas coisas não pode tá e andar por todo canto não!” Porque todo canto ele queria tá, né? Aí, porra, é muito perigoso, né? O Luciano mermo repassava pra ele que ele andava demais! E ele andava mermo! Brincou mermo tando perseguido! Teve uns assalto aqui, acho que foi pro lado do sertão das Almas [...] Parece que a polícia chegou na hora, aí meteram bala neles! Aí o Elitonio levou um tiro parece que foi no braço de raspão! Nesse tempo eles ficaram três dias perdido no mato! Perdido! Esse Elitonio mais o Cícero! Depois foi que o Luciano foi pegar eles lá! Três dia perdido ali perto das Almas! [...] Até que o Luciano, ligando, conseguiu encontrar com eles!⁵⁷[...] Então, eu vi ele ó, o Cícero, três dias antes do finado Luciano morrer, passando aqui na estrada! [...] Passando na moto os dois, o Luciano e o Cícero! Três dias antes do finado Luciano morrer [...] Uma vez

⁵⁷ “Informação circula na região que Cíço estaria morto e Elitonio baleado (2 de outubro de 2012)”. Disponível em: <<http://conexaosobral.blogspot.com.br/2012/10/groairas-ce-informacao-circula-na.html>>. Acesso em: 26 de abril de 2016.

eu tava aqui meia-noite, saí fora, o finado Elitônio passou mais o Cícero e outro cabra aculá doze horas da noite! De moto! Três numa moto! E por azar, quando foi quatro hora da manhã eu me levantei de novo, saí fora, eles vinham descendo! Vinham dos assalto! Os três numa moto! E o Cícero nem dirigir moto sabe! Anda não! Se anda é ruim demais! Eu já vi uma vez ele andando, mas todo doido (desajeitado), né? Com a mota querendo entrar dentro dos mato! (Risos)

Existem fatores permanentes ou circunstanciais que podem resultar na total ou parcial proscricção de um indivíduo do seio de sua comunidade. Em muitos sentidos, o bandido aqui delineado parece ser capaz de irromper a sua própria ambiência e familiaridade sem lançar mão de atribuições que o configuram e o projetam no tempo e espaço: da sociedade que ele engendra, renega e subverte de maneira simultânea. O essencial está em manter os territórios e teias afetivas devidamente garantidas. Onde uns enxergam o espectro criminal em fuga, outros identificam a “gente da terra” em fluidez constante, deslizando pelas inesgotáveis *varedas* dos sertões: “Eles se enfiavam em todo buraco, rapaz! Em todo buraco, em toda varede eles se enfiavam! Às vezes eles passava por aqui, às vezes era por lá! A gente encontrava... Às vezes a gente encontrava com eles pelas estradas! [...]”



Figura 4: "Luciano um dos bandidos mais procurados da região é morto em confronto com policia". Fonte: *Blog do Tidi*.

O trato sociológico das experiências vividas no campo empírico requer um profundo envolvimento com os agenciamentos individuais e coletivos, na análise de um personagem em permanente processo de decomposição social (Cf. CASTRO, 2007). A partir das margens e bordas⁵⁸, dos engodos e dobras produzidos e reproduzidos nas tessituras sociais, é onde parecem se evidenciar cartografias humanas incontornáveis, a partir da multiplicação de mapas agonísticos como símbolos potenciais de combate, violência, resistência e poder no “grande sertão” (BARREIRA, 1992).

Em linhas gerais, o bandido sertanejo parece transcender as inúmeras projeções de si, desterritorializando e demarcando infinitas “linhas de fuga”. Recortar caminhos, veredas, trilhas, atalhos e desvios, é agência de “máquina de guerra” em movimento turbilhonar, na variação contínua de variáveis e na indomável multiplicação dos atritos. Como apontam Deleuze e Guattari (1997b, p. 24): “O que é evidente é que os bandos, não menos que as organizações mundiais, implicam uma forma irreduzível ao Estado, e que essa forma de exterioridade se apresenta necessariamente como a de uma máquina de guerra, polimorfa e difusa.”

2.5 Nomenclatura e território social dos “bandidos da terra”

O “novo banditismo” praticado nos sertões se apresenta como algo bastante arrojado, com comunicadores, automóveis, metralhadoras, escopetas e dinamites. Instrumentos potencialmente explosivos descarregados contra delegacias, comércios e agências bancárias, em cidades pacatas do interior cearense e em muitos outros estados brasileiros. Nas manchetes de jornais, entretanto, é perceptível que essas novas formas de agência criminal, cada vez mais frequentes, venham sendo conceitualmente dissociadas da imagem clássica do “velho cangaço”, pautada pelos ideais de “justiça” e “rebelião social” do sertanejo oprimido, esquecido e negligenciado: encarnado na representação dos “cangaceiros revoltosos” de muitas décadas atrás.

As novas formas de banditismo parecem subsistir em função de manter economicamente ativas determinadas redes enraizadas de criminalidade: de narcotráfico e

⁵⁸ “O fora aparece simultaneamente em duas direções: grandes máquinas mundiais, ramificadas sobre todo o *ecúmeno* num momento dado, e que gozam de uma ampla autonomia com relação aos Estados [...]; mas também mecanismos locais de bandos, margens, minorias, que continuam a afirmar os direitos de sociedades segmentárias contra os órgãos de poder de Estado” (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 23, grifos dos autores).

associações prisionais, num âmbito regional e nacional (AQUINO, 2014). Numa primeira vista, em muitos aspectos, parece não sobrar espaço para os elementos sociológicos identificados com menor dificuldade no mitológico “banditismo social” (HOBSBAWM, 1978; 2010; BARREIRA, 2010).

Todavia, as narrativas destacadas no campo pesquisado dão conta de que as diferenciações práticas e conceituais erigidas nos interstícios entre “passado e presente”, “arcaico e moderno”, “velho e novo”, “sertão e metrópole”, são mais fluidas do que se supõe. Na análise de uma mescla de valores e disposições socialmente incorporadas, pode-se afirmar que a violência ainda constitui – como no passado – ingrediente sócio-histórico “visceral” na formação humana dos sertões cearenses:

De maneira geral, nas mais diversas instâncias a violência se constituía em parcela integrante e visceral do sertão cearense. Sua presença era explícita e emergia em variadas formas, permeando as tessituras sociais e confirmando seu lugar de destaque na construção de memórias coletivas. Destarte, uma gama de signos referendava um imaginário tecido sob a influência do papel da violência no cotidiano (VIEIRA JÚNIOR, 2004, p. 168).

Há muita tradicionalidade e modernidade imbricadas na percepção e síntese de novas formas de banditismo, muito além de uma visão por demais restrita ou generalizante. É sempre necessário dar vazão e voz ao campo pesquisado, e apenas o exercício de um olhar analítico atento é capaz de alumiar as visceralidades de determinadas realidades sociais. No que considero as “novas velhas” formas de banditismos, parece mais enfática a lógica do “crime pelo crime”. Uma dinâmica retroativa que atua no presente e que parece reconfigurar a percepção do que é possível entrever da formação social dos sertões nordestinos. Tais impressões acabam por impactar em novas formas de delimitar, analisar, e problematizar com mais acuidade a problemática da violência e do conflito num campo de atuação intelectual e acadêmico (BARREIRA E BATISTA, 2011). De todo modo, é importante enfatizar peculiaridades referentes aos bandos no contexto pesquisado, que evidenciam aspectos mais ou menos discrepantes, com antigas e novas concepções teóricas em fluxo.

Os bandidos classificados como os mais perigosos e temidos na microrregião de Sobral, alguns largamente conhecidos pela população e intensamente falados nas rádios locais e nas redes de boataria – dos sobreviventes, mortos ou “caçados” pelas forças policiais – todos parecem provenientes de um mesmo bando comum – em princípio, liderado por Edvar do Sangradouro. As quadrilhas parecem gestadas em torno do que seria uma identidade

coletiva ou grupal, que denota variados tipos de agenciamento, flexibilidade e adaptabilidade; fortalecendo ainda a “cronicidade” e “circularidade” dos bandos.

Um bandido morre e outro logo assume seu posto, ocupando posições voláteis de liderança ou subalternidade. Evidencia-se, portanto, um complexo “polimorfismo” (DELEUZE E GUATTARI, 1997b, p. 24) na organização interna e desenvoltura externa das quadrilhas, capazes de transpor fronteiras regionais de atuação, com ações exercidas inclusive fora do Estado. Todavia, estão sempre intimamente ligados a supostas “zonas de influência”, como suas sociedades originárias, territórios afetivos e parentais (Cf. HOBBSAWM, 2010, p. 113; MOSS, 1979). Por conseguinte, nota-se que as quadrilhas influem diretamente na subjetividade de seus integrantes, representantes potenciais dos bandos que integram.

Os referidos “bandos” produzem muitas marcas específicas, geradoras de valorações implícitas nos modos de agência, articulando cálculo, frieza, violência e astúcia. O bando de Luciano do Cariré, Elitônio e Cícero era famoso por se esgueirar da polícia com facilidade e, sobretudo, pelas narrações de “crueldades” empregadas nos crimes, em comparação com o bando de Edvar do Sangradouro. Essa noção de “crueldade” agravou-se ainda mais com as acusações de estupro. Na percepção de moradores e autoridades policiais da região, a extrema violência acabou se tornando marca indelével de tais grupos armados, sendo capaz de insuflar tanto o medo quanto o ódio desmesurado na população da referida região. Destarte, os bandidos se tornaram – numa perspectiva mais ampla – verdadeiros “inimigos do povo” (HOBBSAWM, 2010, p. 229).

Relacionando abordagens psicanalíticas e fontes jornalísticas, César Barreira (2015, p. 58) ressalta o caráter polissêmico e difuso da violência, renovando perspectivas acerca do fenômeno da crueldade, recentemente pesquisado:

Os delitos classificados como cruéis são, em princípio, situados à margem de um universo valorativo justificador, estando associados a uma violência difusa e inesperada. Implicam ações que se reproduzem sem justificativa no campo dos valores: os hegemônicos e os de contravenção. Destaca-se o fato de que as ações percebidas como cruéis acentuam uma clivagem entre natureza humana e caráter animal, acenando com a percepção, já formulada por Nietzsche (2009), de que o vocábulo crueldade não é aplicável ao animal. É a emersão da consciência e de seus pressupostos morais que constituirão a ruptura entre a condição humana e a animal, instituindo a cultura da culpa, da dívida e do sofrimento, associada ao que pode ser designado como crueldade.

A partir da noção de “crueldade”, é possível entrever que as ações dos bandidos movimentam inúmeros símbolos valorativos que dinamizam características de vingança, masculinidade, virilidade e valentia; aspectos que podem estar tanto refletidos tanto nas

agências criminais de cada indivíduo – dissociados ou *in corpore* (SIMMEL, 2006, p. 48) –, quanto na relação dialógica com os estereótipos culturais do típico sertanejo “cabra da peste”: sujeito de muitas “questões” pessoais, familiares e vicinais (MARQUES, 2002).

Por conseguinte, abrem-se horizontes essenciais na análise sociológica de um ambiente marcadamente “rural”. Em muitos sentidos, a figura do “cabra macho” ainda persiste vigorosamente nos sertões cearenses, aproximando-se grandemente do que Comerford (2003) considera uma sociabilidade de caráter “agonístico”, identificada em “querelas” travadas em diferentes contextos históricos e sociais referentes ao campo pesquisado:

Na proximidade do Clube Tremendão, em Groaíras, o vigilante noturno Pedro Paiva Dias matou com duas facadas e uma cadeirada, o vendedor ambulante Antônio Rodrigues da Silva, mais conhecido por Antônio Goiaba, durante uma festa dançante que ali se realizava, reunindo grande número de pessoas. A vítima, pai de três filhos menores, era velho inimigo de seu matador, que o encontrando na festa, armou logo uma discussão e partiu para a agressão física, matando o outro, sem lhe dar sequer condições de defesa. Logo depois do crime, Pedro Paiva Dias fugiu e muito embora a polícia tenha feito uma série de diligências procurando localizá-lo, ainda continua foragido. O inquérito policial foi instaurado ontem, e, hoje pela manhã deverão prestar depoimento as primeiras testemunhas (“Ambulante morto a faca em Groaíras.” Correio do Ceará, 27 de setembro de 1976; *In*: XIMENES, 2015, p. 141).

A “sociabilidade agonística” (COMERFORD, 2003)⁵⁹ parece enraizada numa formação social que respalda disposições e práticas referentes a símbolos de masculinidade, virilidade e enfretamento, como elementos que estariam diretamente associados ao desenvolvimento psicossocial de jovens em muitos contextos rurais, não apenas no âmbito nordestino (Cf. FRANCO, 1997, p. 21-64). Nos sertões pesquisados, as expressões utilizadas para designar sujeitos socialmente “mal vistos”, inclusive em seus próprios territórios familiares, estão diretamente relacionadas à ideia de “criação”.

É sempre evocada a imagem do sujeito “mau criado”, de “natureza ruim”, que age “só pra fazer o mal”. O sertão exige uma educação bastante “tradicional” e “religiosa” para seus habitantes, embasada em valores rígidos de hierarquia familiar (“respeitar pai e mãe”) e

⁵⁹ “A sociabilidade cotidiana nessas localidades rurais e municípios é marcada por um caráter marcadamente agonístico. Essa natureza agonística das relações está presente, articulada de maneiras distintas e em diferentes níveis e graus, nas conversações e nas brincadeiras, no futebol e no bilhar; nos bailes e forrós, na política, e nas saudações cotidianas; nas relações de vizinhança, na comunidade religiosa, nos julgamentos de crimes de morte. Qualquer dessas situações envolvem em algum momento e em algum grau, a possibilidade de provocar e ser provocado, em tom sério ou lúdico. Provocação, na sua acepção nativa e no seu sentido forte, tende a se referir àqueles atos vistos negativamente que faltam com o respeito: desafiam, insultam e ofendem, incitando fortemente uma resposta séria em defesa da respeitabilidade da pessoa/família, distinguindo-se da brincadeira, uma provocação não-séria, uma falsa falta de respeito, que pede fortemente uma resposta igualmente não-séria” (COMERFORD, 2003, p. 86).

uma ética e moral firmadas em preceitos de “indivíduos honrados” e “tementes a Deus” (VIEIRA JÚNIOR, 2004). Uma educação moral que, entretanto, jamais exclui a dimensão dos conflitos sanguinolentos, pautados na defesa da dignidade pessoal e familiar:

Dois agricultores se envolveram em violenta luta a faca durante a realização de uma festa dançante na fazenda Croatá, em Groaíras, extrema com Santa Quitéria, resultando a morte de um, com duas facadas e seis ferimentos a faca em outro que se encontra em estado grave num dos leitos da Santa Casa de Misericórdia, na cidade de Sobral. Segundo comunicado do nosso correspondente Raimundo Ximenes, durante a festa que se realizava na casa do sr. Raimundo Guilherme, Benedito Rodrigues de Paiva, mais conhecido como “Benedito Jacó”, entrou em discussão com Franciné Gomes, terminando com uma luta a faca. No final “Benedito Jacó” estava morto e Franciné com ferimentos graves. O inquérito foi instaurado pelas autoridades policiais e uma discussão por motivos fúteis já no término da festa, gerou a luta entre os dois agricultores. Benedito Rodrigues de Paiva, contava com 31 anos, era casado com Hilda Rodrigues e deixa seis filhos menores. Seu sepultamento ocorreu no cemitério de Lisieux, em Santa Quitéria (“Festa termina em luta a faca com um morto e ferido: Groaíras.” Correio do Ceará, 21 de agosto de 1969. *In*: XIMENES, 2015, p. 59).

Uma postura combativa incorporada ao próprio cotidiano dos indivíduos. Para muitos dos meus interlocutores, a “má criação” resultaria de uma educação familiar descuidada, que teria ressaltado o elemento agonístico em detrimento de uma postura moral, ética e religiosa. Na perspectiva local, tal “disfunção” resultaria em sujeitos “invocados, malinos e folgados” (Cf. LA TAILLE, 2002). Nesse contexto, as famílias também são punidas socialmente como símbolos potenciais de um espinhoso “estigma coletivo” (GOFFMAN, 1988). Os traços que nenhum “cidadão” pretende ignorar ou esquecer com total facilidade. Ao contrário, “marcas” que todos procuram apontar, lembrar e reinscrever no *socius* sempre que for possível.

Em conversas de *budega*, bares ou de beira de calçada, as reminiscências de uma inevitável vergonha coletiva sempre se fazem presentes e pungentes, sobretudo nas imputações de “responsabilidade familiar”.

ARNALDO: O Luciano quando morreu tinha umas duas mulheres e uma delas é a irmã mais nova do Cícero. Cícero entrou no bando do Luciano. Segundo uma das irmãs dele que a gente conversou mais cedo, ela falou que Elitônio foi amasiado com a irmã do marido dela, com quem ele teve o segundo filho antes de morrer. E ela disse que conheceu o marido pelo Elitônio. Cícero e Elitônio são primos legítimos. Com a disparidade de idades, mas são primos. Elitônio é bem mais novo e o Cícero é contemporâneo do meu padrinho (Sobral, 28 de fev. de 2016).

No âmbito do sertão, a família, como pressuposto cultural, social e comunitário, é a primeira a ser responsabilizada pela produção dos “bons” e, sobretudo, dos “maus”

indivíduos, mantenedores ou transgressores de uma ordem social extremamente rigorosa (FRANCO, 1997). Uma rede familiar estigmatizada logo se torna uma espécie de “fardo social” dispendioso, que em alguns casos é capaz de manchar a própria “fama” do lugar. São escassas as chances de reaver plenamente a dignidade deturpada pelas ações de um único parente considerado moralmente inescrupuloso. Muitas redes parentais acabam se desintegrando, sem encontrarem o relativo respeito social antes desfrutado. Todavia, existem famílias estigmatizadas que assumem uma postura de resistência permanente, como as redes familiares com as quais estabeleci contato nos sertões.

O “bandido”, aqui encarnado na figura controversa do jovem Elitônio e de outros supostos “malfeitores” pesquisados na microrregião de Sobral, não pode ser apreendido de maneira isolada. É preciso atentar para a amplitude semiótica de um campo relacional que envolve ações, práticas, performances e agenciamentos diversos observados ao longo destas vidas. Torna-se fundamental, portanto, investigar percepções teóricas e metodológicas que dêem conta dos complexos significados de tais tessituras. É imprescindível destringir literaturas⁶⁰ que possibilitem uma compreensão satisfatória de sujeitos em relação com outros sujeitos, todos em processo de fuga: eis aí os bandos e quadrilhas armadas dos sertões. No desembaraçar dos figurinos e prerrogativas sociais impostas por uma violenta e seletiva ordem social punitiva, de maneira proporcional, é cientificamente prudente afirmar que nenhum ator social deva ser analisado como apartado das suas tramas de relações, experiências e conteúdos de significado que o configuram e que – como bem expressa o antropólogo Clifford Geertz (2008, p. 4): ele mesmo, “homem animal”, é capaz de tecer.

Considero que o movimento coletivizado, transitório e pendular dos corpos no espaço social dos sertões cearenses pode ser tomado como autêntica expressão das continuidades e discontinuidades das práticas, performances (agonísticas) e agenciamentos refletidos nas disposições de indivíduos constantemente interpelados pela lei: inclusive no que concerne a vida desses indivíduos dentro ou fora de um “universo” de relações consideradas “criminais”. Se de algum modo é necessário compartimentar os diferentes *locus* ocupados por essas “individualidades biológicas socialmente instituídas” (BOURDIEU, 1996, p. 82), compreende-se que as trajetórias, percursos, flutuações e itinerários sociais não devam ser tomados como vetores que ligam as pessoas de uma ponta a outra em determinado espaço social: numa lógica de início e fim, ou de causa e efeito.

⁶⁰ “A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir esta distância que a literatura nos importa” (BARTHES, 1999, p. 18).

Neste ponto, no que se refere à apreensão de vidas marginalizadas e interrompidas no confronto com os segmentos de poder instituído (FOUCAULT, 2003)⁶¹, a partir da noção de uma “não biografia” de Elitonio e de outros indivíduos analisados “por tabela” no campo pesquisado, convém revisitar o texto “A Ilusão Biográfica”, de Pierre Bourdieu (1996, p. 78, grifos do autor), destacando aqui o conceito de “nomação”:

Como instituição, o nome próprio é arrancado ao tempo, ao espaço e às variações de lugar e de momento: assim, para além de todas as mudanças e flutuações biológicas e sociais, ele assegura aos indivíduos designados a *constância nominal*, a identidade com o sentido de identidade a si mesmo, de *constantia sibi*, exigida pela ordem social. Compreende-se, então, que, em inúmeros universos sociais, os deveres mais sagrados em relação a si mesmo tomem a forma de deveres em relação ao nome próprio (que é sempre também, por um lado, um nome coletivo, como *nome de família*, especificado por um prenome).

As ações dos “bandidos da terra” revolvem um panorâmico imbricado de atribuições sociais que perpassa os aspectos nominais acima destacados. Um dado importante está relacionado ao fato de que os “vagabundos” na região são identificados a partir do “nome próprio”, raramente possuindo “apelidos”: sendo a nomação um enquadramento social de extensas redes de relações coletivas, familiares e comunitárias (Cf. WOORTMANN, 1995). A identificação dos “marginais”, empreendida pela população e pelas forças policiais, destaca o nome próprio seguido do lugar originário: *locus* de inscrição familiar e dos lugares simbólicos fundantes (CARVALHO, 1999, p. 75). Trata-se do que considero a “localização social total” do indivíduo, pelo que designa a sua subjetividade e sua vulnerabilidade.

O aspecto “vulnerável”, portanto, está concentrado na exposição intensiva dos laços parentais e territórios de experiências afetivas nos sertões, vivências negligenciadas por uma ordem social inteiramente segregadora. No sertão, é comum que as famílias registrem com uma raiz similar os nomes dos filhos – homens ou mulheres –, como uma forma de identificar os “de casa”: uma espécie de marca compartilhada de autenticidade nominal. Portanto, mesmo sem conhecer o “sobrenome”, ainda é possível entrever e mapear territorialidades, práticas, percursos e trajetórias familiares mediante um enquadramento social dos sujeitos orbitados no simples pronunciamento do primeiro nome, no devido

⁶¹ “O ponto mais intenso das vidas, aquele em que se concentra sua energia, é bem ali onde elas se chocam com o poder, se debatem com ele, tentam utilizar suas forças ou escapar de suas armadilhas. As falas breves e estridentes que vão e vêm entre o poder e as existências as mais essenciais, sem dúvida, são para estas o único monumento que jamais lhes foi concedido; é o que lhes dá, para atravessar o tempo, o pouco de ruído, o breve clarão que as traz até nós” (FOUCAULT, 2003, p. 207).

contexto enunciativo⁶². Tudo ocorre em torno de “fazer o nome” ligado a um território e *locus* originário (Cf. COMERFORD, 2003, p. 65). Nesse sentido, Lévi-Strauss (1989, p. 190-191) ressalta:

O espaço é uma sociedade de lugares nomeados tal como as pessoas são pontos de referência dentro de um grupo. Os lugares e os indivíduos são igualmente designados por nomes próprios, que em circunstâncias frequentes e comuns em muitas sociedades, podem ser substituídos uns pelos outros.

Há aqui uma extensa rede de relações a ser considerada, que respalda a relevância das interações vicinais, das parentelas e associações fundamentadas no respeito e consideração mútuas; firmadas na dimensão das alianças e associações humanas integradas no campo (FRANCO, 1997). O aspecto familiar e comunitário da experiência de vida no sertão são dimensões que devem ser analisadas com um rigor todo especial.

Segundo Jorge Mattar Villela (2001, p. 152): “O parentesco forja relações cujo caráter fundamental é a multiplicidade.” Nesses termos, debruçar-se sobre o personagem “bandido” no sertão é também perseguir um fluxo incessante de tramas e dramas cotidianos sem fim: nos limites de tensão entre “cerimônia e intimidade”; “público e privado”; “desvelado e velado”; “dito e não dito”. Abordar o caráter múltiplo e superabundante das relações parentais refletidas nos modos de vida do sertanejo requer algum aprofundamento nas alianças que extrapolam o fator da consanguinidade, assim como a compreensão de imposições institucionais normativas aferidas às redes parentais.

É preciso compreender a forma como as famílias de jovens em confronto com a lei introjetam as experiências de violência como formas de expiação social: raramente dispendo de artifícios jurídicos para defesa de seus direitos e perspectivas (Cf. BARREIRA, 1992, p. 38-46). É preciso compreender até que ponto as interpelações policiais violentas atingem a própria dignidade destas famílias. A experiência analítica movida no desfilamento de tais tessituras desemboca em territórios de intimidade parental. Sinais de dor, desilusão e desamparo capazes de gerar um profundo estranhamento, introspecção e reflexividade no sujeito pesquisador que, de fato, “pesquisa a dor”. Contrapondo a constância dos pulsos institucionais, as variadas formas de insubordinação do tipo social sertanejo geram ressonâncias que repercutem no *socius* produzindo inúmeras fissuras. Ações exercidas nas

⁶² Segundo Abelardo F. Montenegro (2011, p. 278): “O cangaceiro quando ingressa no bando perde o nome próprio e ganha um nome de guerra. Em geral o cangaceiro é batizado no grupo com o nome de animal bravo, de madeira ou de algo que se identifica perfeitamente com a rudeza do sertão. O apelido sempre foi peculiar ao guerreiro bárbaro. Há sobrevivência totêmica na escolha de animais e madeiras para nomes de guerra dos bandoleiros.”

margens, nas dobras e nos engodos fronteirços, repercutindo nas zonas centrais de poder do tecido social.

A criação de socialidades formuladas humanamente e espacialmente⁶³ torna plasmática não apenas as relações entre pessoas – mas os fluxos interacionais gerados entre pessoas e coisas, nomes e lugares (Cf. WAGNER, 2011). Nesse sentido, Paul Veyne ressalta (2008, p. 46) que: “Os acontecimentos não são coisas, objetos consistentes, substâncias; eles são um corte que realizamos livremente na realidade, um aglomerado de procedimentos em que agem e produzem substâncias em interação, homens e coisas.” O jovem Elitônio é perscrutado no mergulho de um plano inteiramente relacional que se apresenta indissociável das disposições e atribuições postas pela ordem social do sertão.

Compreende-se que as redes familiares e as expectativas orbitadas em torno dos indivíduos – permeando a relevância da nominação e localização territorial – são gestadas tanto na vida pública e comunitária quanto na mais sutil das intimidades que, conectadas numa trama rigidamente inextricável, plasmam pessoas, coisas, nomes e lugares. Como diria Marcel Mauss (2003, p. 212): “Trata-se, no fundo, de misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca.”

No que tange a noção de “territorialidade”, o fator de dispersão, especialmente expressa na formação cultural, histórica e social do povo nordestino, delinea uma espécie de “gregarismo” referente às heranças coletivas e familiares (Cf. MARQUES, 1995, p. 47; VILLELA, 1995). Sobre a formação dos “redutos de parentesco”, numa breve recapitulação histórica da ocupação espacial dos “sertões”, Capistrano de Abreu (1998, p. 137) ressalta:

Desvanecidos os terrores da viagem ao sertão, alguns homens mais resolutos levaram família para as fazendas, temporária ou definitivamente e as condições de vida melhoraram; casas sólidas, espaçosas, de alpendre hospitaleiro, currais de mourões por cima dos quais se podia passear, boladeiras para o preparo da farinha, teares modestos para o fabrico de redes ou pano grosseiro, açudes, engenhocas para preparar a rapadura, capelas e até capelães, cavalos de estimação, negros africanos, não como fator econômico, mas como elemento de magnificência e fausto, apresentaram-se gradualmente como sinais de abundância.

⁶³ “A noção de espaço contém, em si, o princípio de uma apreensão *relacional* do mundo social: ela afirma, de fato, que toda a ‘realidade’ que designa reside na *exterioridade mútua* dos elementos que a compõem. Os seres aparentes, diretamente visíveis, quer se trate de indivíduos quer de grupos, existem e subsistem na e pela *diferença*, isto é, enquanto ocupam *posições relativas* em um espaço de relações que, ainda que invisível e sempre difícil de expressar empiricamente, é a realidade mais real [...] e o princípio real dos comportamentos dos indivíduos e dos grupos” (BOURDIEU, 1996, p. 48-49, grifos do autor).

No contexto social referido, muitos modos de vida ainda se apresentam como estando intensamente firmados na noção de honra e profunda afeição a valores éticos, morais e religiosos, tradicionalmente impressos nas coletividades e agregados parentais sertanejos. Costumes construídos na intensiva relação com a terra e o profundo apego às matrizes de origem familiarmente compartilhadas (WOORTMANN, 1995). Como ressalta Djacir Menezes (1995, p. 27): “Mais do que em qualquer outra parte, pressentem-se os liames invisíveis que prendem o homem à terra [...]” Portanto, características consideradas “elementares” da formação de homens e mulheres nascidos e criados no ambiente rural cearense.

Observa-se que a família constitui uma instância legítima de agenciamentos e propagação de valores (CARVALHO, 1999, p. 75). Por outro lado, o “bandido sertanejo” pode ser encarado como um símbolo potencial de “rebelião social”, irreduzível ao Estado e incompreensível para a sociedade que ele mesmo constitui e interpela. Pode-se considerar ainda que o “bandido” representa mais uma potência de criação que de reação: um personagem criador de infinitos paradoxos. Sendo pai, tio, cunhado, irmão e filho, ele representa ainda, de outro lado, o “purgador de máculas sociais”. Em suma, nestas inúmeras intersecções imagéticas, torna-se possível entrever um sujeito notadamente “especial” em sua trivialidade: capaz de condensar e de sobrepor infindas multiplicidades. Variáveis erigidas entre arcaico e moderno, velho e novo, caatinga e asfalto, sertão e litoral.

3 ENTRE LEMBRANÇAS E ITINERÁRIOS

3.1 Memórias e espaços reconstituídos por entre narrativas

Uma educação pela pedra: por lições;
 para aprender da pedra, frequentá-la;
 captar sua voz inenfática, impessoal
 (pela de dicção ela começa as aulas).
 A lição de moral, sua resistência fria
 ao que flui e a fluir, a ser maleada;
 a de poética, sua carnadura concreta;
 a de economia, seu adensar-se compacta:
 lições da pedra (de fora para dentro,
 cartilha muda), para quem soletrá-la.
 Outra educação pela pedra: no Sertão
 (de dentro para fora, e pré-didática).
 No Sertão a pedra não sabe lecionar,
 e se lecionasse, não ensinaria nada;
 lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
 uma pedra de nascença, entranha a alma.
 (João Cabral de Melo Neto, A Educação pela Pedra (1962-1965)).

Inspirado em Walter Benjamin (1987), o presente capítulo é guiado pela busca do ideal da “arte de narrar”. Fortaleza, segunda-feira, dia primeiro de dezembro de 2014. Após resolver inúmeras demandas cotidianas e almoçar nos entornos da Avenida 13 de maio, no bairro Benfica – conhecido pela efervescência de livrarias, *sebos*, e bares em cada esquina –, encontrava-me absorto, caminhando às duas e meia de uma tarde ensolarada em direção a minha então residência, localizada na Rua Adolfo Hebster. Havia acabado de adquirir um livro de Eric J. Hobsbawm, encontrado numa livraria das proximidades: *Bandidos* (2010), obra seminal que eu havia utilizado ao longo de dois anos apenas tomando emprestado de amigos ou da biblioteca de Ciências Humanas da UFC.

Todavia, com o exemplar “novinho em folha” nas mãos, embrulhado numa sacola plástica, eu experimentava a sensação intransferível de conseguir o que por algum tempo tanto se desejou. Apesar de saber que os livros ficam é na cabeça da gente, fui capturado pelas armadilhas do sentimento de posse material: “Isso é meu e ninguém pode mudar”. Os pensamentos fugidios me fizeram desviar a rota sagrada de todos os dias. Para chegar em casa, ao invés de realizar o trajeto usual pela Avenida da Universidade, movimentada por carros, motocicletas e transeuntes – considerada, portanto, mais “segura” –, decidi (pelas artimanhas do acaso) adentrar os jardins da Reitoria, atravessar a Rua Paulino Nogueira e seguir na Nossa Senhora dos Remédios: uma rua larga, silenciosa e aconchegante, com casas bonitas que eu gostava de olhar quando passava por ela.

Não tive tempo de lamentar o irrefletido desvio de percurso. Quando dei por mim estava cercado por dois brutamontes “bem aparentados”, como se diz por aí: branquelos, vestidos com roupas e tênis “de marca”, indumentária comumente associada aos *playboys*⁶⁴. Os homens armados se movimentavam nervosamente e gritavam frases como: “Perdeu, perdeu!” Um senhor que aparentava ter uns 60 anos de idade já estava sendo abordado pela dupla quando eu entrei em cena. Um carro cinza estava estacionado na beira da calçada, com as duas portas da lateral direita escancaradas. Era perceptível que havia um motorista acompanhando o desenrolar da ação, dando cobertura aos outros dois comparsas.

Um dos sujeitos logo me cercou, tateava os bolsos da minha caça *jeans* e me puxava pela camiseta com violência. Em determinado momento o homem tentou me empurrar bruscamente para dentro do veículo. Apesar da confusão e nervosismo, consegui me desvencilhar, mediante uma resistência corporal que não chegou a se configurar uma “reação” propriamente dita. Eu sabia que se fosse colocado no interior do automóvel estaria perdido, e por isso procurava dramatizar a situação, proferindo frases como: “Calma aí, cara! Calma aí!” Era crucial permanecer distante do veículo.

Tendo lido a tese de Jania Perla (2009), intuí que seria conveniente assumir uma expressão e postura corporal antagônica àquela empreendida pelo meu algoz, passando confiança para o sujeito. Eu sabia que ele realizava uma “performance” previamente “ensaiada”, e queria que eu demonstrasse medo e pavor convincentes. Acabei representando o papel da “vítima”, considerando que ele atuava no papel do “bandido”. Se eu colaborasse, talvez pudesse escapar ileso. O homem exigia celular e carteira e me chamava de termos pejorativos. Percebendo que eu carregava uma sacola, apalpou com força o conteúdo (o livro) e soltou imediatamente, demonstrando desinteresse.

Após se apossar dos objetos exigidos – tudo que eu tinha (além do livro de Hobsbawm) era celular e carteira (com todos os documentos) –, o sujeito logo ordenou que eu me evadisse do local – o que também se aplicara ao senhor tão desafortunado quanto eu. Cumpri com o ordenado, mas na fuga ainda tive a audácia de olhar para trás e anotar mentalmente a placa do *Peugeot* cinza, que àquela altura já dobrava velozmente a esquina da Rua Padre Francisco Pinto, com os indivíduos em seu interior.

Passado o momento de susto, o senhor de quase 60 anos me confessou que haviam levado os trezentos reais que ele havia acabado de sacar na agência do Banco do Brasil, localizada na Reitoria da UFC. Posteriormente, consegui uma caneta com moradores e

⁶⁴ *Playboys* são sujeitos que costumam andar em bando, usam roupas caras e veículos possantes financiados pelos pais. Geralmente praticam inúmeras ilegalidades, brigas e confusões por onde passam.

rabisquei na nota fiscal da livraria as letras e os números da placa memorizados. Logo em seguida realizei uma pesquisa cuidadosa na *internet*, procurando desvendar algo a mais através de dados do automóvel utilizado na ação do bando. Logo constatei que o carro havia sido roubado uma semana antes e era proveniente de Sobral. Nesse sentido, a informação sugeria que os “bandidos *playboys*” vinham praticando inúmeros assaltos por onde passavam; a partir da referida cidade.

Somente mais tarde, na calma do lar, é que pude abrir a sacola plástica onde havia guardado o livro prontamente rejeitado pelo “assaltante”. Logo constatei que a cabeça do alazão de Pancho Vila – na bela imagem reproduzida na capa do livro – estava marcada com um perceptível afundamento ou rasura incomum. Nada mais do que uma lembrança peculiar, tornada indelével pelas unhas do violento algoz. Apesar de tudo, percebi um dado bastante curioso na história: talvez eu seja um dos poucos sujeitos que possui um dos livros mais interessantes sobre o estudo do banditismo, “assinado” por um “bandido” legítimo, advindo da mesma região que é campo da minha dissertação de mestrado sobre a construção sociológica do “bandido”.

[...] o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida, sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha da sua vida. Daí a atmosfera incomparável que circunda o narrador, em Leskov como em Hauff, em Poe como em Stenvenson. O narrador é a figura com a qual o justo se encontra consigo mesmo (BENJAMIN, 1987, p. 221).

Vale ressaltar que poucos dias após o incidente no bairro Benfica, ocorreu uma morte que é parte de um processo doloroso de perdas – que, a meu ver, teve início ainda em 2012, com o assassinato de Elitônio. Na quinta-fera, dia 4 de dezembro de 2014, recebera a notícia de que um grande amigo de adolescência, o poeta e escritor Claudio Alving, havia falecido em Fortaleza, no bairro Parangaba.

Nesse sentido, o cenário seguinte se constrói um mês após os dois eventos absolutamente indesejáveis. Sem dúvida, o assalto, apesar de quase ter custado a minha própria vida, como sempre se costuma pensar, havia me alertado para a necessidade de retornar ao meu campo de pesquisa, visto que muitas novas ideias inesperadas haviam brotado

de tais acontecimentos. Nesse sentido, naquele contexto específico, o campo emergia como uma forma eficaz de superar criativamente os traumas da vida comum.

Por conseguinte, eu questionava, por exemplo, as possíveis aproximações empíricas entre aqueles bandidos que me interpelaram na Rua Nossa Senhora dos Remédios e os sujeitos que eu vinha estudando em minha dissertação. Em primeiro lugar, surgia o jovem Elitônio, e a forma como eu o enxergava ou tentava, com esforço, enxergá-lo. Como diria Georges Didi-Huberman (1998, p. 30): “[...] a visão se choca sempre com o inelutável volume dos corpos humanos.” O que vemos quando olhamos o que enxergamos? Seria Elitônio a imagem que eu imaginava enxergar nos meus pensamentos? Ao encarar uma parte – ou um conjunto de partes – de sua vida, eu seria capaz de enxergá-lo, de fato? E como o universo, a família, de Elitônio me enxergava ou olhava para mim?

Sentindo-me como um espécime raro de “narrador viajante”, afinal de contas: “Quem viaja tem muito que contar.” (BENJAMIN, 1987, p. 198), em janeiro de 2015 tive o ensejo de viajar para a microrregião de Sobral, com o intuito de empreender uma etapa importante do meu trabalho de campo. Ansiava realizar entrevistas com figuras-chaves, consolidando interlocuções que viabilizassem uma “entrada” satisfatória nos sertões. Havia estabelecido alguns contatos fundamentais em julho de 2014 no município de Groaíras. Todavia, em janeiro de 2015, recém chegado de Fortaleza há alguns dias, encontrava-me num estado permanente de tensão e reflexividade, imerso no cotidiano tranquilo de uma pequena cidade do interior do Ceará. Nesse contexto, costumava recordar os preceitos metodológicos do “bandido facínora” Spiegelberg, curioso personagem de F. V. Schiller (2011, p. 80):

Spiegelberg: A primeira coisa que deves fazer quando chegas a uma cidade é buscar a amizade dos mendigos, empregados e canalhas e ver quem é que tem a palavra entre eles e a este darás a honra de tuas atenções, ganhando sua confiança... Mais adiante deves fazer teu ninho junto aos cafés, aos bordéis e tavernas, procurando saber, sondando quem mais protesta contra os cinco por cento destinados à melhora dessa peste que é a polícia, quem mais insulta à administração e se posiciona contra a fisiognomia e coisas do tipo [...]

Cariré tem uma área territorial de 756, 875 km², com uma população estimada em 18.645 habitantes (em 2015), localizada a 271 km de Fortaleza⁶⁵, na chamada microrregião de Sobral. Em seu cotidiano comum, a cidade parece não oferecer muitos atrativos públicos, lazer ou alguma espécie de entretenimento para pessoas vindas de fora, o que constituía

⁶⁵ Dados do IBGE. Disponível em:

<<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=230310&search=ceara|carire|infograficos:-dados-gerais-do-municipio>>. Acesso em: 18 de abril de 2015.

grande parte das observações e reclamações muito corriqueiras que pude ouvir de moradores, amigos e interlocutores carireenses. À exceção de cultos católicos ocorridos na Igreja Matriz do município, que costuma atrair grandes multidões de fiéis aos finais de semana (e igualmente nas Igrejas Evangélicas da cidade), são poucos os estabelecimentos comerciais – botecos e lanchonetes – responsáveis por um tímido movimento noturno no Centro da cidade, com atmosfera muito similar no decorrer da semana.

Somente nos domingos é possível observar o movimento incessante e, sobretudo, circular de crianças, adolescentes, adultos e idosos na praça principal. “Vamos dar uma volta na rua ou na praça?”, é uma frase regularmente proferida. Nos tráfegos cotidianos, é comum observar o ressoar de bicicletas, motocicletas, lambretas e alguns poucos carros – sendo raro encontrar uma família que não disponha, sobretudo, de bicicletas, motocicletas e lambretas. Todos os veículos vão e vêm pelas ruas, zunindo, surgindo e desaparecendo, andando em círculos, sem qualquer destino aparentemente definido, que não o de apenas transitar para “olhar o movimento”, como as próprias pessoas do lugar costumam ressaltar: “Vamo lá na rua olhar o movimento...”

No gesto de circular a cidade, é possível identificar uma espécie de “interesse desinteressado”. Olhar o movimento é prática tão banal que jamais poder ser descartada da vida diária. O que se denomina o *movimento* do lugar, portanto, é produzido e ao mesmo tempo observado pelas próprias pessoas que frequentam “a rua” – expressão que remete ao Centro das cidades interioranas cearenses, como ocorre também em Groáiras ou Sobral. Nesse sentido, olhar o movimento das pessoas “na rua” é também observar, incentivar e gerar expectativas acerca de quaisquer resultados corriqueiros, tomados a partir das dinâmicas de umas e outras pessoas responsáveis por fazer circular os humores, os afetos e desafetos do lugar. “Estamos entre nós, em sociedade, para esperarmos entre nós por este ou aquele resultado” (MAUSS, 1974 *apud* BOURDIEU, 1996, p. 18).

No contexto social referido, é possível considerar que, de certo modo, “todo mundo é conhecido de todo mundo” e ninguém passa sem ser notado. É curioso perceber que, em todos os dias da semana, a “movimentação” começa a escassear quase completamente às 22 horas da noite – com eventuais exceções aos sábados e domingos ou em outras datas excepcionais. Quem é visto circulando depois das 22 horas certamente pode se tornar alvo de olhares mais insidiosos, advindos das frestas e janelas das residências.

A cidade se torna mais efervescente em épocas de festejos, eventos que ocorrem em importantes datas religiosas, festas da padroeira, confraternizações comunitárias de fim de

ano, eventos políticos e inaugurações de prédios públicos. Era bastante comum que amigos e familiares me aconselhassem visitar o lugar exatamente em ocasiões de festas, quando poderia, de fato, reconhecer o verdadeiro potencial atrativo da cidade. Para quem vêm de fora, as ruas de Cariré parecem esvaziadas durante quase todos os dias da semana, com exceção do movimento de comerciantes e transeuntes observado nos entornos do Mercado Público Municipal Raimundo Martins de Araújo, inaugurado a 15 de setembro de 2014. De outra parte, apesar de possuir um grande número de casas bem construídas, as moradias de Cariré me parecem mais “esconderijos” embelezados, sendo raro encontrar uma casa com as portas abertas durante o dia. Eu costumava pensar que os habitantes preferissem permanecer em suas residências geralmente por conta do clima extremamente seco, e do intenso calor diurno, que frequentemente ultrapassava os 40 graus.

Na verdade o aspecto “atrativo” do lugar pouco me interessava naqueles dias, pois eu não estava ali à procura de entretenimento, mas em busca de algo profundamente sério, que eu procurava encarar menos como um “compromisso acadêmico” e mais como um objetivo de vida a ser atendido. Em outras palavras, o meio acadêmico me possibilitou todos os recursos para seguir objetivos de vida relevantes. Enfrentava já há alguns dias o pensamento incessante de que em algum momento iria ao encontro do que havia me comprometido desbravar um ano antes, quando me submeti à seleção de mestrado em sociologia da UFC. Portanto, eu estava ali exatamente no mesmo lugar, e no período que eu havia me comprometido, e só precisava em algum momento adentrar os sertões daquela região, à procura de tudo que fosse essencial à minha pesquisa, das coisas que eu poderia ou não encontrar. Achava-me, entretanto, no limite do enfrentamento dos meus medos e receios, ou de que talvez nada do que eu havia planejado pudesse ser viabilizado na prática.

A palavra “sertão” sempre me despertou um sentimento inegável de nostalgia, de uma vida mais genuína, rica em simplicidade e, ao mesmo tempo, de uma realidade cotidiana bastante vigorosa, que eu tanto admirava quando criança e que ainda hoje me desperta grande fascinação. Não se trata de romantizar ou fantasiar a imagem do sertão, visto que, conforme fui crescendo, Fortaleza de certo modo se tornou para mim mais interessante e cheia de possibilidades, em todos os aspectos. Entretanto, havia passado muitos dias e dias da infância em viagens familiares nos sertões daquela região, a chamada *Vargem Cumprida*, de modo que acabei construindo uma ligação extremamente afetiva e espiritual com o lugar.

Apesar de não ser natural de nenhuma cidade ou lugarejo da microrregião de Sobral, meu pai, fortalezense nato, costumava jogar como atacante no *Internacional Beira*

Rio, time de futebol de várzea, bastante conhecido na microrregião de Sobral em meados da década de 1980 – época em que ele ainda não era casado com minha mãe, como dito na introdução, natural do município de Groaíras. Nesse sentido, ao longo da minha infância, quando viajavamos para o interior – sobretudo para a cidade natal de minha mãe –, era comum que além de visitarmos Cariré, Acaraú e Sobral, frequentássemos também o sertão da Vargem Cumprida – onde o meu padrinho houvera sido criado.

Do alto de meus seis ou sete anos de idade, a experiência mais comum consistia em acompanhar o meu pai em seu principal *hobbie* no sertão: capturar pássaros supostamente “raros”, mas que pareciam muito numerosos naquela região. Na verdade, nunca admirei o hábito das capturas de pássaros, mas era obrigado a ficar por horas intermináveis auxiliando meu pai nos estudos meticulosos acerca dos locais de onde os pássaros costumavam surgir. Somente após muitas observações, construía-se arapucas infalíveis, estrategicamente posicionadas, utilizando outros pássaros da mesma espécie como “isca”. O senhor Arlindo – simpático chefe de família e dono do sítio onde costumávamos nos alojar, no centro da erma e distante Vargem Cumprida – supervisionava pacientemente as tais “arapucas”, sugerindo algumas melhorias em suas configurações e posicionamentos.

Após a *sesta* – o sono sagrado após o almoço –, saíamos todos sempre acompanhados de um cachorro de estimação, um auxiliar nos trabalhos do seu Arlindo no roçado. Eventualmente, falava-se em caçar o que parecia ser a iguaria mais inigualável do sertão: o *tejo*, uma espécie de lagarto selvagem muito comum no bioma da caatinga. Na realidade, nem sinal de tejo. Jamais conseguimos capturar e degustar um único sequer e, felizmente, o animal permaneceu vivo apenas em minhas memórias pela propaganda incessante que o meu pai e os moradores do sertão costumavam fazer. Sabendo destas referências, não foi difícil compreender porque os meus interlocutores comparavam o bicho fugidio da caatinga com os “bandidos” que “aterrorizavam” a região: “O Cícero é tipo assim um *tejo*... Ele fica nos canto assim só observando de longe e quando fazem um movimento brusco ele corre e abarca no rumo do mato! Não tem quem pegue!”

Nas horas pacatas do dia, que pareciam intermináveis, permanecíamos alheios, contemplando a paisagem fustigada de sol. O calor intenso e o clima seco faziam os lábios racharem e sangrarem. O rio mais próximo da região, Acaraú, ficava distante demais para irmos a pé. Era natural que em algum momento eu cansasse de “vida mansa” e procurasse me enturmar com os filhos do seu Arlindo, com as outras crianças e os bichos daquele território vasto, buscando outras experiências nos arrabaldes da casa principal.

No que tange às memórias individuais, Maurice Halbwachs (1990, p. 54) ressalta o seguinte:

A memória coletiva [...] envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal.

Sinto que pelos mais de vinte anos passados, embora em pouco ou nada tenham se alterado os lugares e as paisagens, os acontecimentos de morte, violências e perversidades destilam um sentimento diferenciado que, de todo modo, não me faz conceber o sertão como menos rico e exuberante. São óticas e facetas diversas que precisam ser devidamente realocadas, com cada lugar na sua coisa, e vice-versa. Apesar de ainda preservar aquele gosto especial da infância, como a afetividade familiar ou a riqueza panorâmica e selvagem proporcionada pela natureza, o sertão agora se mostrava inserido em outro contexto humano e sociológico transformado ao longo dos anos. Um contexto mais grave, eu diria, que perpassava a difícil temática que eu havia me comprometido a pesquisar.

Ao longo do segundo semestre de 2014, eu já havia adiado algumas vezes a minha definitiva imersão no campo de pesquisa, de forma alguma por negligência pessoal ou desinteresse. Intuitivamente, eu sabia que poderia encontrar materiais empíricos curiosos e interessantes, capazes de inundar totalmente as minhas reflexões diárias e problemáticas intelectuais. Após transpor uma espécie de bloqueio inicial, entrevi que as coisas certamente iriam fluir “com naturalidade”. Só bastava, então, dar o pontapé inicial.

Como pontuei anteriormente, naquele contexto específico, a última visita realizada ao município de Cariré se dera em julho de 2014, quando viajei para a região com a intenção de estabelecer contatos fundamentais para a presente pesquisa. A partir de então, a preocupação central residia em definir a maneira mais favorável de me inserir no campo mais profundo: de forma preferivelmente neutra, sem demandar repercussão alguma. Meu objetivo principal consistia em adentrar os sertões de forma insuspeita, com sutileza, dispondo da precisão e desenvoltura necessárias. Conhecendo e revisitando lugares, entrevistando pessoas, refletindo questões com meus interlocutores, sem despertar atenção e olhares demasiado curiosos. Portanto, saindo tão sutil como poderia entrar, e vice versa.

Um elemento que considero indispensável a qualquer pesquisa é justamente o de poder travar um contato direto com os universos empíricos evidenciados nos entrecruzamentos de narrativas reais e ficcionais; administrando, portanto, um *approach* que

favoreça novas reflexões, e que torne claramente demarcadas as fronteiras de intimidades possivelmente erigidas entre o sujeito “pesquisador” e o sujeito “pesquisado”. Em suma, é sempre imprescindível resguardar a consciência de que pesquisar consiste numa relação social que exerce efeitos variáveis sobre o que se pesquisa. Por conseguinte, Bourdieu (2012, p. 694) ressalta que:

Ainda que a relação de pesquisa se distinga da maioria das trocas de existência comum, já que tem por fim o mero conhecimento, ela continua, apesar de tudo, uma relação social que exerce efeitos (variáveis segundo os diferentes parâmetros que a podem afetar) sobre os resultados obtidos. Sem dúvida a interrogação científica exclui por definição a intenção de exercer qualquer forma de violência simbólica capaz de afetar as respostas; acontece, entretanto, que nesses assuntos não se pode confiar somente na boa vontade, porque todo tipo de distorções estão inscritas na própria estrutura da relação de pesquisa. Estas distorções devem ser reconhecidas e dominadas; e isso na própria realização de uma prática que pode ser refletida e metódica, sem ser a aplicação de um método ou a colocação em prática de uma reflexão teórica.

Mesmo com o “saber” acumulado sobre pessoas, relações ou coisas, mostra-se essencial permanecer consciente de que a integridade do trabalho não seja afetada por adversidades ocasionadas por qualquer falta: seja de pensamento ou de planejamento. Nesse sentido, por inúmeros motivos práticos, e razões que envolvem igualmente a relação de proximidade e distanciamento com o Soldado Moreno, havia me decidido adentrar os sertões via município de Cariré (e não mais via município de Groaíras). A escolha se dava pelo fato de minha família materna ser bem mais conhecida em Groaíras do que em Cariré, de modo que no último município eu seria mais dificilmente identificado ou reconhecido por populares, podendo realizar minhas observações com relativa cautela e tranquilidade.

Logo que chegara à cidade de Cariré, em 15 de janeiro de 2015, recebi uma notícia instigante. Há três semanas uma agência bancária no centro da cidade havia sido assaltada em plena luz do dia (por volta das 10 horas da manhã), por um bando de sujeitos violentos e fortemente armados. Os criminosos balearam pesadamente toda a fachada do prédio, tendo por fim roubado uma exorbitante quantia em dinheiro. Um aspecto curioso do caso – relatado por populares e colaboradores – consistia em que todo o destacamento policial do município havia sido chamado para uma ocorrência repentina, ocorrida em outra localidade distante e mesmo fora da jurisdição carireense. No momento do ataque não havia mais do que um ou dois policiais na cidade. Nesse sentido, populares desconfiavam que o roubo tivesse sido arquitetado por bandidos com a garantia de “vista grossa” da polícia local; sendo a duvidosa ocorrência, portanto, uma mera invenção ou pretexto para que os bandidos atuassem com mais liberdade e a polícia não fosse culpabilizada.

No final da manhã desta segunda, 22 de dezembro de 2014, um bando de nove indivíduos conduzindo um arsenal de armas de grosso calibre, invadiram o município de Cariré e fizeram um assalto a uma agência bancária. Por volta de meio dia, a população da pacata cidade de Cariré ficou aterrorizada com uma rajada de balas que foi disparada nas dependências da agência do Banco Bradesco. A polícia militar foi informada da ocorrência e de pronto o comandante do Terceiro Batalhão Coronel Lindojonson, em conjunto com a polícia civil no comando do Delegado Doutor Junior Vieira, caíram em campo e em menos de uma hora conseguiram fazer a apreensão de dois dos envolvidos no assalto. Segundo o comandante, foram recebidos a bala mais não se intimidaram e responderam a altura. Foi encontrado com os meliantes o seguinte armamento: 04 revólveres, 01 espingarda calibre 12, 02 rifles puma calibre 44, 03 coletes balísticos, 02 bala clava e muita munição. Os dois indivíduos presos foram identificados por: Francisco Antônio Ferreira Paiva e Luciana de Sousa Paiva, ambos de Itaitinga, região metropolitana de Fortaleza. O casal foi recambiado para a Delegacia de Furtos e Roubos na capital cearense. Não nos foi repassada o valor subtraído pelo bando.⁶⁶

Logo pude observar que era constante o sentimento de desaprovação de muitos interlocutores em relação à polícia local. Não foi à toa que tão logo decidi me aprofundar mais detalhadamente a respeito do ataque à agência bancária, com o intuito de que a partir daí pudesse articular novos caminhos. Além de conversar com algumas pessoas sobre o roubo, decidi que teria uma conversa com o delegado Flávio. Pude me informar com antecedência que o referido policial, que atuava na cidade há aproximadamente seis anos, estaria envolvido na perseguição e morte do bandido Luciano do Cariré e dos comparsas Elitônio e Cícero, o que me instigou a procurá-lo para uma possível entrevista.

Decidi ir diretamente a sua residência, depois de confirmar com algumas pessoas que o gesto não implicaria problemas maiores. Batendo à sua porta consegui dialogar com uma mulher, que me indagou o que eu desejava tratar com o “patrão”. Depois de explicar a minha condição, e após me ouvir desconfiada, a mulher adentrou a casa silenciosamente, e após alguns minutos retornou dizendo que o “Seu Flávio” estava com fortes dores na coluna, e que por esse motivo não conseguiria levantar da cama para me receber.

As tentativas frustradas em contactar determinadas figuras públicas mostraram que no campo de pesquisa é preciso ser bastante cauteloso. Eu não poderia evidenciar facilmente a minha condição de pesquisador, mas apenas quando fosse excepcionalmente necessário. De outra parte, notara que minha produtividade parecia muito mais proveitosa em conversas “descompromissadas”, estabelecidas com populares e moradores daquele município. Em conversas com as pessoas, em geral, eu me deparava com uma variedade de informações muito mais consistentes e interessantes, em comparação com o que poderia tratar

⁶⁶ Disponível em: <<http://www.robortoliranoticia.net/2014/12/video-prisao-de-assaltantes-do-bradesco.html>>. Acesso em: 18 de abril de 2015.

formalmente com determinadas autoridades públicas, irremediavelmente desconfiadas de minhas intenções como estudioso. Realizei, portanto, uma verdadeira ruptura com a suposta relevância de alguns personagens que, ao final, pouca diferença fariam em meu trabalho. Por conseguinte, procurei me concentrar e seguir as vozes das pessoas mais interessantes, entrincheiradas nos sertões.

A frustração relacionada ao episódio do delegado me fez retornar novamente ao que eu de fato desejava me conter, a ideia de adentrar a zona rural, conhecendo lugares e estabelecendo interlocuções que pudessem contribuir na efetivação das metas que eu havia estabelecido para a viagem. O que me parecia o maior problema, relacionado a esta etapa da pesquisa, seria conseguir algum possível “colaborador”, que conhecesse os sertões e pudesse se locomover com desenvoltura entre as inúmeras localidades e lugarejos existentes entre as cidades de Groaíras, Cariré e Santa Quitéria.

Um de meus familiares carireenses, ainda em 2014, havia se prontificado a realizar comigo as tais incursões aos sertões, porém, em determinado momento ele havia me enviado um e-mail relatando que não poderia mais me acompanhar, pois não conhecia bem os lugares para os quais eu pretendia ir, e por isso não seria de grande ajuda no empreendimento. Compreendendo os medos do meu primo Reginaldo, fiquei preocupado, mas não desanimei em buscar outros possíveis colaboradores em Cariré.

Por conseguinte, a solução estava mais próxima do que eu imaginava. Além de Reginaldo, havia outros dois primos (irmãos de Reginaldo): o do meio, Raul, e o mais novo, Francisco. Dos três, portanto, Raul era o que mais andava comigo, escutava e acompanhava com atenção as questões e problemáticas relacionadas à minha pesquisa. Raul era quem me levava para andar pela cidade, procurava me apresentar aos amigos e conhecidos, contava histórias que sabia e ouvia falar a respeito dos inúmeros “bandidos” e tramóias policiais na região, proporcionando boas conversas sobre assuntos variados. Conhecendo de perto o meu drama, Raul prometeu que tudo daria certo. Todavia, minha imensa gratidão com os estímulos do primo esbarravam no fato de que ele não conhecia tão bem os atalhos do sertão.

Embora tenha convivido intensamente na infância com Reginaldo e Raul, Francisco, por sua vez, era ainda muito novo na época, o que retardou a nossa interação e o desenvolvimento de alguma intimidade. As visitas a Cariré nos aproximaram gradativamente, e logo acabamos nos tornando bons amigos. Posteriormente, quando Francisco soube que eu precisava realizar incursões aos sertões, afirmou conhecer devidamente as estradas. Um fato que eu desconheci completamente até ali era que meu primo, apesar de muito mais jovem que

seus dois irmãos, era um competidor nos eventos de *MotoCross* ocorridos periodicamente naquela região, de modo que conhecia os caminhos ao sertão.

No dia 18 de janeiro, domingo, por volta das 15 horas, realizamos os preparativos e saímos em direção aos sertões: eu, Francisco, Raul e Reginaldo. O plano era que Francisco nos levasse até a localidade de Furor, onde Elitônio fora executado na madrugada do dia 26 de dezembro de 2012, em um conhecido campo de futebol da comunidade.

Somente quando saímos da cidade e caímos na estrada de terra, bem distante das rodovias e rotas convencionais asfaltadas, pude perceber o quanto seria dificultoso para um forasteiro se manter devidamente situado naquela profusão de paisagens desérticas, que tão logo se transformavam em pequenas sendas fechadas e novamente se abriam um pouco mais adiante, tornando-se pequenos riachos. Em alguns momentos tivemos que descer das motos e atravessar cuidadosamente a pé por pontes improvisadas de madeira.

O cenário era ainda ilustrado por pequenos e grandes casebres feitos de taipa, e casarões de fazendas mais imponentes, com currais povoados por bois, bodes e cabras. Francisco, apesar da pouca idade, pilotava a sua moto com total experiência, demonstrando um conhecimento invejável dos caminhos dos sertões. Ele raramente duvidava sobre qual direção deveríamos seguir. Vale ressaltar que enquanto atravessávamos as paisagens áridas, eu procurava registrar tudo com a câmera do celular. Olhando sempre para trás, eu me certificava que Reginaldo e Raul permaneciam em nosso encalço.



Figura 5. Estradas de terra dos sertões. Foto: P.H. Rodrigues.

Após alguns minutos de viagem, as sendas se multiplicaram, e Francisco começou a duvidar se dirigíamos na direção certa. Precisamos parar e indagar aos raros moradores da região, que surgiam em pequenos casebres ou mesmo no meio da estrada. As perguntas orbitavam sobre onde estávamos e por qual direção deveríamos seguir. Comecei então a duvidar do nome do lugar onde Elitônio teria sido executado.

As dúvidas prosseguiram até o momento em que chegamos ao próprio lugarejo, e imediatamente nos engajamos na busca pelo campo de futebol, onde Elitônio teria sido morto. Por conseguinte, paramos em frente a uma casa de aparência bastante similar às demais residências locais, onde estavam sentados um senhor e uma senhora, que logo começaram a nos observar com olhar atento e curioso. Como eu sempre procurava tomar as rédeas das situações (sobretudo quando em contato com moradores), indaguei o casal a respeito da localidade de Furor. Eles responderam que ficava realmente distante, e que não estávamos no caminho certo. O lugar que estávamos, entretanto, era o sertão da Pedra.

Logo concluí que se ali era o lugar onde Elitônio teria passado a sua infância, aquela seria a oportunidade ideal de encontrar pessoas ligadas sua afetividade: amigos ou familiares em geral. Logo decidi “abrir o jogo” para os dois senhores, ressaltando que procurava informações acerca de Elitônio. Após ouvirem tudo com atenção, logo esclareceram que Elitônio havia morrido realmente no sertão de Furor: “Mas a casa dos pais dele é bem ali mais à frente. Uma casa amarela de alpendre cumprido. Pode chegar lá que a mãe dele vai receber vocês bem. Ela se chama Virgínia e o marido dela é o João”.

3.2 Aproximações de um território afetivo e familiar

1.

A fala a nível do sertanejo engana: as palavras dele vêm, como rebuçadas (palavras confeito, pílula), na glâce de uma entonação lisa, de adocicada. Enquanto que sob ela, dura e endurece o caroço de pedra, a amêndoa pétrea, dessa árvore pedrenta (o sertanejo) incapaz de não se expressar em pedra.

2.

Daí porque o sertanejo fala pouco: as palavras de pedra ulceram a boca e no idioma pedra se fala doloroso; o natural desse idioma fala à força. Daí também porque ele fala devagar: tem de pegar as palavras com cuidado,

confeitá-la na língua, rebuçá-las;
pois toma tempo todo esse trabalho

João Cabral de Melo Neto, *O Sertanejo Falando* (1962-1965).

Ainda que tenha se equivocado quanto à devida associação dos lugares em relação aos fatos, Francisco havia me levado para um ponto ainda mais significativo no que concerne ao meu “reencontro” com os sertões. Eu estava na localidade em que Elitônio teria passado infância e adolescência, quando a partir dos 18 anos decidira “arriscar a sorte” no Rio de Janeiro: a fim de trabalhar, juntar dinheiro e comprar uma motocicleta para passear com a esposa e as filhas quando de volta ao Ceará. Estar ali, entretanto, causou-me um súbito temor, pelo fato de não ter em mãos um roteiro de entrevista definido para uma conversa com a mãe, o pai ou os irmãos de Elitônio; pois não imaginava que poderia encontrá-los logo numa primeira incursão. Eu sabia que antes era preciso “preparar o terreno”, chegar com tranquilidade, abrandar as desconfianças e deixar transparecer aos poucos as boas intenções e, posteriormente, elaborar roteiros mais precisos.

Por alguns instantes, pareceu-me pertinente retornar a Cariré e avaliar cuidadosamente de que maneira deveria abordar a família, e se de fato seria um gesto prudente chegar ali acompanhado de tantas pessoas (os meus três primos) para tratar de assuntos tão sérios e delicados. Todavia, as dúvidas e temores não duraram muito tempo, de modo que a ansiedade para o encontro era maior e me fez seguir adiante. Algo dizia que eu devia ignorar as dúvidas ocasionais, procurando me orientar por tudo que eu sabia e havia assimilado até ali. Em outras palavras, era preciso “fazer o campo” acontecer.

Chegando próximo à casa amarela com extenso alpendre, como haviam indicado o simpático casal, pude visualizar ainda de longe alguns adultos e crianças, que corriam descalças pelo chão de terra batido. Havia um senhor idoso que fazia a barba de outro senhor quase da mesma idade, na extremidade direita da varanda. Do outro lado do alpendre estava uma senhora idosa, ao lado da porteira de entrada. Ela fabricava chapéus de palha e conversava com outras duas mulheres mais jovens, acomodadas em pequenos bancos à sua frente⁶⁷. No pouquíssimo tempo que eu, Raul, Reginaldo e Francisco tivemos para alcançar a casa, eu procurei refletir a respeito da melhor maneira de abordar a família. Com que cautela deveria empregar determinadas palavras em relação ao ente querido? E ainda, como manter a devida compostura, para que eles não notassem qualquer nervosismo?

⁶⁷ “[...] o cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada.” (CERTEAU, 2000, p. 31).

Desci da garupa da moto com um sorriso de satisfação. Logo percebi que as três mulheres (mais próximas do meu campo de visão), imediatamente interromperam seus afazeres e começaram a avaliar cada um dos meus movimentos, a minha vestimenta, as motocicletas; assim como os gestos e as características dos meus três acompanhantes. Decidi prontamente que logo depois de saudar a todos, deveria “quebrar o gelo” sem muitos rodeios. Ser objetivo, dispozo de toda simpatia, com o intuito de conquistar as vistas daquelas pessoas que me observavam em silêncio. Qualquer deslize poderia dar uma impressão errônea, por exemplo, de que eu seria um policial disfarçado, que talvez procurasse sondá-los por conta da carreira criminal de Elitônio.

Decidi que deveria “abrir o jogo”, o que para mim era feito com relativa prudência e cerimônia, sobretudo após a interação que simplesmente não estabeleci com o delegado Flávio. Naquelas circunstâncias, entretanto, eu lidava com populares que me agradavam pela extrema simplicidade, pessoas que logo se mostraram abertas e muito semelhantes aos meus próprios familiares do interior e sertões. Eu de fato acreditava que todos compreenderiam com boa vontade as minhas reais intenções.

Obtive um feliz acerto. Para minha extrema satisfação, fui muito bem recebido, sobretudo por Dona Virgínia, que após ouvir minha breve apresentação e a razão pela qual eu me encontrava ali (para falar de Elitônio), logo me pediu simpaticamente: “Entre aí, moço, vamos conversar...”

Fui indicado para tomar assento numa pequena cadeira de metal com tiras azuis de borracha. Nesse momento, Dona Virgínia solicitou que eu falasse mais um pouco sobre o que eu realmente gostaria de “fazer” e “saber”. Naquelas circunstâncias, então, pude recordar uma interessante passagem de Irllys Barreira (2001, p. 106):

A função das mulheres como mobilizadoras de sentimentos e protagonistas de ressentimentos fundamenta-se no interior de uma percepção valorativa do papel feminino na vida social. Nessa perspectiva, as mulheres são consideradas substância de bens simbólicos familiares ou caudatárias de uma reserva moral civilizadora. [...] Encarnam, assim, as mulheres na condição de defensoras de princípios universais que estão além do campo da honra e do próprio espaço da política, um poder simbólico que permite exprimir múltiplas linguagens relacionadas ao sofrimento, à indignação e demais sentimentos associados aos ciclos fundamentais de vida e morte.

O marido de Dona Virgínia, Seu João, que até então permanecera calado e atento, ouvindo da extremidade oposta do alpendre o que eu conversava com a sua esposa, logo procurou alertar a companheira: “Tenha cuidado com o que você vai falar aí, Virgínia, pra

depois não vim problema pra nós”. A recomendação do seu João não deixava de constituir uma “indireta”, muito bem direcionada para a minha pessoa. Compreendendo as razões implícitas no preciso “comentário”, ou a que espécie de “cuidado” e “problemas” o Seu João se referia, imediatamente procurei esclarecer com toda a serenidade e respeitabilidade necessárias; ao seu João e a todos os que estavam presentes, que permaneciam calados e bastante atentos: à exceção das crianças que apenas continuavam brincando sem se importar com o que se passava no “universo dos adultos”.

Sempre com um sorriso estampado no rosto, enfatizei com tranquilidade: “Eu prometo que vocês não terão problemas. Faço um trabalho de pesquisa sério e estou aqui para ouvir vocês, e jamais prejudicar vocês. O senhor, seu João, pode ficar tranquilo e confiar, viu? Não vai vir problemas pra vocês. Eu garanto!”

A mulher é a região elementar da intimidade. Nesse sentido, Deleuze e Guattari (1997, p. 85-86) discorrem a respeito do “estatuto feminino” do segredo:

É que as mulheres não têm absolutamente a mesma maneira de tratar o segredo (a não ser quando elas reconstituem uma imagem invertida do segredo viril, uma espécie de segredo de gineceu). Os homens as acusam ora por sua indiscrição, seu falatório, ora por sua falta de solidariedade, sua traição. No entanto, é curioso como a mulher pode ser secreta não escondendo nada, á força de transparência, inocência e velocidade. O agenciamento complexo do segredo, no amor cortês, é propriamente feminino e opera na maior transparência. Celeridade contra gravidade. Celeridade de uma máquina de guerra contra gravidade de um aparelho de Estado. [...] Há mulheres, ao contrário que dizem tudo, falam até com uma terrível técnica; no entanto, no fim, não se saberá nada a mais do que no começo; terão tudo escondido por celeridade, limpidez. Elas não têm segredo, porque tornaram-se, elas próprias, um segredo.

Com as minhas palavras seu João mudou levemente o semblante, deixando transparecer num simples sorriso a sua extrema simpatia. Logo decidi apresentar meus primos, que haviam me acompanhado fielmente até ali. Não tardaria para que eu pudesse adentrar os territórios secretos dos afetos familiares.

Em determinado momento, a senhora ressaltou que não tinha muito que falar acerca de Elitônio (“eu sou só a mãe”) e não saberia fornecer informações realmente válidas. Dona Virgínia talvez deduzisse que eu precisava de um depoimento “especializado” sobre o assunto, e não de um genuíno “relato de mãe”. Ela parecia descartar a possibilidade de que eu pudesse valorizar as significações mais íntimas, sentimentais e emotivas que poderia transmitir acerca dos tortos percursos do filho. Talvez tivesse deduzido que eu não estaria ali para escutar as suas “dores e aflições”, mas apenas para ter informações “claras e objetivas” a respeito de Elitônio e logo depois me despedir sem jamais retornar. Esclareci que qualquer

relato seu (sobretudo enquanto mãe) seria de um valor inestimável para mim. Enfatizei ainda a seriedade do trabalho, em respeito à integridade de todos os presentes.

O segredo, definido como conteúdo que escondeu sua forma em proveito de um simples continente, é inseparável de dois movimentos que podem acidentalmente interromper seu curso ou traí-lo, mas fazem parte dele essencialmente: algo deve transpirar da caixa, algo que será percebido através da caixa ou na caixa entreaberta. O segredo foi inventado pela sociedade, é uma noção social ou sociológica. Todo segredo é um agenciamento coletivo. O segredo não é absolutamente uma noção estática ou imobilizada, só os devires são secretos; o segredo tem um devir. O segredo tem sua origem na máquina de guerra, é ela que traz o segredo, com seus devires-mulheres, seus devires-crianças, seus devires-animais. Uma sociedade secreta sempre age na sociedade como máquina de guerra. Os sociólogos que se ocuparam das sociedades secretas destacaram muitas leis dessas sociedades, proteção, igualização e hierarquia, silêncio, ritual, desindividuação, centralização, autonomia, compartimentação, etc. (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 82-83).

Por outro lado, a possibilidade de utilizar o gravador nas conversações que se seguiram era motivo de relativa ansiedade para mim. A simples menção em gravar os depoimentos poderia soar bastante invasiva ou inoportuna para Senhora Virgínia, que já emergia como “centro” de minhas atenções. Como aponta Deleuze e Guattari (1997, p. 82): “Haverá sempre uma mulher, uma criança, um pássaro para perceber secretamente o segredo”. Era forte o impulso em tentar registrar aquele primeiro contato que se dera de modo tão surpreendente quanto inusitado, ainda que pudesse causar uma “má impressão” indesejada. Ao indagar Dona Virgínia se poderia gravar nosso diálogo, ela se opôs acanhadamente, frisando o que havia dito minutos antes: “Não acho que seja necessário não, porque eu nem tenho tanta coisa importante assim pra falar”.

Percebendo que se tratasse mais de timidez que de verdadeira aversão ao aparelho de gravação, decidi que poderia desenvolver o diálogo até um limite confiável, em que finalmente poderia utilizar o gravador sem causar grandes incômodos. Permaneci com o instrumento à mão, ainda que desligado, o que me pareceu uma boa estratégia para ir rompendo, pacientemente, qualquer espécie de resistência inicial.

Com o passar dos minutos, notei que o depoimento de Dona Virgínia foi ficando cada vez mais robusto e prolongado; numa mistura comedida de “bom humor”, “timidez” e em determinados momentos de “gravidade”. Vale ressaltar que, antes de tudo, trata-se de uma mãe enlutada (Cf. RODRIGUES E DAMASCENO, 2015). A senhora começou a fazer referências a acontecimentos da infância do filho, realizando paralelos com fatos mais recentes (alguns de meu conhecimento e outros não). Nesse contexto, eu procurava enfatizar

determinados detalhes importantes de sua fala, tomando o devido cuidado para não interrompê-la bruscamente ou desvirtuar assuntos em perspectiva.

Nosso diálogo, portanto, começou a se tornar mais fluido e, em muitos aspectos, mais confortável. Nesse momento, esclareci novamente que suas palavras eram extremamente essenciais para minha pesquisa, e já um pouco mais seguro fiz a menção de ligar o gravador. Dona Virgínia não mais se opôs, permaneceu firme em sua narrativa, como se tivesse percebido que ter ali um “ouvido interessado” vindo de tão longe não poderia ser uma experiência ruim ou indesejada. Com o cuidado necessário, percebi que havia rompido uma etapa crucial da nossa interação, embora ainda me mantivesse atento e cuidadoso com as colocações, gestos e trejeitos que poderia realizar: procurando exercer ali o devido tato social, no âmbito de uma interação face a face (GOFFMAN, 2011).

Como exemplo prático do referido tato, eu procurava manter o rigoroso cuidado e sutileza na forma como poderia me referir ao filho Elitônio, evitando a todo custo usar palavras fortes, pesadas e marcadamente simbólicas: como “bandido”, “criminoso”, “assaltante”, “assassinato”, “morte”, e muito menos as palavras “estuprador” ou “estupro” (sobretudo na presença de Dona Virgínia). De todo modo, parecia bastante lógico para todos os presentes que, para eu me “destacar” até ali, vindo de Fortaleza, eu certamente deveria saber muitas coisas a respeito de Elitônio: coisas que, entretanto, eu não poderia falar ou me referir tão bruscamente e, sobretudo, numa primeira visita.

De fato, eu não era ingênuo em acreditar que meus interlocutores não imaginassem várias implicações. Todavia, procurava me referir sempre “ao que se diz” sobre Elitônio, reforçando que muito do que eu sabia se baseava mais em “boatos e notícias de jornais” da região, e que eu estava ali justamente para aperfeiçoar minhas percepções e esclarecer dúvidas, do que fosse possível e pertinente saber sobre o caso, no contato com a família de um “dos bandidos mais procurados da microrregião de Sobral”. Mesmo sabendo dos significados simbólicos de estar ali, eu procurava simplificar as coisas e afastar as más impressões que eu teria desenvolvido em diálogos anteriores com o Soldado Moreno, que tecia discursos geralmente negativos contra o bandido falecido e seu grupo familiar.

Procurava direcionar com sensibilidade a pauta das conversações especificamente para os meus objetivos de pesquisa. Imediatamente, tomei conhecimento que uma das mulheres mais jovens presentes no local era uma das irmãs de Elitônio: Leila, que desde o início se empenhava em pontuar e acrescentar detalhes interessantes às falas de Dona

Virgínia. A outra mulher presente no local, por se tratar de uma vizinha, amiga da família, apenas permanecera calada, envolta numa clara atmosfera de curiosidade.

Os depoimentos iniciais da mãe eram pautados na recapitulação da imagem de um filho “bom como qualquer outro”, de modo que sua narrativa fora partindo da infância e adolescência de Elitônio (“uma pessoa boa”), evoluindo gradativamente para o outro extremo, o “filho bandido” (seduzido pela maldita “vida braba”): extremamente odiado pela população e brutalmente assassinado por matadores anônimos. A seguir destaco um trecho da entrevista, relacionado ao primeiro registro de gravação, do dia 18 de janeiro de 2015:

DONA VIRGÍNIA: O que eu tenho pra dizer é assim... Que ele era uma pessoa boa... Não fumava, não bebia. Me ajudou criar o neto meu, Miguel... Que ele amava o Miguel... Ai mas ele amava! Eu ia trabalhar no posto de saúde e ele quem ficava com o Miguel. Ele banhava, ele fazia o mingau, ele dava a ele, ele botava pra dormir. E, pronto, com quinze anos... E passou dezesseis, e passou dezessete, e passou dezoito... Maravilhoso! Aquele homem ali é um homem que conhecia ele⁶⁸. Com dezenove anos o Elitônio perdeu a cabeça, tinha uma mulher e uma filha, foi-se embora pro Rio de Janeiro, disse que pra comprar uma moto pra quando chegar andar com a mulher e a filha. Com seis mês que ele tava lá a mulher botou um *galho* nele⁶⁹. Nove mês ele veio simhora... Quando ele chegou que ele disse pra mim: “Mãe, minha vida não tem mais sentido...” Eu digo: “Besteira! Meu fi, tem tanta muié! Meu fi só existe uma muié que quando morrer cabou-se, que é tua mãe! Mas muié, nêgo arruma dez, arruma mil! Homem também é a merma coisa, né?” Aí pronto, aí ele foi pro Rio quatro vez e aí... (Silêncio)

PAULO: Ele passava quanto tempo nessas viagens?

DONA VIRGÍNIA: Ele ia, passava... (Pausa para pensar) Primeira vez passou nove mês... A outra vez ele passou seis mês... Outra vez ele passou três mês... A outra vez ele passou seis... Aí entrou na vida... Na “vida braba”... Eu, o pai dele, irmão, todo mundo dizia: “Meu fi, deixa disso!”

PAULO: Mas o quê que você define como “vida braba”? Essa vida que ele começou a ficar assim...

DONA VIRGÍNIA: Assim, né, de andar mais quem não era pra andar, né? Mas só que, ninguém, assim, ele não era pessoa de andar pegando nada de ninguém e trazendo pra dentro de casa, né? Ele nunca trouxe nada pra dentro de casa, né... E aí, quando deu em dezembro... Aí ele arrumou uma mulher (Maria), e quando foi em dezembro foi passar o natal na casa da muié dele. Deixou esse menino aqui (Aponta para a criança que brinca bem próximo), que é o filho dele, deixou comigo.

PAULO: Ah, ele é filho dele, esse meninozinho?

DONA VIRGÍNIA: É, é sim... Aí quando foi seis hora ele ligou pra mim, dia vinte e cinco. “Mamãe, só to chegando aí de noite...”. “Pois tá bom...” Aí, esperei de noite não chegou. Aí quando deu uma hora (da madrugada) ligaram dizendo que tinham matado ele, né... Pronto... E todo mundo tinha vontade de matar ele... Agora não sei

⁶⁸ Apontando para o senhor que o pai de Elitônio barbeava, na outra extremidade do alpendre.

⁶⁹ “Galho” é uma expressão pejorativa que denota o estigma de traição e infidelidade em relações conjugais. “Tomar um galho” significa ser traído pela companheira e vice versa.

porquê... Porque ele aqui ele não mexia com ninguém. Aqui é “Fechado”, né? De onde é de Canafista⁷⁰ a Groáiras ele nunca mexeu com ninguém, e o pessoal era tudo doido pra matar ele. Não sei porque...

PAULO: Você acha que muita coisa era inventada sobre ele?

DONA VIRGÍNIA: Rapaz, eu acho que sim. Tinha muita gente... Porque depois que ele morreu esses roubo nunca se acabou-se, né? Tudo enquanto era ele, tudo enquanto era ele, tudo enquanto era ele!

PAULO: Ele sempre morou aqui ou morava em outro lugar?

DONA VIRGÍNIA: Não, toda vida a gente morou aqui...

PAULO: E como é que foi a “criação” do Elitonio?

DONA VIRGÍNIA: Que ele era uma pessoa muito obediente assim no começo, né...

PAULO: O Elitonio trabalhava quando era criança? Ele estudava?

DONA VIRGÍNIA: Às vezes o pai dele levava ele pra trabalhar na roça... Ele estudava... Estudava...

O transitar de Elitonio entre o sertão da Pedra e o Rio de Janeiro, dos 19 aos 21 anos, tornou-se cada vez mais frequente. Como visto no primeiro capítulo, trata-se de uma prática bastante tradicional não apenas entre muitos núcleos familiares do sertão, como também em algumas cidades da microrregião de Sobral. Em Groáiras, por exemplo, o intercâmbio com a “cidade maravilhosa” sempre foi bastante intenso e corriqueiro. Como muitas pessoas no campo pesquisado relatam: desde muito tempo, quando os rapazes completavam 18 anos, era comum que fossem embora para o Rio de Janeiro. Como ressaltado no primeiro capítulo, muitos jovens trabalhavam como garçons e realizavam “bicos” diversos na capital carioca, com o intuito de juntarem algum dinheiro e retornarem ao Ceará, podendo montar seus próprios negócios e ascender socialmente e economicamente.

É inegável que a tradição ainda se mantenha viva para muitas famílias do sertão. É possível constatar que muitos grandes comerciantes em Groáiras, quando jovens, tiveram suas respectivas experiências (boas ou ruins) na capital carioca. Existem exemplos interessantes, como do Seu Farias, dono de um bar muito conhecido, localizado no centro da pequena cidade e também o Seu Martins, que possui uma rede de restaurantes bastante frequentados na cidade de Sobral. Em outro momento da conversa, Dona Virgínia explicita:

DONA VIRGÍNIA: A primeira vez que ele foi (para o Rio de Janeiro) ele trabalhou numa obra. Aí ele disse, passou nove mês, aí ele chegou e disse pra mim: “Olhai,

⁷⁰ Canafístula é outro sertão da microrregião de Sobral, próximo ao município de Santa Quitéria.

mãe, quase me lasco de carregar cimento no ombro!” Passou nove mês... Aí depois ele foi, só trabalhava lavando carro, né? E não era de carteira assinada porque ele dizia assim: “Eu não quero carteira assinada pra na hora que eu disser eu vou mimbora eu vou mimbora mesmo! Não tem história de papel, num sei o quê, num sei o quê...” E pronto, só trabalhava lavando carro... Ganhava bem ele... No Rio de Janeiro só era de casa pro trabalho... Não bebia...

PAULO: Você acha que ele ter ido pro Rio teve alguma influência? Sobre ele ter mudado assim?

DONA VIRGÍNIA: Não, não sei não... Sabe porque? Porque, quando ele chegava no Rio de Janeiro... Peeense! Ele era uma pessoa que era só do trabalho pra casa, do trabalho pra casa, do trabalho pra casa...

PAULO: Ele morou onde no Rio?

DONA VIRGÍNIA: Ele morou num tal de Benfica, ele morou num Parque União mais a tia dele; ele morou no Méier mais... Um tempo que ele foi com a mulher que é a mãe desse menino (fazendo menção à criança).

Nos relatos destacados, é bastante sugestiva a oposição entre o “bom” e o “mal” filho Elitonio. De um lado, o garoto que “não fumava, não bebia”, que cuidava carinhosamente do sobrinho, que seria “maravilhoso” aos olhos da comunidade, o rapaz “trabalhador” que no Rio só vivia “do trabalho pra casa”. No outro extremo estava o jovem que, após sofrer uma suposta desilusão amorosa, acabou se acercando das “más companhias”⁷¹, dando início ao que ela e Seu João denominam a “vida braba”.

Na minha percepção, Dona Virgínia parecia claramente inconformada com a culpa e a responsabilidade das mortes e do mal que tanto populares quanto autoridades policiais da região atribuíam ao seu filho. Logo notei que a família, incontestavelmente, defendia um lado muito bem delineado no âmbito dos conflitos discursivos. Despontava a ideia de que Elitonio seria antes um injustiçado, acusado por crimes que certamente não teria cometido sozinho, não havendo provas concretas e justificáveis de sua autoria, de modo que as várias acusações teriam estimulado o seu trágico assassinato.

DONA VIRGÍNIA: É porque a própria polícia dizia na rádio: “Quem visse o Elitonio vagabundo podia meter bala!” A polícia mesmo falava na rádio! A polícia falava na rádio de Groaíras, a polícia falava na rádio de Forquilha, em toda rádio... Aí pronto... Aí qualquer uma pessoa podia matar ele, né? Mas ninguém sabe quem foi, né? Pode ter sido gente daqui, pode ter sido gente d’aculá, ninguém sabe, né...

SEU JOÃO: Fizeram foi uma tocaia dele...

DONA VIRGÍNIA: E eu nem eu quero saber! Sabe porquê? Porque não traz ele!

⁷¹ Como pude constatar, as “más companhias” seriam, sobretudo, Luciano do Cariré e Cícero.

LEILA: Quando ele era vivo todo roubo que tinha diziam que era ele. Mas quando ele morreu com um mês continuou os roubo... Então nera só ele. Muitos roubo não era ele. Tinha roubo que às vezes roubavam diziam que era ele...

Era evidente que, além da delicada dimensão afetiva e familiar inegavelmente presente nos posicionamentos e nas falas da mãe, do pai e da irmã, percebi que permanecia latente uma sutil vergonha grupal, que logo pude identificar como estando diretamente relacionada ao âmbito do estigma social coletivo (GOFFMAN, 1988), por tudo de negativo que o membro familiar Elitônio teria (ou não) protagonizado e, conseqüentemente, atraído para os próprios familiares. Sobre esta dimensão, procurei desenvolver mais profundamente na segunda visita realizada à residência de Dona Virgínia e do Seu João. Todavia, ainda naquele domingo, ela havia me fornecido pistas claras de como o assunto ainda a incomodava profundamente. Em tom marcadamente emotivo, a senhora confessa:

DONA VIRGÍNIA: Aonde a gente chega o pessoal fica falando: “Olha, aquela alí é a mãe do vagabundo Elitônio!, né? Já tem o quê? Já têm dois anos, né, que mataram ele? Mas o pessoal... Eu acho que amam ele, porque ficam dando da vida dele, uma coisa que ele não pode nem se defender, não é? Eu mesmo, falar minha verdade é preciso: eu tenho vergonha! Eu tenho vergonha de sair de casa [...] Ninguém mandou... a gente que é mãe não manda filho fazer nada errado, né? Não tem quem mande! Taí o pai dele... Nunca mandou ele fazer nada de errado... Ao contrário, dava muito conselho!

SEU JOÃO (Interrompendo calmamente): Depois que ele entrou naquela vida braba, aí pronto...

A casa surge como o símbolo do *locus* intocável de intimidade, acolhimento, refúgio e proteção, elementos grandemente representados e contidos na figura matriarcal concentrada em Dona Virgínia, que surge claramente como a força moral e agregadora do lar. A casa, “[...] primeira ilhota de segredo no interior do subclã ou do clã” (BOURDIEU, 2002, p. 29), emerge como o derradeiro território de resistência de uma honra grupal, em contraposição a uma estigmatização social implacável, direcionada não apenas a um indivíduo que já havia sido fisicamente eliminado, mas a toda uma rede familiar. A mácula socialmente impressa e indelével nos corpos dos parentes do bandido seria difícil de captar e compreender em sua mais pungente profundidade. Após horas e horas de diálogo, os assuntos igualmente me despertavam um sentimento de angústia e ao mesmo tempo de empatia por tudo que ouvia e assimilava atentamente.

Logo compreendi que, numa visita inicial, seria inoportuno adentrar inteiramente o campo dos apontamentos sociais relatados com claro sentimento de culpa⁷², assim como tudo de negativo que Dona Virgínia, o marido e os filhos passaram por Elitônio ter enveredado nos caminhos tortuosos da “vida braba”, como eles mesmos costumam chamar. Ficou claro que aqueles dois pais, além de perderem um filho, haviam perdido alguma credibilidade social, fundamental para circularem livremente e honradamente (“de cabeça erguida”), no seio de sua própria comunidade, pois era quase impossível que muitos confiassem nos parentes do “vagabundo Elitônio” e, segundo Dona Virgínia, os comentários na rua iam geralmente nesse sentido: os familiares seriam em parte “responsáveis” pelo sujeito “maligno” que colocaram no mundo.

Nesse sentido, as tensões e oposições existentes entre a rua e a casa se tornam potencializadas pelo simples pensamento de “sair de casa”. O gesto de “transitar”, portanto, constitui experiência desagradável para Dona Virgínia. Baseado em estudos etnológicos na sociedade Cabília, Bourdieu (2002, p. 28-29) enfatiza:

O imperativo maior é a ocultação de todo o domínio da intimidade: as dissensões internas, os fracassos e as insuficiências não devem em caso algum ser exibidos diante de um estranho ao grupo. Às diferentes coletividades encaixadas umas nas outras correspondem outras tantas zonas de segredo concêntricas: a casa é a primeira ilhota de segredo no interior do subclã ou do clã; este, por sua vez, fecha-se no interior da aldeia e ela própria guarda o seu segredo frente às outras aldeias. Segundo esta lógica, é natural que a moral da mulher, situada dentro do mundo fechado, seja essencialmente constituída de imperativos negativos.

Em minha percepção, era largamente evidente a manutenção de um padrão de consideração e preservação de fachadas, em respeito aos tantos sentimentos sérios que eram colocados em perspectiva. Por isso, exerci extrema cautela e muitas precauções nos delicados “rituais de interação” (GOFFMAN, 2011). Eu precisava desconstruir todas as informações possivelmente cristalizadas em relação à Elitônio, construída em discursos inúmeros que eu tive a obrigação anterior de assimilar com a devida crítica. Um cuidado que, naturalmente, já seria difundido e mediado por entre os próprios familiares em relação à reconstrução e ressignificação da imagem pública do parente criminoso, embora uma parte integrante da família, mesmo depois de sua morte. Segundo Goffman (2011, p. 18, grifos meus):

⁷² A meu ver, a resposta de uma inferência externa de culpa familiar se evidencia através da fala: “Ninguém mandou... a gente que é mãe não manda filho fazer nada errado”.

Assim como esperamos que um membro de qualquer grupo tenha respeito próprio, também esperamos que ele mantenha um *padrão de consideração*; esperamos que ele realize certos esforços para *resguardar os sentimentos e a fachada dos outros presentes*, e esperamos que ele faça isso voluntária e espontaneamente por causa de uma *identificação emocional* com os outros e com os sentimentos deles. Como consequência, ele não estará inclinado a testemunhar a *desfiguração* [*defacement*] dos outros. Em nossa sociedade, chamamos de “sem-coração” uma pessoa que consegue testemunhar a humilhação de outra mantendo impassivelmente um semblante frio, assim como aquela que consegue impassivelmente participar de sua própria desfiguração é considerada “sem-vergonha”.

Apesar do rico diálogo estabelecido com meus interlocutores, era evidente que por não possuir um roteiro de entrevista, como uma forma de melhor administrar aquele encontro completamente inesperado, era extremamente dificultoso fazer uma seleção rigorosa a respeito do que fosse mais imprescindível. De todo modo, os assuntos fluíam com relativa intensidade e naturalidade. Como salientei anteriormente, era determinante manter o devido tato com as expressões e as palavras que eu poderia utilizar nas conversações, o que só contribuía para aumentar ainda mais as tensões em jogo.

Nesse sentido, procurava me guiar unicamente por uma espécie de roteiro mental improvisado, que eu havia traçado ali mesmo: tentando manter a simpatia, a franqueza e, ao mesmo tempo, me esforçando em rememorar questões importantes e essenciais que eu deveria pôr em pauta. Ainda que eu tivesse sido bem recebido, permanecia no ar algum clima de desconfiança crescente na irmã de Elitônio⁷³. Evidenciava-se ainda um leve acanhamento na postura da Dona Virgínia, o que se mostrava problemático. Era claro que o verdadeiro “destravamento” se daria após muitas conversas prolongadas.

Tudo aquilo acabava me causando uma inevitável estranheza, pois o único que parecia mais tranquilo e confiante com a minha presença era o Seu João, que observava o desenrolar dos acontecimentos à relativa distância, embora sempre com um sorriso de amizade e simpatia, acrescentando observações indispensáveis com uma voz baixa, tranquila, e quase que inaudível.

Em determinados momentos, a tensão provocava momentos de silêncio (Cf. VEENA DAS, 1999), onde apenas os gritos das crianças eram audíveis. A situação logo me obrigava a tecer e preparar um novo mote, perguntas ou comentários⁷⁴, procurando desenlear a impressão de “vazio” ou “embaraço” que o silêncio poderia sugerir para as pessoas presentes. Como ressalta Goffman (2011, p. 42) na seguinte passagem:

⁷³ Uma espécie de desconfiança subentendida em gestos, falas e olhares, que eu só vi a compreender claramente na segunda visita que fiz à família.

⁷⁴ Lembrando que, segundo Goffman (2011, p. 32), “(...) ‘fazer um comentário’ é sempre uma aposta”.

Pausas indevidas se tornam sinais potenciais de não se ter nada em comum, ou de ter um domínio de si insuficiente para criar algo a dizer, e por isso devem ser evitadas. Da mesma forma, interrupções e falta de atenção podem comunicar desrespeito, e devem ser evitadas a não ser que o desrespeito implicado seja uma parte aceita da relação. É preciso manter um verniz de consenso através da discrição e de mentirinhas para que a suposição de aprovação mútua não seja depreciada. É preciso lidar com a retirada de forma que ela não comunique uma avaliação inapropriada. A pessoa precisa restringir seu envolvimento emocional para que ela não apresente uma imagem de alguém que não tem autocontrole nem dignidade para se elevar acima de seus sentimentos.

Por conseguinte, conforme os assuntos foram se aprofundando, as tensões também foram diminuindo, tornando as boas intenções mais evidentes. Desse modo, em pouco tempo eu pude constatar que todos os familiares presentes (pai, mãe e filha) estavam inteiramente engajados em me detalhar questões relacionadas à vida e morte de Elitônio. Eles me relataram brevemente como tudo se deu, ainda que as colocações de um eventualmente atropelasse as falas de outro, o que eu tentava “mediar” da melhor forma possível. Foram destacados o dia e o contexto da morte de Elitônio, os objetos que foram encontrados no local (sandálias, garrafas de água, cartuchos, cápsulas, etc.), as comoções do dia do enterro, o difícil diálogo com autoridades policiais, as dúvidas e desconfianças acerca de certos personagens envolvidos na trama. Nesse momento, quando o pai falava a respeito das armas que teriam sido usada para matar o filho, Leila entrou na casa e retornou com um boné, o mesmo que Elitônio estaria usando no momento de sua execução. Enfatizei para Leila que gostaria de fotografar o objeto, e então retomei a conversa com o Seu João:

PAULO: É realmente bem violenta a maneira como ele (Elitônio) morreu. Parece que foram pra matar mesmo, parece que foi coisa de profissional...

SEU JOÃO: Foi, foi, ali foi... Ali já tavam esperando ele⁷⁵. Na hora que ele foi guardar a moto lá, aí tavam esperando. A moto tava... Assim... Tiraram o cachimbo⁷⁶ da moto, aí o cara ficou dentro do riacho e atirou...

DONA VIRGÍNIA: Todas as vez que ele ia pra lá (bar do Eudes), mandava a muié buscar a “mota”, né? Todas as vez que ele ia pra lá mandava a muié buscar a mota e nesse dia ele mandou ela buscar a mota ela não foi... Todas as vez ela ia buscar e nesse dia ela não foi...

PAULO: Você acha que ela sabia de alguma coisa? Desconfiava?

DONA VIRGÍNIA: Não, não a gente só imagina assim, porquê que ela não foi, né? Que ela ia todas as vez...

⁷⁵ O pai respalda a versão de que Elitônio teria sido vítima de uma “emboscada” armada por uma ou mais pessoas.

⁷⁶ Peça que se for retirada impossibilita o funcionamento da motocicleta.

SEU JOÃO: Um amigo dele também não quis ir nesse dia também, né? Mas ninguém sabe, ninguém tem prova nem nada...

PAULO: E a polícia também, depois que morre não quer nem saber, não liga pra nada...

SEU JOÃO: Quer não, quer não... Eu pensava que existia perícia! Assim, tinha perícia, mas aí, aquela coisa... Aí eu falava... Tinha até um dinheiro lá no bolso dele, mas aí eu pensava que existia perícia, e eu ia tirar pro enterro dele, aí nem tirei... Aí, esse dinheiro o policial levou...

Quando percebi um mais claro esvaziamento das narrativas, decidi desligar o gravador, procurando abrandar mais o clima e falar sobre outros assuntos diversos. Nesse momento, Dona Virgínia, bem mais à vontade com a minha presença, solicita à filha: “Leila, traga aquele quadro bonito lá do Toim com a filhinha dele pra mostrar aqui ao rapaz”. Imediatamente a irmã de Elitônio entra na casa e retorna com um pequeno quadro nas mãos, contendo uma bela fotografia de “Elitônio pai”, com sua filha que atualmente estaria morando com a mãe. A menina aparentava ter 4 ou 5 anos de idade na imagem. Apesar de Dona Virgínia se recusar a ser fotografada, Seu João e Leila, além de me permitirem fotografá-los livremente, ainda posaram para mim segurando o quadro de Elitônio. As fotografias me pareciam um registro documental tão valioso quanto os diálogos que eu pude registrar com o gravador.



Figura 6. Quadro de Elitônio com a filha e o filho no canto direito, em 3x4. Foto: P.H. Rodrigues.

O velho boné, em especial, havia me chamado bastante atenção. Leila logo tratou de apontar para mim os estragos causados pela escopeta calibre 12: pequenos estilhaços espalhados na parte superior e um buraco maior, irregularmente delineado na aba de plástico, revestida por um *jeans* rasgado e desbotado.



Figura 7. Boné usado por Elitonio no momento de sua morte. Foto: P.H. Rodrigues.

A minha primeira visita aos sertões da Pedra foi extremamente importante e produtiva, ressignificando a parcimoniosa relação que até então eu vinha estabelecendo com o meu campo de pesquisa. Por conseguinte, muitos aspectos do trabalho puderam adquirir maior consistência, pois eu havia entrado em contato com o que há de mais essencial numa tentativa de compreender e analisar determinada trajetória de vida: estabelecendo contato direto com a dimensão mais íntima e familiar. Depois de agradecer, com extrema satisfação, aos parentes de Elitonio e prometer que retornaria em breve (não após indagá-los se seria de fato conveniente retornar para outros possíveis diálogos), partimos, com o sol quase se pondo, rumo à Groaíras, para de lá pegarmos uma estrada recém construída e asfaltada que daria acesso direto à Cariré; onde eu me encontrava regularmente hospedado.

No caminho de volta, percebi o quanto o sertão da Pedra é muito próximo do município de Groaíras, o que me revelou que eu havia realizado uma escolha muito prudente. Nesse sentido, pude garantir maior neutralidade no campo pesquisado, ao optar por Cariré

como o lugar de onde me lançaria aos sertões. Ainda naquele domingo, chegando à residência de meus familiares carireenses logo tratei de registrar as minhas inúmeras impressões. Ali era possível sentir que novas e instigantes ideias despontavam. Logo procurei traçar um quadro do que poderia empreender numa próxima visita aos sertões, ocasião em que tentaria entrevistar mais especificamente a irmã de Elitônio e o Seu João.

A fim de não perder o ritmo de ideias que havia alcançado com a incursão bem sucedida de domingo, e com a intenção de avolumar ainda mais meu material de pesquisa, decidi que não poderia retardar o retorno à residência de Dona Virgínia e Seu João. Combinei com Raul para irmos novamente à Pedra logo ao início da semana. Como já conhecíamos bem o caminho, dessa vez economizamos Reginaldo e Francisco, que trabalhavam e estudavam ao longo da semana e, de qualquer forma, não poderiam nos acompanhar.

O dia escolhido para a segunda visita foi a terça-feira, 20 de janeiro de 2015. Dessa vez eu havia preparado um roteiro de entrevistas, contendo algumas perguntas chaves, anotações, lembretes e dúvidas a respeito dos percursos de Elitônio: detalhes imprescindíveis que eu não poderia de forma alguma ignorar. Intencionava entrevistar, de maneira isolada, Leila, que na minha concepção poderia fornecer um depoimento interessante e extenso – e bem menos emocionado como havia sido o de Dona Virgínia.

Aqui é importante realizar algumas observações. O excesso de emotividade poderia ser significativo embora muito tendencioso em certos depoimentos. Eu notava que Dona Virgínia estava sempre por um fio de se “desmanchar em lágrimas”, sobretudo quando falava em mais detalhes o destino trágico do filho. Nesse sentido, eu procurava evitar com extremo cuidado que ela pudesse alcançar determinado patamar emotivo; embora a senhora tenha chorado muito mais em minha segunda incursão. Caso fosse possível, pretendia ainda entrevistar mais longamente o Seu João, que além de ser uma figura essencial, parecia interessado em contribuir e esclarecer dúvidas a respeito do filho.

Na terça-feira, eu e meu fiel colaborador, Raul, partimos de motocicleta um pouco mais cedo que no domingo, por volta das duas e meia da tarde, novamente rumo ao sertão da Pedra. Como já sabíamos a localização mais próxima de Groaíras, decidimos ganhar tempo atravessando a cidade. Chegamos ao destino muito mais rápido do que pelos extensos areais e trilhas complicadas dos sertões. Lá encontramos uma cena bem semelhante àquela observada dois dias antes. No alpendre, Dona Virgínia confeccionava pacientemente os seus chapéus de palha com a ajuda de Leila, enquanto as crianças, os filhos de Leila e de Elitônio, brincavam alegremente pelos arredores. Seu João não se encontrava no local naquele momento, mas

surgiu pouco tempo depois, com a mesma calma e simpatia de sempre. A diferença consistia numa caixa amplificadora que tocava forrós conhecidos naquela região; músicas que eu e Raul podemos escutar ainda na motocicleta, à relativa distância.

Mais uma vez fomos muito bem recebidos, embora fosse notável um clima contido no ar. Logo saiu da casa uma mulher até então desconhecida, que me fora apresentada como a segunda irmã de Elitônio, Liana, que havia chegado recentemente do Rio de Janeiro. Imediatamente procurei me apresentar com toda a simpatia costumeira. Liana, que já havia sido devidamente informada sobre a minha primeira visita, mostrou-se interessada no meu trabalho, não demonstrando qualquer espécie de aversão ou reserva ao que eu pretendia indagar a respeito de seu irmão. A mulher, embora bastante jovem, parecia ainda muito madura e experiente. Deitou-se numa rede que estava armada bem próxima da pequena porteira do alpendre e permaneceu ali até o momento de irmos embora. Atenta e observadora, Liana fez importantes intervenções nos diálogos que se seguiram.

Logo comuniquei para Leila que pretendia entrevistá-la com mais especificidade, explicando que havia preparado um roteiro para um possível diálogo, com perguntas variadas sobre a sua relação com o irmão, passando pela infância e adolescência. Por conseguinte, procuramos nos acomodar na outra extremidade do alpendre, de modo a evitar possíveis interrupções nas falas, por motivos variados. Liguei o gravador e explicitiei basicamente os pontos que iria tratar na entrevista.

Mal pude concluir o raciocínio, quando de repente fui interpelado pela voz de Dona Virgínia, que chamava minha atenção em um tom marcadamente bem humorado: “Ei, moço, explica aqui pra esse cabeça dura aqui... Explica aqui pra esse criatura...” Desliguei o gravador, a fim de me inteirar de quem o “cabeça dura” se tratava.

Ao me levantar dei de cara com um jovem rapaz, com bermuda de surfista e cabelo curto pintado de louro e raspado dos lados, que aparentava ter no máximo 25 anos de idade. Leila logo me informou que se tratava de outro irmão chamado Hélio que, assim como Liana, havia chegado do Rio de Janeiro alguns meses antes. A diferença era que o rapaz retornava para morar em definitivo no Ceará, de modo que Liana voltaria em breve para o Rio. Sobretudo por não ter me conhecido no domingo, Hélio era o único que aparentemente havia se recusado a me receber “de braços abertos”, talvez temendo que eu fosse um policial disfarçado ou qualquer outro agente da lei. Compreendendo a situação, imediatamente tratei de tecer os devidos esclarecimentos, com minha honestidade costumeira.

Logo depois deduzi que um dos motivos da tensão observado no semblante de Leila poderia estar diretamente relacionado à resistência prévia do seu irmão com a minha presença diferente, extraordinária. Entretanto, não foi difícil convencer Hélio a respeito da minha verdadeira identidade e de minhas intenções enquanto estudante e pesquisador. De todo modo, percebia que Leila continuava respondendo as perguntas de forma excessivamente simplista, variando entre o “sim” e “não” (mesmo eu enfatizando que ela poderia falar mais longamente a respeito das questões que eram colocadas em pauta). Logo começou a se evidenciar traços mais significativos, que pude interpretar como um real empecilho proveniente daquele tipo de interação excessivamente “objetivada”, o que me obrigou a reavaliar as estratégias metodológicas *a priori* estabelecidas. Em suma, notei que os parentes de Elitônio se expressavam mais e melhor em grupo, não individualmente.

Por outro lado, as novas presenças, tanto a de Liana quanto a de Hélio, acabaram modificando completamente o sentido de minha segunda visita. Logo compreendi que era absolutamente necessário captar suas vozes, conquistá-los, e analisar quais seriam os prováveis desdobramentos dessa empreitada. Eu não nutria esperanças de que, ao menos naquela visita, pudesse extrair depoimentos mais consistentes de Leila. Destarte, decidi retomar uma metodologia similar a da visita anterior: iria estabelecer uma grande conversa entre todos os presentes, agindo como uma espécie de mediador. Na ocasião pude dialogar durante horas com Hélio, Leila, Liana, Dona Virgínia e Seu João. Os diálogos abriram de forma gradativa outra dimensão mais específica e delicada sobre o caso, e a respeito das problemáticas implicadas diretamente no campo da dignidade familiar: as denúncias de “agressão” e “abusos” protagonizados pelas autoridades policiais da região em relação à família. Sem sombra de dúvidas, estes elementos injetaram um viés mais crítico e denunciativo aos nossos diálogos, e conseqüentemente à própria pesquisa, influenciando nas formas de avaliar o caso a partir de uma perspectiva diferenciada.

Passado alguns minutos, ficou claro para mim que o fato de Leila começar a se expressar mais abertamente teve como principal incentivo a presença engajada do irmão Hélio na roda de conversa, o que aparentemente lhe dava mais confiança em se expressar. Nesse momento, os dois trabalhavam com empenho na feitura dos chapéus de palha, auxiliando a mãe e ao mesmo tempo observando e intervindo em nossos diálogos. Era comum que os assuntos começassem entre eu e Dona Virgínia, e terminassem se estendendo para os filhos, para o marido e demais presentes.

Nesse sentido, foram muitas as questões colocadas em pauta, que iam desde a dimensão do estigma familiar à “natureza”, “temperamento”, “fama” e “estilo de vida” de Elitônio. De maneira paradoxal, as observações perpassavam o “jovem respeitado e querido por todos”, chegando ao extremo do “bandido temido e caçado” pelas forças policiais de toda a microrregião de Sobral.

Aspectos curiosos surgiram quando decidi lembrar o dia da morte de Luciano do Cariré; que Dona Virgínia afirmara se tratar de um parceiro de Elitônio nas correrias criminais pelos sertões. A seguir, trechos das entrevistas do dia 20 de janeiro de 2015:

DONA VIRGÍNIA: Nesse dia ele tava em casa... Ele não falou nada, né? Eu só disse foi assim: “Olhaí, Elitônio, mataram o Luciano! Elitônio, tu num vai sair dessa vida não?” E aí, ele não me respondeu nada, né? Aí foi embora, foi embora... Ele morava era no mato. Foi embora pro mato. Pronto... No mato assim, debaixo de um pé de oiticica, no meio do tempo, assim... Como bicho bruto, assim... Ele dormia no mato, ele num dormia em casa não...

PAULO: O Elitônio... Você sentia que ele tinha algum tipo de prazer com a vida que levava? Ele tinha algum tipo de sedução pela fama de tá sendo perseguido e sendo conhecido também?

DONA VIRGÍNIA: Ele parece que tinha um grande prazer dele na vida, acredita? Ele tinha, ele tinha, eu sentia que ele tinha... [...] Uma pessoa boa, uma pessoa boa, uma pessoa que tinha tanto amigo, tanto amigo, e se você ver que ele era uma pessoa... Se dissesse assim... Como eu cansei dele dizer assim: “Mãe, eu tô com meu short jeans, eu to aqui rasgado...” Eu dizia: “Ah, Elitônio, tem mais jeito não...” Ele dizia: “Não, muié, cinge ele aí que eu quero ir já pra Groaíras de noite!” Ele ia pra Groaíras com esse short cingido aqui na braguilha, podia ser em qualquer parte, chinelinha havaiana e montava numa bicicleta e ia simhora pra Groaíra... Cheio de namorada, né? Toda vida, toda vida... Ele nera essas pessoa que queria só ser não. O importante dele era andar limpo. Essa história de querer andar bacana não, nem nessa vida (de bandido)... [...] Eu quero dizer que foi a traição que ele disse pra mim, disse pra mim que a vida dele não tinha mais sentido, que a partir daquele dia tanto fazia ele matar como morrer. Disse pra mim assim, né? Aí pronto, aí eu falei pra ele: “Elitônio, deixa de ser besta! Elitônio tem tanta muié! Rapaz, tu pode arrumar cem muié! A muié tua pode arrumar cem homi! Elitônio só tem uma pessoa que se chegar tu perder tu nunca tu encontra: que sou eu que sou tua mãe!” Ele : “Não! Pra mim a vida não vale mais nada!” [...] Eu acho que foi, que ele era uma pessoa muito boa, que às vez eu fico imaginando... Meus Deus, o que foi? Como é que uma pessoa tão boa daquele jeito, uma pessoa que não fumava, uma pessoa que não bebia, não andava com confusão com ninguém. Comé que foi que a pessoa virou a cabeça daquele jeito? Aí, de madrugada, eu todo dia de madrugada eu me acordo e eu fico imaginando: O que foi? O que foi que aconteceu pra ele virar a cabeça daquele jeito? Porque ele não era, né... Era uma pessoa boa, querido, querido mermo! Não é dizer assim: Ah, você ta dizendo que é querido porque ele morreu! Pois, quem quiser ser bom, morra, vá simhora! Mas ele não... Ele era uma pessoa boa, querido, querido mesmo. Paciente, tão paciente... (Pedra, 20 de jan. de 2015).

Nos relatos de Dona Virgínia, destaca-se um aspecto pelo qual eu nutria imensa curiosidade: compreender qual a relação de Elitônio com a *fama* que, segundo Ana C. Marques (2002, p. 104), consiste numa espécie de “diálogo social”. Em linhas gerais, eu

intencionava saber se o rapaz tinha algum tipo de sedução pela “vida braba” – em ser banido, temido, perseguido, odiado, e, conseqüentemente, “famoso” (“bandoleiro aterrorizador”) em toda a região. Aqui, vale ressaltar que segundo Bailey (1971 *apud* MARQUES, 2002, p. 171; e COMERFORD, 2003, p. 31) a *fama* de um sujeito é construída por sobre as percepções, apropriações e atribuições públicas, como elementos que reforçam as reminiscências de suas respectivas práticas e façanhas realizadas.

Uma forma de adentrar o referido campo de atribuições e apropriações, inicialmente, parecia se concentrar na informação a respeito do que Elitônio poderia pensar acerca do destino dos seus companheiros – ou “más companhias” – de crime, entrevedo um destino que, inevitavelmente, seria o seu próprio (no que ele parecia ter nítida consciência). Portanto, sobre o “silêncio” do rapaz acerca da morte de Luciano, é preciso ressaltar que Dona Virgínia confundiu ou simplesmente omitiu informações que depois eu pude constatar com mais precisão, dialogando com outros interlocutores no campo.

Na verdade, logo após a morte de Luciano, Elitônio havia fugido para o Rio de Janeiro, onde morou por seis meses (o que será devidamente exposto ao final do capítulo III). Por outro lado, a suposta fuga para o mato, onde passara a viver a vida de “bicho bruto”, de indivíduo foragido e banido – de certo modo, conformado com a sua condição – era prática comum dos integrantes do bando, incluindo Luciano e Cícero (como pode ser constatado em muitos relatos no capítulo I).

Nessas circunstâncias, os rapazes costumavam dormir em redes improvisadas, armadas debaixo de pés de oiticica, visitando os familiares com o intuito de pegar roupas lavadas, garrafas d’água e pratos de comida:

DONA VIRGÍNIA: Ele vinha todo dia em casa, todo dia. Ele vinha na hora de buscar o almoço, era 12 hora. A gente fazia o pratinho dele, a garrafa d’água, quando darra 6 hora, 7 hora, ele chegarra em casa pra vir buscar de novo, a janta... Dormia por o mato... (Pedra, 20 de jan. de 2015).

Apesar de confessar que Elitônio enxergava certo “prazer” pelo crime, Dona Virgínia procura em seguida ressaltar e atribuir outras acepções morais ao filho, relacionadas à própria personalidade e caráter. Valores diferenciados que podem sugerir alguma espécie de “distinção”, procurando distanciá-lo da visão do bandido que se deleitava em ser visto com esta carapuça pública. Nesse sentido, a senhora enfatiza em vários momentos que Elitônio não se importava em andar “desalinhado”, sugerindo que o filho não seria um sujeito opulento, arrogante e “cheio de si” – ao contrário, seria “generoso”, “humilde”, “simples” e “tinha

muitas namoradas”, como qualquer jovem de sua idade. O “andar sempre limpo” e apenas basicamente vestido, sem grandes vaidades, emerge como uma insígnia da pureza e simplicidade que Dona Virgínia parece imputar à imagem do filho.

Outro ponto está relacionado à dimensão dos afetos e da vida comunitária de Elitônio. A mãe enfatiza constantemente o fato de que o filho teria muitos amigos, e que era uma pessoa “boa”, “atenciosa” e “paciente”, algo que ela pontuou em vários outros momentos dessa e de outras entrevistas realizadas. A versão que me era fornecida, não apenas por Dona Virgínia como igualmente pelos irmãos, era de que Elitônio seria de fato um indivíduo cuidadoso, carinhoso, preocupado e, sobretudo, “querido” no âmbito familiar e em sua vida comunitária. A vida de “fora da lei”, portanto, era completamente reservada e apartada da sua imagem de “filho”, “irmão”, “marido” e “pai de família”. Como a irmã Liana me relatara, com um sotaque fortemente carioca:

A gente não pode afirmar que ele chegava com dinheiro pra dar a gente, transporte, objeto, porque ele nunca chegou. Ele tratava a gente normalmente, pelo menos quando eu vim passear ele tratou normalmente. Uma pessoa normal, como se não tivesse naquela vida. Ele não envolvia nem os pais nem os irmãos. (Pedra, 20 de jan. de 2015).

Era como se o rapaz assumisse muitos papéis diferenciados, sempre passeando de um extremo a outro. Nesse estilo de vida mutável, entretanto, além de si mesmo, era certo que Elitônio comprometia igualmente a reputação e a consciência dos pais e dos próprios irmãos; que não tiveram sossego nem mesmo após a sua morte. Em muitos aspectos, percebi que o discurso da mãe não era apenas o de compaixão pelo destino trágico e pela preservação da imagem “asséptica” do filho: seu discurso margeava sutilmente o campo da inconformidade, algo que jamais seria completamente apagado de seu íntimo.

DONA VIRGÍNIA: Um dia eu tava com raiva, né? De viver polícia lá em casa atormentando a gente! Nêgo não almoçava, nêgo num jantava! Era o Soldado Moreno chegando e dizendo que ia levar todo mundo na viatura, só não levava porque era muita gente! E era delegado tacando cabo de pistola nas porta... Menino, era uma coisa! Aí eu disse pra ele assim: “Elitônio, tu num tem vergonha disso não?” [...] No dia eu tarra com raiva e disse: “Elitônio, porque é que quando tu tá no Rio de Janeiro, porque é que tu num vai roubar é no Ri de Janeiro? Tu vem roubar é aqui pra matar a gente de vergonha?” “Muié, lá no Rio de Janeiro num presta pra gente fazer isso não, porque na hora que a gente fizer isso, nêgo vai ser morto na hora!” Eu digo: “Ah, ta!” (Pedra, 20 de janeiro de 2015).

As narrativas e depoimentos de familiares dão a noção de algo que perpassa diretamente uma referência feita ainda na introdução deste trabalho: a respeito da vida de um

personagem cheio de “percursos”, “deslocamentos” e “itinerários”. Portanto, um objeto “esquivo”, “flutuante”, “movediço”, que não dispunha de um “campo” ou “território” rigorosamente delineado. Um objeto sem explicações prontas e acabadas ou, paradoxalmente, com várias explicações e implicações escolhidas de maneira mais ou menos arbitrária. Elitonio, seja como “bandido” ou como “cidadão”, não seria essencialmente nenhum dos dois. Não restam dúvidas de que o indivíduo existiu intensamente, embora a sua existência, em certo momento, tenha se tornado indesejável para muitas pessoas, que buscaram contê-lo, silenciá-lo e descaracterizá-lo. Por outro lado, se o território do “bandido Elitonio” era tão esquivo quanto ele mesmo, existem pistas pertinentes de que a sua atuação fosse mais restrita aos “sertões” do Ceará, algo que ele confessara para sua própria mãe.

4 TRAMAS E CONFLITOS DISCURSIVOS

4.1 Os homens de farda e os fardos sociais

Enfim, as hordas indisciplinadas dos bárbaros dão lugar a nossos belos exércitos maquinais em que o indivíduo nada mais significa, simples instrumento, aliás, nas mãos de um grande comandante que o lança em uma batalha diferente de qualquer outra, com seu nome e data, na qual se reproduz, amplificado na escala imensa de um campo de batalha, seu estado psicológico particular durante a ação

(Gabriel Tarde, 2007, p. 101).

Sete policiais à paisana, visivelmente eufóricos e “armados até os dentes”, estacionaram as viaturas no pátio de terra batida do hospital de um pequeno município do sertão cearense, onde algumas pessoas os aguardavam exultantes ao longo daquela madrugada. No compartimento de carga de um dos veículos se encontrava sujo, ensanguentado e em pesaroso silêncio um indivíduo acusado de praticar inúmeros assaltos, roubos e homicídios. Uma imagem corriqueira em todos os aspectos, não fosse bastante sugestiva e singular se observada nos pormenores. Ali estava um verdadeiro “fardo social” há bastante tempo requisitado. Um peso simbólico carregado, manchado, baleado, detido e algemado – magicamente capturado por uma atmosfera de “expectativa coletiva” previamente deflagrada (BOURDIEU, 1996, p. 9).

Chegava ao fim mais um dia de *caça*⁷⁷, e ali se encontrava a “recompensa” viva de esforços policiais estrategicamente orquestrados, na tentativa de desarticular mais uma quadrilha de “vagabundos”: bandidos armados, violentos, cruéis e inescrupulosos, segundo enfatizam os noticiários locais. Os ânimos exaltados de populares se confundem numa profusão de xingamentos e maldições endereçadas ao “marginal” infeliz. Acuado por cidadãos, objetos letais e patentes corporificadas em gestos, poses e posturas. Quem precisa de uma farda quando se está investido por um *status*, uma honra ou um nome “de respeito”? Afinal de contas: “Os homens souberam empenhar sua *honra* e seu *nome* bem antes de saberem assinar.” (MAUSS, 2003, p. 241, grifos meus). Logo é possível captar pedidos categóricos por um efetivo pronunciamento público. A busca pelas “palavras mágicas”, as palavras de ordem, o discurso da lei, que devem ser entoadas pela principal autoridade presente: o *comandante* da operação policial bem sucedida, indivíduo constitutivo do grupo

⁷⁷ *Caçada* é um termo que designa as “diligências policiais” (Cf. BRAGA CAVALCANTE, 2016; BARBOSA, 2014, p. 180-190).

que o constitui (BOURDIEU, 2008, p. 82-83). Sobre os sujeitos e os *locus* simbólicos de fala, Pierre Clastres (1979, p. 149, grifos do autor) ressalta que:

Falar, é antes do mais deter o poder de falar. Ou por outras palavras, o exercício do poder assegura o domínio da palavra falada: só os senhores podem falar. Quanto aos súbditos, são obrigados ao silêncio do respeito, da veneração ou do terror. Palavra e poder mantêm relações tais que o desejo de um se realiza na conquista do outro. Príncipe, déspota ou chefe de Estado, o homem de poder é sempre não apenas o homem que fala, mas a única fonte de palavra legítima: palavra empobrecida, palavra pobre, é certo, mas rica de eficiência, porque o seu nome é *comando* e não quer senão a obediência do executante.

Alguém liga a câmara de vídeo de um aparelho celular, e o “cetro” (*skeptron*) (Cf. BOURDIEU, 2008, p. 95) é entregue simbolicamente nas mãos do homem de farda, para que o representante do Estado faça ressoar a sua voz – redefinindo posições e reafirmando potências – ao discursar para os seus conterrâneos com a devida “eficácia simbólica” (LÉVI-STRAUSS, 1975)⁷⁸. Com as circunstâncias de proferimento devidamente firmadas, os “receptores legítimos”, em prontidão, pedem para ouvir o seu testemunho tão infalível quanto inevitável: a sua apreensão dos fatos, as explicações “interessantes” sobre determinado “estado de coisas” (AUSTIN, 1990, p. 72-76; Cf. BOURDIEU, 2008, p. 91). Todos estão entrincheirados no intervalo comunicacional entre “estímulo” e “resposta”. Nestas circunstâncias, as pessoas estão testando o canal, convocando um poder que lhe fora previamente designado e delegado. O “detentor do cetro” se porta então como o “senhor” de uma intensidade sacramental legítima, que é inerente ao discurso de autoridade; investido que é pela potência mesma do agir.

Em retrospectiva, segundo Deleuze e Guattari (1995, p. 20-21): “Em primeiro lugar, é necessário fazer intervir as circunstâncias.” Com os seus adereços inseparáveis: o boné, os óculos e a obscurecida tatuagem no braço esquerdo – vestido com uma camiseta preta onde é possível visualizar em destaque a palavra “*PEACE*” em letras brancas garrafais –, o homem de farda procura se aprumar a cada instante, sem jamais lançar mão da sua arma longa CT-40; que deve estar inclinada logo à sua frente, sempre à vista de todos. Na composição de um “cenário” devidamente apropriado⁷⁹, a arma parece funcionar como um tipo de barreira letal de segurança, a garantia de um determinado grau de distanciamento disciplinar de si sobre o restante “indisciplinado” do mundo, como a própria “codificação

⁷⁸ “É a eficácia simbólica que garante a harmonia do paralelismo entre *mitos* e *operações*” (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 232, grifos meus).

⁷⁹ “Quando surge um ponto entre rua e palco *em resposta* à questão relativa à platéia, nasce uma *geografia pública*” (SENNET, 1998, p. 60, grifos meus).

instrumental do corpo” (FOUCAULT, 1987, p. 139)⁸⁰. A Carabina é como um “escudo social”, linha ou faixa demarcatória – endurecida e segmentarizada –, cruzando-o de uma ponta a outra.

A couraça de ferro do soldado é como que uma nítida representação das fronteiras erigidas entre os homens de Estado e os indivíduos alocados nas margens: considerando que, segundo Mary Douglas (op. cit., p. 90): “[...] todas as margem são perigosas.” Trabalhando em “serviço velado” (*a paisana*), a arma parece servir como uma primordial indumentária ou brasão distintivo do policial⁸¹. Ela é manejada, portanto, com total exclusividade e especialidade (ELIAS, 1997, p. 162), como organização segmentarizada de uma legítima “máquina de ressonância” do Estado (DELEUZE E GUATTARI, 1996, p. 89).

Como afirma Pierre Bourdieu (2008, p. 91), as chamadas “condições *litúrgicas*”, como um “conjunto de prescrições que regem a forma da manifestação pública de autoridade”, precisam estar legitimamente firmadas para viabilidade do desejado “reconhecimento” social por parte dos receptores. É necessário reconhecer o lugar, o corpo e as posturas do “homem viril e resoluto” em sua espécie de “multiplicidade corporativa”, fortalecendo a crença do *socius* em relação a todos os pequenos e grandes gestos sensivelmente capturados, a partir de ações e práticas discursivas embebidas numa lógica de redundâncias (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 16).

Por conseguinte, trata-se de um “reconhecimento” que não implica uma compreensão conscienciosa da relação social, mas antes (e simultaneamente) um tipo de desconhecimento inconsciente do poder previamente delegado. Nesse sentido, o que capacita e legitima todo e qualquer discurso de autoridade parece estar enraizado em inúmeras potencialidades sociológicas latentes que estão ornamentadas por formas sensíveis de “desconhecimento”, gestadas em graus e intensidades variáveis. Em suma, reconhecer pode ser o primeiro passo na legitimação de um jogo bastante perigoso, considerando que antes é preciso “desconhecer” para “reconhecer” (BOURDIEU, 2008).

⁸⁰ “O soldado é antes de tudo alguém que se reconhece de longe; que leva os sinais naturais de seu vigor e coragem, as marcas também de seu orgulho; seu corpo é o brasão de sua força e de sua valentia; se é verdade que deve aprender aos poucos o ofício das armas – essencialmente lutando – as manobras como a marcha, as atitudes como o porte da cabeça se originam, em boa parte, de uma retórica corporal da honra” (FOUCAULT, 1987, p. 117).

⁸¹ Segundo Wendell de Freitas Barbosa (2014, p. 117, grifos meus): “Os policiais costumam comparar seus armamentos, como elemento de *diferenciação*, com os ‘vagabundos’. Ao embarcarem na viatura, os policiais sacam suas armas posicionadas na lateral direita de sua calça, no porta-armas, segurando-a em suas mãos. O motorista da viatura, a guarda entre as pernas, no banco da viatura, por estar com as mãos ocupadas. A arma, assim como, a farda, o colete balístico e a viatura, são *objetos inanimados*, tornados fonte de especial significado, no universo da força policial. Esses elementos são engajados no patrulhamento de rua e produzem novos *manejos simbólicos de seu significado*”.

Em todo caso, numa situação “extraordinária” em todas as minúcias, e após um dia de trabalho duro e de inegável sucesso, não faltariam os discursos calorosos e apaixonados, orbitados no sentido do “crer” para “fazer crer” no jogo social (MAUSS, 2003, p. 131). Por conseguinte, as palavras de ordem, de tão “desejadas”, escoariam com magia, fluidez e plenitude, tendo todas as chances de serem efetivamente reconhecidas pelos receptores ali presentes, profundamente desejosos das almeçadas respostas prontas e acabadas (Cf. LA BOÉTIE, 2006; CLASTRES, 2004, p. 107-119).

Por fim, munido de uma voz rouca e tomado por um cansaço evidenciado no suor do rosto: elementos que poderiam sugerir alguma fragilidade destoante ao representante do Estado que retém com propriedade a mitologia política realizada no corpo (mediante uma “força” moral psiquicamente instituída) (BOURDIEU, 2011, p. 114; WEBER, 2013, p. 53-124)⁸²; o homem de farda prolifera o seu discurso de autoridade como se finalmente pudesse respirar tranquilo na comodidade dura das palavras:

É uma *resposta* à sociedade! Nós somos polícia militar e defendemos a sociedade! E defendemos você! Aonde somos pagos! Nós temos o nosso compromisso com a sociedade! Eu faço o trabalho aqui na Varjota há quatro anos! Tô aqui desde manhã nessa operação! Teve uma morte aí do cidadão, por um indivíduo que é altamente perigoso! Um cara que não teve piedade! Um cara frio! Tá aqui uma resposta dada! Aonde nós fizemos nosso trabalho e vai ser apresentado à justiça e que a justiça faça também seu papel! Pra que esse indivíduo possa passar mais tempo preso! Hoje nós vimos a sociedade sofrer! A sociedade hoje é refém da própria lei! Nós somos a autoridade, temos o poder de polícia de fazer o nosso trabalho! Um trabalho sério! Um trabalho em que nós honramos a nossa farda! E tá aqui a prova, minha gente! Noticiando! *É questão de honra!* Desarticulei, juntamente com meus policiais, esses vagabundos! E tem mais... A morte do cidadão foi muito cruel... [...] Aonde vocês me pediram... Então hoje tá aqui vocês... Aonde vocês têm uma polícia que trabalha!

Segundo Richard Sennet (1998, p. 138): “O ator público é o homem que apresenta emoções.” Como ação de um “ator público”, num misto de desabafo, indignação, orgulho e emotividade, o discurso destacado fora proferido na madrugada de domingo, dia 21 de junho de 2015, pelo famoso sargento “B. Sousa”, popularmente aclamado como “Linha Dura”⁸³. O sermão foi veiculado ao final de uma operação delicada, com direito a cerco policial,

⁸² “Faz-se política usando a cabeça e não as demais partes do corpo. Contudo, se a devoção a uma causa política é algo diverso de um frívolo jogo intelectual, constituindo-se em atividade sinceramente desenvolvida, essa devoção há de ter a paixão como fonte necessária e deverá nutrir-se de paixão. Todavia, o poder de julgar energeticamente a alma, poder que caracteriza o homem político apaixonado e o distingue do simples diletante inchado de excitação estéril, só tem sentido sob a condição de ele adquirir o hábito do recolhimento – em todos os sentidos da palavra. O que se chama ‘força’ de uma personalidade política indica, antes de tudo, que ela possui essa qualidade” (WEBER, 2013, p. 106).

⁸³ “O homem de honra (*a’ardhi*) é ao mesmo tempo virtuoso e o homem de renome favorável” (BOURDIEU, 2002, p. 20).

perseguição, troca de tiros e pedidos de clemência por parte do vilipendiado “vagabundo”, que naquelas circunstâncias acabou levando a pior. É curioso notar que as narrativas destacadas estão imbricadas numa espécie de *continuum* sociológico: a energia desprendida do *socius* como geradora e impulsionadora dos seus próprios fluxos e contra-fluxos, assim como supõe a imagem alquímica da serpente que devora o próprio rabo. Ou ainda, como ressalta o antropólogo Marcel Mauss (2003, p. 159): “Em última instância, é sempre a sociedade que se paga, ela própria, com a moeda falsa de seu sonho.”

As diligências policiais tiveram início ainda no sábado, dia 20 de junho de 2015, quando os homens comandados por Linha Dura “caíram em campo” – como destaca a linguagem policialesca local –, depois de recebidas algumas denúncias anônimas que indicavam um suposto paradeiro do bandido Cícero Lunga⁸⁴. Naquele domingo, os soldados fiéis ao policial militar “mais temido pela bandidagem” na região Noroeste do Ceará, embrenharam-se pelos sertões com uma única missão claramente definida: capturar um indivíduo considerado perigoso e astuto, violento e cruel; que vinha sendo perseguido há mais ou menos quatro anos pela polícia, acusado de cometer inúmeros assaltos e homicídios (crimes de morte) naquela região. Portanto, um elemento sociológico que se precipita pelas “regiões caóticas do espírito”, nos interstícios erigidos “para lá dos confins da sociedade” (DOUGLAS, op. cit., p. 72), ou no mais de dentro do sertão:

A polícia fez um cerco nos primeiros minutos de domingo, adentrou o arame, chegou a casa e conseguiu prender o *bandido*. A esposa de Cícero Lunga que pediu para não matá-lo, o *elemento* pediu por várias vezes para não morrer. Foi apreendido com uma pistola 765 e revólver calibre 38 todos municados, utilizado do *crime de morte* do cidadão Francisco Ximenes Feijão.⁸⁵

Torna-se necessário atentar para os “sentidos” observados nos aspectos aparentemente circunstanciais da operação, inseridos nas formas de confrontar, prender e exhibir publicamente (“noticiando”) o bandido como “uma resposta à sociedade”. Um primeiro aspecto se refere ao fato de que, na referida operação, todos os policiais estavam vestidos “a paisano”, muitos de bermudas, camisetas, tênis ou chinelos: o chamado “serviço velado”. Embora seja absolutamente corriqueiro que os policiais militares utilizem “disfarces civis”,

⁸⁴ As referências empíricas contidas neste capítulo foram devidamente coletadas em inúmeros sítios e *blogs* virtuais que serão destacados ao longo do texto. As informações foram fundamentadas mediante diálogos com interlocutores no campo pesquisado. Disponível em: <<http://www.robetoliranoticia.net/2015/06/assaltante-cicero-lunga-acusado-de.html>>. Acesso em: 15 de junho de 2016.

⁸⁵ Disponível em: <<http://www.varjotaemalerta.com/2015/06/varjotacecicero-lunga-e-presos-e-baleado.html>>. Acesso em: 15 de junho de 2016.

como me fora relatado pelo próprio Soldado Moreno: para eficiência das missões consideradas mais “delicadas”, a postura parece denotar em muitos discursos de Linha Dura um determinado grau de “desprendimento”, sugerindo a ideia de que não é preciso de farda para prender “bandido” e “vagabundo”.

É importante observar que além do “direito” de usar a farda, antes de tudo, a indumentária deve estar previamente introjetada: engendrada nas disposições físicas e psíquicas dos “corpos dóceis” e “normativos” dos representantes do Estado (FOUCAULT, 1987, p. 125-172; Cf. HOLLOWAY, 1997). Sabidamente, aos policiais cabe o “dever” de agir, enquanto ao cidadão cabe a “faculdade” de agir perante qualquer conduta criminosa. Trajar-se de “paisano” (civil) para “combater o crime” é, em muitos aspectos, uma representação simbólica de certo tipo de “desprendimento” (BOURDIEU, 1996, p. 137-156), um rompimento resolutivo (embora temporário) das linhas segmentarizadas dos homens de farda. Uma agenciamento realizado, sobretudo, em função do “bem maior”:

LINHA DURA: Eu tava aqui três noites nessa operação! Peguei também os policiais de Reritaba, que estavam a paisano! O policial também pegou o carro dele de uso particular... Os policiais que estavam de folga chegaram pra mim: “Comandante, bora atrás do home!” Nós saímo desde cedo, quando foi hoje, graças a Deus, tá aqui a resposta! *Isso aqui é uma resposta pra sociedade!* Sabemos que a vida do cidadão não tem como a gente trazer não! Mas a resposta, dentro da lei, e no rigor da lei! Que ele possa passar mais tempo preso! [...] E hoje tá aqui, um vagabundo perigoso, aonde ele reagiu! Ele reagiu por conta da esposa dele lá grávida, muita gente, tá certo? Porque se fosse em outro local a história teria sido diferente! Isso aqui eu falo de honra, com honra e de alma lavada! [...] Isso aqui eu falo: eu tenho a honra de ser policial militar! Eu não estou aqui por opção de emprego! Estou aqui porque eu tenho amor à minha farda! Tenho amor à minha profissão! De honrar e defender a sociedade! Esse é nosso compromisso e nosso dever!⁸⁶

O segundo aspecto está relacionado às ações empreendidas de modo “extraordinário”, fora do horário de serviço, numa operação de alta probabilidade de confronto. Na referida madrugada, tais fatores foram ressaltados em muitas falas do policial Linha Dura, enfatizando o valor sacrificial da operação. Correr risco de morte nas diligências deve fortalecer a ideia de “desprendimento”, supondo uma “nobre renúncia” em favor de outrem; respaldando a imagem dos “policiais honrados”, “em defesa da sociedade que sofre e que é refém da própria lei”.

Tais aspectos podem ser pautados como variáveis interiores ao ato de enunciação, considerando as disposições e as adaptações relacionais à lógica do “desinteresse” no “jogo social”. Como visto em Bourdieu (1996, p. 11), fundamentado em Mauss (2003), tratam-se de

⁸⁶ “Operação policial na captura do elemento conhecido como Cícero Lunga”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H922b_vUsmM>. Acesso em 15 de junho de 2016.

ingredientes seminais para a configuração do que se considera uma “economia das trocas simbólicas”:

A economia do dom, ao contrário da economia do ‘toma lá, dá cá’, baseia-se em uma denegação do econômico (em sentido estrito), em uma recusa da lógica da maximização do lucro econômico, isto é, do espírito de cálculo e da busca exclusiva do interesse material (por oposição ao simbólico), que está inscrito na objetividade das instituições e nas disposições. Ela se organiza visando a acumulação do capital simbólico (como capital de reconhecimento, honra, nobreza etc.), que se efetua, sobretudo, através da transmutação do capital econômico realizada pela alquimia das trocas simbólicas (trocas de dons, de palavras, de desafios e réplicas, de mulheres etc.), e que só é acessível a agentes com disposições adaptadas à lógica do ‘desinteresse’ (disposições que podem encontrar sua realização no ‘sacrifício supremo’, aquele que consiste em ‘dar a própria vida’, em preferir a morte à desonra – ‘é melhor morrer do que...’ – ou, no contexto do Estado moderno, em ‘morrer pela pátria’) [...] (BOURDIEU, 1996, p. 11).

Na observação dos discursos e posturas, torna-se evidente que os homens de farda se localizam com frequência na posição de “cidadãos honrados”, “tementes a Deus” e “defensores da sociedade” que sofre pela ação desembestada dos “bandidos”, “vagabundos” e “facínoras” de toda a região⁸⁷. No contexto social pesquisado, as disposições de autoridades refletidas nas falas de Linha Dura, identificam os “fora da lei” como os mais favorecidos por leis inteiramente falhas que só servem para “defender vagabundo”. Colocando-se permanentemente na posição de “cidadãos trabalhadores”, desfavorecidos e isolados no âmbito da “justiça social”, os homens de farda não aceitam serem subjugados e afrontados por indivíduos considerados “desonrados” ou socialmente “desmoralizados”: características que o bandido Cícero Lunga parece representar de todas as formas:

Nós vimos hoje que a sociedade, que eu considero refém da própria lei... Tô falando aqui não é só como autoridade, mas também como cidadão! Hoje, a polícia militar e a polícia civil, nós prendemos! Quando a gente pensa que tá preso, aí tá solto! Por conta de quê? Tudo bem! Entendemos que o nosso trabalho é de prender! Aonde conseguimos tirar de circulação um bandido! Tá aqui: é uma pistola e um revólver! (expõe as armas para a câmera) [...] Esse vagabundo aqui, conhecido como Cícero Lunga, que quantas vítimas ele num já tirou?! Ou seja, quantas vítimas ele num já pegou e matou cruelmente, covardemente! E tava aqui solto! Passou cinco anos preso, cinco anos! E hoje eu tô aqui, à paisano aqui! Mas tô! Estou de folga perante uma escala! Mas de serviço! Porque eu sou comandante do destacamento e meu policiamento! Sempre tô à frente! Eu tô falando aqui, minha gente, mas aqui é um desabafo! Não só como policial, mas como cidadão! Porque aqui (apontando para Cícero) matou um *pai de família*! Matou um *cidadão trabalhador*! Um cidadão que os filhos pediram pra ele não ser morto! Pediu que não matasse o pai! E ele *cruelmente* matou! [...]

⁸⁷ “Reciprocamente, o *ponto de honra* só tem significação e função para um homem para o qual existem *coisas sagradas*, coisas que merecem ser *defendidas*. Um ser desprovido de sagrado poderia dispensar-se de ponto de honra porque seria de algum modo invulnerável. Em suma, se o sagrado (*hurma-haram*) só existe pelo sentido da honra (*nif*) que o defende, o sentimento de honra encontra a sua razão de ser no sentido do sagrado” (BOURDIEU, 2002, p. 25-26, grifos meus).

Por outro lado, a postura de que “é preferível morrer a apanhar de outro macho”, ou não aceitar ser “colocado de joelho” por sujeitos “sem vergonha” – e sofrer conseqüente “desmoralização” e “desonra” –, é algo que pode ser constatado ainda na postura de antigos cangaceiros e pistoleiros famosos, profundamente afeitos a determinados valores tradicionais respaldados pelo “código de honra do sertão” (MONTENEGRO, 2011).

Vale ressaltar que tais valores se encontram profundamente enraizados num sistema de símbolos e referências diretamente associadas ao universo masculino, pautados na noção de “honra”, “coragem”, “virilidade” e “valentia”. Por conseguinte, segundo Aberlado F. Montenegro (Op. cit., p. 281, grifos meus):

De acordo com o *código de honra sertanejo*, “o homicídio deixa de ser crime quando busca uma *desafronta*. Um *homem afrontado* ou mata o inimigo ou desaparece”. O sertanejo, vítima da desigualdade econômica e de suas funestas conseqüências, compreende o gesto do bandoleiro, que prefere a vida incerta do perseguido, do fora da lei, à vida miserável do desfibrado. A imaginação popular, por isso, mitologizou os cabras mais valentes e os cangaceiros mais audazes.

Em referência aos policiais, a honra e a coragem observadas nas disposições agonísticas, nos enfrentamentos cotidianos pautados, sobretudo, em “não se curvar perante bandido” (não aceitar ser *afrontado* por qualquer “vagabundo” e “marginal”), são colocadas em muitos momentos como as principais incentivadoras de agenciamentos articulados em respectivos “postos de autoridade” (DOUGLAS, op. cit., p. 76): que podem estar refletidos tanto no ato de prender “com garra” os criminosos, quanto na possibilidade de chegar às “vias de fato”. Em suma, práticas provenientes de socialidades específicas que podem ser eventualmente gestadas no decorrer das próprias diligências policiais no interior cearense (BARBOSA, 2014, p. 180-190; Cf. BRAGA CAVALCANTE, 2016).

É certo que tais posturas podem desembocar frequentemente em práticas de abusos e outras contravenções “de praxe”. Todavia, os atos excedentes costumam ser defendidos e observados pelos homens de farda como estando arraigados às noções mais particulares (possivelmente compartilhadas entre os soldados) de “como deve ser o rigor da lei”. Logo as noções partilhadas assumem o aspecto de legião. Por conseguinte, reivindica-se uma legitimidade para agir com os bandidos da forma mais “apropriada”, ou, “como deveria ser o rigor da lei”:

LINHA DURA: Se eu tivesse medo até mesmo de me curvar perante a bandido, numa área que realmente estou pra *defender a sociedade de bem!* E dizer que *bandido pra mim é bom bandido morto!* Quando é preso, ele pelo meno tá passando um tempo preso. Ou seja, *tando* preso ele não tá dando trabalho nem à sociedade,

nem à justiça e nem à polícia. Porque quando tá solto é *matando*, é *estuprando*, é *colocando o cidadão de joelho*, é *metendo a mão na cara*! Então, têm que mudar exatamente esta lei, e o bandido quando morre! Pronto! Aí é menos um pra dá trabalho à sociedade, e à justiça e à polícia! Nós temos armamentos pra enfrentar qualquer tipo de bandido que acham... Que estão aí e muitas vezes querem bater de frente com a polícia! Não! Negativo! Bate de frente com cidadão, porque cidadão hoje, você sabe, não pode nem usar uma gilete pra se defender! Agora a polícia nós têm que dar resposta a bandido e dizer: a polícia na rua é feito esse trabalho! Ou seja, não somente tá passeando de *Hillux* no ar-condicionado!⁸⁸

Outro ponto importante é a relação honra e pessoa física: a importância da cabeça como *locus* preferencial de reverência ou *afrenta à honra*, a referência ao sangue etc. Há também a questão da *intenção*. O que importa são os *sentimentos* evocados mais do que o resultado da ação (RODHEN, 2006, p. 105, grifos meus).

Contra-pondo-se à fala de Linha Dura, o bandido Cícero Lunga parece estar praticamente desprovido de todas as valorações concernentes ao código de honra do sertão, pois além de apanhar de vários policiais e ser baleado, o rapaz ainda teria implorado “várias vezes” para que não o matassem. Como se viu, a suposta “salvação” da morte certa do bandido Cícero Lunga pelas mãos dos policiais teria se dado mediante a intervenção enérgica de sua esposa, que naquela ocasião estaria grávida e por isso teria despertado a “compaixão” dos agentes da lei. Neste ponto, vale ressaltar: “Quanto à *guarda* da honra, todo homem é responsável e árbitro das situações. Apenas os considerados *incapazes* (mulheres, doentes, idosos, padres) têm direito a defensores. Aos outros, recusar-se a enfrentar pessoalmente uma ofensa pode também *produzir* desonra.” (RODHEN, Op. cit., p. 106, grifos meus).

Salienta-se a importância da condição de “maternidade” como possível forma de “resguardar” a honra de determinado grupo social mediante a imagem dos “incapazes”. Além da esposa, outras pessoas teriam intercedido pela vida do criminoso, o que engloba a dimensão das “solidariedades sociais” (Cf. PITT-RIVERS, 1966, p. 35). De todo modo, tais elementos denotam uma desmoralização incontornável do sujeito desmoralizado naquele contexto social específico. No âmbito das generalizantes e impregnantes diferenciações sexuais e de gênero (ainda de grande força nos sertões), “ser defendido pela mulher” pode ser encarado como postura de um homem “sem moral” para defender a sua própria honra e dignidade. Em suma, ele não é cabra de vergonha, e por isso se esconde na “vergonha” da sua amante e companheira (DE PAULA, 2008, p. 145, grifos meus):

Ser desmoralizado pelos inimigos é tornar-se *submisso*, e só são submissos, no mundo social, dos ‘homens de honra’, a *mulher* (principalmente), a criança e o idoso. Se um homem submete o outro ele o está *feminizando*, tratando-o como se

⁸⁸ “Sargento Linha Dura manda recado para a bandidagem.” Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JDCwSYSVce8>>. Acesso em: 22 de janeiro de 2016.

fosse uma mulher, ou como um homem que age como uma mulher, que é ainda mais grave nesse universo ‘androcêntrico’.

Em determinados contextos sociais, como no sertão cearense, a mulher costuma ser apenas a “depositária” da honra do marido, visto que jamais deve defender a moral do companheiro, seja “assumindo” a própria posição e lugar social do marido ou, sobretudo, usurpando o seu lugar na presença de outros homens (PITT-RIVERS, 1966, p. 42). Ampliando as questões aqui esboçadas, Hobsbawm (2010, p. 176, grifos meus) ressalta:

Nessa questão da *vingança*, muitas mulheres “desonradas” nas sociedades que geram o banditismo tendem a encontrar homens que as defendam. A *defesa da “honra”*, isto é, basicamente da “honra” sexual das mulheres, é provavelmente o motivo mais importante que tem levado homens a desafiar a lei nas clássicas zonas de banditismo do *Mediterrâneo* e da *América Latina*. Nesse caso, o bandido combina os papéis do Convidado de Pedra e de *Don Juan*; mas tanto nesse aspecto como em muitos outros, encarna os *valores* de seu universo social.

Por conseguinte, a “falta de vergonha” pode equivaler à desonra, pois implica na ideia da reputação pautada em determinado “sistema de valores” partilhados individualmente e coletivamente (PITT-RIVERS, Op. cit., p. 39). Como é possível vislumbrar também nos inúmeros estudos das sociedades mediterrâneas⁸⁹, no contexto social pesquisado a “honra” costuma estar frequentemente associada à figura do homem e a “vergonha” relacionada à figura feminina (MARQUES, 1999; Cf. RHODEN, 2006, p. 106).

Logicamente, é sempre imprescindível considerar as prováveis e possíveis exceções e particularidades passíveis de serem empiricamente constatadas, considerando que falar de “regularidades” não implica necessariamente falar de “regras” (BOURDIEU, 2004, p. 77-95). Em analogia, no que concerne aos aspectos acima destacados, pode-se dizer que os bandidos Elitônio e Luciano enfrentaram as autoridades policiais com mais “sangue no olho” (valentia e rebeldia), como se costuma dizer no sertão.

Nesse sentido, é possível considerar que a postura do bandido “cabra macho”, capaz de “resistir até o fim” mediante convicções psíquicas de ruptura e heterodoxias sociais intensamente aprofundadas, é imediatamente elevada à postura do legítimo “homem de honra” sertanejo. Neste ponto, considero fundamental rememorar um breve relato do famoso

⁸⁹ É necessário atentar para as críticas valiosas empreendidas por John Davis (1977), Michael Hezfeld (1980; 1984) e Pina Cabral (1991) acerca da noção homogeneizante e naturalizante do que seria uma “área cultural mediterrânea” (Cf. HARRIS, 2011; RHODEN, 2006; MARQUES; 1999). Vale ressaltar que no artigo de Jorge Villela (2004, p. 4-5), o autor também ressalta as críticas de alguns autores acerca da ideia de “mediterraneismo”, pautados na concepção “sentimentais” do par honra e vergonha, inseridos no universo do banditismo social.

pistoleiro cearense Idelfonso Maia Cunha, mais conhecido com “Mainha”, como é destacado por César Barreira (1998, p. 95):

Em depoimento prestado a um repórter do jornal O Povo, ele disse: “tenho medo de apanhar, mas de morrer não. Morrer isso eu sei que vou. Só tenho medo de ser desmoralizado, apanhar por uma coisa que não fiz. Tenho medo porque, se isso acontecer, certamente eu me vingo. Isso é uma coisa que tenho dentro de mim. O homem que bater em mim vai morrer”.

Cícero Lunga, como é popularmente conhecido, é natural do município de Santa Quitéria, e teria atuado em inúmeros bandos armados nas cidades e sertões da microrregião de Sobral, entre os anos de 2011 e 2015. Em junho de 2015, há mais ou menos seis meses, Cícero vinha sendo intensamente procurado pelas autoridades policiais de Varjota, Santa Quitéria, Reriutaba, Groaíras, Cariré e Sobral, quando formou o que seria seu derradeiro bando, em meados de janeiro de 2015.

No período em que esteve solto, o rapaz teria praticado inúmeros assaltos, roubos, furtos e homicídios na companhia de outros dois comparsas, “Careca” e “Neguinho”, que se encontram presos na cadeia pública de Santa Quitéria. Linha Dura ressalta que a prisão de Cícero Lunga foi fator decisivo para a desarticulação de mais uma quadrilha de “vagabundos”, das inúmeras formadas nos últimos dez anos nas cercanias da referida região. Observado em um ponto de vista mais panorâmico, o caso evidencia inúmeras questões pertinentes à análise dos bandidos no campo pesquisado.

4.2 Crônicas de um bando *intrigado*: Cícero Lunga, Pelado, Léo e Cachorrão

Sue, mundano e dândi, a quem os legitimistas censuravam por frequentar a Eugène família de Orléans, dizia: “Eu não me reúno à família, reúno-me à malta”. As maltas, os bandos são grupos do tipo rizoma, por oposição ao tipo arborescente que se concentra em órgãos de poder. É por isso que os bandos em geral, mesmo de bandidagem, ou de mundanidade, são metamorfoses de uma máquina de guerra, que difere formalmente de qualquer aparelho de Estado, ou equivalente, o qual, ao contrário, estrutura as sociedades centralizadas. Não cabe dizer, pois, que a disciplina é o próprio da máquina de guerra: a disciplina torna-se a característica obrigatória dos exércitos quando o Estado se apodera deles; mas a máquina de guerra responde a outras regras, das quais não dizemos, por certo, que são melhores, porém que animam uma indisciplina fundamental do guerreiro, um questionamento da hierarquia, uma chantagem perpétua de abandono e traição, um sentido da honra muito suscetível, e que contraria, ainda uma vez, a formação do Estado (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 21).

“Cícero Lunga saiu da cadeia há pouco tempo e já é suspeito de assaltos na região do distrito de Macaraú e Cariré”⁹⁰. Remexendo, recortando e revirando boatos, narrativas e notícias, assim como os *causos* populares transmitidos e veiculados em variadas instâncias sociais no contexto empírico, é sempre possível entrever inúmeras constantes e regularidades; como também peculiaridades. Fazendo uma recapitulação, em outubro de 2011, ainda aos 21 anos de idade, Cícero Lunga teria se envolvido em grandes assaltos e inúmeras querelas com as autoridades policiais da microrregião de Sobral.

Em sua última “grande” aparição pública – antes de ser preso por Linha Dura em 2015 –, o jovem fora da lei teve o rosto estampado em todos os noticiários locais após ter sido baleado num confronto travado contra os próprios comparsas, sobretudo o indivíduo popularmente conhecido como “Cachorrão”, de 24 anos, residente do bairro Tamarindo, localizado no município de Nova Russas. A confusão teria sido a resultante de um agressivo desentendimento proveniente da divisão de 10.000 (dez mil) reais, quantia resultante de um assalto realizado pelos indivíduos semanas antes, no município de Varjota.

Na sucessão dos fatos, Cícero Lunga (que havia sofrido “um balaço no peito esquerdo”) e o comparsa, conhecido como Pelado (que foi atingido com “um tiro de raspão no pescoço”), foram socorridos e levados à Santa Casa de Sobral. O socorro veio logo após uma ligação realizada pela companheira do bandido Cícero:

Na Santa Casa, a companheira de Lunga informou que o nome dele era Francisco José Ferreira e o Pelado seria Carlos Diego Rodrigues e teria dado outros nomes também. Ela foi presa na tarde desta quinta, na Santa Casa: é a Maria Sebastiana, 18 anos, conhecida como Sezinha. Ela foi autuada em flagrante por formação de quadrilha (Art. 288) e receptação (Art. 180) e também está presa em Crateús⁹¹.

Como aponta Eric Hobsbawm (2010, p. 174, grifos meus): “O segundo papel da mulher dentro do banditismo, menos conhecido, é como *colaboradora e meio de ligação* com o mundo exterior. Cabe supor que em geral prestem ajuda a parentes, maridos ou amantes.” Apesar de ter dado entrada no hospital com nomes falsos, e mais uma vez por intermédio da companheira leal, o bandido logo foi delatado e detido pelo Coronel Gilvandro Oliveira, comandante do 3º Batalhão da PM, sediado em Sobral. Naquele contexto, as trapalhadas em série do bando custaram muito caro para Cícero e os seus *intrigados* comparsas. O outro

⁹⁰ “Cícero Lunga é preso e baleado durante a madrugada”. Disponível em: <<http://www.varjotaemalerta.com/2015/06/varjotacecicero-lunga-e-preso-e-baleado.html>>. Acesso em: 15 de junho de 2016.

⁹¹ “Saiba tudo sobre os assaltantes Cícero Lunga e Pelado baleados em nova russas”. Disponível em: <<http://www.robertoliranoticia.net/2011/10/exclusivo-fotos-exclusivas-dos-bandidos.html>>. Acesso em 17 de junho de 2016.

“elemento”, o “de menor” conhecido como Pelado, 16 anos, amasiado e natural do sertão de Anselmo (zona rural de Varjota), logo após ser atendido na Santa Casa acabou sendo detido e levado para o Núcleo de Menores de Sobral.

Nesse ínterim, Cachorrão foi mais um que não escapou das mãos dos policiais. O elemento foi detido após diligências empreendidas pela polícia de Varjota, no sertão do Peixe. Na ocasião, Cachorrão teria confessado os assaltos e a “guerra” travada com os ex-comparsas. Vale ressaltar que no tiroteio o rapaz teria sido apoiado por um aliado alagoano, sujeito de 29 anos conhecido como Léo, residente em Varjota.

Cachorrão indicou a casa de Cícero como o local onde as armas e os roubos haviam sido ocultados: três revólveres, oito celulares, uma máquina fotográfica, dezesseis reais e uma moto roubada sem placa. Os 10.000 reais não foram encontrados. Por conseguinte, Cachorrão e Léo foram conduzidos à Delegacia Regional da Polícia Civil de Crateús, onde permaneceram presos.

Um dado curioso teria ocorrido ainda em 2011, quando Cícero trabalhou e residiu por alguns dias na Casa do Mel, uma fazenda localizada em Vila França, sertão do município de Nova Russas. Naquele contexto, com o intuito de conseguir um posto de trabalho, o rapaz teria “representado” intencionalmente um “caboclo humilde da roça”; encarnando-o então como um “valor social positivo” (GOFFMAN, 2011, p. 13):

Cícero Lunga, quando procurou os donos da Casa do Mel pedindo trabalho, se apresentou como *Antonio Cícero*, um caboclo humilde da roça, que não tinha vícios e era trabalhador. Falou também que era natural de Tamboril e que havia saído de lá há um mês, por desentendimento com a mãe e que após isso estava morando em uma casa alugada no bairro Viradouro, em Nova Russas. O mesmo costumava usar chapéu de palha, de aba larga quase cobrindo o rosto, como um típico agricultor⁹².

Num primeiro momento, ao me deparar ainda em 2015 com o caso do bandido Cícero Lunga, imediatamente imaginei se tratar da prisão do bandido *marruá* Cícero dos sertões da Pedra, que venho analisando ao longo deste trabalho: o “Cição”, primo legítimo e comparsa do bandido Elitônio⁹³. Como me encontrava em Fortaleza em junho de 2015, soube do caso apenas superficialmente, e depois de algum tempo mergulhei numa pesquisa em *blogs* e notícias veiculadas na *internet*, realizando diálogos com alguns interlocutores e parentes

⁹² Disponível em: <<http://www.robertoliranoticia.net/2011/10/exclusivo-fotos-exclusivas-dos-bandidos.html>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2016.

⁹³ Para fortalecer a compreensão das tramas: “Linha Dura fala do Cícero que está aterrorizando a região”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uEYipHkz6o4>>. Acesso em: 17 de junho de 2016.

próximos, sobretudo da cidade de Cariré. As informações logo me possibilitaram compreender o lugar de Cícero Lunga na complexa trama de relações.

De fato, ele era um bandido que até então eu desconhecia, visto que são inúmeros naquela mesma região. Porém, nesse caso havia um aspecto interessante, que está diretamente relacionado às interpelações policiais exercidas no âmbito parental. Mais uma vez, a dimensão coletiva da existência familiar encarada como *locus* de agenciamento criminal. Semelhante a uma espécie de “arena do instinto”, para utilizar uma expressão de Gayatri C. Spivak (2010, p. 34). Fato curioso é que os acontecimentos permitem vislumbrar características muito similares àquelas observadas sobre a família de Elitonio e Cícero, no sentido de questionar qual seria o lugar resguardado à *família* no mundo do crime (Cf. BARREIRA, 1998, p. 166-168)⁹⁴.

Fiquei ainda mais intrigado ao constatar que além da companheira de Cícero ter sido presa e autuada “em flagrante” em 2011 – por formação de quadrilha e receptação –, o pai do sujeito foragido, um senhor de 59 anos e de recursos escassos, “um humilde trabalhador da roça”, também havia sido preso “em flagrante” pelas autoridades policiais do município de Reriutaba, no dia 06 de outubro de 2011.

O senhor se encontrava encarcerado, como se diz: “à disposição da lei”, na cadeia pública da referida cidade, tendo sido detido em Reriutaba por ter “afoitado” o filho foragido em sua residência. Tais eventos me fizeram refletir de que maneira as diferentes trajetórias dos indivíduos perseguidos pela polícia naquela mesma região parecem confluir para um ponto comum e corriqueiro: centrado nas interpelações policiais exercidas no âmbito dos territórios afetivos de determinados agregados familiares cotidianamente estigmatizados:

Como as armas estavam em sua casa e o acusado não estava, o pai de Cícero Lunga foi preso em flagrante por posse ilegal de armas de fogo e munição e foi conduzido até a Delegacia Regional de Polícia Civil de Sobral para ser lavrado o flagrante. Em entrevista à reportagem do Jornal Regional da FM 98 de Varjota, João Lunga assumiu que a socadeira e o facão são seus, mas a 12 não. Disse que deve ser de seu filho e que não sabia que essa arma se encontrava lá. Falou também que dá muitos conselhos para que Cícero se entregue à Polícia, mas ele diz que não faz isso porque existem pessoas querendo matá-lo. Agora, após o flagrante, o pai do assaltante deve ficar preso na Cadeia de Reriutaba, à disposição da Justiça⁹⁵.

⁹⁴ “É importante reter dessa rápida análise sobre o lugar da família no mundo do crime que os valores ligados à moral instituída estão também presentes nas condições de legalidade e contravenção que caracterizam a história dos chamados ‘fora da lei’” (BARREIRA, 1998, p. 169).

⁹⁵ “PM de Reriutaba e Varjota tenta recapturar Cícero Lunga, prende pai dele e apreende mais armas.” Disponível em: <<http://www.robertoliranoticia.net/2011/10/pm-de-reriutaba-e-varjota-tenta.html?m=0>>. Acesso em: 12 de junho de 2016.

Por outro extremo, o caso me chamou ainda mais atenção para uma figura que considero bastante idiossincrática, a respeito quem tinha ouvido muitas referências ainda no município de Cariré. Frequentemente retratado como o policial que “não dá mole pra bandido e vagabundo”, Linha Dura é sem dúvida um personagem que permeia a presente trama do início ao fim. Vale ressaltar que o policial participou de muitos episódios de conflito ocorridos naquela mesma região, inclusive ao lado do Soldado Moreno, como na ocasião da morte de Luciano do Cariré e enterro do sargento Miranda em Coreaú.

Ainda no contexto da prisão de Cícero Lunga, em 2015, Linha Dura “desabafa”, evidenciando e respaldando uma profusão de valores que são amplamente compartilhadas por muitos policiais militares naquela região:

LINHA DURA: Quero primeiramente agradecer a Deus! Meu registro é de Varjota, comandando aqui por Sargento B. Sousa, popular Linha dura como sou conhecido. Porque Linha Dura? De defender a sociedade, de defender o cidadão, de defender a cidadã! Esse é o nosso compromisso e a nossa responsabilidade que a gente tem, de fazer esse trabalho com precisão! Mas hoje eu tô de honra lavada! De honra lavada por quê? O indivíduo que eu considero mais perigoso aqui, nocivo à sociedade, onde tirou a vida de um pai de família, de um cidadão trabalhador! E onde muita gente tava achando que ele aqui (apontando para Cícero) teria um assalto! Não! Ele juntamente com outros mais quatro comparsas, três comparsa, que era quatro com ele, *meteram bala num cidadão!* Por conta de quê? Por que quando ele era menor o cidadão deu uma espanada de facão nele! Porquê? Porquê ele foi roubar! [...] Que o *modus operandi* dele é o seguinte: é assaltar, botar o cidadão de joelho e depois meter a chibata! [...]

Hoje foi o dia que Deus realmente me deu, quer dizer, a sabedoria! Além do trabalho que a gente tem de correr atrás! Deus me deu a sabedoria de chegar até onde esse indivíduo tava⁹⁶! Eu quero aqui em nome da nossa gloriosa polícia militar! Em nome do nosso grande comando, secretário de segurança, o nosso comandante geral, Coronel Pinheiro! O nosso Coronel Natanael, do sétimo BPM (Batalhão da Polícia Militar)! Coronel Lindo Johnson! O Capitão Leandro de Santa Quitéria! Eu falei: “Olhe, eu vou prender esse indivíduo!” [...] ⁹⁷

⁹⁶ Trabalhar num dia de domingo, impulsionado por uma “sabedoria” dada por Deus: “Ócio e prazer, não; só serve a ação, o agir conforme a vontade de Deus inequivocadamente revelada a fim de aumentar sua glória. A *perda de tempo* é, assim, o primeiro e em princípio o mais grave de todos os pecados. Nosso tempo de vida é infinitamente curto e precioso para ‘consolidar’ a própria vocação. Perder tempo com sociabilidade, com ‘conversa mole’, com luxo, mesmo com o sono além do necessário à saúde – seis, no máximo oito horas – é absolutamente condenável em termos morais. Ainda não se diz aí, com em Franklin, ‘tempo é dinheiro’, mas a máxima vale em certa medida em sentido espiritual: o tempo é infinitamente valioso porque cada hora perdida é trabalho subtraído ao serviço da glória de Deus. Sem valor, portanto, quando não diretamente condenável, é também a contemplação inativa, ao menos quando feitas às custas do trabalho profissional. Pois ela é menos agradável a Deus do que o fazer ativo de sua vontade na vocação profissional. Além do que, domingo existe é para isso mesmo, e, de acordo com Baxter, são sempre os ociosos em sua profissão que não acham tempo para Deus nem sequer quando é hora” (WEBER, 2004, p. 143-144, grifos do autor).

⁹⁷ “Operação policial na captura do elemento conhecido como Cícero Lunga”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H922b_vUsmM>. Acesso em 15 de junho de 2016.

Um aspecto interessante do campo empírico está relacionado ao modo como os diferentes casos de banditismo parecem se encadear mediante recorrências e interconexões. É possível notar que as tessituras sociais estão firmemente enraizadas em terrenos sociológicos dialógicos e relacionais que possibilitam explicitar um amplo “complexo de valores”, como diria John Comerford (2003, p. 66), característicos dos modos de vida e das socialidades emergentes dos sertões. É válido ressaltar que tais valores são reproduzidos e compartilhados por todos os atores sociais, ainda que localizados em posições diferenciadas e munidos de “poderes sociais” considerados antagônicos (DOUGLAS, Op. cit.). Nesse sentido, atentando para as inúmeras regularidades a partir de projeções imagéticas similares, novos aspectos se evidenciam; não apenas nos agenciamentos individuais e coletivos dos bandidos, como também nas “contrapartidas” empreendidas pelas autoridades policiais; elementos que serão muito úteis para compreender as relações com os casos tratados nos momentos finais deste capítulo. Bando intrigado não se sustenta no mundo criminal. Por conseguinte, como aponta Gilles Deleuze e Félix Guattari (1996, p. 92), uma espécie de “fascismo rural” pungente se reconfigura (Cf. PELBART, 2005; BARTHES, 1999). Indícios sociologicamente significativos para que nos debrucemos sobre eles.

4.3 As linhas rígidas do discurso e seus mecanismos mágicos de captura

“A dureza da lei, ninguém pode esquecê-la. *Dura lex sed lex*. Diversos meios foram inventados, segundo as épocas e as sociedades, a fim de manter sempre fresca a memória dessa dureza”

(Pierre Clastres, 1979, p. 173).

A respeito do que seria basicamente o poder e a relevância do discurso no âmbito social, considero pertinente ressaltar uma bela passagem de Michel Foucault (2010, p. 7), onde ele alerta: “Discursos que podem matar, discursos de verdade e discursos que fazem rir. E os discursos de verdade que fazem rir e que têm o poder institucional de matar são [...] discursos que merecem um pouco de atenção.” Destarte, creio que a apreensão do objeto discursivo se mostra essencial para evidenciar a profundidade analítica de qualquer empreendimento sociológico. Mediante um exame acurado das supostas “causas” e “efeitos” esmiuçados nos pequenos “atos discursivos” é que se torna possível entrever as múltiplas

formas de “captura” e “agarramento” empreendidas pelos agentes do Estado (DELEUZE E GUATTARI, 1997b, p. 12, grifos meus):

Ou bem o Estado dispõe de uma violência que não passa pela guerra: ele emprega policiais e carcereiros de preferência a guerreiros, não tem armas e delas não necessita, age por *captura mágica imediata*, ‘agarra’ e ‘liga’, impedindo qualquer combate. Ou então o Estado adquire um exército, mas que pressupõe uma integração jurídica da guerra e a organização de uma função militar. Quanto à *máquina de guerra* em si mesma, parece efetivamente irredutível ao aparelho de Estado, exterior a sua soberania, anterior a seu direito: ela vem de outra parte.

Ao que parece, o intuito de qualquer “discurso (oficial) de autoridade” é geralmente bastante preciso e em muitos aspectos conscientemente direcionado por poderes articulados que parecem emanados de determinadas fontes de poder social. Nesse ínterim, as linhas mais enrijecidas e normativas podem escoar de suas decisivas nascentes articuladas nos domínios do Estado (ELIAS, 1997, p. 163; WEBER, 2004), escoando no sentido das margens e dos interstícios poluídos, inarticulados e disformes (DOUGLAS, op. cit.). Produz-se assim uma série de rupturas e fendas no tecido social (“em defesa da sociedade”).

Mediante seus enunciados performativos (AUSTIN, 1990, p. 21-28), Linha Dura redefine lugares sociais, competências e práticas que o distinguem não apenas do bandido Cícero (e de todos os outros “vagabundos” da região), como simultaneamente confronta qualquer “cidadão mediano” que possa ser eventualmente *atravessado* (enquadrado) pelo seu discurso de autoridade. Ou seja, “é o que acontece com os que desafiam a lei”.

Em certa medida, tensionar as linhas discursivas é praticar a usurpação legítima de um *locus* social de enunciação, que se fundamenta numa espécie de “violência inaugural”, a partir da qual (ou na qual) está enraizada a própria lei (BOURDIEU, 2007, p. 204). Nesse sentido, o policial se identifica como um legítimo porta-voz dessa mesma lei e da justiça, assim como de uma coletividade (espírito de corpo) que é representada por ele apenas por “procuração” (BOURDIEU, 2008, p. 83)⁹⁸. Um homem distinto: “qualificado”, “trabalhador”, “sério” e “honrado”, capaz de reproduzir e de “responder” a uma cosmovisão que está

⁹⁸ “O mistério da magia performativa resolve-se assim no mistério do ministério [...], isto é, na alquimia da representação (nos diferentes sentidos do termo) através do qual o representante constitui o grupo que o constitui: o porta-voz dotado do poder pleno de falar e de agir em nome do grupo, falando sobre o grupo pela magia da palavra de ordem, é o substituto do grupo que existe somente por esta *procuração*. Grupo feito homem, ele personifica uma pessoa fictícia, que ele arranca do estado de mero agregado de indivíduos separados, permitindo-lhe agir e falar, através dele, ‘como um único homem’. Em contrapartida, ele recebe o direito de falar e de agir em nome do grupo, de ‘se tomar pelo’ grupo que ele encarna, de se identificar com a função a qual ele ‘se entrega de corpo e alma’, dando assim um corpo biológico a um corpo constituído. *Status est magistratus*, ‘o Estado sou eu’. Ou então, o que dá no mesmo, o mundo é minha representação” (BOURDIEU, 2008, p. 83, grifos do autor).

intimamente atrelada aos seus agenciamentos, práticas e itinerários sociais: sargento da polícia militar, famoso pela notável intolerância no trato com os “vagabundos”.

Rememorando uma interessante colocação de Erving Goffman (2011, p. 11): “Não, então, homens e seus momentos. Em vez disso, momentos e seus homens”. A atuação e comunicação deve se constituir no âmbito de uma “arena pública” (CEFAÏ, 2002; 2009)⁹⁹, como instância fundante de um horizonte público de possíveis, que pode ser continuamente redefinido: a partir do qual, e sobre a qual, Linha Dura é autorizado a agir, delegar e administrar funções específicas e legítimas que demandem ações policiais e estratégias discursivas simbolicamente eficazes. Sempre no sentido de como as coisas (realmente) são em contraposição a como as coisas deveriam ser.

Por conseguinte, Linha Dura evidencia e respalda determinado *status quo* ao reinscrever no social o discurso da ordem que ele não retém solitário, pois consiste num poder que lhe é dado de fora e de cima. De todo modo, é necessário que ele seja frequentemente reforçado, dito de todas as formas e reiteradas vezes¹⁰⁰. Portanto, a noção de um “agir discursivo” erigido em atos e palavras mediante e na própria linguagem e tradução local, que é também a dimensão da mitologia política da práxis social corporalmente manifesta no falar(se) e no portar(se) dos atores sociais (BOURDIEU, 2011, p. 114). Discursos geradores de práticas e práticas geradoras de discursos sutilmente (ou visceralmente) corporificados. O “homem viril, honrado e resoluto” deve estar sempre em estado de alerta máximo, visto que se enxerga constantemente ameaçado pelas margens do tecido social, sempre na condição de pavor e perigo eminente (BOURDIEU, op. cit., p. 115).

“A acusação é uma arma que permite reforçar e definir melhor a estrutura desmascarando o culpado” (DOUGLAS, op. cit., p. 80). Além disso, trata-se de uma temática tradicionalmente pesquisada em estudos sociológicos clássicos que versam sobre indivíduos considerados socialmente “desviantes” (BECKER, 2008; VELHO, 1981). Entre muitos aspectos, isto se dá certamente por ocasião da sua força conceitual em evidenciar as potencialidades das classificações estigmatizantes em contextos sociais diversos.

⁹⁹ “A questão é menos a do ‘público e seus problemas’ que do ‘problema e de seus públicos’. Nesses processos de publicização, os indivíduos são com frequência separados dos papéis, dos estatutos, das opiniões e das convicções que normalmente têm: as lógicas de ação ultrapassam os mercados, os campos ou os setores em que estão geralmente contidas, passando por cima de suas fronteiras, por meio de um fenômeno que as teorias do comportamento coletivo qualificavam de contágio ou propagação. Mais do que ser coagido por estruturas de oportunidade política, o público redefine o horizonte de possíveis. É o que chamamos uma ‘arena pública’” (CEFAÏ, 2009, p. 16).

¹⁰⁰ Visto o montante de vídeos na *internet* em que Linha Dura surge tecendo sempre os mesmos discursos e as mesmas palavras de ordem; recorrendo sempre à binarização “bandidos e mocinhos”. Como aponta Pierre Clastres (1979, p. 151, grifos do autor): “[...] nas sociedades com Estado a palavra é o *direito* do poder.”

Trata-se ainda de uma perspectiva privilegiada para o estudo da linguagem e da autoridade discursiva, que possibilita compreender os verdadeiros efeitos e consequências sociológicas que a ação de “acusar”, “apontar”, “declarar” publicamente ecoa no *socius* (Cf. SENNET, 1998, p. 427-435), sobretudo quando proferida por tipos que demandem determinado pulso de autoridade, mediante um *quantum* social instituído e devidamente introjetado. Em suma, quando os gestos acusativos e simbólicos são proferidos por figuras consideradas “mais capazes” de elaborar práticas de dominância consideradas mais “articuladas” ou “conscientes” (DOUGLAS, op. cit., p. 76; AUSTIN, 1990).

Por outro lado, qual seria o eco da voz de um indivíduo desautorizado, acuado, acusado, marginalizado, ou seja, de um bandido ou parente de bandido? Qual seria o eco de uma voz qualificada, autorizada e direcionada, ou seja, de um policial ou delegado? (Cf. SPIVAK, 2010) A princípio as “respostas” parecem facilmente prontas, como se a realidade social tivesse menos “cinza” do que aparenta. Todavia, é essencial esmiuçar a própria naturalização das classificações prévias, assim como as razões de existirem discursos mais ou menos “autorizados”. Designações e representações que discorrem sobre um cabedal de práticas, formas, pessoas e lugares, e onde não apenas as posições dos indivíduos como também as arquiteturas mentais pressupostas (caráter, personalidade e tendências) parecem pré-configuradas por múltiplas e compulsivas distinções e classificações sociais sobrepostas; configurando cenários interativos capazes de gerar “efeitos de real” sociologicamente coesos (BARTHES, 1972)¹⁰¹.

Em muitos aspectos, a “palavra de ordem” desponta “[...] como um excesso que cobre uma falta: o excesso de coisas – mais precisamente o excesso de representação das coisas [...]” (RANCIÈRE, 2010, p. 76). Trata-se aqui de destrinchar universos de incoerência, subvertendo os símbolos distintivos fornecidos por um incontornável “desamparo”, ou uma espécie de falta “em excesso”; como um modo de auxiliar o “mundo” em sua automática auto desfragmentação, na busca incessante por um objeto ausente. Em muitos aspectos, este aparenta ser o *leit motiv* do cientista social: um eterno esforço ou retorno à destruição das formas simbólicas que impregnam de “sentido” as práticas sociais (e vice versa); significando

¹⁰¹ Acerca de Roland Barthes (1999, p. 14), Peter Pal Pelbart (2005, p. 1325, grifos meus) afirma: “A linguagem, lembra ele, não é reacionária nem progressista, ela é simplesmente *fascista*: ela nos obriga a dizer certas coisas, a ocupar certos lugares, posições – homem-mulher, mestre-aluno, branco-negro, direita-esquerda etc. Como driblar os sentidos impostos, os lugares prévios, como introduzir a hesitação, a indecisão, os estados de suspensão? Como sustentar um discurso, pergunta ele, sem impô-lo?”

a respeito das coisas socialmente construídas e “assombrando”, ou “inquietando”, a respeito do que ainda não se sabe *constructo* social (GEERTZ, 2001)¹⁰².

Como explicitado, Linha Dura inicia seu discurso falando de uma “resposta à sociedade” – o que ele frisa reiteradas vezes e sempre que possível em inúmeras circunstâncias. Mas, afinal de contas, vale indagar: a que “resposta social” o policial se refere? Considerando a razão etimológica da palavra “responder”, originária do latim, “*reponere*”, que significa colocar de volta, repor, restabelecer. Algo como realocar ou reorientar-se na dimensão factível das localizações possíveis e impossíveis. O desejo crucial do policial é *localizar*. Nesse sentido, Austin (1990, p. 41, grifos do autor) ressalta:

Para um procedimento ser *aceito* pressupõe-se algo mais do que o fato de ser considerado *efetiva e genericamente* usado, até mesmo pelas pessoas envolvidas; devendo permanecer em princípio aberta a possibilidade de qualquer pessoa vir a rejeitar qualquer procedimento, ou código de procedimento – mesmo aquele que fora por ela anteriormente aceito – como acontece, por exemplo, com o código de honra. Quem o fizer estará, naturalmente, sujeito a sanções. Alguém poderia se recusar a jogar com ela, ou dizer que não se trata de uma pessoa honrada. Mas, acima de tudo, não podemos reduzir as considerações acima a meras circunstâncias factuais, pois estaríamos sujeitos à velha objeção de termos derivado um “dever” de um “ser” – pois ser *aceito não é* uma circunstância, em sentido estrito.

O sargento Linha Dura não está completamente livre do julgo social, considerando que ele é apenas um homem de farda até que se pronuncie e se localize coerentemente e a favor da crença que ele deve defender e fazer sentido, atribuir significados (GEERTZ, 2008, p. 203)¹⁰³. Erigindo formas e garantindo a permanente assepsia das formas: a confiança plena e consciente na ordem e ortodoxia sociais.

Por outro lado, pode-se deduzir que a prisão do bandido Cícero Lunga simbolizaria uma plena “resposta” à sociedade, e que esse gesto significaria o restabelecimento de uma situação apriorística dita harmonizada. Desse modo, haveria motivos para crer que o bandido magicamente “capturado” pela maquinaria simultaneamente articulada do Estado (DELEUZE E GUATTARI, 1997b, p. 12), seria apenas mais uma representação objetiva desta “resposta dada”.

¹⁰² “Temos procurado, com sucesso nada desprezível, manter o mundo em desequilíbrio, puxando tapetes, virando mesas e soltando rojões. Tranquilizar é tarefa de outros; a nossa é inquietar. Australopitecus, Malandros, Cliques Fonéticos, Megalitos: apregoamos o anômalo, mascateamos o que é estranho, mercadores que somos do espanto” (GEERTZ, 2001, p. 65).

¹⁰³ “As ideias – religiosa, moral, prática, estética – como Max Weber, entre outros, nunca se cansou de insistir, devem ser apresentadas por grupos sociais poderosos para poderem ter efeitos sociais poderosos: alguém deve reverenciá-las, celebrá-las, impô-las. Elas têm que ser institucionalizadas para poderem ter não apenas uma existência intelectual na sociedade, mas também, por assim dizer, uma existência material” (GEERTZ, 2008, p. 137).

Por conseguinte, é importante ressaltar que a “resposta” que Linha Dura enfatiza não se encontra contida exclusivamente na ação de “prender o bandido”, e muito menos no “bandido preso”. A “resposta”, ao que parece, consiste especificamente no discurso que o sargento realiza conjuntamente à arena pública, em suas dimensões justapostas: considerando que não há vida social sem os aspectos moleculares diretamente implicados (TARDE, 2007): sem as propensões linguísticas específicas, sem as pequenas vicissitudes da linguagem, sem a sutileza de “fazer sentir” dor (*pathos*) (CHARADEAU, 2007, p. 69), sem as silenciosas lutas “desautorizadas” em reaver determinados territórios de poder profundamente revolvidos (SPIVAK, 2010). Em suma, são muitas posições sacralizadas da ordem postas em cheque em suas minúcias, mediante a “ação ameaçadora” empreendida pelos agentes criminais “propagadores da desordem” (DOUGLAS, op. cit., p. 76):

Se é verdade que a desordem destrói o arranjo dos elementos, não é menos verdade que lhe fornece os seus materiais. Quem diz ordem diz restrição, seleção dos materiais disponíveis, utilização de um conjunto limitado de todas as relações possíveis. Ao invés, a *desordem* é, por implicação, *ilimitada*; não exprime nenhum arranjo, mas é capaz de gerá-lo indefinidamente. É por isto que aspirando à criação de ordem, não condenamos pura e simplesmente a desordem. Admitimos que esta destrói os arranjos existentes; mas também que tem *potencialidades*. A desordem é pois, ao mesmo tempo, *símbolo* de perigo e de poder (DOUGLAS, op. cit. p. 72, grifos meus).

O discurso policial, portanto, é a resposta “para obedecer e fazer obedecer” e que a sociedade “acredita necessitar” e “finge admitir” (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 12-24), pois apenas o discurso autorizado é capaz de reordenar uma desarmonia social gerada pela crise de fé retratada na morte cruel de um “cidadão de bem”; e o *clímax* desse momento crítico inteiramente simbolizado na prisão do suposto elemento “facínora”. Nesse contexto, o homem detido e “escoriado” começa então a “fazer sentido”, sobretudo após o discurso performativo da autoridade que o retém, enquadra e circunscreve.

Ele passa a representar um estigma social declarável, tangível, matável e expurgável (GOFFMAN, 1988). Ele logo adquire “cara e jeito de bandido” (BECKER, 2008). E neste ponto, vale destacar uma pertinente citação de Roland Barthes (2001, p. 49): “O mundo dos *gangsters* é, antes de mais nada, um mundo do sangue frio”.

Para muitos homens de farda, “faz sentido” que a corporalidade do bandido atinja o ápice de uma desterritorialidade e não pertencimento de si, a partir dos quais ele deve “sentir na pele” a inscrição de sua indumentária fatal, a sua dimensão mais puramente factível

(FOUCAULT, 1977; 2010)¹⁰⁴. Ele agora pertence ao Estado, um sujeito agravado e deslocado no estranho palco do social, efeito de dura realidade maquinal incrementada pelo potente discurso da lei: o corpo nas (e pelas) regras do Estado, e a negligência lancinante de uma inevitável desautonomia corpórea: “existir” para imediatamente “inexistir” corporalmente e, portanto, socialmente (CLASTRES, 1979, p. 173-182).

Ele deve ser exposto (*mostrare*), os homens armados à paisana tiram *selfies* com as suas armas, ao lado do suposto “mau elemento” que deverá ser tanto mais assujeitado no cárcere. Nesse sentido, o indivíduo baleado é inteiramente “monstrado” (FOUCAULT, 1984; 2010), representando uma dimensão ritualística magicamente refinada por uma legítima “transformação incorpórea” empreendida pelos agentes de ressonância do Estado¹⁰⁵. Por conseguinte, relacionando a “escrita” como um *socius* inscrito no “corpo”, Pierre Clastres (1989, p. 175, grifos do autor) ressalta que:

[...] o sistema da lei tem necessidade de uma máquina para escrever o seu texto sobre o corpo do prisioneiro que sofre passivamente a prova, enquanto que, no campo real, a tripla aliança, levada ao seu ponto extremo de enclausuramento, abole a própria necessidade da máquina: ou antes, *é o próprio prisioneiro que se transforma em máquina de escrever a lei*, e que a inscreve sobre o seu próprio corpo. Nas colônias penitenciárias da Mordávia, a dureza da lei encontra para se enunciar a própria mão, o próprio corpo do culpado-vítima. O limite é atingido, o prisioneiro está *absolutamente fora da lei*: o seu corpo escrito di-lo.

E, ainda segundo Clastres (1979, p. 174): “[...] que a lei encontre para se inscrever espaços inesperados.” Nesse sentido, é possível que tudo aquilo que o discurso autorizado “reorganiza” e “restabelece” é a própria intensidade da vida social dita “organizada”, extensão segmentarizada e simultânea das práticas de dominação empreendidas por ela: produtora e reprodutora de realidades possíveis. Qualquer pronunciamento público funciona como uma realização e atualização do *socius* que orbita uma lógica de redundâncias discursivas e reinscrições compulsivas, sobretudo quando socialmente respaldadas. A população pede para ouvir uma definição total e “oficial” de um estado de coisas, ainda que estas soem ininteligíveis (Cf. LA BOÉTIE, 2006; CLASTRES, 2004, p. 107-119); uma forma cruel de realização do simulacro da ordem, a *illusio* que jamais deve ser “desrealizada”.

¹⁰⁴ “Em outras palavras, mostrar como o indivíduo já se parecia com seu crime antes de o ter cometido” (FOUCAULT, 2010, p. 18).

¹⁰⁵ “Em um sequestro de avião, a ameaça do bandido que aponta um revólver é evidentemente uma ação; da mesma forma que a execução de reféns, caso ocorra. Mas a transformação dos passageiros em reféns, e do corpo-avião em corpo-prisão, é uma transformação incorpórea instantânea, um *mass-media act* no sentido que os ingleses falam de *speech-act*” (DELEUZE E GUATTARI, 1995b, p. 19).

O bandido é implicado no social, então, como *constructo* puramente residual, elemento conflituoso e repulsivo, em sua condição indissociável, a posição carregada dos “poluidores”, “banidos” e “purgadores” das máculas sociais. Ele deve emergir publicamente como o cruel antagonista, sendo imediatamente realocado às margens, *locus* de flutuação, esquecimento, nomadismo e desterritorialidade de uma superaquecida máquina de guerra dos sertões (DELEUZE E GUATTARI, 1997). É demarcado, portanto, um indivíduo notadamente “especial” em sua trivialidade. E pegando emprestada uma expressão encontrada em Gabriel Tarde (2007, p. 124): os bandidos são como incorruptíveis “abortos sociais” que ousam respirar, submersos no lodaçal das violências de inextricáveis tramas sociais, normativas e cotidianas; elaborando métodos agonísticos e antagônicos de ascender da terra seca mediante um gemido árido de revolta, violência e crueldade desmesurada¹⁰⁶.

Cícero carrega o peso *karmico* e substancial de terminologias e classificações que só a linguagem policial e midiática é capaz de operar e manipular com razoável maestria. Numa série de transformações incorpóreas e sucessivas (DELEUZE E GUATTARI, 1995), logo uma profusão de figuras linguísticas se torna difusamente manifesta: ele é “foragido”; ele foi “acoitado”; ele “oferece resistência”; ele “desacata a autoridade”; ele “troca tiros com a polícia”; “ele é frio e sanguinário”. Ele é bandido justamente porque outros carecem de sua “substância” ou de sua “natureza” indomável. Portanto, uma “desnatureza” que força aos extremos as diferenças fundamentais justapostas, incorporando assim uma “animalidade” rebelde, intrusiva e compulsiva (DELEUZE E GUATTARI, 1997a)¹⁰⁷.

Cícero Lunga, Elitônio, Cição, Edvar e Luciano transitam no território social do negado, subvertendo na ação o discurso de indiferença pelo qual são acusados. Matar, roubar, fugir e se acoitar fortalece disposições que podem ser compreendidas também como formas agonísticas de sobrevivência e resistência social. Todos estão imersos em uma socialidade claramente singular que emerge das zonas tensionadas (“do mais de dentro”) do sertão. A natureza do bandido pressupõe nos indivíduos a natureza dos bichos do mato: estar sempre à espreita, tal qual “bicho brabo”. O bandido, portanto, pode ser uma extensão alternativa de

¹⁰⁶ “Deparar com seu limite, com sua *impotência* constatada: que choque terrível para todo homem e, antes de tudo, que surpresa! Nessa pretensão universal do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, e no choque universal e eterno resultante, há certamente com que justificar o pessimismo. Para um desenvolvimento único, *bilhões de abortos*! Nossa noção da matéria traduz bem esse caráter essencialmente contrariante do mundo que nos cerca” (TARDE, 2007, p. 124, grifos meus).

¹⁰⁷ “Os homens-lobos, os homens-ursos, os homens-feras, os homens de toda animalidade, confrarias secretas, animam os campos de batalha. Mas também as matilhas animais, que servem os homens na batalha, ou que a seguem e dela tiram proveito. E todos juntos espalham o contágio. Há um conjunto complexo, devir-animal do homem, matilhas de animais, elefantes e ratos, ventos e tempestades, bactérias que semeiam o contágio. Um só e mesmo *Furor*” (DELEUZE E GUATTARI, 1997a, p. 24-25, grifos dos autores).

socialidades adquiridas tanto na desconfiança aos forasteiros quanto na desobediência civil, honradez e rigor da vida diária no contexto do sertão. Lá as “socialidades contra o Estado” se configuram com intensidades significativas (CLASTRES, 1979, p. 183-211).

O desobediente é gerador de descrença, logo produz desconfiança, resta saber se ele gera descrença conscientemente, ao afirmar a revolta que dele se dissocia e que nele só é capaz de produzir desejos causticantes: desejos de inadequação, desejos de fuga e desejos de redenção. A violência herética do fora da lei (classificados “vagabundos”, “bandidos” e “marginais”) pode ser observado como a realização de desejos inconscientes de potência, uma espécie de perversidade que se aparenta residual, mas que deve funcionar como eventual reforço de mecanismos de poder social (BARTHES, 1999, p. 10-12): em favor das autoridades, ou da máquina “paranóica” do Estado.

Retomando Deleuze e Guattari (1997a, p. 24): “A máquina de guerra é sempre exterior ao Estado, mesmo quando o Estado se serve dela, e dela se apropria. O homem de guerra tem todo um devir que implica multiplicidade, celeridade, ubiquidade, metamorfose e traição, potência de afecto.” A guerra não constitui objeto da “máquina de guerra”, ela se torna seu objeto apenas quando é confrontada por fontes organizadas de poder (DOUGLAS, Op. cit.); como também aponta Michel Foucault (2003)¹⁰⁸.

Os contrapontos de uma lei rígida e discursos de ordem claramente enviesados emergem na confluência de práticas de perversidade perpetradas por determinados agentes do Estado. Um perigoso limbo social é gestado no esforço descomunal e agressivo em neutralizar as ações “maléficas” do espectro sertanejo demonizado, que acaba sendo projetado em quaisquer indivíduos e de modos indistintos (máquina de apontamentos). Nesse sentido, as linhas rígidas, duras e esganiçadas do *socius* parecem perder terreno quando confrontadas com as vozes consideradas mais heterodoxas (sussurrantes, porém resistentes) “silenciadas” à base de socos, alicates e coturnos empoeirados. Todavia, neste ponto é preciso buscar conciliações e acalmar os ânimos. Atentando para o valor dos intervalos no calor das “trocas simbólicas” (MAUSS, 2003; BOURDIEU, 2002; 1996).

¹⁰⁸ “Para que alguma coisa delas chegue até nós, foi preciso, no entanto, que um feixe de luz, ao menos por um instante, viesse iluminá-las. Luz que vem de outro lugar. O que as arranca da noite em que elas teriam podido, e talvez sempre devido permanecer, é o encontro com o poder; sem esse choque, nenhuma palavra, sem dúvida, estaria mais ali para lembrar seu fugidio trajeto. O poder que espreitava essas vidas, que as perseguiu, que prestou atenção, ainda que por um instante, em suas queixas e em seu pequeno tumulto, e que as marcou com suas garras, foi ele que suscitou as poucas palavras que disso nos restam; seja por se ter querido intervir e tenha, em poucas palavras, julgado e decidido. Todas essas vidas destinadas a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas só puderam deixar rastros – breves, incisivos, com frequência enigmáticos – a partir do momento de seu contato instantâneo com o poder” (FOUCAULT, 2003, p. 206).

4.4 Intermissões: elaborando estratégias nos intermédios do campo

“Ao mesmo tempo teimar e deslocar-se, isso tem a ver, em suma, com um método de jogo”

(Roland Barthes, 1999, p. 27).

No segundo semestre de 2015, posso afirmar que já possuía um material relativamente consistente para escrita do meu texto dissertativo, o esperado trabalho final. Entre 2014 e 2015 eu havia realizado viagens e incursões regulares aos sertões e municípios da microrregião de Sobral: transitando entre pensamentos, reflexões, dúvidas, ansiedades, angústias, medos, questionamentos, tristezas e felicidades; como também me deleitando com diálogos calorosos, leituras instigantes, esboços práticos e muitos escritos – acercando-me de tudo que pretendia (ou não) registrar nos papéis. Sem dúvida, ingredientes que me fizeram sentir a “demasia”; e que permearam todo o meu trabalho de campo e me guiaram (bem ou mal) nas sendas rudes e tortuosas do pesquisar (BARTHES, 1999).

Todavia, alguma coisa me incomodava de maneira persistente, partindo de questões que eu não poderia simplesmente ignorar. Eu sentia a necessidade de revirar algo mais, retornar e encarar as experiências com mais audácia, percorrer outras estradas e *varedas*, perseguir os sentimentos, os afectos e, se possível, investigar com maior precisão as violências infligidas às redes afetivas e familiares. Questões que eu havia constatado e relacionado em viagens anteriores, mas que ansiava aprofundar novamente e com melhor acuidade, no retorno ao campo social empírico. Em suma, era preciso destrinchar os sentidos das conexões, transformações e rupturas mais pormenorizadas.

É certo que cada campo empírico resguarda suas respectivas e sutis particularidades e temporalidades, e que o tempo aparentemente nunca parece estar a favor do pesquisador. De todo modo, eu intuía que havia algo ainda mais precioso que poderia ser captado a partir de atmosferas individuais e coletivas. As lições mais brutas e genuínas dos sertões, os viscerais didatismos, o trato com o interior mais profundo dos sertões da Pedra. Frequentei a região por algum tempo, dispondo de todo o empenho possível, em ritmos e humores variados; entre idas e vindas, erros e acertos, sucessos e fracassos. Felizmente, com toda a intensidade que a vida pode oferecer. Todavia, eu desejava ir um pouco mais adiante, ansiava resgatar novos artefatos, captar outros idiomas secretos e congregar as vozes mais sussurrantes (DELEUZE E GUATTARI, 1995b, p. 24): as mais inenfáticas, com suas

concretudes e abstrações. Para consolidar os contratos e os ritos de campo, nada mais lógico: “para aprender da pedra, frequentá-la.”

Ao longo das experiências referentes a presente pesquisa, o município de Sobral foi um cenário inevitável em todos os aspectos¹⁰⁹. Com uma área territorial de 2.122, 898 km², e uma população estimada em 201.756 pessoas (em 2015), a cidade se constituía um interstício principal: uma espécie de *locus* intermediário. A terra devassada de sol, com punhados de concreto e fumaça lançada por motocicletas e carros frenéticos, representava a cidade¹¹⁰ de rocha lançada no meio dos caminhos: entre os carnaubais, caatingas espessas e alpendres dos sertões, perpassando os casebres multicoloridos das pequenas cidades interioranas e a minha Fortaleza natal (a 230, 8 km de distância daquele universo¹¹¹). A cidade de Sobral, portanto, era o ponto das chegadas e das partidas.

Eu desembarcava na rodoviária principal cheio de ideias, estratégias traçadas no papel e na mente; euforias e algumas pretensões equivocadas sobre o campo empírico que, logo poderiam ser rechaçadas “na prática”. Por outro lado, era de lá que eu partia sempre com a cabeça ainda mais “carregada”: recheada de dúvidas, questionamentos, apontamentos e um inventário de ideias em processo de análise. Era bastante comum tracejar novas estratégias de campo, ou métodos mais “certeiros”, por assim dizer. Nesse sentido, as viagens de retorno para Fortaleza eram sempre mais reflexivas e silenciosas.

Sobral era ainda o lugar onde eu praticava a autocrítica e realizava balanços gerais, onde procurava refutar conclusões precipitadas e consolidar percepções razoáveis acerca do campo pesquisado. Portanto, sempre que eu viajava para Groaíras ou Cariré e para a zona rural (os sertões), partindo de uma ou outra cidade (ou mesmo transitando entre as três), a fim de viabilizar visitas, interlocuções e leituras de campo, Sobral era o *locus* que resguardava uma maior “neutralidade”. A cidade me possibilitava arejar e organizar as ideias, frequentar outros círculos de conversação e captar relatos intermediários. Onde sempre surgiam temáticas variadas e, eventualmente, diálogos acerca de “bandidos”, o fenômeno da “violência”, “tráfico de drogas”, “política” ou “abusos policiais”.

Era comum que eu me alojasse na residência de alguns amigos nascidos e criados na cidade de Groaíras, e que moravam em Sobral há alguns anos. Em geral, as mudanças de

¹⁰⁹ Cf. Nilson Almino de Freitas (2000): Sobral: opulência e tradição.

¹¹⁰ “[...] fruto da imaginação e trabalho articulado de muitos homens, a cidade é uma obra coletiva que desafia a natureza” (ROLNIK, Raquel, 1995, p. 8).

¹¹¹ Dados do IBGE. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=231290>>. Acesso em: 10 de maio de 2016.

municípios se dão por motivos de trabalho, estudos, conquista de independências e consequente “desgarramento” das fronteiras “limitadas” da “terrinha natal”, como eles mesmos costumam frisar. Pessoas relativamente próximas, conhecidas de longa data; amizades estabelecidas nos anos que residi em território groairense, entre 2001 e 2002. Em minhas várias incursões tive a oportunidade de flunar com liberdade pelo centro de Sobral e arrabaldes; frequentando ambientes “estabelecidos” ou esconderijos *outsiders* (ELIAS, 2000); tateando novas relações na companhia de pessoas que, inevitavelmente, também faziam parte do meu universo sociológico de observações de pesquisa.

Primeiramente, pode-se destacar que um desses interlocutores é o Arnaldo, o carioca mais metido a cearense – ou o cearense mais metido a carioca – que eu conheço. Por inúmeros motivos, Arnaldo foi um ponto culminante e crucial na minha relação mais cautelosa e propriamente “pedagógica” com os sertões, tendo me auxiliado com críticas ferrenhas, mente aberta e uma boa vontade descomunal em prestar auxílio, sobretudo nos destravamentos de campo e nos instantes mais decisivos. De forma curiosa, vale ressaltar que muitos eventos, contatos, encontros e relações se fizeram possíveis, mais uma vez, mediante as súbitas artimanhas do acaso (PEIRANO, 1992).

Como ressalto brevemente ainda na introdução deste trabalho, Arnaldo – além de um grande amigo é um interlocutor-chave que se encontra imerso em praticamente toda a minha pesquisa. Portanto, alguém que não poderia ser relegado a um simples tópico ou a um único capítulo específico. Arnaldo é citado nos momentos considerados mais pertinentes, visto que nos conhecemos e “trocamos ideias” há mais de quinze anos. Considero que o ponto mais apropriado para a sua “aparição” mais bem delineada só poderia se concretizar nos caminhos para a conclusão desta dissertação, e explicitarei as razões.

Logo nos meus primeiros passos de campo, nem sempre pude estar em contato com Arnaldo. Num curto período de tempo, ele havia morado em outros estados, retornado para o Ceará, depois se envolveu com atividades profissionais e políticas que tomaram muito do seu tempo. Formou-se, casou-se e, por fim, foi morar em Sobral, juntamente com a sua adorável esposa. Em julho de 2014, quando eu me encontrava de passagem por Sobral (chegando ou saindo) para realização das visitas aos sertões, pude encontrar Arnaldo em ocasiões muito caóticas, breves e pontuais. O amigo sempre estava muito ocupado com suas questões, e eu com as minhas.

Todavia, certa vez quando voltava de Cariré e passava um dia em Sobral antes de retornar à Fortaleza, tudo se alumiu numa conversa descontraída de bar. Em janeiro de 2015,

à beira do rio Acaraú, em certo momento Arnaldo pediu que eu discorresse acerca da “pesquisa sobre a bandidagem” que eu tentava empreender; e que até então ele não conhecia em muitos detalhes. Após uma breve exposição do meu tema de estudo, acerca de um caso que Arnaldo não havia acompanhado tão de perto (visto que não se encontrava em Groaíras no período de atuação do bando de Elitônio, Luciano e Cícero), logo se tornou possível estabelecer conexões fundamentais. Inicialmente, o amigo ficou um pouco reflexivo quando falei da visitação aos sertões, e que havia conhecido “na marra” a senhora Virgínia e o Seu João, assim como alguns irmãos e amigos da família.

Conforme conversávamos sobre os personagens envolvidos nas tramas familiares em relação aos bandidos da região, Arnaldo parecia ir clareando gradativamente a memória, e aos poucos fomos relacionando lugares, nomes e pessoas. Apesar de ele ter parentes nos sertões, que há mais ou menos um ano não visitava, os nomes pareciam soar familiares, embora ele ainda fizesse esforços para rememorar as verdadeiras razões da suposta “familiaridade”. Precisei descrever pessoas, lugares e nomes com mais especificidade. Em certo momento Arnaldo teve um *insight* e logo bradou com surpresa: “Velho, eu conheci essas pessoas quando morei no sertão! Fizeram parte da minha infância!” Não preciso descrever aqui a grande felicidade com a descoberta. Porém, depois de esmiuçados os devidos elos e referenciais afetivos, era preciso superar os inúmeros obstáculos impostos ao longo daquele ano. Era preciso sincronizar os tempos, as distâncias entre Fortaleza e Sobral e, por fim, as estratégias para realização das incursões derradeiras.

Estabelecendo um contraponto com o lamentável falecimento do meu amigo Cláudio (ocorrido em dezembro de 2014 em Fortaleza), vale ressaltar que em janeiro de 2015 o filho de Arnaldo, o pequeno Vinícius, acabava de vir ao mundo; trazendo força para todos. Nesse sentido, o mais novo pai em terras sobralenses, por força das circunstâncias, encontrava-se profundamente envolvido em seu cotidiano doméstico e num novo ciclo de desafios que se iniciava. Como me confessara em alguns diálogos, ele estava mentalmente imerso nos dilemas, felicidades e temores de “ser pai”.

Por outro lado, naquele contexto havia ainda as pressões exercidas no âmbito profissional, visto que o meu interlocutor se encontrava momentaneamente desempregado e procurava elaborar meios de conseguir um novo emprego (fixo e estável) o mais imediatamente possível. Por conseguinte, ao longo de 2015, foram muitas as ocasiões em que combinamos – sempre à distância – encontros que acabavam não ocorrendo por inelutáveis contratempos. Era corriqueiro que surgissem impedimentos inusitados, tanto da parte de

Arnaldo, em Sobral (e muito compreensivamente), quanto de minha parte, em Fortaleza. No meu caso, compromissos ou problemas que me impediam de viajar nos momentos mais favoráveis para ele, de modo que quando eu viajava Arnaldo estava completamente envolvido nas suas obrigações pessoais e no trabalho.

Nesse ínterim, a minha última viagem aos sertões havia se dado em julho de 2015, quando passei duas semanas em Cariré. Naquela ocasião, eu e Arnaldo mais uma vez não conseguimos nos encontrar; surgiram problemas inesperados em Fortaleza que me obrigaram a retornar às pressas, sem poder reencontrar o precioso interlocutor. Naquela ocasião, eu havia regressado à capital com a esperança de que na próxima tudo daria certo.

Passado o ano de desencontros indesejáveis, no início de 2016 foi possível restabelecer contatos com mais decisão dos dois lados. Era preciso realizar sincronias e viabilizar os encontros. Eu considerava imprudente encerrar a pesquisa sem realizar mais uma ida aos sertões, sobretudo na companhia de Arnaldo; considerando a necessidade que eu tinha de aprofundar determinadas relações de pesquisa que ainda não me pareciam muito bem esclarecidas. Embora estivesse lutando contra o relógio, a teimosia acabou tornando os ventos favoráveis. Como indica Barthes (1999, p. 26): “Teimar, quer dizer, em suma, manter ao revés e contra tudo a força de uma deriva e de uma espera.”

O segundo desafio estava em demarcar um roteiro satisfatório de viagem, elaborar um planejamento e traçar novas estratégias de inserção; bem diferentes das que eu houvera empreendido a partir de Cariré e Groaíras. Nesse sentido, partir de Sobral exigia outro tipo de organização e demarcação de itinerários diferenciados. Entre as dúvidas principais estava: ir de carro ou de motocicleta, o que envolvia calcular as diferentes quilometragens e os gastos com combustível (além da questão de segurança nos trajetos) (Cf. COMERFORD, 2003, p. 31; SÁ, 2010, p. 68-75); partir num sábado ou num domingo; e delimitar a ordem e os horários das visitas a serem realizadas.

Vale ressaltar que todas as decisões deveriam ser tomadas em conformidade com a rotina das pessoas do sertão, refletida nas tradições cotidianas da família de Arnaldo: levantar, tomar o café da manhã, fazer a feira (de todos os domingos, geralmente em Groaíras), pôr a comida no fogo, por volta das 10 horas, e fazer a sesta logo após o almoço, por volta das 12 horas. Acima de tudo, era determinante respeitar a cerimônia e os rituais das pessoas em receber familiares ou amigos há algum tempo não vistos, sobretudo quando acompanhados de gente “de fora”. Naquele contexto, eu me sentia como um autêntico

forasteiro, visto que a noção de “pesquisador de sociologia da UFC” nem sempre parecia fazer sentido prático para as pessoas do sertão.

Portanto, tudo teria de ser anunciado com antecedência, incluindo as verdadeiras razões das visitas. Naquele contexto, eu iria adentrar em mais uma zona de intimidade afetiva e familiar, sem saber ao certo o que poderia encontrar. Apesar de tudo, eu me sentia muito mais confiante em comparação às viagens anteriores: estava um pouco mais desenrolado com o campo, sem falar de estar acompanhado de um cara que conhecia os espaços com mais propriedade e riqueza de detalhes e narrativas. Todavia, anunciar a chegada era de fundamental importância para que o “de cumê” fosse preparado a tempo e com o devido capricho. O eterno gesto sertanejo de “receber bem as visitas”.

Nesse sentido, todos os pormenores deveriam ser acordados mutuamente e com precisão, visto que o tempo de Arnaldo era bastante ocupado por conta da sua rotina de trabalho aos finais de semana. Como havia explicitado meus percursos precedentes: as pessoas com as quais interagi, dialoguei e os respectivos ambientes frequentados, era fundamental conciliar estratégias em face das necessidades referentes aos objetivos da pesquisa. Ressalta-se que a organização da viagem começou a se construir à distância, via redes sociais. Por conseguinte, transcrevo um “fragmento” de uma fala de Arnaldo, extraído a partir de um de nossos diálogos pela internet, em 15 de fevereiro de 2016:

ARNALDO: De Groaíras até a Pedra é uns dez quilômetros. Ou se tu preferir pode ir pra Groaíras e lá te pego. Mas a gente marca direito, né? Diz aí como tu pensa o teu planejamento e vejo como eu entro. Mas a ideia é essa: rever uma turma, famílias que conviveram com a família dele (Elitônio) na infância. É irmos na dona Virgínia, e você bate um papo, aí a gente lembra das pessoas que moravam perto deles na década de 90 e 2000. Mas tenho em mente algumas pessoas. Me passa até domingo tua ideia. Mas acho que a conversa com dona Virgínia é fundamental, porque ela pode nos dizer quem das famílias ali eram mais próximas. Porque, de cara, eu já lembro de duas famílias vizinhas. Mas é bom ir naquelas que tiveram relação mais próxima. E de repente rola um papo com um cara da turma dele da época. Porque assim, eu brinquei com os filhos do seu João e dona Virgínia. Lembro até de duas irmãs dele na época, bonitinhas e tal. Eles faziam reisados no terreiro deles... Foi lá que eu vi a “Velha do Reisado” pela primeira vez, só não lembro se o Elitônio tava nesse meio; se ele é mais novo ou mais velho. Porque eles tinha uma reca de menino! Acho que ele é meu contemporâneo, teria minha idade hoje. Então Elitônio fazia parte dos banhos da menineira no rio Jucurutú. Pode crer, eu vou gostar disso porque vou resgatar parte de minha infância...

Cheguei em Sobral às 16h20min de uma tarde agradável e chuvosa. Sexta-feira, dia 26 de fevereiro de 2016. Como não havia um lugar específico para o qual me destinar, considerando que Arnaldo só poderia me encontrar por volta das 18:00 horas (quando ele sairia do trabalho), teria de aguardar alguns minutos. Todavia, a espera não era problema,

considerando o prazer de perambular pelas ruas do centro da cidade, observando os fluxos e ouvindo as músicas dos senhores de cabelos brancos que povoam o “Beco do Cotovelo”; com suas *radiolas* nas alturas tocando o Belchior de sempre, Roberto e os clássicos de toda vida. Uma gente simples, observadora, detalhista, conversadeira e de muito bom gosto¹¹².

Por volta das 17h40min, meu interlocutor chegou de carro todo animado, e logo fomos dar uma volta pela cidade e conversar sobre os roteiros e itinerários imaginados ainda à distância. Inseridos num contexto bem menos turbulento que o de 2015, eu e Arnaldo estávamos mais uma vez à beira do rio Acaraú, tomando uma cerveja gelada e debatendo instigados os detalhes da nossa viagem, esmiuçando as circunstâncias e possibilidades implicadas para a realização e sucesso da incursão. O encontro dos amigos tardou, mas não falhou. E dessa vez a ida aos sertões teria um sabor todo especial. Os ventos e as chuvas eram favoráveis, porque no sertão quando chove “dá de tudo”.

Como eu havia entrado na zona rural motocicleta, via município de Cariré, partimos de Sobral no carro de Arnaldo por volta das 7 horas de uma manhã ensolarada de domingo, dia 28 de fevereiro. A energia era agradável, e o roteiro que havíamos traçado consistia em visitar a casa de Dona Lina (mãe de Arnaldo), em Groaíras, e logo depois adentrar os sertões, visitando uma a uma as residências dos familiares do meu interlocutor, incluindo uma parada na casa de Dona Virgínia e do Seu João (com os quais eu mantinha relativa proximidade prévia). Nos dias anteriores à viagem procuramos estabelecer contato para avisar sobre nossa chegada. Desse modo, Arnaldo havia enviado mensagens para o irmão que mora em Groaíras, para que ele avisasse à sua mãe acerca da visita.

Por fim, não sabíamos se o recado havia sido devidamente repassado. Vale ressaltar (e pode parecer exagero, mas é a realidade) que no sertão não existe sinal estável de celular e muito menos de *internet*. Nesse sentido, contávamos com as visitas matinais de Seu Anísio, o padrinho de Arnaldo, à casa de Dona Lina nos dias de domingos, para que ele pudesse ser avisado da nossa chegada, a fim de não causar contratemplos indesejados. De qualquer forma, o horário parecia “folgado”, e se ficasse muito tarde tentaríamos almoçar em algum comércio pelas estradas. Todavia, a incursão envolvia a possibilidade de muitos imprevistos. Não era possível saber o tempo exato que poderíamos passar entre uma e outra residência, ou por quanto tempo durariam as conversações. Na prática, resolvemos apenas “deixar em aberto”, embora respeitando a relação dos horários.

¹¹² Cf. Nilson Almino de Freitas (2000; 2005) acerca das práticas cotidianas dos habitantes de Sobral.

Quando saímos de Groaíras, após um copo d'água e uma conversa breve com Dona Lina (sem chegar a tempo de encontrar o Seu Anísio), tomamos novamente a estrada. Naquelas circunstâncias conversávamos muito sobre questões familiares: a infância difícil de Arnaldo no Rio de Janeiro e assuntos relacionados a suas experiências no sertão. Um aspecto interessante nos percursos consistia no fato de que Arnaldo poderia narrar, com maior riqueza de detalhes, as histórias que envolviam os lugares pelos quais passávamos, cruzando os sertões. Naqueles confins, Arnaldo teria convivido na infância de estripulias com a *menineira* dos sertões; como as viagens que eu fazia na Vargem Cumprida.

Ao som de *Ave Sangria* (1975)¹¹³, após alguns minutos de viagem, deslizando pelas estradas de terra, galhos e pedregulhos, eu percebia que o cenário havia mudado bastante por conta das recentes chuvas que vinham ocorrendo desde dezembro de 2015. Era perceptível que havia muito mais verde por todos os lados. De maneira geral, pouco se assemelhava ao cenário cinza e ressequido de outrora (Cf. MARQUES, 2002, p. 24)¹¹⁴. E o clima, apesar de sempre bastante quente, parecia um pouco mais ameno.

Era possível reconhecer alguns trechos de estradas que eu havia cruzado em incursões anteriores, e havia no ar muitas reflexões espinhosas: o que de fato teria me levado a pesquisar pessoas que viviam escondidos naquele “fim de mundo”? O que me movia além do automóvel que ruía pelas margens esquecidas de dentro: os sertões?

Ainda de longe pude avistar o imenso casarão branco envelhecido, aparentemente abandonado, e quase inteiramente tomado pelo matagal. Na parte esquerda da residência havia um convidativo alpendre, e muitas portas e janelas completamente trancadas. A cerca e a porteira principal estavam parcialmente destruídas e rodeadas de mato. Logo paramos em frente ao referido casarão “abandonado”, e o cenário era completamente silencioso.

É importante ressaltar que ao longo da viagem pude registrar alguns trechos das conversas realizadas entre eu e Arnaldo no interior do automóvel, ou nas eventuais paradas de beira da estrada. Eis que meu interlocutor exclama como um verdadeiro guia especializado e com a voz chiada de fluminense: “A gente almoça, bate um papo, aí vem pra essa parte aqui... Aqui é a área onde o Elitônio conviveu durante muito tempo! Mas eu sugiro você descer, pra você sentir essa energia nesse chão logo! Sente o chão, velho!”

¹¹³ *Ave Sangria* (1975). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ddDmEKE8ADU>>. Acesso em 17 de junho de 2016.

¹¹⁴ No sertão “[...] onde o clima seco, a vegetação espinhosa, retorcida e cinzenta e as altas temperaturas predominam e determinam uma paisagem natural – e social” (MARQUES, 2002, p. 24).

Desci do carro e senti a brisa do lugar e a quentura da terra ainda umedecida pelo orvalho da madrugada. Fotografei de vários ângulos o belo casarão e imaginei crianças e cachorros correndo pelos arredores, mulheres tecendo chapéis de palha e homens em roda proseando e tomavam café. Por imaginações, eu e Arnaldo conversamos por alguns minutos, observando as redondezas esvaziadas e logo caímos na estrada. Em certo momento comecei a ficar mais familiarizado com os cenários e as pequenas casinhas coloridas lotadas de pessoas que ilustravam as margens das estradas de modo intermitente.

Dialogando com Arnaldo, deduzimos que logo passaríamos em frente à residência de Dona Virgínia e do Seu João. Decidimos, conjuntamente, que lá seria a primeira parada. A ideia, entretanto, seria apenas de anunciar a nossa presença, explicando que retornaríamos em breve para uma conversa mais tranquila e prolongada. O plano era visitarmos inicialmente o Seu Anísio. Almoçar, bater um papo consistente, e depois retornar à residência dos familiares de Elitônio para uma conversa ininterrupta no período da tarde. Afinal de contas, as pessoas no sertão têm horário certo para almoçar e também para descansar.

4.5 Percorrendo alpendres: congregando narrativas e discursos familiares

“Essas vidas, por que não ir escutá-las lá onde, por elas próprias, elas falam?”

(Michel Foucault, 2003, p. 207).

Com pequenas modificações no cenário, pude perceber que a casa de Dona Virgínia estava como sempre apinhada de gente no extenso alpendre amarelo, onde crianças e bichos circulavam felizes. Retornamos, portanto, aos sertões da Pedra e territórios familiares dos personagens seguidos (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 39) até aqui. Neste trabalho precisei me deslocar para longe, enfrentando obstáculos para fazer evocar as vozes consideradas inaudíveis e através das quais as vozes de Elitônio, Luciano e Cícero se fazem captadas. Todavia, tornava-se cada vez mais evidente que, na percepção dos conflitos da região, meu objetivo não estava em fortalecer maniqueísmos, destacando um “lado bom” e um “lado mal” na tessitura de relações; embora saiba exatamente o lado no qual costume me localizar. Nesse aspecto, H. Becker (1977, p. 122-136) aponta que:



Figura 8. Sertões da Pedra: Arnaldo em pé com a camisa do Flamengo. Foto: P.H. Rodrigues.

Esse dilema, que a muitos parece tão doloroso, na realidade não existe, pois um de seus tentáculos é imaginário. Para que ele exista, é necessário que alguém suponha, como alguns aparentemente o fazem, que na verdade é possível fazer uma pesquisa que não seja contaminada por simpatias pessoais e políticas. Proponho argumentar que isso não é possível e, portanto, que a questão não é se devemos ou não tomar partido, já que inevitavelmente o faremos, mas sim de que lado estamos nós.

Sociologicamente falando, é preciso considerar que existem sempre vários lados e infinitas versões e ficções sociais construídas e em colisões constantes. No âmbito de cada uma destas ficções é possível entrever uma nova série de fricções, desprendidas a partir de posturas e atos discursivos. Ressalta-se que a minha intenção enquanto pesquisador estava mais em tentar conter, ou melhor, descomplicar para meus parâmetros o que aparentava caótico: as inevitáveis colisões margeadas de pequenas ficções. Estava em jogo estabelecer os definitivos contornos da pesquisa: delimitar com acuidade as contradições e os embates discursivos na aproximação dos territórios afetivos e núcleos parentais, que se mostravam cada vez mais entrelaçados e quase que indistintos. Ressalta-se, por fim, o valor das práticas exercidas por familiares ou amigos classificados “bandidos”, narradas pela própria gente da terra falando de seus conterrâneos. Todos proferem discursos confluentes em alguns pontos e divergentes em outros, inseridos em contextos específicos.

Compreendendo aqui discursos como “práticas de sentido”. Por conseguinte, Viveiros de Castro (2002) ressalta que no campo de pesquisa é essencial que se estabeleça uma “relação” entre as diferentes posições discursivas: erigidas, de um lado, pelo “nativo” e, de outro lado, pelo “pesquisador”. Ainda segundo o autor, é preciso considerar que toda relação é socialmente (e inevitavelmente) transformacional, pois se trata de um entrecruzamento de sentidos (objetivações e subjetivações) postos em cheque no momento incontornável do “contato”, da confrontação compulsiva de discursos e universos díspares; ainda que “nativos” e “antropólogos” façam parte de um contexto social similar.

Nenhum ator social (pesquisador ou não) deve sair ileso dos ritos de interlocução. É neste sentido que buscarei articular e analisar as supostas transformações observadas em práticas de discurso elaboradas por redes familiares, que acabam discorrendo sobre um mesmo tema específico: parentes e conterrâneos diretamente envolvidos em confrontos armados “contra a lei”. Vale ressaltar que os discursos estão inseridos numa dimensão mais panorâmica: analisando como policiais, bandidos e familiares podem ser confrontados mediante violentos tipos de enquadramentos sociais. Em diálogos com meus interlocutores, familiares de “bandidos”, amigos e populares em geral, pude estabelecer inúmeras percepções das falas de acordo com cada circunstância específica envolvida.

4.5.1 Na casa de Dona Virgínia e do Seu João

Logo que desci do carro, por volta das 10 horas de domingo, 28 de fevereiro de 2016, pude notar algumas pessoas desconhecidas, que ocupavam de ponta a ponta o extenso alpendre da casa amarela que eu já era capaz de identificar à relativa distância. O som tocava forró e o clima era de grande intimidade familiar. A novidade estava na presença de outro filho do casal, que eu ainda não havia conhecido em viagens anteriores, visto que ele não morava na mesma casa dos pais. Trata-se do irmão mais velho de Elitônio: Elias, 35 anos, que estava deitado numa rede armada no mesmo lugar de outrora. Além de uma feliz coincidência, Arnaldo já havia me relatado que ambos se conheciam desde os tempos de infância, de modo que não demorou muito para que os dois se reconhecessem como velhos parceiros, dos banhos e traquinagens da menineira no rio Jucurutú. Travou-se ali um diálogo de nostalgia, pois aquele era um momento de reencontro com o passado, sobretudo para o meu interlocutor. Na verdade, tudo se passava a partir de uma troca bastante justa: Arnaldo me apresentaria ao seu universo parental nos sertões e eu intermediaria o contato com um núcleo familiar que ele não via há mais de 27 anos.

Seu João, sempre muito discreto, esboçava um sorriso de extrema simpatia e lucidez, e logo foi apertando minha mão e dando as boas vindas. Dona Virgínia, por sua vez, tecia calmamente os seus infundáveis chapéus em entrecruzamentos bem elaborados de palha, com a postura corporal algo costumeira: inclinada sobre si, com o vestido cor-de-rosa desbotado, os óculos deslizando pelas faces, um olhar atento, amigável, observador e ao mesmo tempo de pesar. Seu sorriso parecia um gesto naturalmente contido, que aparentava uma mãe pesadamente enlutada (Cf. RODRIGUES E DAMASCENO, 2015).

[...] é absurdo acreditar que a linguagem enquanto tal possa veicular uma mensagem. Uma língua está sempre presa a rostos que anunciam os enunciados dela, que os lastream em relação aos significantes em curso e aos sujeitos concernidos. É pelos rostos que as escolhas se guiam e que os elementos se organizam: a gramática comum nunca é separável de uma educação dos rostos. O rosto é o verdadeiro portavoz (DELEUZE E GUATTARI, 1996, p. 47).

Logo pude sentir falta de Leila, com quem havia conversado bastante em visitas anteriores. Soube que Leila havia reatado com o marido Jorge e, portanto, não morava mais com os pais (embora muito aproximado). Jorge, por sua vez, é irmão de Maria, a segunda companheira de Elitônio, mãe do *pivete* que corria e saltitava com as outras crianças pelos

arredores. Na ocasião, Hélio foi o único que me causou “estranheza”, pois permanecera distante, calado e intocado, com uma expressão bem mais fechada e séria do que eu houvera conhecido. Na janela, o rapaz apenas observou em silêncio os diálogos que se sucederam, acompanhado de quem parecia ser sua namorada, uma adolescente de 15 anos.

Os assuntos não tardaram a desembocar na temática inevitável: Elitônio e, conseqüentemente, Luciano, Cícero e os demais bandos e quadrilhas armadas formados naquela região na última década. Naquele contexto específico, percebi um grande interesse de Dona Virgínia em discorrer sobre os temas, expondo as suas inúmeras teorias e tramas envoltas na morte do filho: suspeitas de pistolagem, conspiração e traições que incluíam até mesmo pessoas diretamente ligadas à rede comunitária e familiar. Os assuntos foram pautados através de falas revezadas entre Dona Virgínia, Elias, Seu João, Arnaldo e eu.

Em muitos momentos, as lembranças do meu interlocutor fluminense se somavam às reminiscências relatadas pela própria família. Os assuntos foram seguindo, então, determinada lógica narrativa. Um ponto significativo foi quando Dona Virgínia começara a relembrar as circunstâncias que levaram Elitônio a escapar “foragido” para o Rio de Janeiro, logo após a morte do chefe do bando, Luciano do Cariré. Nos diálogos, um personagem sempre se faz presente: o grande perseguidor de Elitônio, o Soldado Moreno.

DONA VIRGÍNIA: Quando o Elitônio foi simbora pro Rio de Janeiro, eu sempre conversava mais ele, aí ele dizia assim: “Mamãe, eu acho que eu vou mimbora praí, o Cícero liga pra mim direto, dizendo que aí que é bom, tem dinheiro fácil...” Desse jeito... Aí eu disse assim pra ele: “Elitônio, pois se tu quiser eu mando o Moreno te buscar aí... Que é bom que não paga a passagem!” Fazendo medo a ele pra vê se ele não vinha, né? [...] Ele passou seis mês lá depois que mataram o Luciano, aí ele veio... Aí ele disse pra mim que a (segunda) muié dele, a Maria, tava de barriga do filho, que o quarto era muito apertado, e quando esse menino nascesse era uma fumaça... Eu disse assim: “Elitônio, e vocês tão cozinhando é no fogo à lenha aí?” Que fogo a lenha é que dá fumaça, né? “Não! É porque o quarto é apertado, e quando começar a cozinhar o de cumê fica a casa com uma catinga réa, uma fumaça!” Eu disse: “Elitônio, tu num vem timbora não!” “Ah, eu vou!” “Elitônio, pois eu vou mandar o Soldado Moreno te buscar!” “Que história é essa, muié?! Eu vou vir por aqui escondido...”

Aí veio não sei por onde, não sei por onde, não sei por onde... Chegou no Sobral pagou um mototáxi, o mototáxi veio deixar pra banda do Furô, né? Vei de mototáxi! Um medo brabo! A bonita (esposa) ficou lá na casa da mãe dela! Pra banda do Furô! Ela mesma disse pro João, que a *queda* dele ia ser no Furô! Por isso que eu digo: tem dedo (influência) dela! Porquê ó, ele ia pra esse Furor, ia beber, o fi do Gerso ia buscar a mota! No bar do Eudes... Ele dizia assim: “Fulano, vai buscar minha moto!” Esse fi do Gerso ia buscar, que eu num sei nem como é o nome dele... Aí: “Maria, vai buscar a minha moto!” Ela ia, que era a muié dele, né? No dia que o outro num ia, um ia... O Romão, que um cavalo já matou ele, pedia pra buscar a moto ele ia... E porque nesse dia que mataram o Elitônio nenhum desses três foi buscar a moto? [...] Dois amigo e a muié! E aí nenhum foi, porquê? Porque eles tavam sabendo!

Mais uma vez Dona Virgínia faz referência às circunstâncias supostamente envoltas na morte (*queda*) do filho. Não pude deixar de notar ainda uma maior espontaneidade e naturalidade sua ao tratar de assuntos considerados mais delicados: como tecer uma breve narrativa das estratégias de fuga de Elitônio a partir do Rio de Janeiro, reconhecendo-o como alvo potencial das autoridades policiais de toda a microrregião de Sobral; algo que ela parecia admitir com menor cerimônia.

Um aspecto importante na fala da senhora está relacionado aos muitos vestígios de ressentimento (Cf. ANSART, 2004) representados pela acusação direta à Maria, ex-companheira do filho e irmã de Jorge, que naquele contexto era novamente o marido da filha Leila. Em outro trecho do diálogo, Dona Virgínia fala em tom de provocação: “Paulo, mas cê sabe quem é que bota a perder esses home aí? É as muié que eles arruma! Aí as muié não quer, aí eles vão e vira vagabundo...” (Pedra, 28 de fevereiro de 2016)

Percebi que acusações similares a essa causavam evidente constrangimento nos filhos presentes na roda de conversação, sobretudo, nas posturas e falas de Elias, que parecia cada vez mais incomodado com os apontamentos acusatórios da mãe em relação à Maria, irmã de Jorge, que por sua vez seria um grande amigo de todos os irmãos de Elitônio. Por outro lado, a posição assumida por Dona Virgínia era apoiada por Seu João.

Desse modo, de um lado se mostrava evidente a posição de pai e mãe enlutados que em muitos aspectos buscam apontar possíveis culpados. E, de outra parte, o filho mais velho que demonstra total desconforto com as constantes acusações, desconfianças e teorias de morte gestadas nas mentes dos pais, que pareciam procurar em vão (segundo Elias, “sem sentido”) os significados mais profundos envoltos no assassinato do filho.

Em outros trechos, Elias ressaltava que Elitônio seria amplamente odiado por alguns moradores da região, que comentavam sobre a necessidade de matar o “bandido Elitônio” sem saber que o irmão dele estaria próximo. O irmão mais velho, portanto, defendia que o fato era simples “coisa do destino”: o momento certo e exato de Elitônio morrer, visto que ele próprio havia buscado avidamente a morte. Nesse contexto, Arnaldo intervém e de certo modo torna explícitos os embates que aparentavam serem recorrentes no seio familiar:

ARNALDO: Eu digo assim, Elias, porque tipo, como a Dona Virgínia tava dizendo, que tinha umas três, quatro, pessoas que podiam buscar a moto dele... Nesse dia nenhum foi...

ELIAS (Interrompe indignado): Não! Isso aí não vale nada não, mah! Isso não quer dizer nada não! É porquê... Eles não sabiam não que ele ia morrer não, mah!

PAULO: Você acha que não?

ELIAS: Acho que não! A mãe é que gosta de conversar coisa que não faz sentido!
(Afirma indignado)

SEU JOÃO (Com voz mais imponente): Não! Mas aí! Mandaram mermo a muié ir buscar ela num foi! Mandaram esse fí do Gerso, ele num foi! Porque sabiam mais ou meno, sabiam mais ou meno!

ELIAS (Ainda mais indignado): Qualquer um que chegasse lá morria! Porque não era o dia deles morrer! Qualquer um que chegasse lá de noite no escuro o caboco lógico que ia mandar bala pensando que era ele!

Todavia, o aparente clima de discussão não dura muito tempo. As posturas de Seu João e Dona Virgínia eram sempre de tranquilidade, e impossibilitava maiores embates discursivos com Elias. Eles pareciam não se importar com os protestos do filho. E Elias, por sua vez, era claramente o mais incomodado com o “tema Elitônio” (e sobre os demais comparsas do bando de Luciano). Eu sentia que ele queria (compreensivamente) “virar a página” dos episódios de aflição sofridos pelo núcleo familiar. ELIAS: “[...] O sofrimento nosso por aqui foi grande, cara! Nós pagando pelo Elitônio sem nada a ver!”

Todavia, as conversações logo tomavam rumos aleatórios. Os diálogos enveredaram por temas inicialmente considerados mais interditos, frequentemente relatados pelos jornais e boataria na região acerca dos supostos casos de estupros, nos quais Elitônio era fortemente acusado de fazer parte, em conluio com Cícero. Nesse sentido, é possível notar, mais uma vez, a defesa da mãe pela suposta “inocência” do filho. Os seus “desvios de conduta” (como também é visto no Capítulo II) estariam relacionados, sobretudo, às “más companhias”, das quais Elitônio teria se acercado (Cf. BECKER, 2008, p.183-189)¹¹⁵.

Entretanto, é preciso considerar que Cícero é membro da família: sobrinho legítimo de Dona Virgínia e do Seu João. Desse modo, ali parecia se esboçar uma atmosfera inevitável de rixas e intrigas familiares (Cf. MARQUES, 2002, p. 119-168), orbitadas em torno dos parentes “bandidos”, desde os mortos aos sobreviventes:

DONA VIRGÍNIA: Paulo, ninguém num sabe! Que é assim... Num dia, pras banda do tal do Furô... Que eu num sei pra que diacho de lado é! Teve um estupro! Nesse dia o Elitônio andava mais o Cícero, né? Eles foram roubar e o Elitônio ficou lá fora mais o home lá (o proprietário da casa assaltada) pra num entrar pra dentro, né? O Cícero entrou pra dentro! No lugar do Cícero entrar e ter pegado o que ele queria... Num sei que diabo que eles queriam, né? (Fala com raiva) O Cícero foi foi estuprar a muié do homem! Aí depois eu falei pro Elitônio: “Elitônio, tu anda mais o Cícero, além das sem vegonhice que tu faz, de tu pegar as coisa alheia, tu anda fazendo isso

¹¹⁵ “Quando encaramos o desvio como ação coletiva, vemos imediatamente que as pessoas agem atentas às reações de outros envolvidos nessa ação. Elas levam em conta o modo como seus companheiros avaliarão o que fazem, e como essa avaliação afetará seu prestígio e sua posição: os delinquentes estudados por Short e Strodbeck fizeram algumas das coisas que os puseram em dificuldades porque queriam manter as posições de estima que possuíam em suas quadrilhas” (BECKER, 2008, p. 184).

com as muié?” Ele disse: “Mamãe, mamãe, eu nunca fiz isso! Cê sabe porquê, mãe? Porque eu tenho minha filha! Deus defenda que um caboco faça uma coisa dessa com a minha fia, que eu vou buscar ele aonde ele tiver! Agora eu já disse pro Cícero, se ele num parar com isso, mais eu ele num anda não!” Aí, donde mataram ele, o homem mora perto! Quem sabe se não foi o homem que pagou alguém? Tava junto pegou a culpa, né? Mas ele me disse “Mamãe, eu não fiz isso! Mamãe, eu não fiz!” Aí o home, o marido da muié era de lá, né, perto do Furô! Pode ter pagado, né? Disse que no dia que ele tava lá no jogo, no dia que mataram ele, chegou um carro, um carrão bonitão, né? Que chegou, parou e deu meia volta... Alguém deve ter ido mostrar a cor da roupa dele, quem era ele, aí foi esperar! Aí disse que esse home aí depois tava pelejando pra vender os revólve dele, que ele tinha dois 38, né? E aí, pode ter sido, né? (Sertões da Pedra, 28 de fevereiro de 2016).

O relato possibilita entrever que a pistolagem ainda é bastante arraigada ao contexto social dos sertões, embora seja sempre tratada com algum embaraço na referida região. Vale ressaltar que desde meus primeiros passos no campo empírico pesquisado, a temática dos pistoleiros sempre foi tratada como algo muito distante daquela realidade e contexto social específico, embora a morte de Elitônio apresente fortes indícios de pistolagem ou mesmo de “justiçamento” popular (Cf. MARTINS, 2015).

Afora as especulações, como aponta César Barreira (1998), a pistolagem envolve um imbricado sistemático de relações tradicionais de poder, que exige um *modus operandi* diferenciado dos sujeitos legitimamente envolvidos em tais práticas:

A violência é usada de forma direta quando os proprietários utilizam todos os instrumentos para manter o *status quo*, a continuidade do sistema e o seu poder inviolável. São dois os dispositivos de força básicos dos patrões: o primeiro, os ‘pistoleiros’, são pessoas que residem nas propriedades ou fora delas, protegidas pelos coronéis ou contratadas para executar determinadas tarefas. Esses pistoleiros são homens de reconhecida valentia na região e, em geral, são pessoas que já cometeram algum crime e são perseguidas pela polícia (BARREIRA, 1992, p. 41).

Por conseguinte, no que concerne ao indivíduo pesquisador, enveredar no tema da pistolagem implica percorrer outras trilhas atalhos e veredas, estabelecendo outras “confianças” e adentrando diferentes tessituras sociais que exigem outros tipos de sensibilidades do sujeito pesquisador. Naquele contexto, portanto, eu me encontrava numa posição extremamente delicada. Meus passos nos sertões eram certamente monitorados.

Existiam pessoas com as quais eu poderia estabelecer relações e aquelas que, automaticamente, eu poderia encontrar os acessos completamente bloqueados. Por outro lado, a referência reconstituída por Dona Virgínia condiz exatamente com o que era relatado nas rádios de Groáiras em 2012: o marido da mulher estuprada – por Elitônio ou por Cícero – teria mandado matar os dois bandidos. Como Elitônio era o mais *afuito* e gostava de aparecer em festas públicas no sertão, a morte acabou recaindo para ele.

4.5.2 Na casa de Dona Justa e Seu Anísio

As conversas na casa de Dona Virgínia se prolongaram além do tempo planejado, de modo que chegamos à residência de Seu Anísio e Dona Justa debaixo de muito calor, sede e num horário bastante inusitado, por volta das 12 horas: logo após o horário de almoço. Sem perderem o bom humor e com grandiosa simpatia, logo nos ofereceram um almoço “improvisado”, com uma janela onde era possível observar o terreiro inundado de bichos que corriam soltos e felizes com a chuva que começava a cair mesclada ao calor intenso. Existiam muitas questões cruciais que me pareciam enevoadas. Eu não estava inteiramente satisfeito como os relatos “circulares” (honestamente) de Dona Virgínia a respeito de Elitônio. Era preciso captar vozes mais desprendidas dos grilhões afetivos e das emoções de pais nitidamente ressentidos e irmãos enfadados do assunto relacionado ao parente “vagabundo”.

ARNALDO: Agora o caboco é corajoso esse aqui viu, padrim! Pesquisar uns negocim aqui desse é mexer em coisa...

SEU ANÍSIO: É! Mais aí o cabra chega assim mais *gente conhecida*... Agora se o cabra chegasse sozim, o caba já ficava já com medo, né? Mas caba chega assim com gente conhecida, o caba tá sabendo que num tem nada não! O cabra conhecido num vai trazer qualquer um não! (Risos) (Sertões da Pedra, 28 de fevereiro de 2016).

Eu estava muito ansioso para conhecer o padrinho do meu interlocutor. Na minha concepção, o simpático senhor seria capaz de esmiuçar essenciais contrapontos aos discursos proferidos na residência anterior. Nesse sentido, os relatos se tornam ainda mais valiosos por serem provenientes de um “nativo” dos sertões que discursa com total desprendimento acerca das façanhas de Elitônio, Luciano e Cícero (o que é possível entrever ainda no Capítulo I). Embora ele mesmo tivesse frisado: “Aqui é tudo família!”, as falas de Seu Anísio e Dona Justa divergiam em muitos aspectos das falas de Dona Virgínia e Seu João, assumindo inclusive tons de bom humor. Os relatos se aproximavam ainda das narrativas de sujeitos considerados “de fora”, veiculadas nos meios de comunicação e nas conversas de rua. A partir daí, compreende-se que, de fato, não havia consensos em relação aos diferentes destinos dos bandidos dos sertões da Pedra, até mesmo no âmbito dos discursos familiares:

SEU ANÍSIO: Todo mundo, todo mundo que foi assaltado por eles conta, rapaz! O Cícero não é cabra mal! Agora donde é o finado Elitônio e o finado Luciano! O finado Elitônio era mal! Se ele num morre logo aquele cabra ele ia fazer muita bestera! Que os assalto que eles fazia que a negrada conta por aí! [...] Mas o negócio do Cícero, ele andou assaltando por aí, tem uns cabra aculé em cima que ele

assaltou, eu tive conversando um tempo desse com um cabra lá, o cabra disse: “Rapaz, o Cícero não é mal não! Agora o Elitônio e o Luciano são cabra malvado!” O Cícero num é mal não! Só que ele tem coragem, ele tem coragem de chegar em cima (assalto) com o cara, né?! Mas de bater, judiar com ninguém ele num judiava não! Agora coragem de chegar junto assim na hora ele era o chefe, era o primeiro mermo! Mas de andar judiando com ninguém num judiava não! Agora os outro?! [...] Eles chegavam nas casa, sabia que tinha uma arma, eles chegavam lá! E dinheiro! Sabia que tinha dinheiro na casa do cara chegavam lá e botavam terror! Aqui pro lado de Santa Quitéria... A maioria dos assalto aqui pro lado de Santa Quitéria foi eles! Num teve um assalto dentro de um ônibus no Lisieux?

ARNALDO: Isso que eu ia perguntar, padrim! Estouraram a cabeça de uma senhora?

SEU ANÍSIO: Foi o Luciano! Foi desse tempo aí pra cá que eles ficaram perigoso mermo!

ARNALDO: Porque foi muito louco, cara! Estouraram a cabeça de uma senhora, véi! Uma senhorinha lá!

SEU ANÍSIO: A senhora já era de idade mermo! [...] Não! Pra esse distrito aqui pro lado de Santa Quitéria eles fizeram muito assalto eles! Era direto! Todo final de semana! Duas vez na semana eles assaltava... Mas fazia em todo canto! Tem uns assalto no Jordão! Até no Jordão eles iam também! Eles chegavam em todo canto! Eu pensava que eles num fazia tanto assalto, mas depois os cabra descobria! O Cícero mermo que descobriu, né? Em todo canto eles andava, rapaz... A gente pensava que nera eles não... “Não, esses assalto não é eles não!” O quê?! O Luciano! O bicho era horrível! (Pedra, 28 de fev. de 2016).

Prontamente, nas falas de Seu Anísio é possível captar percepções mais singulares, como no trecho: “O finado Elitônio era mal! Se ele num morre logo aquele cabra ele ia fazer muita bestera!” Neste ponto, subtende-se uma espécie de “poder ou subjetividade maléfica” (Cf. DOUGLAS, op. cit.) atribuída ao bandido Elitônio – assim como fora igualmente atribuído ao bandido Luciano (Capítulo I). Como afirma Elias: “O Luciano desde ele novo dava pra ver que ele era malino, cara!”¹¹⁶. Nesse sentido, as frases possuem determinadas projeções valorativas, profundas e significativas, sobretudo quando proferidas por pessoas que acompanharam de perto os primeiros passos dos rapazes no âmbito de uma vida social, familiar e comunitária.

DONA JUSTA: Quando o Elitônio foi pro Rio de Janeiro, que ele tava lá trabalhando, quem ficou atentando o Elitônio pra vim foi o Cícero! Só ligando, só ligando, só ligando!

SEU ANÍSIO: O Luciano já tinha morrido, aí o Cícero ficou só e não tava mais fazendo assalto de jeito nenhum! Aí era chamando direto o finado Elitônio pra cá porque o finado Elitônio tinha coragem assim de organizar! O Cícero ficou uns dia

¹¹⁶ “Os perigos da poluição surgem onde a forma é agredida. A boa e a má fortuna dependeriam assim de uma tríade de poderes: primeiro, o poder formal que as pessoas representantes da estrutura exercem em seu nome; segundo, os poderes informais exercidos por indivíduos marginais; terceiro, os poderes que, não sendo exercidos por indivíduos, são inerentes à estrutura e sancionam toda a infração à forma.” (DOUGLAS, op. cit., 79).

parado, a não ser que tivesse outros de fora por aí, mas sozinho mermo ele num ia não! Não queria parar, os pai dava conselho num queria! Logo cedo cedo, rapaz! Os primeiros assalto que teve por aí... A família pelejaram pra eles se entregar, ele disse que num se entregava mais não! Ele ia morrer sem se entregar! [...] Com medo de apanhar muito! Só isso! Porque teve um cabra aí que foi envolvido nuns negócio de crime também quando era mei novo, aí ele foi preso... Ele falou que a pisa lá era uma hora da manhã! Toda noite! Uma hora da manhã era a hora da pisa! E os outro ficaram com medo! Uma hora da manhã era a hora da pisa e era de toda noite! No que ele foi preso ele saiu e pronto, se endireitou! É home agora! (Risos) Quando foi um dia ele tava tomando umas pinga lá no Gilmar eu cheguei por lá, ele começou a conversar, eu perguntei se era verdade. Ele disse: “É, com toda certeza! Quando dava uma hora da manhã o melhor sono da gente era a hora da *chibata!*” E era chibatada mermo! Braba mermo!

DONA JUSTA: Mas o Luciano era o mais bem parecido mermo da turma! E o mais ruim da turma... Era o chefe ele... Ele era cabeça fria! Quem visse ele não tinha quem dissesse que ele era bandido! [...] E ele era assim uma pessoa distinta, ele falava com todo mundo, sorria pra todo mundo! Passava por a gente era rindo de dente aceso! (Risos) Ninguém mandava que ele era bandido! Quem não conhecesse!

SEU ANÍSIO: Quem ia denunciar um cara desse, rapaz? Ele nunca fez mal com a gente, né? O cara ia entregar pra polícia? O nêgo entrega pra polícia e na hora a polícia descobre pro cara que foi a gente? Depois o cara vai solto, ou então manda outro cara matar a gente! Quem que vai fazer um negócio desse? Os policial tem mó raiva da gente num entregar os cara, mas vai entregar como? O nêgo entrega depois eles diz! Aí o quê que vai sobrar pra gente? Oura, marrapaz! [...] E o negócio deles nera roubar coisa pouquinho não, eles roubava coisa grande! Coisa que tinha dinheiro! Era loteria! Teve uns assalto aqui em Groaíra, na loteria? Duas vez! Foi eles! No dia mermo do assalto acho que era a Tia Clara que tava lá, a mãe do Pedro Henrique tava na loteria! Até depois eles mangaram: “Rapaz, mas a Tia Clara é ligeeeera!” (Risos) A Clara nem reconheceu eles, né? Mas depois o Cícero descobriu! A Dona Clara é madrinha do Cícero e do Elitônio! Ele disse: “Rapaz, a madrinha é ligeira, viu!” (Risos) (Pedra, 28 de fev. de 2016).

Naquele contexto, era possível notar que o Seu Anísio, em particular, parecia completamente inteirado das conversas que haviam se desenrolado na casa de Dona Virgínia e do Seu João, de modo que procurava sempre desconstruir nas falas o que seria uma imagem “inocente” e “ingênua” dos bandidos da Pedra. Nesse sentido, ele proporciona uma percepção mais crítica sobre os significados de suas “verdadeiras” práticas criminais, inseridas no olhar do próprio sujeito do sertão. Ao longo dos diálogos, que duraram por largas horas, Seu Anísio fazia narrativas grandemente enriquecedoras, que eram geralmente pautadas nas *conversas* que ele teria estabelecido pessoalmente com os outros de seus próprios conterrâneos que eventualmente ingressaram e penaram na “vida braba”; consultando *cabras* de várias localidades dos sertões que *comentavam* acerca destes mesmos indivíduos.

4.5.3 Na casa de Leila e Jorge

As chuvas que caíram naquela tarde deixaram a terra completamente encharcada e enlameada. Eu circulava pelas proximidades tirando fotos, enquanto Arnaldo conversava com alguns parentes seus na casa da senhora de mais de 70 anos, conhecida como *Tia Clara*, uma espécie de “matriarca” (Cf. CANDIDO, 2001, p. 287-321) bastante respeitada no lugar, em torno da qual todos se reuniam para prolongadas conversações bebida e comida. Seu Anísio e Dona Justa estavam presentes e conversavam animados. Os donos da casa logo nos ofereceram um prato lotado de torresmos com farinha. Eu comi um bocado, Arnaldo se esbaldou. Nesse momento não gravei entrevistas, e apenas ficamos conversando sobre temas e assuntos variados que não chegaram a perpassar o assunto da “bandidagem”.

Um senhor embriagado naquelas paragens, que entornava algumas cervejas num bar logo ao lado, e que parecia muito animado com os efeitos discursivos do álcool, assim que me conheceu bradou a frase que eu certamente não posso esquecer: “Você é de Fortaleza? Pois bem vindo ao Brasil de verdade! Isso aqui é que é o Brasil de verdade! Fortaleza, Rio, né Brasil não! O sertão é que é Brasil!”

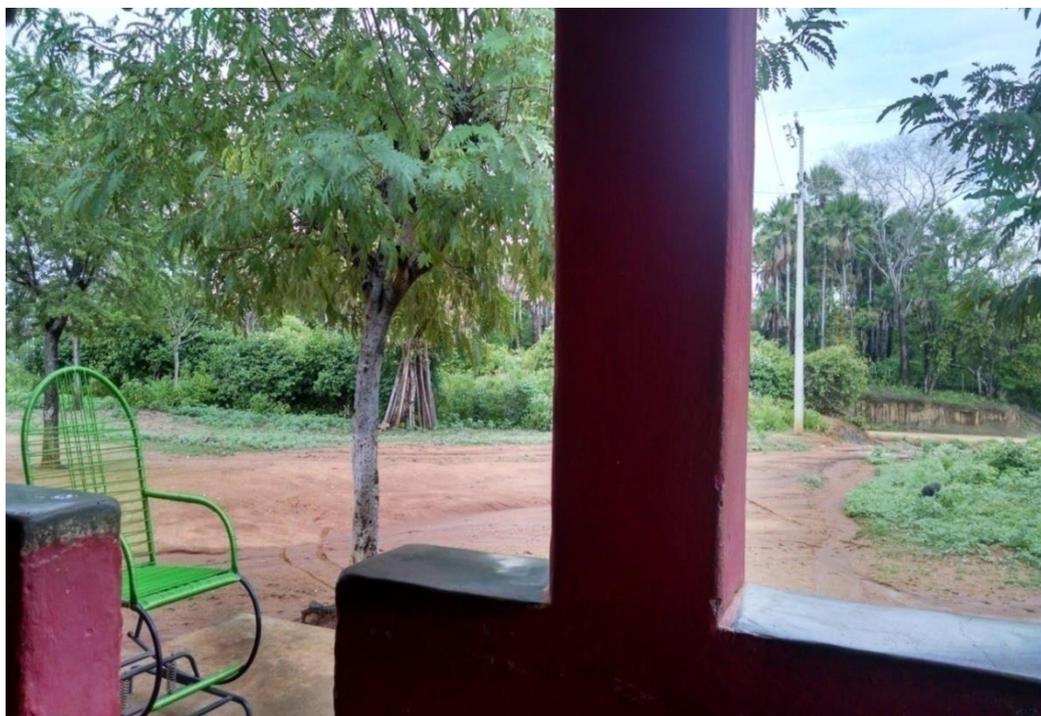


Figura 9. Alpendre da Tia Clara. Foto: P.H. Rodrigues.

Saindo da casa da Tia Clara, eu e Arnaldo subimos um barranco escorregadio de difícil acesso, com o intuito de chegar até a casa que (segundo meu interlocutor fluminense) a família de Elitônio teria morado na sua época de infância. De longe avistamos uma moça sentada solitária na pequena varanda da referida casa, e uma criança pequena que brincava às vistas da mãe nos arredores. Leila me reconheceu de longe, acenou e logo foi nos convidando a puxar assento e conversar.

ARNALDO: Eu conversei com seu João hoje, né? Aí eu lembrei da época que ele fazia Reisado aqui...

LEILA: Uhum... Forró...

ARNALDO (Supreso): FORRÓ! RAPAZ!

LEILA: Essa casa aqui era casa de forró, Paulo! Meu pai tocava sanfona! E a minha irmã cantava! A Cláudia! Lembra não, Arnaldo?

ARNALDO: Lembro, cara! Eu tinha me esquecido disso, acredita? E eu tentando buscar o quê que tinha a mais! Eu tentando buscar: “Mah, tem algo mais naquela casa, cara!” Tinha uns ensaio aqui, uns negócio, né? [...]

PAULO: E o Seu João ainda toca sanfona?

LEILA: Não, ele num toca mais não, ele vendeu a sanfona... (Triste)

O encontro com Leila foi seminal para que eu compreendesse outros elementos cruciais referentes àquele território parental. A casa de Dona Virgínia era um lugar todo especial, no qual determinados assuntos não podiam ser tratados com a mesma liberdade por todos os filhos, em respeito ao luto dos pais. Elias era o que mais parecia confrontar suas visões, versões e teorias a respeito do filho morto. Dialogando com Leila em sua própria residência pude perceber outra desenvoltura, sobretudo em presença do marido.

LEILA: Ele andava muito aqui... O Elitônio... Meu marido é caçador, caça nos mato com o cachorro, né? Aí saía de casa uma 21hs e chegava em casa umas 4hs da manhã. O Elitônio chegava aqui, eu já conhecia a voz dele, batia na porta: “É tu Elitônio?” Aí eu dizia assim: “Tu quer jantar?” “Não, eu já comi lá na mãe, só quero uma garrafa d’água pra levar pros mato!” Aí era ele o Cícero, eu pegava e darra uma garrafa d’água pra ele... Eles andava muito aqui nessa casa, antes de morrer. Ele morreu no dia 25 (tentando lembrar) e ele veio aqui umas 9 hora do dia, parece que ele tarra era se despedindo... Botou ela aqui (a filha de Leila) nos braços, adulou ela, aí falou comigo, aí disse que ia pro Furô... Aí quando foi uma hora da manhã a ex-mulher dele ligou pra mim e falou, disse que mataram ele... Ele andava muito aqui. Mataram ele meia-noite, ela ligou uma hora da manhã pra dá a notícia. Ele saiu de casa no dia 25, tava bebendo lá, pagando cerveja pras pessoa, parecia um vereador ele bebendo! Aí tarra bêbado... Quando foi onze hora da noite aí ligou pra mãe, aí disse que ia vir pra casa... A mãe: “Meu filho, tenha cuidado...” Aí quando ele foi pegar a moto, né? Parece uma coisa assim que os amigo dele tavam sabendo, porque eles todas as vez que ele pedia pra ir buscar a moto, aí nesse dia eles não quiseram...

Aí depois o comentário que disse que tava quinze dia que tavam praniando (planejando) e num dava certo... Aí nesse dia ele tava bêbo... Aí ele pediu pra ir buscar, disse que não ia não. Aí esse homem que tava mais ele, morreu numa batida de... Ei (falando com Arnaldo), num tem aquele Romão? Que a burra matou ele? Ali pras banda do Furô? Você não soube não? Teve uma corrida de cavalo, aí uma égua matou ele... Aquele é o que tarra mais o Elitonio, ele e o filho do Gerso... Aí disse que todas as vez que era pra ele pegar a moto, eles bebia junto, né? Pedia pra ele ir, aí nesse dia ele num quis ir, nem ele nem o filho do Carlão, e nem a Maria, a mulher do Elitonio... Ela morava com ele na mãe, nesse dia ela tava dormindo com ele... (Pedra, 28 de fev. de 2016).

Em sua própria residência, Leila demonstrava total confiança em tratar de temas considerados mais delicados, respaldando inclusive uma imagem um pouco mais “realista” do irmão, percepção que havia sido igualmente enfatizada pelo Seu Anísio. Por outro lado, nota-se o imenso elo afetivo da irmã acerca do parente falecido, mesmo com as suas práticas controversas que ameaçaram por muito tempo o sossego e harmonia familiar. A relação de Leila com o irmão era nitidamente a de conselheira e amiga fiel, extremamente preocupada com os passos e caminhos que o irmão houvera traçado:

PAULO: Uma coisa que eu queria entender melhor... Ele teve quantas companheiras? Ele teve duas, aí a primeira largou ele... Isso?

LEILA: Foi, aí depois ele se envolveu com essa Maria, ele conheceu ela através do Luciano...¹¹⁷ [...] Na nossa opinião ele assim, o Luciano é tipo assim... Como é que a gente diz, amor? (Perguntando ao marido Jorge) É o cabeça, né? Que ele que incentivou o Elitonio a entrar... Que antes quem conhecia, ele num era assim. Ele jogava bola, pescava... [...] Sim, mas eu quero lhe perguntar uma coisa...

PAULO: Diga...

LEILA: Será que a pessoa que pega depressão e num se trata é capaz de entrar na vida do crime? Tipo assim com o Elitonio que aconteceu... Porque foi assim, quando a mulher dele traiu ele... Ela foi a primeira mulher dele... Aí ele dizia pra mãe que a vida dele não tinha mais sentido... Aí a mãe: “Porquê?” “Não, porque a Antônia não me quer mais...” “Meu filho, num só tem uma mulher não!” Aí ele tinha dia que não tomava banho, tipo assim uma depressão... Ele passou a *beber* e a *fumar*, coisa que ele não fazia! E num queria mais jogar bola! Ele ia dormir todo sujo! Eu mesma dizia, eu era solteira nesse tempo: “Elitonio, vai tomar banho! Tu num era assim, a pessoa dormir sem tomar banho!” “Não, eu num quero tomar banho não!” Aí começou a sair de casa, andar assim, custava a voltar, quando chegava era bêbo e *agressivo* e antes num era! Será que ele tava com depressão e a mãe não cuidou? Até um dia eu falei pra mãe: “Mãe, se a senhora tivesse cuidado talvez ele não tinha se envolvido nessas coisas, né? Porque tem gente que tem... Sei lá, a mente fraca, né?”

Antes dele morrer ele queria tipo obrigar a primeira mulher... Ela não queria mais ele... E ele ficava tipo obrigando ela a querer ele... Ele brigou com a ex-sogra por causa dela... Porque ele queria ela e ela não queria, né? Aí ele pegou... Ela deu parte dele na Maria da Penha! E disse que não era mais pra ele andar lá, e proibiu de ver a filha! Eles não deixavam... Ele morreu sem ver a filha! Depois que ele morreu foi

¹¹⁷ Nota-se que Leila omite a ligação parental de Maria com o marido Jorge, mas acaba associando negativamente a ex-cunhada a Luciano, observado como o responsável por Elitonio ter ingressado no mundo do crime. Neste aspecto, Leila parece se aproximar de Dona Virgínia na suposta trama familiar.

que eu falei: “Eu acho que o Elitonio tava com depressão...” Porquê tava tão diferente, num tomava banho, saía pra beber, coisa que ele não fazia... Agressivo, chegava em casa quebrando as coisa, agressivo... E também nós num sabia que ele andava com o Luciano! Foi descoberto cum pouco tempo! Porque, a primeira vez que ele saiu de casa com ele, foi em 2010, eu tava até de resguardo dessa menina... Eu lembro como hoje! Foi no dia que eu tava de resguardo, era no dia 3 de novembro... Aí, ele saiu de casa, aí falou assim: “Mãe, eu vou sair de casa, só vou chegar amanhã, onze hora do dia!” Aí levava na brincadeira, né? A mãe falou assim: “Vai pra onde?” “Vou sair!” Aí ele pegou a mota, travou, deixou no mato e a chinela... Aí como ele só vivia em Groaíras, a gente tinha medo dele ser envolvido com *droga*, né? Por causa que ele era agressivo... Aí eu comecei a chorar mais a mãe: “Ai, meu Deus, agora se matarem ele? Cadê ele?” Quando foi doze hora do dia, a mesma hora que ele falou que ia vir, chegou em casa achando graça! Eu disse: “Menino tu é doido? Eu de resguardo, tu fazer eu passar um aperrei desse?!” Aí só fez achar graça! [...] Porque o pessoal falava que as polícia tava batendo nele, aí eu pensei até que tinham matado, né? Porque, tem muito policial que mata, né, as pessoas? [...] Aí quando ele chegou ele não tava com nada... A mãe: “Tu tava pra onde?” “Tava andando por aí!” Nós num via ele com dinheiro nem com nada roubado! Por isso que nós num sabia! Ele não demonstrava...

Leila ressalta o que muitas vezes é apontado como crucial para o agravamento dos estigmas erigidos acerca de determinado indivíduo, no âmbito de sua própria vida familiar e comunitária (GOFFMAN, 1988). Ressalta-se a percepção negativa da irmã acerca do uso de drogas (“beber e fumar”), algo que pode ser igualmente observado nos depoimentos de Dona Virgínia, como um tipo de motivação excedente na intensificação dos “impulsos desviantes”, refletidos na agressividade imputada ao círculo familiar. Nesse sentido, Leila enfatiza algumas suspeitas de uso de substâncias consideradas “mais pesadas” (que ela não menciona quais seriam). A *drogadição* surge como uma prática supostamente relevante na construção de uma subjetividade desviante “em gestação” (BECKER, 2008). Por conseguinte, é importante atentar para os aspectos relacionados à suposta “instabilidade psicológica” de Elitonio, constantemente relacionada à postura obsessiva e claramente violenta perpetrada contra a primeira esposa. Reside aqui, portanto, uma clássica associação entre saúde mental (psicológica) e práticas consideradas socialmente desviantes (Cf. VELHO, 1981).

PAULO: A família, na verdade, no final das contas é uma vítima, né?

LEILA: É a última a saber, né? [...] O Soldado Moreno uma vez falou pra mãe: “Dona Virgínia, você não quer entregar seu filho vão matar ele! Porquê que você não bota assim uma coisa na bebida dele? Na água, na comida... Tipo assim uma coisa pra dormir... Amarra ele!” Aí a mãe: “Não, não tenho coragem!” Aí depois que ele morreu ela falou: “Taí, nós não entreguemo ele, porquê nós tinha medo dele se revoltar, mataram ele...” Mas quem é a mãe ou a irmã que vai fazer uma coisa dessa, né? E o Luciano dizia pra ele que a cadeia não é bom... Que ele já foi preso no Maranhão junto com o Edvar... [...] Aí dizia pra ele que sofreu muito na cadeia, disse que fugiu, porque disse que nunca foi no inferno não, mas lá era o inferno! Ai eu dizia: “Elitonio, porque que tu num se entrega, Elitonio?” “Tu é doida, é? Se entregar pra sofrer? O Luciano disse que já foi preso, sofria muito! Prefiro a morte do que se entregar!” [...] Era filho único o Luciano...

PAULO: Eles chegaram a ir junto pro Rio?

LEILA: Não, ele ia só... Lá ele era calmo, ele não mexia em nada de ninguém. Lá ele trabalhava... Eu tinha duas irmã lá, ele ficava na casa das minhas irmã... Ele morou lá no Méier. Conhece, Arnaldo, o Méier no Rio de Janeiro?

ARNALDO: Conheço! É um bairro próximo a Ramos, Olaria...

LEILA: Ele já morou com uma tia minha lá no... Onde é aquele lugar que tem muito forró? Esqueci o nome... Ele morava lá também... [...] Ele foi fugido, né? E assim, o trabalho que deu pra ele ir? Ele foi pra Fortaleza escondido! As polícia vinha querer saber... Aí passou seis mês... A mãe inventava que ia sair de casa, ia morar em Groaíra e ia arrumar uma casa perto da delegacia... (Risos) Pra vê se ele ficava com medo, né? Aí ele: “Não, quero saber não! Eu vou mimborá!” Ninguém queria que ele viesse! [...] Ah, uma coisa que eu tinha medo, eu acho que a mãe num lhe contou não! Eu cheguei tomar remédio pra depressão! Por que eu fiquei com medo! Além do Soldado Moreno dá pressão em nós! Aí um dia mais o Elitônio (aí eu fiquei com medo!) eu falei assim: “Elitônio, te entrega Elitônio! Quando dé fê as pessoa te matar!” “Não, eu só tenho medo de polícia!” Ele dizendo, né? “Mas no dia que chegar uma polícia aqui eu não me entrego! Eu pego um menino de refém!” Aí eu tinha medo dele pegar um fí meu e ficar com ele e as polícia matar meu fí e inventar que foi ele! Ou depois matasse o Elitônio, né? Aí pense que eu tinha medo! Ele diza assim ó: “Eu não me entrego! Eu pego menino de refém!” Uma pessoa que tivesse perto dele? Ele disse que podia ser quem fosse! Podia ser eu, podia ser um dos meus filho! Quem tivesse perto dele ele botava na frente pra num atirar nele! Mas ele não se entregava! [...]

Na minha opinião, o Elitônio foi *matado* foi nem por causa de roubo não, foi por causa de *estupro*! Estupro é coisa séria! Teve um estupro ali pras banda da Passagem que acusaram, disse que foi eles dois! Aí depois disso é que mataram ele! Porque estupro é coisa séria! [...] Porque eles queriam uma moça de quinze ano! Aí a mãe dela disse que não! Que nera pra estuprar a filha dela não! Que estuprasse era ela! Depois eu soube que eles pegaram foi a moça, ela ficou com vergonha e disse que foi ela... Aí disse que essa mulher toma remédio pra depressão, faz tratamento em Fortaleza! A mãe da moça de quinze ano! [...]¹¹⁸

Outro elemento interessante está relacionado à participação de Elitônio em grupos desviantes “organizados” por indivíduos mais próximos e maduros, como Luciano e Cícero, que poderiam emanar relativo respeito pessoal no parente mais novo (BECKER, op. cit., p. 49): “Assim, o jovem ladrão encontra-se com ladrões mais velhos, mais experientes, que lhe explicam como se livrar de mercadoria roubada sem correr o risco de ser apanhado.”¹¹⁹ Os caminhos traçados pelos comparsas se apresentam como fator crucial para o direcionamento dos maus impulsos, inicialmente referidos a uma suposta “disfunção psíquica ou social”. Nos aspectos organizacionais do bando, devidamente destacados por todos os interlocutores,

¹¹⁸ Segundo Hobsbawm (2010, p. 173): “Os bandidos antissociais podem complementar seu apetite sexual com o estupro, que, em certas circunstâncias, garante o silêncio das vítimas.”

¹¹⁹ “Assim, o desviante que ingressa num grupo desviante organizado e institucionalizado tem mais probabilidade que nunca de continuar nesse caminho. Ele aprendeu, por um lado, como evitar problemas; por outro, assimilou uma fundamentação para continuar. [...] Outro fato merece atenção. As fundamentações dos grupos desviantes tendem a conter repúdio geral às regras morais da convenção, às instituições convencionais e a todo o mundo convencional” (BECKER, op. cit., p. 49).

destaca-se a seguinte configuração: Luciano seria o responsável pela articulação intelectual da quadrilha; Cícero, por sua vez, surge como a “força bruta” refletidas nas ações e Elitônio seria o jovem intermediário, que não tem quase “nada a perder”.

4.6 Narrativas ao pé do ouvido: os maus encontros com o Estado

JORGE: Quando eu tava namorando com ela aí (aponta para Leila, irmã de Elitônio). O Elitônio já tava na turma (bando) do Luciano já. Aí, eu tava namorando com ela aí, trabalhando na Grendene, aí eu tava lá namorando com ela. Aí chegou o Soldado Moreno e pegaram lá, me algemaram, né? “Cadê os documento dessa moto?” “Tá aqui...” “Você trabalha aonde?” “Na Grendene, tá aqui o crachá!” “Rapaz, o Elitônio tá roubando nessa moto!” Eu falei: “Não, não é assim não, cidadão...” “Tá, tá roubando!” Eu falei: “Cidadão, não tem só uma Maria no mundo e uma Teresa não... Tem várias Teresa no mundo!” “Não, é essa aqui! Vamo levar sua moto!” “Ah, porque cê vai levar?” “Não, vamo levar porque tá suspeito de roubo! Vá lá na delegacia!”

Fui lá na delegacia de Forquilha pra onde levaram minha moto. O delegado não disse o nome, né? Mas quem prendeu foi o Moreno a minha moto! [...] “Essa moto tava suspeita de roubo, não foi roubo não, mas você tem que deixar alguma coisa aqui...” Eu falei: “Deixar alguma coisa aqui? Eu num tô roubando nada, não tô devendo nada a ele pra deixar nada aqui pra ele não!” Aí ele, o delegado lá de Forquilha: “Rapaz, chama lá os policiais!” Eu pensei: “É agora que nós vamo se lascar! Pegar um mói de peia aqui grande!” Aí ele chamou os policial: “Oh, vocês tão vendo os dois rapazim aqui, não tão dando nada pro rapaz lá de Groaíras (Moreno)! Olha, tá aqui sua moto! Pode ir simhora!”

Aí peguemo a mota e sapequemo rumo de ir embora! Era eu e um mototaxista lá de Groaíras! Aí o que aconteceu... Aí eu me *ajuntei* com ela aí (Leila), passou uns diazim... Aí fui pescar mais um amigo meu ali do beco... “Rapaz, um bó caçar hoje à noite?” Eu falei, “Umbora! Só eu chegar em casa e tratar os peixe com a mulher...” Era quase seis hora! Aí eu tratei os peixe mais ela, botei o cachorro no tanque da moto, arrumei uma bolsinha réa com as camisa e a calça, e o picarete e a pá... Abarquei! Rapaz, abarquei num beco, por azar encontrei eles! “Bora, bandido, desce, desce, desce!”

Era o Soldado Moreno e a turma dele! Rapaz, mas me deu (bateu)! “Pode bater! Pode bater!” Aí eu falei: “Olha, eu venho da pescaria e tô indo caçar!” E ele me batendo! “Rapaz, de onde tu tirou essa moto?” Aí pra num falar nada, né? Que eu ia pegar mais peia do que já tava levando. O S. Moreno falou: “Rapaz, tu vai pra onde com esse picarete e esse cachorro?!” “Rapaz, eu vou caçar...” Aí o outro policial: “Tu vai fazer o que com esse picarete?” “Rapaz, a gente caça, pega tatu, o cachorro emburaca a gente cava, né assim?” Aí tinha a bolsinha com a minha camisa, boné, água pra beber... Aí ele: “Rapaz, quer ver como aqui tem um revólver!” “Pode abrir aí, se tiver pode levar!” Aí abriu não tinha nada! “Bora, vagabundo” Outras lapada! “Pode ir simhora, vagabundo! Vai timhora!” Aí botei o cachorro por cima do tanque da moto de novo e abarquei! (Entrevista realizada com Jorge, marido de Leila, nos sertões da Pedra, 28 de fevereiro de 2016).

No dia 27 de dezembro de 2012 eu estava em Sobral. Coincidentemente, eu circulava de carro com o recém conhecido Soldado Moreno, quando ele recebe uma ligação bastante inusitada. O diálogo que se sucedera me deixara atento e reflexivo. Pelo assunto

tratado, logo concluí que do outro lado da linha falava a suposta mãe do bandido frequentemente descrito nas rádios e nos boatos de populares, e que havia sido assassinado na madrugada do dia anterior, no sertão de Furor. Na conversa, que em alguns momentos parecia beirar algum desentendimento que logo se abrandava, notei que a mulher tecia lamentações chorosas e indagava ao policial a respeito do paradeiro e destinação do cadáver do filho. Na conclusão, o Soldado Moreno exclama enfático: “Minha Senhora, eu pelejei pra vocês entregar o Elitonio, eu sabia que iam matar ele! Eu avisei”

Desde o início, eu ansiava desvendar as “pelejas” do Soldado Moreno junto aos familiares do bandido Elitonio, pois eu sabia que existiam muitas facetas obscurecidas nas falas do policial. Logo em minhas primeiras incursões aos sertões, pude coletar narrativas inicialmente tímidas, mas que foram se tornando cada vez mais concisas e frequentes, conforme iam se consolidando as respectivas confianças. Em suma denúncias de humilhações, espancamentos e torturas praticadas por autoridades policiais na região.

Vale ressaltar que eu jamais omiti dos meus interlocutores dos sertões da pedra a minha relativa proximidade com o Soldado Moreno. Por outro lado, eu tratava de esclarecer sempre que possível meus posicionamentos e percepções extremamente críticas acerca dos abusos relatados. Por outro lado, na companhia do policial eu omitia completamente todas as minhas interações estabelecidas com as pessoas do sertão, os mais desfavorecidos nos conflitos sociais no contexto empírico considerado. Nesse sentido, Moreno jamais se inteirou das minhas relações de interlocução estabelecidas nos interstícios do campo.

SEU ANÍSIO: É! No tempo deles aí, rapaz, era uma pressão do caralho! Uma vez eu tava aqui meio-dia! Eu tava almoçando! Aí eu ouvi uma zoadá dum carro eu sai aqui na porta... Quando eu sai aqui na porta, que eu parei aqui na porta, a porta fechada, eu fique aqui em pé... Quando abri a porta o fila da puta apontando a arma no rumo de mim! Aqui de frente à minha casa! A polícia! Parou o carro e ficou apontando! Eu digo: “Porra, eu num tô devendo nada a sem vergoin nenhum!” (Risos) Aí seguiram! Mas pararam o carro! Só porque eu tava olhando! Porque eu vi o carro fiquei olhando aqui pra saber quem era, né, na porta! Aí eles pararam aqui! (Pedra, 28 de fevereiro de 2016).

A análise dos conflitos discursivos sob a ótica dos relatos pormenorizados – no universo das pequenas e grandes tramas cotidianas – adquire maior complexidade nas vozes de corpos e consciências admoestadas pelos detentores da violência legítima do Estado (WEBER, 2013)¹²⁰. Há uma perversidade pungente que vem sendo imposta de maneira

¹²⁰ “Tal como todos os agrupamentos políticos que historicamente o precederam, o Estado consiste numa relação de *dominação* do homem sobre o homem, fundada no instrumento da violência legítima (isto é, da violência considerada como legítima). O Estado só pode existir, portanto, sob condição de que os homens dominados se submetam à autoridade continuamente reivindicada pelos dominadores” (WEBER, 2013, p. 57, grifos do autor).

sistemática a determinados territórios e redes de parentesco nos sertões da microrregião de Sobral. Nesse sentido, pode-se dizer que as famílias são punidas “por tabela”, por ocasião das violências perpetradas por outros parentes eventualmente apontados como “vagabundos”, “marginais” e “bandidos” (Cf. ECO, 2011). Não se trata de questionar a “punibilidade” de casos que apontem alguns sujeitos dos sertões como diretamente envolvidos ou afeitos ao meio criminal; dimensão que é bastante enfatizada (com sofrimento e pesar) por todos os familiares de parentes e amigos envolvidos em eventuais delitos ou crimes de morte.

O mal estar dos abusos das autoridades não se torna menos insuportável quando está acompanhado de vozes captadas em frequências “micropolíticas” (DELEUZE E GUATTARI, 1996)¹²¹. Dimensões discursivas consideradas mais sociologicamente inaudíveis. Narrativas cochichadas “ao pé do ouvido”, no emparelhamento dos assentos tomados e postos lado a lado. Numa espécie de conspiração interlocutória ou interlocução clandestina (Cf. BARBOSA, 2004), margeadas de narrativas pactuadas com interlocutores nos sertões. Vozes que apontam para a ação brutalizada dos agentes da lei.

DONA VIRGÍNIA: A outra vez, cinco horas da manhã chegou um carro cheio de polícia. Aí eu ia trabalhar no colégio, aí quando eu cheguei bem aqui na parede do açude, eu encontrei um carro prata, aí parou nessa minha casa, que é bem ali assim. Aí eu voltei pra trás! Eu andava com a bolsinha assim de lado, né? Pra levar o celular, e às vezes um vidro de gota, que eu gosto de andar, meu boné, minha blusa pra quando vir, o sol tá quente. Aí eu voltei pra casa, quando eu cheguei lá ele foi e disse assim: “Que é que tu é da mãe do vagabundo!?” Eu disse “Sou mãe dele”. “E essa bolsa aí? Tu vem é dos mato? Tu foi deixar o de cumê pra ele?” Eu disse, “Não, eu ia trabalhar e vi esse carro parando aqui, eu vim aqui...” Era bem oito polícia! Aí foi e falou assim: “Ei, tu cuida em comprar o caixão do teu filho, viu?” Não foi muitos dias mesmo mataram ele... (Pedra, 20 de janeiro de 2015)

HÉLIO: Eles pegaram meu irmão uma vez e quase matam! Quase matam de peia, o outro mais velho, o Elias! Encontraram ele... Aí vinha de Sobral, reforço, né? Que eles traziam reforço... Aí o Soldado Moreno foi e falou: “É, esse aí é irmão do vagabundo!” Só que ele (o Elias) vinha do trabalho, do trabalho e é pai! Aí os cara da COTAM não quis saber não! Pegaram era a barriga dele assim com alicate, ó! Torcia! Jogaram terra na boca dele! Folha! Botaram um saco na cabeça dele!

LEILA: Sequestraram, isso aí foi um sequestro!

HÉLIO: Meu pai achou ele dentro dos mato desmaiado! A moto... Deram uma pesada na moto que derrubou moto e tudo! Só porque é (nosso) irmão! (Sertões da Pedra, 20 de janeiro de 2015)

¹²¹ “Em suma, tudo é político, mas toda política é ao mesmo tempo *macropolítica* e *micropolítica*. Consideremos conjuntos do tipo percepção ou sentimento: sua organização molar, sua segmentaridade dura, não impede todo um mundo de microperceptos inconscientes, de afectos inconscientes, de segmentações finas, que não captam ou não sentem as mesmas coisas, que se distribuem de outro modo, que operam de outro modo. Uma micropolítica da percepção, da afecção, da conversa, etc” (DELEUZE E GUATTARI, 1996, p. 90, grifos dos autores).

ELIAS: Eu vinha na estrada aí... Era a polícia do COTAM, era muita polícia nesse dia. Na época eu trabalhava no Salgado, cara... Todo dia indo e voltando... Aí eu vivia por aqui, né? Eu não sabia dele não... Me pegaram... Bateram demais... Eu vinha da região de Canafista ali, nesse campo aqui do Eliésio... Aí eu tava indo pra região de Caiçara, atravessei, aí dei de cara com a polícia... Aí me pararam logo. Eu vi eles de longe, de longe eu avistei.. “Rapaz, eu vou passar!” Quando eu fui tentar passar, eles me fecharam, cada qual com um fuzil na mão. E o Soldado Moreno me conhecia, né? Aí foi logo me parando, me chamando de “bandido”... Ele atropelou muita gente, atropelou muita gente atrás deles (Elitônio, Luciano e Cícero) aí... Dando prensa, dizia que o cara era cúmplice dele, da mesma quadrilha dele, não sei o quê... Com o povo aí, muita gente que não tinha nada a ver... (Pedra, 28 de fevereiro de 2016).

Como visto ao final do capítulo I, a natureza dos indivíduos, na ótica da vigilância rural, é atribuída de acordo com a referência familiar publicizada na boataria popular: “é o filho da Maria”, “é o neto de João”, “é o sobrinho do Pedro”. Alguns noticiários eletrônicos divulgam nomes completos de pai e mãe de jovens envolvidos em conflitos armados com a lei. O registro cronológico dos itinerários traçados na comunidade imediatamente é administrado por olhares capciosos, interessados nos “afazeres” do outro, acompanhados de narrativas de registro situacionais prontamente compartilhadas: “Às 10 horas vi ‘fulano’ passando em direção à feira, deve ter arrumado dinheiro [...]” (Cf. COMERFORD, 2003) No contexto social pesquisado, detalhe algum passa despercebido ou esquecido.

DONA VIRGÍNIA: Olha, uma vez eu tava só em casa, mais o Luquinha e o Jorge, dei fé chegou duas viatura! Duas viatura! Num é aquele carrão grande, que tem um “nomão” grande? Chei de polícia! Aí foi e falou assim, “Cadê a mota?” Eu disse, “Ah, meu fi ta pro Anil...” “Agora vamo ver, fecha já já as porta e vamo já pro Anil atrás porque a moto é roubada!” Eu disse “Rapaz, essa moto foi do Pedro das Aroeira” “Que história é essa? Foi roubada, e tá aqui dois homem que anda mais eu, é a moto! É a mota roubada!” Aí eu comecei fechar as portas, fechando as porta! Aí eu tava costurando um bonel, eu tava com a agulha, ele agarrou e tomou a agulha de mim por que disse que senão eu ia enfiar a agulha nele! (Risos) Aonde é que eu ia enfiar a agulha nele? Chei de polícia! E ele mesmo, pra que eu ia furar ele? Aí eu comecei a fechar as portas! Eu disse, “Pronto! Umbora, você quer ir pro Anil, umbora! Mas eu levo os dois meninos!” Aí ele foi e falou assim: “Não! Não! Em viatura não anda criança não!” Eu digo, “Pois então pronto! Eu não vou ganhar o mundo mais um horror de polícia sem meus fi!” Que é o Luquinha mais o Tom que é eu que crio... Pois é, eu digo “Vou não! Num vô mermo!” Aí ficaram, ficaram... Aí eu falei pra ele: “Você pode ir embora que quando meu fi chegar com a mota, nós vamo levar a mota lá pra saber como a mota não é roubada!” Quando cheguei lá ele reparou o documento da mota e disse assim, “Não, a mota tá toda certa! Mas vocês vão de pés!” A mota certa certa e nós vinha de pés?! A mota ficou na delegacia! (18 de janeiro de 2015).

HÉLIO: Foi agora há pouco tempo, cinco meses atrás, o delegado Flávio processou o irmão do Cícero, porque encontrou ele bebendo num bar aí ficou com raiva dele, que ele não pega o Cícero, né? Tem isso aí também... Aí foi e falou assim, “Ei, monta na moto!” O cara tava embriagado! Armou pra ele o (delegado) Flávio! Aí ele falou assim, “Não cara, to nem conseguindo ligar a moto...” “Cara, liga a moto!” Aí bateu nele pra caralho! O pobre foi e ligou a moto, quando foi mais ou menos uns quinhentos metros eles fecharam com a viatura! “Ei, tá preso na Lei Seca!” Aí tai o

processo, tá pagando! O irmão do Cícero, o Tito! Ele tá pagando, ele vai trabalhar uma vez na delegacia de graça por causa do Flávio, que armou pra ele! Ficou com raiva porque não pega, armou pra cima do irmão! É um cara que é até pedreiro, ele que corta nossos cabelo! Então, ele armou pra cima do cara! O cara trabalhador não tem nada a ver com isso! (Sertões da Pedra, 20 de janeiro de 2015).

Como pontos de convergências, os relatos dão conta de abusos que, talvez por serem bastante translúcidos, são pouco evidenciados nos discursos e práticas policiais consideradas “oficiais”. Em muitos aspectos, é comum que o acusado criminal, que em termos práticos se torna objeto instantâneo de perseguição, detração pública e punições corporais extremamente severas, seja desconsiderado, sobretudo, em sua dimensão eminentemente parental. Trata-se de perdas irreparáveis e traumas que transcendem as próprias classificações estigmatizantes no âmbito dos sertões. Logo uma espécie de perversidade espinhosa se torna tangível aos corpos e consciências de parentes de “bandidos”, que passam a ser imediatamente classificados como “vagabundos”. Nesse sentido, não basta que familiares tenham que administrar a dor de um ente que ingressa pelas sendas rudes e tortuosas da vida criminal: sendo perseguido, preso ou executado por policiais, justiceiros ou pistoleiros que defendem poderosos territórios sociais de poder.

Nessa lógica punitiva, é determinante que a dor e a culpa sejam constantemente reinscritas nos indivíduos que ainda carregam, bem ou mal, a voz implícita do “marginal” preso, morto ou foragido. Nesse contexto, o sobrenome da família é o que evidencia o fluxo do seu “discurso de sangue”, de modo que a punição seja imputada à própria “natureza” do “mau elemento”, com a inscrição social de uma suposta defasagem ou desnatureza contida em outrem: os de “natureza ruim”, os “infames” (FOUCAULT, 2005).

Configura-se uma punição em atos e falas cotidianas, enredadas tanto na “alma” do “vagabundo” (FOUCAULT, 1975, p. 20-22) quanto na imagem e moralidade dos parentes mais próximos. Consciências violadas por uma agência policial às avessas: letal, paranóica e por vezes criminosa. Como se diz, o pior crime é aquele cometido pelo “homem de farda”, protetor e protegido do Estado:

SEU ANÍSIO: A polícia vai e encontra com o Simão, pensa que é o Cícero, mete tiro nele! Deu três tiro no pobre, cara! Três tiro pegou lá nele! Dois na perna, um no braço... Ele é doído, né? Assim, perturbado da cabeça! Ele é deficiente! Ele tava com o capacete, só não matou ele porque tava de capacete de lado assim! Pegou um tiro bem no capacete, cara! Ia pegar bem no peito dele, cara! Pois é, deram três tiro no póbe! Ele é deficiente, que véve nas estrada! Toma remédio controlado, ele não tem juízo não! Ele toma Gardenal ele! Sabe quem tava com a polícia que disse que era o Cícero? O Josias! Ele que ligou pra polícia dizendo que tinha visto o Cícero, aí veio com a polícia dizendo que era o Cícero... São primo, né? Se parecem!

DONA JUSTA: Foi o Sandro mermo que correu atrás de socorrer o Simão, né? Foi a polícia mermo que levou pro hospital porque a família pediu... A polícia levou, mas levou ele lá no hospital algemado como se fosse ladrão!

SEU ANÍSIO: Disseram que ele tava com uma arma branca! Se o menino nunca pegou nem numa faca! Ele num pega nem em faca ele! [...] Rapaz, eu acho que tá na justiça! Tá na justiça, pra ver uma indenização, né? Tá andando já, que ele passou foi tempo sem andar por causa do tiro na perna, né? (Pedra, 28 de fevereiro de 2016).

Abusos concentrados em práticas e discursos enviesados de “ordem” e “asepsia social”. Sentimentos generalizados de ações punitivas acerca de famílias socialmente “marcadas pelo crime”. Espectros coletivos torturados no plano físico e simbólico: nos corpos, no sangue, nos sobrenomes, na moral e na dignidade. De todo modo, as famílias procuram recortar fugas e improvisos, movidas por uma inconformidade, crítica e resistência popular inteiramente genuínas (Cf. SCOTT, 2000; 2002):

DONA VIRGÍNIA: Agora eu só imagino assim óia! A gente vê na televisão tanto vagabundo policial, né? Tanto vagabundo, né? Aí porque é que uma pessoa que num tem juízo bom num vai roubar? Rouba! Porque os próprio sabidão rouba, meu povo, né? [...] Eu tô dizendo que tem gente que a mente é ruim... Se a polícia rouba! A gente vê cada coisa que passa no jornal!¹²² E aquilo é verdade, num é? (Pedra, 28 de fevereiro de 2016).

Rebeldias avivadas em posições práticas e cotidianas de enfrentamento da autoridade “injusta” e “que abusa do poder”¹²³. Há, portanto, uma sobreposição de questões públicas deslocadas sob a esfera das intimidades e afetos pessoais, avivadas em acusações, agressões e humilhações dirigidas em falas e pequenos atos cirúrgicos de perversidade e menosprezo sociais. Mostra-se desproporcional o modo como se enraízam as estigmatizações compulsivas às coletividades, marcas diretamente assimiladas às redes parentais, reinscrevendo e reforçando territórios de subalternidade social mediante difamações, agressões, acusações, desconfianças e vigilâncias sociais permanentes. Rudes distinções que acabam se difundindo em diferentes territórios discursivos, de agentes do Estado a populares

¹²² “Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações” (BENJAMIN, 1987, p. 203).

¹²³ “Vejam os casos de um responsável que abusa do seu poder temporal. Incontestavelmente, está a agir mal; não está a desempenhar o seu papel; não tem, portanto, o direito de exercer o poder espiritual reservado a esse papel. Qualquer sistema de crenças deve adaptar-se a estes casos imperfeitos. Não exercendo deliberadamente um poder controlado sobre os malfeitores, o indivíduo em questão deve entrar na categoria dos feiticeiros, aqueles que exercem inconscientemente um poder injustificado. O responsável que abusa da sua posição é uma personagem ilegítima, um usurpador, um incubo, um pau na engrenagem, um peso morto no sistema social. Pode prever-se que o gênero de poder perigoso que ele exerce se modifique” (DOUGLAS, op. cit., p. 80).

que não raramente se encontram embebedos em declarações de ódio e olhares profundamente discriminatórios em comunidade. Meu interlocutor Arnaldo, na noite de domingo, 28 de fevereiro de 2016, tece algumas perspectivas e reflexões curiosas:

ARNALDO: Paulo, eu tenho um problema comigo... Eu considero um problema, sabe? Porque eu sempre... Acho que foi o teatro que me deu isso, sabe, velho? O teatro... E a sociologia ela complementa por algumas coisas e tal... Mas é mais com o teatro... Porquê, velho, eu não consigo olhar pra polícia, pra esses caras aí que tão representando a farda da polícia, e ficar assim... Porra! Eu me indigno, mas eu me indigno em outro sentido que eu vou ver se você me compreende! O quê que eu penso? Qual a motivação desses caras? Eles aprenderam o quê? “Vagabundo, vagabundo, num sei o quê, pá pá pá! Vamo fazer o quê? Peia!” “Nós estamos defendendo a sociedade quando nós estamos batendo, quando nós estamos chegando nas casa desse bando de vagabundo, e fazendo tal, tal, tal...” Tá vendo o que tô querendo dizer? Eles tem uma motivação que é assim que eles aprenderam! Então, eu não tô colocando eles como vítimas também, né? Eu não consigo ver... O Soldado Moreno ele faz o que aprendeu “certo”! O que é “certo”! Ele aprendeu que aquilo é “certo”! Então ele faz o que é “certo”! “Não, eu tô fazendo o que é certo, isso aqui, tem que ser assim! E pá!” Agora se você me perguntar o que eu acho sobre a Polícia Militar! Eu acho que a polícia já devia ser desmilitarizada já há tempos, saca? Então a discussão é justamente essa... Os cara tão fazendo “certo”, o que na cabeça deles é “o certo”! “Isso aqui é certo!” Eles não agem, Paulo, raramente um ou outro pensa: “Não, hoje eu peguei pesado! Isso aqui não é papel de policial...” Eles agem com a plena ciência de que eles tão agindo certo! (Sertões da Pedra, dentro do carro, 28 de fevereiro de 2016).

Um exemplo culminante da “vergonha coletiva” destilada dos apontamentos cotidianos é evidenciado nos jornais, nas rádios e na *internet*, mediante os curiosos *blogs* locais (devidamente referenciados ao longo deste trabalho) e nas próprias “redes sociais”. Em suma, dispositivos profissionais ou amadores que publicizam assuntos diversos referentes à dinâmica da vida cotidiana, em códigos e arranjos linguísticos que acabam transcendendo as barreiras e significados de “localidade”. Tudo se constrói a partir de pequenas crônicas populares que parecem mimetizar estruturas textuais da chamada “imprensa marrom”, com a intensa utilização da palavra “vulgo” precedendo os nomes dos acusados.

É comum que a “identidade” dos bandidos (presos, mortos ou perseguidos) seja dada a partir da intensiva exposição e enquadramento de suas alianças sociais e laços parentais, referências de grande alcance público e em certa medida indissociáveis das inúmeras tramas cotidianas do sertão. As vigilâncias comunitárias, difusas e silenciosas, empreendidas e incorporadas ao dia a dia rural, são amplamente determinantes para a dinâmica das relações vicinais: a observação atenta dos tráfegos e percursos habituais e corriqueiros de cada indivíduo da comunidade. Transeuntes dos espaçados areais que costuram os modestos casarios familiares, na paisagem bela e rústica do semiárido. Uma visão de mundo que concebe os indivíduos de acordo com suas eventuais “transações” e “flutuações

sociais”: aceites, recusas ou desavenças perpetradas em eventos de lazer, nas rodas de conversação e variados espaços de sociabilidade. Ressalta-se ainda o “caráter” deduzido a partir das “famas” parentais, demarcado sob o “humor” recorrente dos familiares diretos. É difícil imaginar que todos escapem socialmente ilesos da dura vigilância comunitária. Não é por acaso que muitas famílias apostem o “tudo ou nada”, migrando para sertões distantes ou metrópoles de concreto, fumaça e sol banhadas pelo mar.

UM MOTE FINAL: ESBOÇANDO CONCLUSÕES

LÚCIA: Bom, foi um dia muito complicado, foi um dia muito *turbulado* (turbulento) na cidade de Groaíras, quando chegou o boato que o grande criminoso, o grande bandido daquela região havia morrido, né? [...] O jovem chamado Elitonio, que amedrontava todo mundo naquela região, nas cidades vizinhas. E então chegou o dia dele. E eu fui até o velório conferir, conhecer, porque na verdade eu não conhecia ele quando em vida. Então eu fui ver de que jeito era aquele rapaz que todos falavam naquela cidade, que todos tinham medo. E eu fui ver, e eu me deparei lá com um rapaz muito... Características muito bonitas, né? Ele era um rapaz bonito. Aparentemente um rapaz... Parecido com um rapaz de alta classe, de classe alta, né? E tava uma tristeza, um clima de tristeza, um grupo de pessoas na calçada, outro grupo conversando na sala da casa, outros no alpendre. E eu fui entrando, fui adentrando aquela casa, e a mãe dele chorando, chorando muito, mas já estava conformada, e ela dizia que já estava esperando por aquilo... Não queria que acontecesse porque era filho dela, mas ela sabia que aquilo seria o futuro do jovem Elitonio.

E a irmã dele também chorava muito sobre o caixão dele, sobre o corpo daquele rapaz, ela chorava muito, e eu pude perceber que ela estava cheia de ouro, cordão de ouro, cordão muito grosso, medalha bonita, anéis... E no falar dela ela dizia que tudo aquilo era dele, que ela tinha pego dele, já que ele não ia mais precisar, então ela ia usar em memória dele e que o que fizeram com ele não ia ficar por aquilo mesmo... Ela chorava muito essa jovem irmã dele.

E mais adiante eu encontrei uma jovem com uma criança, eu acho que era esposa dele, não sei... Tinha uma criança com ela. E ela chorava porque ela era muito jovem ainda... A jovem que estava lá identificada como a namorada dele aparentava ser uma jovem novinha, adolescente ainda... E aí eu fui matando minha curiosidade, fui entrando na casa, fui olhando os quartos, curiosa. E fui até o quintal da casa porque ouvi umas vozes... E eu tive curiosidade de ir até lá, né? [...] Simulei que tava com vontade de ir ao banheiro porque na casa, até então, o banheiro era mais ou menos lá fora, se eu não me engano. E fui até lá fora.

E aí eu olhava assim... Tinha a casa arrodada de matos, né? Num tinha cerca, num tinha nada, então era muito mato lá no quintal. E eu vi alguns vultos. Vi algumas conversa. Via alguém acendendo um cigarro, e eu fiquei por ali... Com medo, claro! Mas eu queria... Puxa, quem eram aquelas pessoas ali? Aí chegaram algumas pessoas assim mais próxima, aí eu fui me aproximando e... Fiquei escutando a conversa deles e aí acabei que... Na conversa desse pessoal que tava lá, né? Eu ouvi dizer que era os capanga deles, né? Que estavam lá de tocaia... Caso aparecesse algum policial a paisano a ordem era eles meterem bala, né? E aí ao longe assim, depois que eu ouvi essa conversa aí eu fiquei mais curiosa ainda de saber se era verdade e aí eu fui assim, olhei assim de lado um pouco e realmente eu vi... Tinha

um rapaz assim láaaa no cantinho assim, nos mato, assim no escuro. Eu vi bem ele armado, com a arma na mão. E mais adiante vi mais dois rapazes, e aí eu constatei que realmente era verdade o que aquelas pessoas diziam, né? Que tinha alguns capangas dele lá de tocaia esperando aparecer algum PM, ou algo do tipo assim...

E aí foi ficando mais à noite, mais à noite, e a casa ficando vazia porque o pessoal não queria adentrar a noite porque os caminhos eram perigosos e foram embora. Mas aí eu fiquei até mais tarde um pouco lá no velório... E aí foi chegando gente daquela região, e eu pude perceber que ele era muito querido pelo aquele povo, né? Chegava alguns senhores, algumas senhoras e sobre o caixão do Elitônio eles falavam que iam sentir falta dele, que ele merece um bom lugar porque ele não era tudo aquilo que o povo dizia... E eu pude perceber que o povo daquela região realmente tinha um carinho por ele, né? O povo daquela região parecia ter um carinho muito grande por ele... (Sobral, 03 de março de 2016).

O extenso relato da interlocutora Lúcia me possibilitou entrever alguns aspectos essenciais das tramas que percorrem a figura do bandido no contexto social pesquisado. Penso que tudo soa intensamente “fílmico”, como se saído de uma tela de cinema; embora se trate de uma pesquisa sociológica. Numa cena do cineasta italiano Francesco Rosi, que retrata as façanhas do bandido siciliano Salvatore Giuliano (*O Bandido Giuliano*, 1962), a mãe chora desesperada e se lança sobre o corpo do filho morto, crivado de balas.

LEILA: Eu me lembro que uma vez tava eles dois conversando aqui, o Elitônio disse assim: “Cícero, umbó pro Furô beber e atrás de mulher, Cícero!” “Rapaz, a pessoa que é foragido é pra tá é nos mato escondido! Tu é doído é, Elitônio?” Aí o Elitônio: “Eu vou sim!” Eu disse: “Te aqueta, Elitônio!” “Não, eu num quero saber não!” Só fez amontar na moto, abarcou pro Furô sozim! E o Cícero ficou aí, dentro dos mato dormindo! Ele disse que não ia! Aí na noite que mataram Elitônio, disse que ele pelejou pro Cícero ir pro Furor, ele disse que não ia! “É, eu vou pro Furô, esse abestado num quer ir só quer tá nos mato!” Taí, morreu e ele ficou! (Pedra, 28 de fevereiro de 2016).

Ao me deparar com o relato de Lúcia, a referida cena emergiu em minha mente de maneira inelutável. A narrativa do velório me permite compreender que os sentidos mais profundos das minhas “buscas” jamais se restringiam somente à vida de Elitônio. Não apenas numa dimensão acadêmico-científica, como numa dimensão íntima e pessoal, compreendo que o que me moveu ao longo da pesquisa foi a busca por desvendar os significados ocultos no sentido do perecimento humano, social ou individual dos sujeitos.

DONA VIRGÍNIA: Tá aqui uma carta que a irmã dele mandou, do tempo que mataram ele... Uma carta que ela mandou... Eu queria que você lesse, se por acaso você interessar! [...] Você lê aí pra você vê! Do jeito que tem escrito aí na carta é verdade... (Pedra, 28 de fevereiro de 2016).

Quem era Elitônio Melo

Um menino moreninho, cabelos lisos, feito cuia. Elitonio tinha muitos sonhos, gostava de cantar, imitar as pessoas, era brincalhão, gostava de matar pássaros e depois comer o coração para ficar mais acerteiro. Mas seu maior sonho era ser jogador de futebol, jogava todos os dias, nos campos com os amigos, mais queria ir mais além; Elitonio queria ser jogador famoso. Ele casou, teve uma filha, e nasceu um novo sonho: ir pro Rio de Janeiro. Ele foi. Lá ele era feliz e ao mesmo tempo infeliz. Talvez por está longe da família. Voltou para o Ceará. Não era mais aquele Elitonio de cabelos pretos, era um outro. Elitonio vaidoso de cabelos loiros, e já não sonhava mais aqueles sonhos. Elitonio ficou irreconhecível: entrou para uma vida que ele mesmo sabia que não era os seus sonhos... A família sofreu e Elitonio também e voltou para o Rio de Janeiro. Ele era outro Elitonio trabalhador, responsável. Mas depois de uns meses, Elitonio ficou desesperado a voltar para a sua terra. Sem saber que era sua última viagem que fazia. A família não queria que Elitonio voltasse, mas o que fazer se ele está desesperado a voltar? Elitonio voltou. Chegando lá seu segundo filho nasceu. Elitonio amava seu filho, mas não podia ficar dentro de casa com ele. E a criança ficou dentro da casa sendo um pedacinho seu e alegrando a família! Elitonio se foi sem ao menos se despedir, sem dizer adeus... Deixando seus filhos que ele amava e sua família... Elitonio você era muito querido, Todos nós te amava, tentávamos te proteger. Você, Elitonio. Você tinha uma luz muito iluminada por Deus que, quem não te conhece, quando te conhecia te amava. Elitonio, você gostava de falar: Que vivo somos traídos; realmente isso é verdade. Que preso era esquecido; às vezes sim. Que morto deixa saudades; deixa muitas. Mas você, Elitonio. Vivo; jamais nós iríamos te trair; Preso; jamais nós iríamos te esquecer. Agora morto; você deixou tantas saudades. Saudades eternas que chega a doer. E quando não cabe no nosso coração escorrem as lágrimas no nosso rosto. Elitonio não realizou os seus sonhos... Elitonio era agressivo, e ao mesmo tempo paciente. Elitonio era estressado, e ao mesmo tempo carinhoso. Era uma pessoa mal, e ao mesmo tempo boa. Elitonio era uma pessoa maravilhosa, com o coração do tamanho do mundo! Elitonio apesar de tudo você foi muito amado por nós todos e vai permanecer vivo dentro de todos nós. Elitonio, você foi abençoado por Deus com os seus dois filhos e nós por ter tido você em nossas vidas. Por tão pouco tempo e ao mesmo tempo por muito tempo. Foram tantas as coisas vividas, tantas coisas ditas que ficarão nas lembranças. Saudades eternas, meu *funkeiro* fiel de Jesus. Como subir no foguete pro céu. Nosso raio de sol. Saudades eternas. Saudades infinitas, nosso guerreiro. Sempre no nosso coração.

No campo pesquisado, dores e perdas são ouvidas como gritos ou sussurros advindos de todos os lados. “Policiais embrutecidos” e “bandidos endiabrados” que sofrem de violências e desamparos originados em problemáticas muito mais iminentes, complexas e pungentes. Não existe um lado que não seja prejudicado pela total ou parcial vulnerabilidade social. Num sertão de sanguinolentas guerras armadas e conflitos sociais discursivos fortemente enraizados nas disposições e corpos dos indivíduos, uns e outros se exaltam procurando enfatizar os próprios ressentimentos e desalentos. Muitos são enquadrados pelo olhar da indiferença que aponta, agrava, minimiza e silencia. Entrementes, muitas famílias acabam esgarçando-se em meio ao “fogo cruzado”: parentes de policiais, policiais, bandidos ou vítimas de bandidos que perdem entes amados no ambiente doméstico ou moralmente odiados no âmbito público, por razões relacionadas a conflitos que não devem ser impunemente ignoradas. Agentes policiais que reivindicam melhores condições de trabalho e reconhecimento social, fissurados em destituir para instituir (HOLLOWAY, 1997).

Familiares de bandidos e vítimas que procuram reaver a dignidade e reputação comunitária extraviadas. A rigorosa aridez infligida ao psicológico dos diferentes atores sociais, envolvidos em conflitos sem data nem trégua, impossibilita o pleno esquecimento ou perdão das tantas intrigas ocasionais, sem os fatais acidentes de percurso. No sertão, o tempo e as coisas não transcorrem como nas grandes metrópoles, ao passo que no anterior nada permanece semelhante com o passar do tempo. O processo paradoxal de tessitura das trajetórias sociais desviantes (com suas rachaduras e rupturas) envolve a análise de letárgicas crueldades administradas de maneira ordinária. Faces que se retroalimentam na superfície e nas profundezas narrativas dos dramas cotidianos, entrelaçados em tessituras sociais inesgotáveis sob a atenta percepção do espectro demasiado humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, Capistrano. O Sertão. *In: Capítulos de história colonial* (1500-1800). Brasília : Conselho Editorial do Senado Federal, 1998.

AQUINO, Jania Perla. Performances do Crime: componentes dramáticos e teatrais dos grandes roubos no Brasil. *In: Violência como campo de pesquisa e orientação.* (Orgs.) BARREIRA, César et al (2014). Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de (1999). **Quem é frouxo não se mete: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino.** *In: Projeto História.* São Paulo, n. 19, pp. 173-188, 1999.

ANSART, Pierre. **História e memória dos ressentimentos.** *In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (Orgs.). Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível.* Campinas-SP: Editora da Unicamp, pp.15-36, 2004.

ARAGÃO, Jarbas Cavalcante de. **Colonização do Nordeste – Os Ximenes de Aragão no Ceará.** Rio de Janeiro – Guanabara: Editora Laudes S. A., 1969.

BARBOSA, Gustavo Baptista. **A socialidade contra o Estado: a antropologia de Pierre Clastres.** REVISTA DE ANTROPOLOGIA, SÃO PAULO, USP, 2004, V. 47 N° 2.

BARREIRA, César. **Trilhas e atalhos do poder: conflitos sociais no sertão.** Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1992.

_____. **Crimes por encomenda: violência e pistolagem no cenário brasileiro.** Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1998.

_____. **Massacres: monopólios difusos da violência.** Revista de Ciências Sociais – UFC, 57/58: 169-185, 2000.

_____. **Questão de Segurança: Políticas Governamentais e Práticas Policiais.** Rio de Janeiro: Relume Dumará - Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2004

_____. **Cotidiano despedaçado: cenas de uma violência difusa.** São Paulo: Edições Pontes, 2008.

_____. **Banditismo e práticas culturais: a construção de uma justiça popular.** Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 41, n 2, jul/dez, p. 73-82, 2010.

_____. BATISTA, Élcio (Orgs). **Segurança e Sociedade: treze lições.** Campinas, SP: Pontes Editores. Fortaleza, CE: Fundação Demócrito Rocha, 2011.

_____. **Crueldade: a face inesperada da violência difusa.** Revista Sociedade e Estado - Volume 30, Número 1, Janeiro/Abril, 2015.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. **Política, memória e espaço público: a via dos sentimentos.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 16, n. 46, p. 97-117, jun./2001.

BARROSO, Gustavo. **À margem da história do Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

BARROSO, Gustavo. **Heróis e bandidos (os cangaceiros do Nordeste)**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931.

BARTHES, Roland. **O Efeito de Real**. In: *Literatura e Semiologia: Pesquisas Semiológicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.

_____. **Aula**. São Paulo: Editora Cultrix, 1999.

BRAGA CAVALCANTE, Ricardo Moura. **O Estado que caça: defesa social e política no Brasil**. REVISTA REFLEXÕES, FORTALEZA-CE - Ano 5, Nº 8 - Janeiro a Junho de 2016 ISSN 2238-6408

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura** (p. 197-221). São Paulo: Brasiliense, 1987.

BECKER, Howard S. **Uma Teoria da Ação Coletiva**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

_____. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. 4 ed., São Paulo: HUCITEC, 1999.

_____. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BERTAUX, Daniel. **El enfoque biográfico: su validez metodológica, sus potencialidades**. Propositiones 29: 1-18, 1999.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis, Editora Vozes, 1974.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão Biográfica**. In: *Razões Práticas: sobre a teoria da ação* (p. 74-82). Campinas, SP: Papirus, 1996.

_____. O sentido da honra. In: **Esboço de uma teoria da prática**. Precedido de três estudos de etnologia cabila. Oeiras-Portugal: Celta Editora, pp. 05-35, 2002.

_____. **O camponês e seu corpo**. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 26, p. 83-92, 2006.

_____. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **O senso prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. **A monstrosidade e o monstruoso**. In: O Conhecimento da Vida (p. 187-202). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

CAPOTE, Truman. **A sangue frio**. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **O nativo relativo**. Mana, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, Abril 2002.

_____. **Filiação Intensiva e Aliança demoníaca**. Novos Mundos, CEBRAP, 77, p. 91-126, 2007.

CLASTRES, Pierre. **A Sociedade contra o Estado**. Porto: Afrontamento, 1979.

_____. **“Arqueologia da violência: a guerra nas sociedades primitivas”**. Em: Arqueologia da violência. São Paulo: Cosac & Naify, pp. 229-270, 2004.

CEFAÏ, Daniel. **Como nos mobilizamos? A contribuição de uma sociologia pragmatista para a sociologia da ação coletiva**. DILEMAS, 2009

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

CHAVES, Ramiro Monteiro. **Com o pé na estrada**. Tabuleiro do Norte: IOCE, 1984.

COMERFORD, John Cunha. **Como uma família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2003.

_____. Saber viver, em meio a encrenqueiros, valentões e perigosos. In: BARREIRA, César; AQUINO, Jânia Perla de.; SÁ, Leonardo Damasceno de. (Orgs.) **Violência, Ilegalismos e Lugares Morais**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2002.

DAS, Veena. **Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 14(40): 31-42, 1999.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix.. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**, v. 2. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**, v. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

_____. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**, v. 4. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997a.

_____. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia**, v. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997b.

_____. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo, Ed. 34, 2010.

DE FREITAS, Nilson Almino. **Sobral: opulência e tradição**. Sobral: Edições UVA, 2000.

_____. **O sabor de uma cidade: práticas cotidianas dos habitantes de Sobral**. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Sociologia – Universidade Federal do Ceará, 2005.

DÓRIA, Carlos Alberto. **Ensaio enveredados**. São Paulo: Siciliano, 1991.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. Ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu. Lisboa, Edições 70 (col. Perspectivas do Homem, n.º 39), s.d. (trad. por Sónia Pereira da Silva, Purity and Danger [1966]).

ECO, Umberto. **Construir o inimigo e outros escritos ocasionais**. Portugal: Gradiva, p. 7-35, 2011.

ELIAS, Norbert (1993). **O processo civilizador: formação do Estado e civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

_____. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. **A solidão dos moribundos, seguido de, Envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FALCÃO, Marlio Fábio Pelosi. **Dicionário Toponímico, Histórico e Geográfico do Nordeste**. Fortaleza-CE: Artlaser Editora e Gráfica, 2005.

FAORO, Raymundo (1977). **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. Porto Alegre: Globo, 1977.

FONSECA, Claudia. **Família, Fofoca e Honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

FONTOURA, Alessandra Marques C. Da. **Comunicação e cidade: migrações cearenses no Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Comunicação Social, 2007.

FILHO, Antonio Martins Filho; GIRÃO, Raimundo Girão. **O Ceará**. 3.^a ed. Fortaleza-CE: Editora Instituto do Ceará, 1969.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens Livres na Ordem Escravocrata**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

FREITAS, Geovani Jacó de.. **A violência no mundo canavieiro alagoano: quando é preciso fingir-se de morto para viver**. In: César Barreira. (Org.). Poder e disciplina: diálogos com Hannah Arendt. Fortaleza-CE: EUFC, 2000, v., p. 119-144.

_____. **Ecossistemas da Violência**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

FOUCAULT, Michel. (coord.). **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão... um caso de parricídio do século XIX, apresentado por Michel Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

_____. **A vida dos homens infames**. In: Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.203-222, 2003.

_____. **Os anormais: curso no Collège de France (1974 – 1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GARCIA Jr., A. ; GRYNSZPAN, M. Veredas da questão agrária e os enigmas do grande sertão. In: S. Miceli (org.). **O que ler em ciências sociais**. São Paulo: ANPOCS, 1999.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2008.

GIARD, Luce. O prato do dia. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar. 3. ed.** Petrópolis: Vozes, 2000. p. 234-267.

GIRÃO, Raimundo. **Pequena história do Ceará**. Fortaleza: UFC, 1984.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

_____. **Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GOLDMAN, Márcio. 2006. **Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica**. In: Etnográfica, Rio de Janeiro, Vol X (1), 161-173.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HÉRITIER, Françoise (Entrevista). **Claude Lévi-Strauss por Françoise Hérítier**. Estudos avançados 23 (67), 2009.

HOBBSAWM, Eric J. **Bandidos**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

_____. **Rebeldes Primitivos**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

HOLLOWAY, Thomas H. **Polícia no Rio de Janeiro: repressão e resistência numa cidade do século XIX**. Tradução de Francisco de Castro Azevedo. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

JÚNIOR, Antonio Otaviano Vieira. **Entre Paredes e Bacamartes: história da família no sertão (1780-1850)**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha; HUCITEC, 2004.

KADARÉ, Ismail. **Abril despedaçado**, São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

KEROUAC, Jack. **On The Road: Pé na Estrada**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

KOFES, Suely. **Uma Trajetória em Narrativas**. Campinas; SP: Mercado de Letras, 2001.

KONSTAN, David. Ressentimento – História de uma emoção. *In*: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2004. p. 59-81.

LATOURE, Bruno. **Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência**. *In*: Objectos Impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência. Porto, Edições Afrontamento, 2008.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. São Paulo: Alfa Omega, 2012.

LÓPES JÚNIOR, Edmilson. **Os cangaceiros viajam de Hilux: as novas faces do crime organizado no interior do nordeste do Brasil**. Cronos, Natal-RN, v. 7, n. 2, p. 353-372, jul./dez. 2006.

MAIA, Dália M. B. **Conflito e família: formas de sociabilidade no sertão cearense**. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção. João Pessoa: GREM, v. 5, n. 13, p. 15-30, abri./2006a.

MALVEIRA, Antônio Nunes. **Os valentões: cabras-machos do Nordeste**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1990.

MARQUES, Ana Cláudia D. R. **Algumas faces de outros eus. Honra e patronagem na antropologia do Mediterrâneo**. Mana, v. 5, n. 1, p. 131-147, 1999.

_____. e VILLELA, J. M. **O Poder e o Território do Bandido**. Ilha – Revista de Antropologia, v. 1 n. 0 : 119-138, 1999.

_____. **Intrigas e questões: Vingança de família e tramas sociais no sertão de Pernambuco**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

- MARQUES, Adalton. **Crime, Proceder e Convívio Seguro: Um experimento antropológico a partir das relações entre ladrões**. Dissertação de mestrado. PPGAS/USP, 2009.
- MARTINS, José de Sousa. **Linchamentos: a justiça popular no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MÉRIMÉE, Prosper. **Colomba; A dama de espadas**. Trad. Silveira Peixoto. São Paulo: Clube do Livro, 1949.
- MERTON, Robert K. **Sociologia: Teoria e estrutura**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- MISSE, Michel. **Malandros, marginais e vagabundos: a acumulação social da violência no Rio de Janeiro**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Iuperj, 1999.
- _____. **Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”**. Lua Nova, São Paulo, 79: 15-38, 2010.
- MONTENEGRO, Abelardo F. **Fanáticos e Cangaceiros**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Genealogia da moral: uma polêmica**. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- PAIVA, Luiz Fábio S. **Os significados da mortes: os discursos dos meios de comunicação sobre crimes que “abalaram” o Brasil**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará.
- PALMEIRA, Moacir. **Modernização, Estado e questão agrária**. Estudos Avançados 3, 7: 87-103. USP, 1989.
- PEIRANO, Marisa. **As Artimanhas do Acaso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.
- PERISTIANY, J. G. *Honour and shame: the values of Mediterranean Society*. London: George Veidenfeld & Nicolson, It, 1965.
- PINHEIRO, Francisco José. **Mundos em Confronto: povos nativos e europeus na disputa pelo território**. In: SOUZA, Simone de (Org.). Uma nova história do Ceará. 2. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007, p. 17-55.
- PINTO PAIVA, Melquíades. **Cangaço: uma ampla bibliografia comentada**. Fortaleza: Editora IMPEPH, 2012.
- PITT-RIVERS, Julian. 1974 [1966]. “Honour and Social Status”. In: J. G. Peristiany (org.), **Honour and Shame**. The Values of Mediterranean Society. Chicago: The University of Chicago Press. pp. 19-77.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 2(3): 3-15, 1989.

POUPART, Jean *et al.* **A Pesquisa Qualitativa: enfoques epistemológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

QUEIROZ, M. I. P. “**Relatos orais: do ‘indizível’ ao ‘dizível’**”. *In: Ciência e Cultura* 39(3): 272-286, 1986.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Mandonismo Local na Vida Política Brasileira**. São Paulo: Editora Alfa Omega, 1976.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 23. ed. São Paulo: Martins, 1969.

RICCOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Hosana Suelen Justino; DAMASCENO DE SÁ, Leonardo. “**Coração de mãe é terra que ninguém anda: Um estudo das redes, ‘tramas’ e conflitos de mães em lutos nas favelas à beira-mar**”. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 14, n. 40, pp. 37-45, abril de 2015.

ROHDEN, Fabíola. **Para que serve o conceito de honra, ainda hoje?** *Revista Campos*, v. 7, n. 2, p. 101-120, 2006.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

SÁ, Leonardo Damasceno de. **Guerra, mundão e consideração: Uma etnografia das relações sociais dos jovens no Serviluz**. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

_____. **Os Filhos do Estado: auto-imagem e disciplina na formação dos oficiais da Polícia Militar no Ceará**. Rio de Janeiro : Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002.

_____. **A condição de 'bichão da favela' e a busca por 'consideração': uma etnografia de jovens armados em favelas à beira mar**. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, Novembro 2011.

_____. **A Questão do Poder na Perspectiva da Antropologia da Política**. *Áltera - Revista de Antropologia*, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 82-111, jul./dez. 2015.

_____.; SANTIAGO, J. P. Entre tapas e chutes: um estudo antropológico do baculejo como exercício de poder policial no cotidiano da cidade. **O Público e o Privado(UECE)**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 147-163, Março 2011.

SCHUTZ, Alfred. **O Estrangeiro: um ensaio de psicologia social**. *Revista Espaço Acadêmico*, n 113, out. de 2010.

SCOTT, James. **Los dominados y el arte de la resistência.** México: Ediciones Era, 2000.

_____. **Formas cotidianas da resistência camponesa.** Raízes, Campina Grande, vol. 21, nº 01, p. 10-31, jan./jun. 2002.

SIMMEL, George. **A Metrópole e a Vida Mental.** In: VELHO, Otávio (org.) O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Guanabara, 4a. ed., 1987.

_____. **O estrangeiro.** Revista Brasileira de Sociologia da Emoção. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. João Pessoa: GREM, v. 4, n. 12, p. 350-357, dez./2005.

_____. **Questões fundamentais da sociologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SOARES, Luiz Eduardo. **Justiça: pensando alto sobre violência, crime e castigo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

TARDE, Gabriel. **Monadologia e sociologia.** Petrópolis: Vozes, 2003.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida et al. 1. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

THÈBERGE, Pedro. **Esboço histórico sobre a Província do Ceará.** Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1973.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VELHO, Gilberto (org). **O Estudo do comportamento desviante: contribuições da Antropologia Social.** In: Desvio e Divergência. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VILLELA, Jorge Mattar. **Societas Sceleris: cangaço e bandos armados no sertão de Pernambuco.** Civitas – Revista de Ciências Sociais, ano 1, n. 2, p. 143-163, dez./2001.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

WAGNER, Roy. **A pessoa fractal.** Ponto Urbe, 8, 2011.

WEBER, Max. **Ciência e política: duas vocações.** São Paulo, Cultrix, 2013.

_____. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo.** São Paulo: Companhia das letras, 2004.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas.** Petrópolis, RJ: Vozes; Braçançã Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2014.

WHYTE, William F. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

WOORTMANN, Ellen F. **Herdeiros, parentes e compadres**: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed. UnB, 1995. (Col. Estudos Rurais).

XIMENES, Raimundo Nonato. **Groáiras: mais de meio século em destaque na imprensa do Ceará e outros fatos jornalísticos**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2015.